

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS,  
SOCIAIS E DA NATUREZA - PPGEN  
CÂMPUS LONDRINA**

**FABIANA ALMEIDA SAMBATI**

**O *SERTÃO* DE COELHO NETO REVISITADO E REEDITADO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**LONDRINA**

**2016**

**FABIANA ALMEIDA SAMBATI**

**O *SERTÃO* DE COELHO NETO REVISITADO E REEDITADO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, do Câmpus Londrina, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Cesar Menon

**LONDRINA**

**2016**

## TERMO DE LICENCIAMENTO

Esta Dissertação e o seu respectivo Produto Educacional estão licenciados sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105,USA.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca UTFPR - Câmpus Londrina

S187s Sambati, Fabiana Almeida  
O *Sertão* de Coelho Neto revisitado e reeditado / Fabiana Almeida Sambati. -  
Londrina : [s.n.], 2016.  
239 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Cesar Menon.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná.  
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da  
Natureza. Londrina, 2016.  
Bibliografia: f. 235-237.

1. Coelho Neto, Henrique - 1864-1934 - Crítica e interpretação. 2. Literatura -  
Estudo e ensino. 3. Língua Portuguesa - Ortografia e soletração. I. Menon, Maurício  
César, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. III. Programa de  
Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. IV. Título.

CDD: 507



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
Câmpus Londrina  
Coordenação do Mestrado Profissional em Ensino de  
Ciências Humanas, Sociais e da Natureza - PPGEN



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

O *SERTÃO* DE COELHO NETO REVISITADO E REEDITADO

por

FABIANA ALMEIDA SAMBATI

Esta Dissertação foi apresentada em 18 de novembro de 2016, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados.

Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof. Dr. Maurício Cesar Menon  
Orientador

---

Prof. Dr. Evandro de Melo Catelão  
Membro titular

---

Profª Dra. Wilma dos Santos Coqueiro  
Membro titular

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do programa.

Dedico este trabalho aos meus filhos que  
compreenderam minhas ausências  
durante todo o período de estudo e aos  
meus pais por todo incentivo e auxílio  
recebidos.

## **AGRADECIMENTOS**

Certamente estes parágrafos não poderão mencionar todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já, peço desculpas àquelas que aqui não foram mencionadas, estendendo a elas toda minha gratidão.

Agradeço primeiramente ao meu Orientador Prof. Dr. Maurício Cesar Menon, pela paciência e dedicação com que me acompanhou nessa trajetória.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, Keila Priscila Gutierrez Wentland pela compreensão nas ocasiões em que estive ausente e ao Prof. Dr. Heron Oliveira dos Santos Lima, de quem recebi os primeiros incentivos para ingressar neste Programa de Mestrado.

A Secretaria do Curso, pela cooperação.

Aos meus colegas de curso que compartilharam comigo seus conhecimentos, experiência e amizade.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento a minha família que me encorajou a enfrentar esse desafio.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

SAMBATI, Fabiana A. O *Sertão* de Coelho Neto Revisitado e Reeditado. 2016. 112 fls. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2016.

Nos últimos anos que precederam o século XX, surgiu, em meio às incertezas e inquietações frente à novidade da República, o que viria a ser o divisor de águas na trajetória literária de um autor que, até então, havia focado sua intensa produção nos cenários urbanos. As questões advindas do recém obliterado regime escravagista ainda fervilhavam nas esferas da vida social e, sobretudo na literatura, onde encontrou guarida para suscitar discussões e apontamentos diante do cenário que se desenhava. Foi nesse contexto que *Sertão* (1897), de Coelho Neto, inaugura sua fase regionalista e expõe uma faceta do autor mais voltada para as preocupações sociais de sua época. Severamente atacado pelos modernistas pelo seu estilo repleto de preciosismos da linguagem, o escritor deixou uma marca indelével com uma obra que traduz, possivelmente, as suas qualidades mais evidentes: a imaginação criativa e a capacidade de traduzir seus enredos inusitados em descrições meticulosas. Ainda assim, a tão notada habilidade de Coelho Neto ao manejar as palavras não parece ter sido o bastante para assegurar o devido reconhecimento de sua obra. A produção netiana encontra-se recentemente restrita apenas a alguns círculos literários, não havendo recebido a merecida atenção no decurso do tempo. A popularidade da qual usufruiu nos primeiros tempos não perdurou, em grande parte, senão principalmente, por questões ligadas ao cânone. Em consequência, as posteriores edições de muitas de suas produções, como é o caso do *Sertão*, não ultrapassaram a primeira metade do século XX. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca propiciar a revitalização da coletânea de contos *Sertão*, por meio da reedição da obra, conforme as normas vigentes do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, constituindo-se no produto educacional aplicado. O estudo crítico sobre Coelho Neto, aqui apresentado possui o intento de divulgar a vasta produção artística do escritor.

**Palavras-chave:** Coelho Neto. *Sertão*. Reedição.

## ABSTRACT

SAMBATI, Fabiana A. **The *Sertão* by Coelho Neto Revisited and Reissued**. 2016. 112 pages. Master's Dissertation on Humanities, Social and Nature Science Teaching—Federal University of Technology – Paraná. Londrina, 2016.

In the last years which come before the twentieth century, emerged, among the uncertainties and concerns facing the novelty of the Republic, what would be the watershed in the literary trajectory of an author who until then, had focused his intense production in the urban scenarios. The issues arising from the recently obliterated slave regime still seethed in the spheres of social life, especially in literature, where they found shelter to raise discussions and observations on the scenario that was been drawn. It was in this context that *Sertão* (1897), by Coelho Neto, opened his regionalist phase and exposes a facet of the author more focused to the social concerns of his day. Severely attacked by modernists for his language style full of preciousity, the writer left an indelible mark with a work that reflects possibly his most manifest qualities: creative imagination and ability to translate his unusual plots in meticulous descriptions. However, the notable ability of Coelho Neto to handle the words does not seem to have been enough to ensure due recognition for his work. Coelho Neto's production is recently restricted to some literary circles and it has not received the deserved attention in the course of time. The popularity enjoyed in the early days did not last, largely, if not mainly, because of issues related to the canon. Consequently, the later editions of various of his productions, such as *Sertão*, did not exceed the first half of the twentieth century. In this perspective, this paper seeks to promote the revitalization of the collection of short stories, through reissue of the book, according to the current rules of the New Orthographic Agreement of the Portuguese Language, becoming the educational product applied. The critical study on Coelho Neto, presented here, has the intent to disseminate the vast artistic production of the writer.

**Keywords:** Coelho Neto. *Sertão*. Reissue.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2. COELHO NETO, SEU LEGADO: UM ÁRDUO CAMINHO</b> .....	12
2.1 AS CORES VIVAS DO <i>SERTÃO</i> DE COELHO NETO.....	20
2.2 A TÔNICA SOTURNA E O SOBRENATURAL NA OBRA <i>SERTÃO</i> .....	24
<b>3. O PROCESSO DE REEDIÇÃO DA OBRA <i>SERTÃO</i> E OS DESAFIOS INERENTES</b> .....	28
ÍNDICE DOS CONTOS .....	33
CONTO <i>PRAGA</i> .....	35
CONTO <i>O ENTERRO</i> .....	69
CONTO <i>A TAPERA</i> .....	74
CONTO <i>FIRMO, O VAQUEIRO</i> .....	105
CONTO <i>CEGA</i> .....	111
CONTO <i>MANDOVI</i> .....	161
CONTO <i>OS VELHOS</i> .....	172
<b>4. APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	228
4.1 REFLEXÕES SOBRE O PRODUTO EDUCACIONAL .....	231
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	233
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	235
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA</b> .....	239

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura pode ser compreendida como veículo de descobertas que o homem faz sobre si próprio e como instrumento de progresso nas interações sociais que realiza. Possui o poder de humanizar o indivíduo, à medida que oportuniza vivenciar diferentes experiências, propiciando contato com outras emoções, percepções e distintas visões de mundo. Perscrutando mais a fundo essa questão, Antonio Candido (2004, p. 180), ressalta: "A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante."

Desse modo, a experiência literária oferece meios para vivenciar todos os matizes de alegria, tristeza, medo e de tantos outros ingredientes que compõem os dramas humanos. Por meio dela, somos confrontados com outras ideologias, apresentados a momentos históricos, políticos e econômicos diversos, assim como a diferentes aspectos socioculturais nela representados.

Considerando a literatura como formadora do indivíduo enquanto agente social que se identifica com o universo representado na obra literária, podemos dizer que o homem pode ver a si mesmo e tomar consciência da realidade que o rodeia por meio da literatura, possibilitando enxergar o mundo a partir de outras perspectivas. Dessa maneira, ela se torna capaz de ressignificar a realidade, as atitudes humanas e, com isso, adquire a capacidade e a lucidez suficientes para propor reflexões necessárias à sociedade, bem como no âmbito pessoal.

A inclusão de textos clássicos no currículo escolar, ao lado de outros textos contemporâneos, colabora para um aprendizado mais significativo, mais pleno, não configurando uma incoerência no processo de abordagem da literatura, mas uma integração dos conteúdos em bases complementarmente sólidas.

Sob essa ótica, a escola exerce papel crucial na formação do leitor-cidadão ao propiciar abordagens que exponham os alunos a diferentes formas de literatura, bem como diversos gêneros e autores, possibilitando uma fruição democrática da arte e proporcionando o desenvolvimento de uma visão mais perspicaz do contexto social no qual estão inseridos.

Nessa perspectiva, a formação docente representa um fator decisivo para uma atuação dinâmica do professor. A capacitação do profissional da educação

permite a reflexão de sua própria prática e, dessa forma, poder redirecioná-la de forma significativa.

O professor de Literatura deve ter como objetivo apresentar os alunos aos estudos literários com o olhar isento de preconceitos, superando a visão dogmática de que os textos mais clássicos apresentam maiores dificuldades no processo de aprendizagem, o que os leva, em alguns casos, a serem preteridos nas aulas de literatura, sob a alegação de que apresentam uma linguagem obsoleta e contextos desvinculados da realidade presente dos alunos, imersos em um mundo repleto de inovações tecnológicas.

Considerando tal concepção, torna-se de extrema importância haver conscientização por parte do professor e do aluno sobre o valor incomensurável do texto literário clássico que proporciona oportunidades para gerar reflexões sobre as distintas manifestações da escrita no decorrer dos tempos, bem como sobre as mudanças ocorridas no contexto cultural e social, desde que a obra foi produzida.

Essa consciência sobre a relevância do trabalho com os textos clássicos em sala de aula requer uma formação voltada para a observação constante da própria prática docente, a adoção de abordagens apropriadas e o desenvolvimento de mecanismos didático-pedagógicos eficientes na aplicação desses conteúdos.

Nesse sentido, o Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, da UTFPR, proporciona as ferramentas necessárias que permitem ao profissional docente desenvolver pesquisas cujos resultados possam servir para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

A experiência e o intercâmbio de conhecimentos adquiridos durante as aulas do curso culminaram na idealização de um trabalho pautado na linha de pesquisa de Fundamentos e Metodologias para o Ensino de Ciências Humanas e no desenvolvimento de um produto educacional voltado para o ensino de Literatura.

Ainda que o ensino de literatura suscite relevantes discussões e um amplo terreno para realização de pesquisas, esse não constitui o foco deste trabalho, que visa, essencialmente, disponibilizar um material que venha enriquecer e contribuir com as aulas de literatura, bem como apresentar àqueles que ainda não tiveram contato com um autor de estilo singular, uma de suas principais obras, com as atualizações ortográficas correntes, visto que as últimas edições parecem ter ocorrido somente até os anos cinquenta, conforme levantamento realizado.

O produto educacional desenvolvido e exposto neste trabalho trata-se da obra *Sertão*, de Coelho Neto, escrita em 1897, em uma proposta de reedição do livro. Tal reedição encontra-se amparada nas normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que passou a vigorar a partir de 1º de janeiro de 2009, no Brasil e em todos os países da CLP (Comunidade de países de Língua Portuguesa), no sentido de promover a união e proximidade dos países que têm o Português como língua oficial.

Duramente atacada pela crítica modernista, devido à ênfase ao preciosismo na linguagem dada pelo escritor e pelo estilo beletrista, a produção literária de Coelho Neto ficou praticamente esquecida do grande público, permanecendo restrita apenas a algumas esferas da pesquisa literária.

Pretende-se, assim, com a edição atualizada do livro, colaborar para levar ao reconhecimento a referida obra e seu autor, propiciando uma leitura mais atualizada ao público nos dias atuais, considerando a riqueza de seu valor literário e estético.

Paralelamente ao trabalho de reedição do livro, um estudo crítico sobre Coelho Neto é disponibilizado com a finalidade de divulgar a produção artística do autor e, assim, despertar o interesse no desenvolvimento de novos estudos sobre sua vasta obra, composta de mais de cento e vinte títulos as quais transitam por diferentes gêneros.

A elaboração do produto educacional foi baseada na 4ª edição do livro, publicada em 1921. O trabalho desenvolvido utilizou-se de análise comparativa da ortografia utilizada nos contos da obra *Sertão* com as normas da Nova Ortografia e das respectivas adequações, tendo como principal critério preservar, ao máximo, o estilo literário do autor, evitando alterações significativas no texto original, atendo-se apenas à adequação ortográfica.

As notas de rodapé contendo a definição das palavras mais incomuns nos textos foram introduzidas na versão reeditada, após a aplicação do produto educacional, que ocorreu no período do estágio de docência, no qual se trabalhou uma das novelas do livro, intitulada "Praga"; e a identificação de um problema bastante evidente para os sujeitos da pesquisa: a dificuldade em apreender o significado do vocabulário diverso e rebuscado utilizado pelo autor, próprio de seu estilo. Tal recurso demonstrou ser de extrema relevância para que o leitor obtivesse

maior compreensão e pudesse realizar uma leitura mais fluente, conseqüentemente mais cativante.

Na primeira parte deste trabalho, constam o estudo crítico referente a Coelho Neto e respectivos dados historiográficos. Há ainda uma breve apresentação dos contos e das temáticas que integram a obra *Sertão*.

A segunda parte apresenta a descrição do processo de reedição da obra, relato de alguns desafios encontrados durante o percurso, assim como os critérios eleitos para a edição proposta. Esse texto deverá acompanhar a obra, antecedendo os contos que integram a coletânea, na ocasião de sua publicação, na versão impressa ou digitalizada, que poderá ser oferecida a diversas instituições de ensino ou disponibilizada em meio eletrônico.

A última parte traz um relato sobre a aplicação do produto educacional, realizada em uma turma do 1º ano do Ensino Médio e Técnico. Nesse segmento, são expostas as atividades realizadas, os resultados apresentados e as necessárias adaptações ao produto que possibilitaram uma versão mais aprimorada da reedição proposta.

## 2. COELHO NETO, SEU LEGADO: UM ÁRDUO CAMINHO

As últimas décadas do século XIX acenam para um panorama social efervescente. O movimento abolicionista atinge seu ápice com a libertação da Escravatura, os brasileiros assistem, após alguns anos, a derrocada da Monarquia, voltando os olhares para o nascimento da República e a nova ordem política.

No cenário literário, no limiar do novo século, o que se percebe é um forte ecletismo na produção artística, uma miscelânea de escritores remanescentes do Romantismo, escritores parnasianos e simbolistas, e ainda aqueles que congregavam em torno dos ideais das correntes Realista e Naturalista, entre esses, nomes como, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac e Lima Barreto.

Em meio à onda de mudanças sociais e políticas que assolam o país, figura Coelho Neto, escritor nascido no estado do Maranhão, em 21 de fevereiro de 1864, adepto das ideias abolicionistas de José do Patrocínio, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras em 1897. Dedicado ao ofício que lhe assegurara a sobrevivência e manutenção da família numerosa que constituiu, com sua esposa Maria Gabriela Brandão (*D. Gabi*) e seus quatorze filhos, ocupou vários cargos de prestígio, os quais lhe renderam muito mais prestígio social que retribuição financeira (MACHADO, 2011, p. 9).

A paixão pela escrita impulsionou Coelho Neto a produzir obstinadamente, originando um legado de mais de cento e vinte obras. Dentre as obras que se destacam, podemos citar: *Rapsódias*, contos (1891); *A capital federal*, romance (1893); *Baladilhas*, contos (1894); *Fruto proibido*, contos (1895); *Miragem*, romance (1895); *O rei fantasma*, romance (1895); *Inverno em flor*, romance (1897), *Álbum de Caliban*, contos (1897); *Sertão* (1897) contos e novelas, *O morto*, romance (1898); *A descoberta da Índia*, narrativa histórica (1898); *O rajá do Pendjab*, romance (1898); *A Conquista*, romance (1899); *A tormenta*, romance (1901); *Turbilhão*, romance (1906); *Vida mundana*, contos (1909); *Banzo*, contos (1913); *Rei negro*, romance (1914); *Mano*, *Livro da Saudade* (1924); *O polvo*, romance (1924); *Imortalidade*, romance (1926); *Contos da vida e da morte*, contos (1927); *A cidade maravilhosa*, contos (1928); *Fogo fátuo*, romance (1929). Publicou, ainda, peças de teatro (vários livros), crônicas, críticas, obras didáticas, discursos e conferências

Ao justificar a diversidade de temas e o ritmo frenético da produção de Coelho Neto, Machado (2011, p. 8) atesta: "A diversidade indica facilidade de redigir

e imaginação fértil, ativada por irresistível razão extraliterária: a necessidade de ganhar a vida". Dessa forma, Coelho Neto, incentivado ou não pela premente necessidade de subsistência, ou por inspiração, provou seu potencial criativo tendo produzido um material literário bastante diversificado, chegando a ser eleito pela Revista *Malho*, em 1928, como *Príncipe dos Prosadores Brasileiros*.

Ainda que sua vasta produção literária tenha rendido considerável popularidade na época e tenha sido sua fonte de sustento, sofreu críticas pesadas sobre o seu estilo, sobretudo dos Modernistas, entusiasmados com a repercussão da Semana da Arte Moderna em 1922, que acenava para uma ruptura com o passado, representando a renovação das artes em todos os aspectos.

Os exaltados modernistas, a exemplo de Graça Aranha, em um de seus discursos proferidos, em meio a vaias e manifestações de reprovação, na Academia Brasileira de Letras, chegavam a denominar seus antecessores de "múmias".

Em uma das declarações de seu discurso eloquente, nessa ocasião, Graça Aranha incita os revolucionários modernistas "Abaixo a Grécia! Morram todos os helenos!" Tal atitude teria despertado a fúria dos escritores taxados como passadistas, ao que revida Coelho Neto, sentindo-se ultrajado: "Mas, eu serei o último dos helenos e o fogo das paixões não vai destruir a beleza da cultura, porque a inteligência é eterna!" (BEZERRA, 1982, p.56).

Com a descrição do episódio mencionado, é possível ter uma ideia, ainda que superficial, do clima de exaltação presente nos embates entre os escritores já consagrados pelo público e os vanguardistas literatos que se revoltam contra o pensamento "ultrapassado", até então, vigente.

Pode-se dizer que a trajetória de Coelho Neto passa do paraíso ao inferno, ou ainda, como bem observou Bosi (2002, p. 222), "(...) a fortuna crítica do escritor conheceu os extremos da louvação em sua fase plena de produção e aceitação do público e do desprezo após os ataques incisivos dos modernistas".

Se a crítica modernista fazia de Coelho Neto alvo constante de declarações depreciativas referentes ao seu estilo, vários escritores, entre eles, Machado de Assis, demonstraram sua admiração ao reconhecer o talento do autor de *Sertão*, na composição de obras de ficção. O autor assevera que o Coelho Neto teria "o dom da invenção, da composição, da descrição e da vida, que coroa tudo." (ASSIS, 2008, p. 278)

Ainda que Machado de Assis tenha observado no conto "Praga", um certo exagero nas descrições, de modo geral, sua crítica mostra-se elogiosa à obra *Sertão*. O autor vê em Coelho Neto, um amante do sertão e ressalta sua habilidade em retratar a natureza e o homem caboclo de forma única e autêntica.

Autores como Adolfo Caminha e Nestor Vitor atribuíam a Coelho Neto um senso apurado de observação, com uma visão microscópica dos meandros da vida social carioca, com seus costumes à *la belle époque*, assim como sua capacidade de "pintar" suas narrativas com todas as cores e matizes, comparando-as a verdadeiras fotografias.

Eliezer Bezerra (1982) compreende as críticas lançadas aos escritores tradicionais, mais notadamente a Coelho Neto, da seguinte perspectiva:

Acontece que, com o advento do Modernismo, verificou-se uma mudança drástica no gosto literário da maior parte dos leitores brasileiros, até dos que não aderiram ao movimento modernista. E este fato se justifica, plenamente, pois não seria de esperar que a literatura não evoluísse, acompanhando a marcha dos acontecimentos em outros setores do país. (BEZERRA, 1982, P. 39).

Com relação à oposição de Coelho Neto às investidas modernistas, Bezerra (1982, p. 57) destaca que o escritor não seria, absolutamente, um grande opositor do novo movimento, ao contrário do que poderia dar a entender, o autor de *Sertão* haveria sido firme em suas posições tradicionalistas e manifestando-se algumas vezes contra as ideias do Modernismo, mas nunca acirradamente e nem de forma isolada, tendo agido previsivelmente, defendendo-se das críticas de seus oponentes.

A esse respeito, Machado (2011, p. 6) ilustra a ofensiva dos jovens modernistas, após a Semana de 22, quando a obra de Coelho Neto passou a ser negada e ridicularizada pela crítica, como uma espécie de "juízo definitivo da posteridade". A partir daí, o escritor passou a ser considerado como um artista empolado, retrógrado e até de mau gosto.

Apesar de algumas tentativas de revalorização de sua obra por alguns escritores incentivadores, entre eles a figura ilustre de Guimarães Rosa, que definiu o autor como o "amoroso pastor da turbamulta das palavras" (FARIA, 1958); um grande número de historiadores literários e críticos não se dispôs a debruçar-se sobre o trabalho de Coelho Neto, dedicando-lhe a merecida atenção, senão, muitas vezes, com preconceito, influenciados pelo discurso modernista.



Dentre os modernistas combativos, avessos ao estilo incomum e indefinível de Coelho Neto, destaca-se Lúcia Miguel Pereira, crítica literária apoiada à tese de que o escritor, assim como outros autores do final do século XIX e início do século XX, que não se vinculavam a nenhuma escola literária, tinham em comum a concepção da literatura como "o sorriso da sociedade", fortemente expressa por Afrânio Peixoto. (MIGUEL-PEREIRA, 1973,p. 255).

Ainda, ao referir-se aos autores do final do século, Lúcia Miguel-Pereira (1973, p. 256) lhes cunhou o termo "diletantismo" para enfatizar a preocupação estética que possuiriam, na escolha cuidadosa, quase que obsessiva, das palavras, deixando em segundo plano a construção das ideias.

Para melhor definir as características da obra desses escritores, Miguel-Pereira (1973, p. 258) lança uma crítica cáustica, "Muito brilho literário, muito floreio verbal, e pouca substância forma o resultado de querer fazer literatura amena, desligada da sua verdadeira significação: através da arte, atuar como fermento de inquietação.

A autora apresenta algumas hipóteses para explicar o comportamento e a preferência dos autores mais preocupados com a estética, em uma época em que começam a ressoar fortes ecos modernistas: "A facilidade de comunicações com a Europa e a modernização da cidade, que se dava ares de grande capital, criavam novos hábitos, preocupações de elegância e de finura" (MIGUEL-PEREIRA, p. 261).

Outra razão para a julgada "superficialidade" dos autores mencionados e para a incapacidade de atingir o seu máximo potencial literário seria o ângulo de abordagem e não os temas propriamente: "(...) E a escolha deste se prende à compreensão da literatura, não como arte perturbadora e inquiridora por excelência, mas como manifestação do bem estar social, como um ofício quase recreativo." (MIGUEL-PEREIRA, p. 256). Ainda sobre esse aspecto, a crítica acrescenta:

Era preciso acompanhar o progresso, ser "civilizado", fazer romances para serem lidos pela "sociedade" que sempre pôs de quarentena os autores nacionais, competir com os romancistas franceses. E o que passava na capital influía nas províncias. Daí a encarar a literatura como um passatempo, como um requinte, é um passo que se dá insensivelmente. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 260)

A respeito da personalidade literária de Coelho Neto, a crítica da autora ao preciosismo do autor, segue nesses termos: "Talvez se possa sintetizar a

personalidade literária de Coelho Neto dizendo que, a despeito de sua inegável vocação intelectual, foi vítima de um terrível engano: tomou o meio pelo fim, confundiu expressão e ideia, instrumento e concepção. Deixou-se dominar pela palavra, em lugar de dominá-la. (MIGUEL-PEREIRA, p. 206-261); "(...) O que tinha a dizer pareceu-lhe menos importante do que a maneira pela qual o dizia." (Idem, p. 262).

Ao fazer apontamentos sobre o estilo de Coelho Neto, Miguel-Pereira (1973, p.262) ressalta que o escritor não conseguiu descobrir um equilíbrio entre a ideia e a expressão em sua obra. Referindo-se a ela, considera-a quase inacessível, "uma confusão de sons, um emaranhado de imagens", devido a um transbordamento verbal.

O virtuosismo do qual se orgulhava o autor, parece ser, aos olhos de Miguel-Pereira (Idem, p.262) uma característica pejorativa, a qual conferia a ele a mera função de executante e artífice, não de criador.

Para ela, a escrita de efeito de Coelho Neto, embora a autora não desqualifique sua capacidade criativa, caracteriza a indefinição do autor quanto a seu estilo e concepções literárias. O trecho a seguir, ratifica a crítica ao ecletismo do autor: "Romântico por inclinação natural, foi realista em alguns livros, simbolista noutros, fez incursões pelo romance de aventuras e pelo regionalismo (...)" (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 262-263)

As observações de Miguel-Pereira (1973, p. 263) sobre a escrita de Coelho Neto vão além. A preferência do autor por um vocabulário prolixo, que atribui ao adjetivo uma função mais destacada que a do substantivo, revelaria a tendência de preocupar-se muito mais com o exterior do que com a essência e essa superficialidade expressa também uma excessiva preocupação do escritor com os detalhes.

Ao analisar alguns trechos de três de seus livros: *A Conquista* (1928), *No rancho*, em *Banzo* (1912) e *Rei Negro* (1926), considerados pela autora, como os seus melhores, sua crítica expõe descrições descaracterizadas de locais, o uso de adjetivos junto aos substantivos, como uma banalização do estilo, não conferindo ao substantivo nenhum significado especial, apenas ornamental; a busca de originalidade com uso de algumas figuras, consideradas pela autora como impróprias, que extrapolam o limite da verossimilhança.

Apesar de reconhecer o talento do escritor e considerá-lo como "narrador vivo, dotado de sensibilidade e imaginação, poderia ter sido um grande romancista" (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 267), ela ainda acrescenta: "Mas se Coelho Neto tinha imaginação, faltava-lhe agudeza psicológica." Miguel-Pereira aponta o que julga uma controvérsia em *Rei Negro*, que traz de volta o tema da escravidão em 1914, a idealização dos heróis, a busca por elementos misteriosos e pitorescos dos ritos negros, os quais evocam o romantismo e fazem contraste com o tom realista da narrativa.

Há ainda a crítica da linguagem utilizada nesse romance, a qual pretende imitar a forma de falar dos escravos, com as particularidades da pronúncia, porém é considerada essencialmente portuguesa nas descrições. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 268)

A autora atribui à sede de originalidade na forma e nos temas de Coelho Neto, como o grande empecilho para a completa realização dos dons desse escritor. Devido a essa sede, ele teria ficado abaixo de si mesmo, não se consagrando plenamente.

Uma outra razão, fora o próprio temperamento do autor e o gosto pelo preciosismo, segundo a autora, deve-se ao espírito da época, impregnado de incertezas que dominou uma longa fase do início do século XX, culminando com o Modernismo. Ainda que observadas as ditas "deficiências", Coelho Neto é referenciado por Miguel-Pereira como o escritor que melhor encarnou o ideal literário de uma época e representou sua máxima expressão. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 269)

Se Lúcia Miguel Pereira, apesar de admitir o gênio criativo da obra de Coelho Neto, a considera superficial e ultrapassada, Otávio de Faria (1963), ao expressar a impossibilidade de categorizar a obra de Coelho Neto dentro de uma corrente literária, postula a autenticidade do autor que não se submeteu à formatação de nenhuma escola literária específica:

Parece-me totalmente impossível filiar Coelho Neto a uma de nossas escolas literárias. E talvez tenha sido essa uma de suas maiores forças: pairou sempre acima das escolas e dos grupos literários, absolutamente fiel a si mesmo e ao seu destino de escritor (...)"  
(...) Nesse sentido, foi talvez o mais autêntico de nossos escritores: vivendo da pena e para a pena, jamais se curvou à sedução das capelas literárias ou ao incenso das academias. Escrevendo por destinação, por força de lei íntima da sua natureza de artista e de escritor, não podia, naturalmente,

prender-se ao rótulo que a posteridade lhe gostaria de reservar. (FARIA, 1963, p. 6)

Otávio de Faria contra-argumenta, quando se trata da afirmação modernista de que Coelho Neto pouca atenção dedicava às questões sociais. Ele ressalta a preocupação do escritor com os rumos do país, estando engajado na resolução de problemas sociais, tratados como temas de suas obras. Faria ainda tece uma comparação peculiar entre Coelho Neto e Machado de Assis:

De olhos voltados para o Brasil e para os problemas nacionais, sofrendo com eles e através deles, ansiando por resolvê-los ou vê-los resolvidos, legou-nos uma obra na qual, seja nos diversos livros educacionais ou nos breviários cívicos, seja nos romances, contos, apólogos, lendas, ou peças teatrais, reflete-se constantemente a sua preocupação com os destinos do país - esse "instinto de nacionalidade" no qual, já em 1873, Machado de Assis encontrava o principal característico da nossa literatura. (FARIA, 1963, p. 7)

Em uma análise pessoal, Otávio de Faria ressalta a semelhança de Coelho Neto com grandes vultos da corrente naturista, como Gonçalves Dias, José de Alencar, Castro Alves ou Euclides da Cunha, vendo-o bem próximo a esses, apesar das importantes diferenças de formação e de espírito (p.8). Ao referir-se à formação do escritor, o autor utiliza-se das próprias palavras de Coelho Neto para enfatizar o caráter único de sua obra, afastando de sua formação qualquer influência direta de outros autores ou de correntes literárias:

Para minha formação literária, não contribuíram autores, contribuíram pessoas. Até hoje sofro a influência do primeiro período de minha vida no sertão. Foram as histórias, as lendas, os contos ouvidos em criança, histórias de negros cheios de pavores, lendas de caboclos palpitando encantamentos, contos de homens brancos, a fantasia do sol, o perfume das florestas, o sonho dos civilizados... Nunca mais essa mistura de ideais e de raças deixou de predominar, e até hoje se faz sentir no meu ecletismo. A minha fantasia é o resultado da alma dos negros, dos caboclos e dos brancos. É do choque permanente entre esse funco complexo e a cultura literária que decorre de toda minha obra. (RIO, 1907, p.54 *apud* FARIA, 1963, p.8)

Com a declaração acima, Coelho Neto ressalta que não aderiu a concepções estéticas específicas, tampouco postulou pressupostos próprios de determinada corrente literária. O reconhecido ecletismo do escritor parece advir de suas experiências de vida e das relações estabelecidas no decurso de sua história

pessoal, sobretudo no fértil período da infância, onde buscou insumos para desenvolver seu potencial imaginativo.

Apesar de não considerar Coelho Neto um escritor excepcional e classificar sua obra tão transitória como a própria moda da época, o estudioso de assuntos literários e pesquisador emérito, Jomar Moraes (1977), atribui, à parte da produção netiana, a prerrogativa de permanecer na história literária brasileira como um patrimônio.

(...) Não foi um grande escritor, e isso não é culpa sua. O brilho de sua obra teve a duração da moda a que correspondia (...) Mas do muito que escreveu, alguma coisa resta para assegurar-lhe um lugar na literatura brasileira. É patrimônio de um passado. E como tal devemos compreendê-la e acatá-la (...). (MORAES, 1977, P. 184)

A crítica acima garante a Coelho Neto um lugar na história, no entanto, destaca que o sucesso alcançado pelo autor deve-se à moda, aos costumes e circunstâncias sociais nas quais despontou oportunamente. O pesquisador deixa evidente certa consideração pelo legado de Coelho Neto, no entanto, frisa que o mesmo reside apenas no passado.

À assertiva anterior a respeito do caráter obsoleto da obra do escritor, contrapõe-se a declaração de Alceu de Amoroso Lima (1959) que evidencia a perpetuidade e as singularidades da obra de Coelho Neto.

Sua língua de opulência enorme, sua imaginação realmente vivíssima, sua capacidade de narrativa extremamente expressiva, fizeram de Coelho Neto um escritor que, combatido a fundo pelos modernistas, há trinta anos passados, hoje ressurgiu do olvido e recomeça a interessar às novas gerações. Podemos citar, entre seus inúmeros volumes, de valor desigual, como mais dignos e representativos, *A Capital Federal* (1893), *Praga* (1894), *O Rei Negro* (1914), *O Radjah de Pendjab* (1898), *Esfinge* (1908), *Fogo Fátuo* (1929), *A Conquista* (1898), *Miragem* (1895) e *Sertão* (1897). (LIMA, 1959, p. 64)

Nesse sentido, Lima (1959) expressa uma visão menos preconceituosa e mais complacente a respeito da atuação de Coelho Neto no cenário literário, ao citar diversos trabalhos que representam uma parcela das inúmeras obras que atestam o valor criativo do autor e sua capacidade de manejar a palavra, objeto "sagrado", de forma habilidosa.

Em defesa ao estilo de Coelho Neto, Bosi (2012, p. 223) ressalta que, em nome de um pensamento causalista, o prosador teria escrito como exigia o seu tempo e que não seria o caso de revalorizar sua obra, mas tão somente de situá-la

e compreendê-la. Segue ainda complementando que a memória invulgar e a curiosidade inquieta serviram ao pressuposto psicológico do "realismo" do autor e o gosto sensual pela palavra ao seu parnasianismo evidente.

Talvez, a afirmação de Bosi (2002), citada anteriormente, seja o antídoto para resolver as discussões sobre a não valorização de Coelho Neto e a sina que lhe imputou o Modernismo.

Se a obra netiana não recebeu o devido reconhecimento e atenção, se o tempo empanou a reputação de seu trabalho, então que este seja ao menos compreendido. E que a partir do conhecimento, de uma análise mais cuidadosa e com uma mente desprendida de condicionamentos sociais e históricos, possa-se emitir um juízo de valor mais equilibrado. Esse seria, possivelmente, um dos caminhos mais eficientes para incentivar o contato com a obra do escritor nos ambientes acadêmicos e despertar o interesse do leitor universal.

Acima de qualquer ponderação sobre o estilo e a personalidade literária do autor, cabe reconhecer que seus textos, crivados de recursos estilísticos e de palavras meticulosamente escolhidas no processo de tessitura, revelam a preocupação em expressar concretamente os cenários de suas tramas, de apresentar ao leitor todos os matizes de uma pintura.

Ao que parece, mais que "floreios" e "diletantismo", a escrita sinestésica de Coelho Neto almejava, essencialmente, introduzir o leitor nas cenas que concebia, fazendo-o, de certa forma, co-participante de sua obra, estimulando não somente o imaginário daqueles que a experimentam, mas despertando também seus sentidos.

## 2.1. AS CORES VIVAS DO SERTÃO DE COELHO NETO

Publicado em 1897, *Sertão* constitui-se de uma coletânea de sete contos, intitulados: "Praga", "O enterro", "A tapera", "Firmo, o vaqueiro", "Cega", "Mandovi" e "Os velhos". O volume foi dedicado a um dos mais entusiastas e incentivadores da Semana de Arte Moderna (1922), Paulo Prado.

O primeiro conto, *Praga*, trata-se de uma extensa narrativa, publicada originalmente no Jornal Correio Paulistano, em 1890. No cenário árido do sertão, o vaqueiro *Raimundo*, um cafuzo destemido, filho de uma escrava chamada *Mãe Dina*, é acometido de uma severa peste que assola muitos campeiros da sua região. Para

evitar que o mal se propague, o vaqueiro fica isolado em sua pobre cabana e sofre sozinho as consequências da doença, tendo a ajuda somente da velha *Úrsula*, uma feiticeira conhecida e temida por todos. Durante o seu padecimento, quando encontra-se febril e delirante, muitas lembranças dos crimes que cometeu lhe chegam à mente.

As temáticas da culpa e do remorso aparecem como eixos desencadeadores de todos os acontecimentos da trama. A ocasião da doença e o isolamento em sua cabana propiciam um processo de recordações. As visões do fantasma da própria mãe e o desespero frente aos fenômenos sobrenaturais que o assombram trazem à consciência do cafuzo todos os seus atos torpes do passado.

A cobiça e a ambição são outros temas marcados no conto. Raimundo mostra-se capaz de atitudes violentas para saciá-las, deixando à mostra as misérias morais do caráter humano.

O conto “O Enterro” narra o cortejo fúnebre de uma velha cabocla septuagenária, descendente dos índios Goytacazes, chamada Teçaí. A velha era respeitada e temida pela gente da região por seus poderes espirituais e pelas pragas que rogava. A narrativa apresenta descrições pitorescas das paisagens sertanejas, assim como aspectos referentes às crendices populares. De forma lírica, o autor descreve uma lenda indígena, repleta de elementos sobrenaturais. Nesse conto, a temática da superstição, comum no ambiente sertanejo, ganha destaque por meio das crenças que envolvem a personagem.

As descrições do ambiente são ricas em detalhes, permitindo que o leitor adentre a cena.

A história do conto *A Tapera* retoma, de certa forma, o ambiente de *Praga*. As descrições incluem florestas vastas e uma natureza exuberante ao lado do homem rústico do sertão. A narrativa em primeira pessoa é contada por um fazendeiro que encontra um sítio abandonado, em ruínas. Nesse sítio, a personagem se depara com um velho senhor que se esconde na mata como um fantasma. O homem misterioso é *Honório Silveira*, que nos bons tempos havia sido um fazendeiro muito próspero. O velho começa, então, a narrar suas desventuras que se iniciam quando conheceu e apaixonou-se perdidamente pela sua falecida esposa *Leonor*.

Os temas da culpa e do remorso voltam à tona nesse conto. O personagem Honório, em face de uma traição sofrida e de todos os acontecimentos decorrentes

desse fato, embarca em uma espécie de loucura e passa a viver como um andarilho na floresta, habitando com elementos sobrenaturais ligados à morte da esposa, tendo como companhia, apenas um crânio que aplacava a saudade mórbida.

O assassinato motivado por vingança é também outro tema tratado em "A Tapera". Nesse caso, a temática surge por meio da personagem *Mãe Eva* que não se conforma com a traição infligida a seu filho de criação e com as humilhações e maus tratos que a patroa *Leonor* lhe submetia.

Encontramos na narrativa de *Firmo, o vaqueiro*, assim como nos demais contos que compõem o livro, fortes aspectos folclóricos destacados por Coelho Neto. A história é contada pelo filho de um fazendeiro que recorda suas aventuras quando criança com o velho *Firmo*, um caboclo forte e corajoso que era seu companheiro durante as férias escolares e lhe contava histórias do "surrupira" da "yara branca". Porém, o rapaz volta a reencontrar o caboclo já em seus oitenta anos, não mais evocando a imagem do homem forte de antigamente. Hoje, *Firmo* vive apenas de lembranças de uma vida ativa e cheia de peripécias quando conduzia o gado pelo sertão a fora. A saudade dos bons e velhos tempos o consolavam e nada faziam lembrar as histórias cheias de vida contadas ao seu jovem amigo.

Em *Firmo, o vaqueiro*, percebe-se a que o personagem principal encontra-se preso a um passado de glórias e aventuras, não encontrando no presente estímulos para viver, em um saudosismo letárgico.

Em *Cega*, narra-se a história de *Ana Rosa*, um mulata muito cobiçada nos arredores daquele sertão. A moça apaixonou-se por *Simão Cabiúna*, um caboclo com quem tem uma filha que recebe o nome de *Felícia*. Certo dia, *Ana Rosa* que sofria de ataques epiléticos, amanhece completamente cega, sem nenhuma explicação plausível. Tomada de infelicidade pela cegueira repentina, ela ainda vem a perder o marido por conta de uma doença desconhecida. Forçada a criar a filha sozinha, ela assume o desafio de zelar ferozmente pela honra da moça até que descobre que a filha está grávida e havia escondido o fato até entrar em trabalho de parto.

A tragicidade permeia todo o conto, o desespero da cegueira súbita para alguém que possuía todas as suas faculdades e o desamparo ante a viuvez, tendo a responsabilidade de cuidar de uma criança e protegê-la dos perigos do mundo.

Ao mesmo tempo, a personagem *Ana Rosa* imprime na história a capacidade de superação de uma mãe, que transpassa sua limitação física para preservar a honra e o bem estar da sua *Felícinha*.



O conto *Os Velhos* nos apresenta a história de *Thomé Sahyra*, um homem de alma singela, criado no sertão e sua esposa *Romana*, conhecedora dos benefícios das ervas. O casal vivia uma vida modesta e feliz em uma casa construída na encosta de uma colina. Certo dia, *Thomé* sofre um desmaio, motivado pela culpa de ter esfaqueado, no passado, um negro que o desafiara para um confronto. Desesperada, *Romana* procura ajuda de um velho negro feiticeiro chamado *Tio Adão*. No entanto, o curandeiro mal intencionado, a acompanha até o marido e a faz prometer que irá se deitar com ele, caso o marido estivesse restabelecido. Ao chegarem à casa, *Romana* descobre que o marido se encontra bem e acordado. O curandeiro resolve cobrar a promessa feita, mas *Romana* foge em disparada, ouvindo as pragas e ameaças do feiticeiro. Passados alguns anos, *Thomé* já chegando aos sessenta anos, volta a ser acometido pela doença, ficando totalmente desacordado novamente.

O medo excessivo de *Thomé* em face à possibilidade de ser enterrado vivo faz com que a esposa o mantenha sob seus cuidados durante vários dias, mantendo-o deitado em sua cama, em estado de aparente catalepsia.

O que parece peculiar nesse conto, assim como em *Mandovi*, é a escrita que o autor se utiliza, tentando reproduzir a fala típica dos sertanejos.

*Mandovi*, personagem que dá nome ao conto, é um caboclo de “barba negra, crespa e densa” que precisa enfrentar seus medos e crendices relativos ao sobrenatural. Nesse conto, o protagonista se defronta com seu próprio pavor frente a aparições e fenômenos estranhos nas florestas que atravessa.

As narrativas de *Sertão* possuem algumas características comuns, reiteradas em quase todos os contos. Os enredos são repletos de elementos do sobrenatural e do folclore brasileiro. Fantasmas, almas atormentadas, monstros, seres místicos, além de uma atmosfera quase sempre noturna, onde se desenvolvem as tramas.

## 2.2. A TÔNICA SOTURNA E O SOBRENATURAL NA OBRA *SERTÃO*

Dentre as inúmeras obras escritas por Coelho Neto, *Sertão* figura no cenário literário como uma de suas produções mais aclamadas pela crítica e representa uma espécie de divisor de águas na produção do autor, que originariamente dirigia sua atenção aos ambientes urbanos, mais propriamente aos cenários da cidade do Rio de Janeiro. A obra inaugura uma nova fase na trajetória literária de Coelho Neto, com incursões pela prosa regionalista.

A descrição da natureza, realizada minuciosamente, reverbera o clima de mistério, medo e terror. Além disso, em algumas cenas, as personagens vivenciam eventos fantasiosos, mesclando realidade e sonho, não sendo possível discernir se o que se passou realmente aconteceu ou foi apenas uma espécie de alucinação.

A esse respeito, Murari (2015, p.36) assinala, referindo-se às narrativas de *Sertão*, que "Em alguns dos momentos mais vigorosos das narrativas rurais de Coelho Neto, os personagens veem-se aterrorizados por pesadelos e depois sofrem com a dúvida quanto ao caráter real ou onírico de suas recordações".

As tramas rurais de Coelho Neto enfatizam o oculto, o mundo anímico dos fantasmas que trazem à tona acontecimentos do passado, revelando atos inescrupulosos cometidos pelas personagens aterrorizadas.

Ao discorrer sobre os diversos caminhos literários percorridos pelo autor, Menon (2007, p. 83), ressalta:

Nesse transitar por gêneros diversos, Coelho Neto produz uma parcela de textos que tratam de temas ligados ao fantasmagórico, ao terror/horror ou ao sobrenatural que não é percebida com mérito pela historiografia ou pela crítica.

Esses temas são oriundos das influências distintas que o escritor sofreu. Dentre as influências reconhecidas por Coelho Neto está a vivência no sertão, povoada por lendas, contos e histórias de negros cheios de pavores, lendas de caboclos palpitando encantamentos, como ele diz. (MENON, 2007, p.83)

Em relação ao viés de terror seguido por Coelho Neto, em algumas de suas obras, sobretudo na literatura rural, fica evidente que tal característica não foi devidamente captada pela crítica, assim como, salvo em alguns casos, tem sido pouco explorada nos estudos literários atribuídos à obra do autor.

Para contar as histórias inusitadas e aterrorizantes presentes em *Sertão*, o autor compõe suas cenas utilizando, na maioria das vezes, a noite como pano de

fundo. Durante a noite, os segredos são revelados, os túmulos abertos e os medos excedem em desespero, nas narrativas surreais de Coelho Neto.

No conto *Praga*, podemos observar a descrição sinistra do autor sobre a personagem *Úrsula*, uma velha feiticeira e curandeira que visitava *Raimundo*, dando-lhe assistência, enquanto o caboclo padecia da peste inclemente que o vitimara: "Afirmavam que, pelas noites escuras, à hora satânica do curupira, Úrsula tomava o caminho do *Areal*, campo árido onde se enterrava, para profanar as covas, roubando os ossos das crianças mortas sem batismo." (NETO, 1921, p. 25).

No trecho acima, percebe-se que a curandeira agia "à hora satânica", pelas "noites escuras", profanando túmulos de crianças pagãs. A descrição é tanto macabra quanto aterrorizante. O ambiente noturno abrigava as crendices em torno da velha feiticeira, transformando-a em um ser nefasto.

Em outra passagem do mesmo conto, desenrola-se a cena em que a falecida mãe de *Raimundo*, *Mãe Dina*, aparece em estado repugnante para vingar-se do filho que a assassinara por ganância.

(...) Mãe Dina, a morta, com um braço erguido, hirto, os dedos apartados num gesto terrível de ameaça. Um grito formidável atroou a noite serena. A aparição quieta, sempre a esmigalhar miolos na ossaria amarela dos dedos, acendia, de vez quando, nas órbitas escuras, o fulgor de dois fogos fátuos. (NETO, 1921, p. 53)

No conto *A Tapera*, o leitor depara-se com a narrativa de terror sobre a noite horripilante, antecipando a aparição da árvore-monstro que assombra a personagem *Honório Silveira*:

—Quando olhei para o lado do moinho era quase meia noite. Noite de lua, noite hipócrita, que não é bem treva, porque tem luz, que não é bem clara porque mal se vê: promiscuidade medonha de sombra e de claridade. Noite de medo! Era bem meia noite quando aquela árvore agitou-se. (NETO, 1921, p. 129-130)

Outro tema bastante explorado na obra, a morte, aparece no conto *Firmo, o vaqueiro*. No trecho abaixo, o narrador descreve a passagem da morte de *Firmo*, encontrado sem vida pelo cafuzo *Raimundinho*, seu sobrinho, que o visitava na ocasião do Natal.

(...) E bem que o choraram nessa noite os grandes bois, e diziam, entretanto, que eles estavam louvando o Senhor Menino; chorando o companheiro é que eles estavam, os grandes bois que pressentem todas as desgraças e que veem a Morte passar, à noite, com a foice de rastros, através das campinas. Bem que choraram nessa noite os bois: de certo viram a Morte entrar na cabana de Firmo. (NETO, 1921, p. 148)

Em *Cega*, o autor insere outro elemento sobrenatural, a comunicação de *Ana Rosa* com seu falecido marido *Cabiúna*. Por não se conformar com sua má sorte de tornar-se cega de um dia para outro e ainda perder o seu grande companheiro, a personagem consola-se "a horas altas da noite" conversando com a alma do marido. "A cega consolava-se contando que a alma de *Cabiúna*, a horas altas da noite, vinha ter com ela. Uma vez acordara com um beijo, outra vez ouvira clara e distintamente, a voz do morto chamá-la como antes: — Flor!..." (NETO, 1921, p. 208). Realidade e sonho se misturam nessa passagem, não ficando realmente claro que tal fato não seria apenas a imaginação de *Ana Rosa*.

A personagem do Conto *Mandovi*, dominado pelo medo, vê-se rodeado de vultos e assombrações em seus caminhos que cortam os sertões. A atmosfera de terror, descrita pelo narrador, rica em detalhes, leva o leitor à sensação de estar diante de um quadro cinematográfico.

Só, na solidão terrível, ao lívido luar, diante daquele estranho vulto que se balouçava sobre o caminho, o caboclo sentia as pernas enfraquecerem, respirava a custo, como se lhe comprimissem o peito. Lentamente, cautelosamente, sem tirar os olhos da aparição, passou a mão incerta pela cinta e o cajado, esquecido, caiu no pó com um baque balofo. (NETO, 1921, p. 248)

Assim, como em *Praga*, o elemento fantasmagórico em *Mandovi*, evidencia-se no desenrolar da narrativa, provocando o pavor no protagonista, que oscila entre o medo perturbador que o aflige e constrangimento em admiti-lo perante os seus companheiros de viagem.

Tendo vivido parte de sua infância no interior do sertão, Coelho Neto imprimiu em seus sete contos que compõem a obra *Sertão*, as experiências adquiridas resultantes do contato com a natureza e elementos folclóricos presentes nos "causos" narrados pela gente do sertão, abordando em seus textos temas relativos ao sobrenatural, ao fantasmagórico, ao lendário e outros possíveis temas, conforme ilustra o quadro a seguir:

Nome da Narrativa	Temas Possíveis
<i>PRAGA</i>	O sobrenatural, o terror, a vingança, a escravidão, a vida do homem sertanejo, a ambição, o imaginário forjado pela culpa e pelo remorso.
<i>O ENTERRO</i>	O sobrenatural, as superstições, as paisagens

	sertanejas, presença do lendário indígena.
<i>A TAPERA</i>	Amor, traição, presença do sobrenatural e do fantasmagórico incorporado nos elementos da floresta, vingança, assassinato, loucura resultante da culpa, tragicidade.
<i>FIRMO, O VAQUEIRO</i>	O vaqueiro sertanejo, a saudade, a decadência, o presente alimentado pelo passado.
<i>CEGA</i>	Fatalidade, tragicidade, o sobrenatural, a superação das limitações humanas diante do instinto de proteção materno.
<i>MANDOVI</i>	O sobrenatural, o medo, o fantasmagórico, as credices advindas dos "causos" tradicionalmente contados pelo sertanejo.
<i>OS VELHOS</i>	A vida no campo, as crenças no sobrenatural, a fatalidade da doença, o medo de ser enterrado vivo, o fim trágico.

Faz-se oportuno observar que, parte dos textos aborda temáticas relacionadas ao fantástico, à fantasia, ao mito; por outro lado, há textos que se desenvolvem no plano do mundo real, mimetizando-o.

### 3. O PROCESSO DE REEDIÇÃO DA OBRA *SERTÃO* E OS DESAFIOS INERENTES

O produto educacional escolhido para ser desenvolvido durante os estudos realizados no decorrer do curso de mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza foi a reedição da obra *Sertão*, de Coelho Neto, conforme as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, vigente desde 2009, em todo território nacional e passando a vigorar obrigatoriamente a partir deste ano.

Para a aplicação do produto, o conto "Praga" que compõe a coletânea, foi selecionado, após ser reeditado, para ser trabalhado em uma turma do 1º ano do Ensino Médio e Técnico Integrado, como material das aulas de Ensino de Literatura, durante a realização do estágio docente.

As pesquisas realizadas durante o presente estudo, referentes às edições do livro *Sertão*, publicado originariamente em 1897, encontraram apenas algumas outras edições, incluindo a que serviu de base para o desenvolvimento do produto educacional que compõe este trabalho, de 1921 (4ª edição). As edições posteriores do livro parecem não ultrapassar a primeira metade do século passado, sendo a mais recente publicação encontrada, de 1950.

Em razão disso e considerando todo o legado da obra de Coelho Neto para a Literatura Brasileira, o estudo crítico que acompanha o referido produto educacional tem o propósito de levar ao leitor algumas informações sobre a trajetória literária do autor e estimulá-lo a conhecer sua variada obra que, por motivos possivelmente relacionados ao cânone literário de sua época, parece não ter recebido o justo reconhecimento na historiografia da Literatura de nosso país.

Àqueles que ainda não conheciam Coelho Neto, será apresentada uma versão atualizada, adequada aos novos parâmetros oficiais do uso da Língua Portuguesa, de um de seus mais relevantes trabalhos: *Sertão*, escrita em 1897, com seus sete contos que propiciam enredos intrigantes, histórias misteriosas envolvendo elementos de terror/horror e prendem a atenção, mesmo do leitor jovem nos dias de hoje, acostumado a tantas novidades tecnológicas e à instantaneidade midiática.

O processo de reedição da obra foi realizado por meio da leitura dos textos, efetuando-se a adequação simultânea às normas do Novo Acordo Ortográfico (2009), no tocante à atualização do léxico.

Os critérios adotados para edição do livro centraram-se principalmente na manutenção do vocabulário original, alterando-se apenas a ortografia da palavra para a versão mais atual, quando necessário.

O objetivo primordial foi conservar o texto do autor tal como foi concebido, respeitando-se ao máximo possível o estilo e a tessitura, inclusive aspectos relativos à pontuação e aos espaços inseridos no texto pelo autor. Esses espaços foram preservados tal como no original, considerando que marcam a passagem do tempo dentro dos contos.

As raras alterações referentes à pontuação procuraram apenas deixar o texto mais fluído para o leitor, em um esforço para não alterar o sentido proposto originalmente.

As alterações ortográficas efetuadas, expostas neste trabalho, constituem apenas um conjunto das alterações mais recorrentes em quase todos os contos, considerando que foram realizadas várias outras adequações em menor escala.

As substituições dos vocábulos ocorreram quando palavras muito próximas na forma e sinônimas eram encontradas ou quando a forma já se encontrava obsoleta, como no caso de "phrase", que sofreu alteração para o novo formato "frase". Nesses casos, o intuito era utilizar a forma mais moderna da escrita dessas palavras.

Para também ilustrar o procedimento utilizado, podemos citar a substituição da palavra "presepe" por "presépio", por ser um termo sinônimo de uso mais comum e corrente.

Quanto à acentuação, o trabalho seguiu no sentido de suprimir os que não estavam de acordo com a norma vigente e realizar o acréscimo às palavras que não possuíam o acento adequado.

A ocorrência do "h", sinalizando hiato em algumas palavras e acompanhando vogais, em outros casos menos específicos, mostrou-se repetitiva na quase totalidade dos contos, como na palavra "aprehensiva" e na palavra "hombrô".

O som da consoante "q" foi identificado em várias palavras, grafado com "ch", como pode ser exemplificado na palavra "machinas".

Há ainda, o emprego constante do apóstrofe, formando aglutinações de palavras, como pode ser observado na fusão das preposições e dos pronomes (em + uma) e (de + ele), resultando em "n'uma" e em "d'elle"

A seguir, para maior compreensão do processo de edição, será apresentado um quadro que demonstra alguns exemplos das alterações mais recorrentes, efetuadas nos sete contos.

Consoantes duplicadas ( <b>cc, ll, mm, nn, tt</b> )	Uso de <b>c, m, b, g, p</b> antecedendo consoante	Uso de <b>apóstrofe</b> em aglutinações	Uso de <b>ph</b> com som de <b>f</b>
seccos (p. 11, l.6)	tectos (p.11, l. 20)	d'antes (p. 11, l. 13)	phrase (p. 13, l. 9)
elle (p. 41, l. 9)	somno (p. 53, l. 8)	d'onde (p. 47, l. 16)	propheta (p. 15, l. 18)
occidente (p. 66, l. 23)	assumpta (p. 277, l. 10)	d'uma (p. 97, l. 16)	emphatica (p. 40, l. 15)
immensa (p. 97, l. 23)	somneca (p. 180, l.1)	d'esse (p. 138, l. 2)	phosphorescentes (p. 53, l.15)
annuviados (p. 41, l. 21)	subtil (p. 49, l. 10)	outr'ora (p. 141, l. 5)	epitaphio (p. 138, l. 10)
mattos (p. 109, l. 8)	augmentava (p. 51, l.28)	d'ella (p. 108, p. 19)	diaphana (p. 129, l. 1)
<b>VERSÃO REEDITADA</b>			
secos	tetos	dantes	frase
ele	sono	donde	profeta
ocidente	assunta	duma	enfática
imensa	soneca	desse	fosforescentes
anuviados	sutil	outrora	epitáfio
matos	aumentava	dela	diáfana
Uso do <b>y</b> com som de <b>i</b>	Uso do <b>ch</b> com som de <b>q</b>	Uso do <b>hem hiatos</b>	Outras ocorrências com <b>h</b>
mysteriosa (p. 14, l. 29)	rachiticos (p. 13, l. 16)	cahiam (p. 12, l. 8)	myrrha (p. 11, l. 19)
lyrica (p. 29, l. 12)	echoou (p. 60, l. 12)	ahi (p. 13, l. 10)	thuribulos (p.11, l. 20)
hymnos (p. 90, l. 1)	machinas (p. 107, l. 15)	atrahidos (p. 15, l. 16)	herva (p. 32, l. 11)
estylete (p. 122, l. 18)	machinalmente (p. 22, l. 28)	compreendendo (p. 64, l. 3)	exhalando (p. 47, l. 27)
dyspneicos (p. 21, l. 13)	melancholico (p. 21, l. 3)	abstrahida (p. 188, p. 4)	deshonra (p. 121, l. 5)
<b>VERSÃO REEDITADA</b>			
misteriosa	raqúiticos	caíam	mirra
lírica	ecoou	aí	turíbulos
hinos	máquinas	atraídos	erva
estilete	maquinalmente	compreendendo	exalando
dispneicos	melancólico	abstraída	desonra
<b>Vocábulos não acentuados</b>	<b>VERSÃO REEDITADA</b>	<b>Vocábulos acentuados</b>	<b>VERSÃO REEDITADA</b>
impeto (p. 18, l. 12)	ímpeto	dôr (p. 17, l. 6)	dor
arvore (p. 88, p. 8)	árvore	péga (p. 31, l. 8)	pega
historias (p. 141, l. 13)	histórias	flôres (p. 65, l. 24)	flores
silencio (p. 167, l. 3)	silêncio	fóra (p. 146, l.2)	fora
lagrimas (p. 218, l. 23)	lágrimas	céga (p.200, l. 6)	cega



A obra reeditada não propicia apenas um conteúdo valioso, considerando os aspectos culturais e folclóricos que descrevem o sertanejo e seu modo peculiar de compreender os fenômenos desconhecidos e interagir com a natureza, diante dos dilemas da vida e dos mistérios do sobrenatural. É ainda uma experiência estética e sensorial da palavra.

O talento de Coelho Neto em manejar o verbo proporciona uma compreensão íntegra, completa, no que se refere às descrições das personagens e ambientes. As cenas descritas aparecem quase como quadros vivos, equipando o leitor com todos os recursos necessários para fruir o texto em sua totalidade.

No entanto, se a preocupação de Coelho Neto com o uso da palavra precisa na construção das ideias, o cuidado pela escolha do termo mais ajustado ao que pretendia expressar, fazem de *Sertão* uma verdadeira obra-prima, na perspectiva estética da obra, também pode gerar certa complexidade ao leitor não acostumado com o vocabulário incomum e diversificado do escritor.

Tomando por base as experiências advindas da aplicação do produto educacional, realizada em uma turma de ensino médio, durante o estágio de docência, detectou-se uma certa dificuldade dos alunos na compreensão de várias palavras empregadas pelo autor, de uso pouco recorrente.

Visando aprimorar o produto e ajudar a sanar essa dificuldade, optou-se por elaborar notas de rodapé com a definição de tais termos.

A eleição dos termos que receberiam notas explicativas ocorreu por meio da observação do grau de complexidade, considerando expressões regionais, vocábulos raros e incomuns, termos técnicos relacionados a alguma área específica de conhecimento e palavras em outro idioma, como por exemplo, o Latim.

O critério para atribuir os significados para cada termo, constante no rodapé do texto, foi definido a partir do contexto em que estava inserido, considerando que as fontes de consulta utilizadas oferecem, muitas vezes, variadas definições para uma mesma palavra.

Dentre as fontes de consulta que embasaram a pesquisa, foram utilizados o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009), da Academia Brasileira de Letras, o acervo digital da Biblioteca Brasileira da USP e outros dicionários modernos de Língua Portuguesa, revisados conforme as novas regras do Novo Acordo Ortográfico em vigência.

A esse respeito, salienta-se o grau de dificuldade para encontrar a definição de alguns dos termos utilizados pelo autor, os quais apresentam um significado bastante específico no texto. Podem servir como referência as palavras "fulcite" e "elyctros", que são termos originados do Latim e que após uma pesquisa exaustiva, em um grande número de dicionários e pesquisas na Internet, pôde-se chegar ao significado mais aproximado de "firmamento" e "o nome que se dá às asas traseiras de um besouro", respectivamente.

Durante as pesquisas realizadas com o vocabulário, apenas a definição da palavra "dredada", no conto *O Enterro*, não foi encontrada. O significado, nesse caso, foi atribuído somente considerando-se o contexto ao qual pertencia.

Na sequência, será apresentado um índice dos contos que integram a obra *Sertão* reeditada, conforme descrito anteriormente, a qual consiste no produto educacional desenvolvido.

As considerações pertinentes à aplicação do produto, durante o período do Estágio de Docência, sobrevirão posteriormente à obra.

**ÍNDICE**

<b>PRAGA</b> .....	35
<b>O ENTERRO</b> .....	69
<b>A TAPERA</b> .....	74
<b>FIRMO, O VAQUEIRO</b> .....	105
<b>CEGA</b> .....	111
<b>MANDOVI</b> .....	161
<b>OS VELHOS</b> .....	172

A

PAULO PRADO

**PRAGA**

## I

Ao Dr. Martim Francisco

Estava a expirar o adusto<sup>1</sup> dezembro.

O sol ardia desde outubro com o furor inclemente de um castigo, secando as fontes, mirrando os extensos campos tristes onde o gado mugia, extenuado e magro, levantando para o céu fulvo<sup>2</sup> os grandes olhos mansos e resignados. Ventos áridos abrasavam com o hálito da natureza em febre. Pairava um cheiro forte e acre de queimadas e os dias, tácitos e longos, de um esplendor vivíssimo, pela hora média velavam-se de uma névoa fina como a evaporação trêmula de um fogo. A alma canora<sup>3</sup> e meiga das florestas desertara acossada pelo flagelo ardente, e era tão extraordinário o aparecimento de pássaros durante os ríspidos calores que o chilro de uma camaxirra<sup>4</sup> ou o chalrado de uma jandaia eram tomados alegremente como presságios felizes.

O terror alarmara os sertanejos supersticiosos. Era tal o desânimo que todas as almas desesperadas, num mesmo ímpeto de fé, voltaram-se para Deus, com tamanho ardor que, mesmo dos campos, à luz cáustica, dentre o rumor bucólico dos rebanhos, subiam coros religiosos dos vaqueiros; e nas fontes, onde subsistia um pouco de verdura, velhas negras escravas emborcavam os púcaros<sup>5</sup> e, caladas, contemplativas, esquecidas do tempo, ficavam olhando o lento e escasso esfiar da água, atolando os pés na areia encharcada, onde cães morrinhentos<sup>6</sup> ofegavam estirados, farejando, com volúpia, o frescor da umidade.

Pescadores, descendo e subindo o rio, cantavam saudações ao propício ano novo, singrando ao sabor da brisa sertaneja leve, impregnada do cheiro quente do rastolho<sup>7</sup>. Em todos os cantos havia a mesma prece ao Senhor para que o ano que vinha fosse melhor que o velho, que entristecera tanto lar e banhara de lágrimas o

---

<sup>1</sup>Queimado, ressequido.

<sup>2</sup> Cor amarelada, alaranjada ou amarelo-ouro.

<sup>3</sup> Harmoniosa, melodiosa.

<sup>4</sup>Ave da família dos trogloditídeos ( *Troglodytesaedon* ), cosmopolita, encontrada nas Américas.

<sup>5</sup>Pequeno recipiente, com asa, para retirar líquido de recipientes maiores.

<sup>6</sup>Sem forças, enfraquecidos.

<sup>7</sup> Parte inferior, enraizada, das plantas após a ceifa.

rosto a muita criatura vitimada no afeto pela peste que flagelara o sertão verde e virgem, sempre sadio e viçoso, tão desbravado, entretanto, nesse bissexto expirante.

Lugares deliciosos, sítios de amena e apetecida sombra, preferidos de todos para as preguiçosas sextas do meio-dia, nem o gado procurava: murchos, pecos<sup>8</sup>, arrasados pelas soalheiras, não mais floriam - tinham sido tomados pelos mortos que ali iam dormir o último sono e, em vez das madressilvas e das rosas silvestres, ramos de flores bravas mirravam na solidão, engrinaldando funebremente os cepos das cruces, em cujos braços, secos, à tarde, ao luzir das primeiras estrelas, rolas iam chorar sentidas saudades tristes.

Velhas senzalas ermas, escancaradas ao tempo, apodreciam sem que ninguém as procurasse, a não ser o cão familiar que errava entresilhado<sup>9</sup>, ganindo a sua tristeza e a sua lepra, saudoso e faminto, farejando os caminhos de antes trilhados pelo dono e recolhendo, à noite, as cinzas frias do borralho doméstico. E continuamente, num dobre fúnebre, o sino de Santa Eulália espalhava pelo fundo sertão os seus soluços de bronze.

Ao crepúsculo, evolava-se<sup>10</sup> do sítio um cheiro místico de incenso e de mirra e subia de todos os tetos, como de turíbulos, a espiral azulada das defumações que se faziam para enxotar a peste, enquanto as velhas religiosas desfiavam rosários correndo a casa, trêmulas, ao ciciar das rezas, varrendo os cantos com a vassourinha benta ou com feixes de palmas das que alastraram o caminho de Jerusalém, quando o burrico paciente que Jesus cavalgava trotou nas pedras da cidade dos lírios.

Longe, no fundo sombrio do horizonte de serras, onde o sol vertia os raios derradeiros, roncavam, merencórias<sup>11</sup> e lúgubres, as guaribas<sup>12</sup> soturnas e, de espaço a espaço, da solidão calma dos profundos vales vinha, numa ondulação de gemido, magoada e enternecida, a toada da cantiga dos tropeiros que desciam, rumo da cidade, tangendo a cavalhada.

---

<sup>8</sup> Doentes, definhados.

<sup>9</sup> Muito magro, fraco, abatido.

<sup>10</sup> Elevava-se

<sup>11</sup> Melancólicas (sinônimo).

<sup>12</sup> Pequena ave, semelhante ao periquito.

E as noites, de uma impassibilidade morna, caíam sobre os campos, ameaçando com as estrelas, o próximo amanhã calamitoso e flamíneo<sup>13</sup>.

Se alguém adoecia - como a esperança fugira de todas as almas - os parentes reuniam-se em conselho e, enquanto o enfermo agonizava, com os olhos abrasados de febre, fixos no registro do crucificado, pendente do muro, entre rosas murchas, discutia-se o lugar do enterro, lembravam-se paragens à margem molhada e sempre em sombra da fonte da Saudade ou o alto de uma colina guardada por um ingazeiro que ele tanto procurava quando era de levar ovelhas ou para pensar, afastado e só, entre as ervas de bom cheiro que florescem pelo Natal. E antes que expirasse, já a sua alma estava encomendada à clemência de Deus e, para envolver-lhe o corpo, a mais carinhosa das mulheres perfumara um lençol de linho com alecrim do campo e favas de baunilha.

Nas culturas mortas amarelecia ao tempo a palha dos milhos secos e era muito ver-se reluzir ao sol a foice de um cativo roçando o mato, de onde fugiam aos galões, tontas e espavoridas, cotias tímidas. O verde e tenro arroz novo morria nos tremedais<sup>14</sup> ressequidos e os papagaios chalravam<sup>15</sup> famintamente nas ramadas dos ipês folhudos, pontilhados vistosamente de pequeninas flores de ouro.

Campeiros, por mais ousados que fossem, temendo o sol negavam-se a pastorear, protestando todos com a mesma frase sinistra feita à morte: "*Abicha* anda danada por aí..."

Lento e lento, uns após outros, foram desertando todos os camaradas, de sorte que o gado, acostumado a pastar nas campinas viçosas, mugia e balava esquecido no espaço estreito de um cercado velho, mordendo o capim que lhe jogavam aos feixes, ruminando brotos raquíuticos nascidos na terra fossada pelos bácoros<sup>16</sup>, empastada de lama onde zumbiam moscas.

Às vezes, nas balsas que desciam o rio, impelidas a varejão<sup>17</sup> por cinco ou seis negros reluzentes, de tanga, apenas passada à cinta, levantava-se um berro gemebundo<sup>18</sup> e, quem olhasse, veria todos os braços fortes alçados para o céu, alguns erguendo os varejões à maneira de lanças, os olhos altos, as bocas escancaradas, vozeirando o mesmo grito: "Valha-nos Deus!", que era um clamor de

---

<sup>13</sup> Flamejante.

<sup>14</sup> Área pantanosa, lodaçal.

<sup>15</sup> Emitir sons ou falar alegremente.

<sup>16</sup> Leitões.

<sup>17</sup> Vara comprida com que se impulsiona pequena embarcação em águas rasas.

<sup>18</sup> Que geme lamentavelmente.



piedade para um companheiro que agonizava, estirado nos paus da balsa, o peito exposto à luz, zurzido de moscas, gemendo enquanto as *ciganas*<sup>19</sup>grasnavam nas margens, olhando os camalotes de aningas<sup>20</sup> que desciam ao sabor da água e as graças finas, finas, alvas, esguias, passavam no ar, uma atrás das outras, estalando os bicos, os pés juntos, hirtos, duros como flechas.

O sol ardia flamejante, cor de ouro, no céu fúlgido.

De tempos a tempos, pelo meio-dia, vinha das bandas das serras, um rumor surdo, um ronco longínquo de trovão. Amontoavam-se nuvens plúmbeas<sup>21</sup>, outras brancas, muito claras, resplandeciam; caía um silêncio pesado e adormecedor, a calma envolvia tudo; os ruídos aumentavam de vibração - retumbava. De repente, uma larga sombra varria a terra; escurecia. O céu tomava uma cor negra, amontoavam-se rolos de nuvens túmidas, sentia-se como que um oceano suspenso - era a chuva que vinha. Mas, para a tardinha, um vento de fogo espanava o espaço e, rubra, enorme, silenciosa, a lua nascia, da cor do sol, e ia subindo, sinistra e sanguínea, empalidecendo e diminuindo aos poucos. As preces continuavam e, pela noite alta, uma velhinha santa saía à varanda da casa que os *senhores* haviam abandonado, fugindo à epidemia, e, de instante a instante, clamava no silêncio, badalando uma campana:

— Misericórdia, meu Deus! E em toda redondeza um coro repetia profunda, misteriosamente: "Misericórdia!"

Abriam-se todas as casas, jatos de luz alastravam a terra e, de novo, lenta e vibrante, a campana<sup>22</sup> tinia.

Toda gente de Santa Eulália, ao místico reclamo, corria ao terreiro claro, enluzado, onde o vulto da velha, negro e hirtos<sup>23</sup>, numa imobilidade de estátua, esperava como uma iniciada em êxtase. Vinham à frente as mulheres, a pequenos passos, humildes, como um bando fraco de vítimas seguindo para o sacrifício - caminhavam balbuciando, algumas com os filhos ao colo ou escarranchados<sup>24</sup> ao flanco. Velhas fanáticas bradavam, parando de instante a instante para gemer súplicas, batendo pancadas brutais nos peitos magros. Homens, num grupo cerrado, seguiam atraídos, a cabeça baixa, calados e taciturnos.

<sup>19</sup> Espécie de ave geralmente encontrada em ambientes pantanosos.

<sup>20</sup> Planta de caule arborescente da família das aráceas, nativa do Brasil.

<sup>21</sup> Cor de chumbo.

<sup>22</sup> Sino.

<sup>23</sup> Imóvel, estacado.

<sup>24</sup> Montado ou sentado com as pernas abertas.

Junto da velha profetisa, paravam fazendo um círculo e ajoelhavam-se. Todos os braços agitavam-se num mesmo movimento, vozes soturnas resmoneavam<sup>25</sup> acompanhando a unção do "Pelo sinal" - depois caía um silêncio trágico, quebrado abruptamente pela voz enfática e oracular da velha tirando a reza, até que, num reboante e formidável coro, todas as vozes cantavam alto na quietação do luar para que a prece fosse além dos astros, muito além, até Deus, o dominador das pestes, o benfeitor dos mundos.

Um vento forte curvava os ramos; repetia-se o coro no murmulho das árvores. Não longe, cães errantes uivavam.

A retirada fazia-se lenta e gravemente, como em cenário.

Súbito, todas as luzes desapareciam e, isolada, mais fúnebre, a campana, pela última vez, tinia.

Corria um sussurro surdo: era como a passagem macabra da Peste.

## II

Raimundo, o cafuzo, o mais atrevido, o mais audaz de todos os vaqueiros, foi atacado do mal.

Certa manhã, na ocasião de saltar para o lombilho, sentiu as pernas fracas, a vista turva, quase extinta, náuseas e uma dor aguda no ventre. Como era forte e temerário, manteve-se de pé, apoiado à anca do cavalo, esperando que lhe passasse a tonteira, mas subitamente uma golfada amarga subiu-lhe à garganta, fecharam-se-lhe as pálpebras pesadamente, um tremor agitou-o e, desfalecendo, sacudido por um arrepio de febre, rolou na terra torcido, ansiado, escabujando<sup>26</sup> como um epilético. Ninguém o acompanhava, apenas o gado em magotes<sup>27</sup> que, ansioso pela marcha através dos campos orvalhados, ia e vinha estirando o pescoço por cima da tronqueira com mugidos altos e prolongados.

Ao pino do sol, uma pequena guardadora de aves, aproximando-se do cercado, parou atraída pelo espetáculo bárbaro do amor brutal dos touros.

---

<sup>25</sup> Resmungar.

<sup>26</sup> Estrebuchar.

<sup>27</sup> Grupos.

Disputando a posse das novilhas tenras, os fortes marruás<sup>28</sup> incendidos, lascivos, firmes nas patas dianteiras, os jarretes<sup>29</sup> retesos, a grande cabeça baixa, escavando a terra, berravam desafiando-se. Os outros bois, parados, contemplavam.

Num ímpeto, os rivais levantavam os olhos fulvos, miravam-se, com um longo olhar faiscante e cheio de iras, recuavam, recuavam, até que, quase tocando os paus da cerca, partiam um contra o outro, devagar a princípio, lentos, traiçoeiros, mugindo baixo, a língua, rubra e seca, pendente e flácida. Estacavam, mas, num brusco avanço, arremetiam - as frentes chocavam-se e as espas<sup>30</sup> travavam-se ficando os dois presos, resistindo, arrancando num esforço formidável e teimoso de brutos. Cansados, recuavam no círculo atento dos companheiros e de longe, com outro berro, desafiando-se de novo, investiam recomeçando a luta. As vacas assistiam impassíveis e, de vez em vez, no silêncio, bimbalhava a choca de uma *madrinha*<sup>31</sup> como um sinal de guerra.

A pequena olhava distraída, atenta, mas de repente rompeu a rir ingenuamente, vendo passar perto da cerca, aos trancos, um casal amoroso - os dois formando um só na justaposição sensual e fecunda, um só animal bicéfalo, hediondo como uma grande besta apocalíptica. Seguindo-os com o olhar foi que ela viu por terra, estendido como morto, o vaqueiro Raimundo.

A sua primeira ideia foi saltar a porteira para certificar-se, mas teve medo. Partiu a correr levando, à casa, notícia da descoberta que fizera.

Vieram homens do engenho com a maca de taquara que servia no sítio e recolheram o vaqueiro.

A curiosidade fizera chegar um grupo à tronqueira, mas no momento em que levantavam o moribundo para transportá-lo à cabana, no alto da colina, toda gente recuou, cuspidando de nojo, esconjurando a peste malfazeja.

E logo espalhou-se a notícia e em todas as casas, mesmo no terreiro, acenderam-se fogos e ardeu fumando o alecrim bendito.

— Deus tenha tua alma! Balbuciavam religiosamente os que viam subir o grupo; da margem do rio, as lavadeiras estendiam os braços reluzentes da água na direção da colina, e no ar, ao sol, faziam uma grande cruz, dizendo para o empestado, longe demais para ouvi-las:

---

<sup>28</sup> Touro não domesticado.

<sup>29</sup> Tendões ou nervos de quadrúpedes.

<sup>30</sup> Chifres.

<sup>31</sup> Animal, geralmente provido de chocalho ou guizo, que serve de guia a uma tropa.

— Deus te dê o céu, meu filho!

Ao cair da noite, o enfermo despertou: sentia a cabeça em fogo, a língua áspera e pastosa e, de vez em vez, violentas picadas nas têmporas. Sem memória, a princípio, foi recompondo a custo, todo o incidente do dia até a hora em que rolou por terra, entre o gado, golfando bílis, repuxado de ânsias. No dia seguinte, de manhã, o médico do lugar subiu a examiná-lo. De pé, à distância do catre<sup>32</sup>, interrogou-o e, antes que ele concluísse a exposição, tomou de uma carteirinha uma folha de papel e, a lápis, rabiscou a fórmula, retirando-se sem declarar a moléstia, apesar das reiteradas perguntas de Raimundo que o seguia com o olhar apavorado.

Fora, a alguém, disse desanimadamente: — É a cólera!

Horas depois, trouxeram-lhe uma poção que ele engoliu com engulhos<sup>33</sup>, caindo pesadamente sobre os panos, contraíndo o rosto, cuspidindo grosso, enjoado.

À noite sentia-se melhor. Animava-o uma esperança de vida. Dormira sem ânsias, sem sonhos, mas acordara em sobressalto, com uma dor fina no ventre, como se lhe houvessem enterrado uma agulha pelo umbigo adentro.

Era tarde: mais de meia noite.

Dos rumores do campo tinham ficado apenas o fresco ramalhar das árvores e o ronco perene das corredeiras que rolavam as águas pesadas por entre os penhascos escuros onde, pela manhãzinha e à tarde, nos pontos emergentes, apareciam negros de cana em punho, a linha a prumo na água, firmes e pacientes, esperando o repelão do peixe temerário. Um cão ladrava longe e, de instante a instante, o mugido melancólico de uma vaca reboava soturno e longo como o som rouco de uma buzina bárbara.

Raimundo entreabriu as pálpebras pesadas e quentes de febre, correu o olhar abrasado pelo quarto de reboco, pobre, iluminado por uma vela de carnaúba espetada no gargalo de uma garrafa e, calcando o peito com a mão larga e bruta, a boca escancelada, chupou um hausto<sup>34</sup> aflito, agitando a cabeça negra, revolvendo os olhos brilhantes, na agonia abafada dos dispneicos<sup>35</sup>. Depois caiu num abatimento atônico, estendeu os braços ao longo do corpo e ficou imóvel, em aparente tranquilidade, sobre o jirau soerguido do solo por quatro espeques toscos e

---

<sup>32</sup> Cama rústica, tosca.

<sup>33</sup> Náuseas.

<sup>34</sup> Aspiração.

<sup>35</sup> Relativo à dispneia: dificuldade em respirar. Falta de ar.

assim ficou a ouvir o rumor noturno, compondo toda a paisagem exterior que seus olhos não viam.

Dos alagadiços, em plangência<sup>36</sup> lúgubre de reza, levantava-se o coro trêmulo das jias<sup>37</sup>, por vezes cortado pelo coaxo ríspido e vibrante de um sapo retinente, de goela blindada, tão metálico era o grito que lançava do pântano verde e podre, coalhado de ervas.

Brusca, abruptamente, vencendo os murmúrios e os rumorejos, vieram aos ouvidos do enfermo, em tom gemente e soturno, ora mais graves, como se as vozes fossem ensurdecendo, ora vivas, desesperadas, em grita clamorosa, as doces palavras da ladainha. Ele as ouvia uma a uma, acompanhava-as, repeti-as mentalmente, com fé, e o cântico espalhava-se merencório pela noite, ora indistinto e vago, ora em toda pujança do coro enchendo o campo, indo pela mata, atravessando o rio, na espiritualidade do som, visitando todos os sítios e todos os enfermos como uma grande bênção geral, santificando a natureza e as almas.

Raimundo soergueu-se no catre e comovido, contrito, as mãos postas, a cabeça inclinada ao peito, pôs-se a dizer baixinho, acompanhando a ladainha noturna, o Ave, erguendo a voz, como se a Virgem não a ouvisse, quando a vaca solitária soltava ao seu gemido de mãe ansiosa a quem haviam roubado o filho para que lhe não esvaziasse as tetas.

Morrendo a oração, voltando o silêncio, Raimundo mergulhou sob as cobertas deixando um braço nu para tomar a bilha de água, posta no chão, ao lado da cama. Encostou-se ao rolo de esteiras que lhe servia de travesseiro e bebeu avidamente, a goles sôfregos e grugrulejantes<sup>38</sup>, com a cabeça caída, o pescoço rijo, teso, os olhos em branco; depois acendeu o cachimbo e, maquinalmente, sem gosto, bafou a primeira fumarada.

### III

la já para duas semanas que ele ali estava estirado, imóvel, a tiritar de frio, ardendo em febre, numa intermitência constante, bebendo caldos magros, nutrindo-

---

<sup>36</sup> Lamentação, tristeza.

<sup>37</sup> Nome popular dado às rãs no Nordeste do Brasil.

<sup>38</sup> Relativo ao som emitido pelo peru.

se de carne do vento e um bolo de arroz cozido em água e sal. Permitiam-lhe, como extravagância, o fumo e o seu consolo, quando se via só, nos insípidos meios-dias ensolarados, à hora em que as rolas se refugiavam no sapê, gemendo baixinho, era soprar cachimbadas para um quadro de assunto<sup>39</sup> patriótico pregado na taipa, representando o imperador em Uruguaiana, fardado, calmo e firme, entre generais, a olhar sereno a culatra de um canhão que voava em estilhaços numa onda de fumo onde morriam soldados.

Às vezes, cantava sentindo virem-lhe à alma saudades antigas e a sua voz, grave e flébil<sup>40</sup>, ia aos poucos desfalecendo e acabava em hausto - era a dispneia que o sufocava obrigando-o a recurvas de tronco e a invocações gemidas do nome de Jesus. Vinham vê-lo duas vezes ao dia - de manhã, um pequeno que lhe trazia o caldo numa marmita e o fumo picado dentro de um cestinho; à tarde, a velha Úrsula, cabrocha caduca e feiticeira que entrava resmoneando seguida de um cão leproso. Abria a lata, ia à fonte encher a bilha enquanto o cão, a olhar Raimundo, raspava o ventre com a pata, ganindo baixo, frenético.

Raimundo odiava Úrsula como todos os mais negros. Corriam versões trágicas sobre ela. Todo o sertão estava cheio do seu nome e mais da sua alcunha sinistra: a *Caapora*, talvez porque costumava vaguear à noite, mais o cão, através dos campos adormecidos, com o cachimbo enterrado na boca sem dentes, como o gênio da lenda indígena.

A sua oca, quase uma furna, cavada na barreira, à margem do rio, era o terror de todos; à noite ninguém se aventurava a descer a rampa, com receio de um encontro com a bruxa! Os que a viam passar, ao sol dos grandes dias caniculares<sup>41</sup>, cabeça nua, descalça, remoendo as maxilas como um ruminante, com as carnes ressequidas apontando pelos rasgões da saia, apoiada a um pau, parando, de vez em vez, para olhar o céu, sorrindo, a balbuciar palavras misteriosas para o alto, as mãos juntas, num ofertório místico, recuavam esconjurando-a. Os pequenos, de trás dos moirões, jogavam-lhe pedras. O cão, um velho podengo<sup>42</sup> magro, entanguido, sem pelo, a cauda cortada rente, seguia na sua sombra, rosnando a todos com ódio. Afirmavam que, pelas noites escuras, à hora satânica do curupira, Úrsula tomava o caminho do *Areal*, campo árido onde se enterrava, para profanar as covas, roubando

---

<sup>39</sup> Tema.

<sup>40</sup> Enfraquecida.

<sup>41</sup> Ardentes, quentes.

<sup>42</sup> Cão de caça.

os ossos das crianças mortas sem batismo. Guardava-os e, na hora média da noite cabalística de agosto, quando os ventos de São Bartolomeu varrem serras e vales, queimava-os para fazer com as cinzas brancas o segredo terrível dos seus filtros. Havia quem jurasse que o cão pelado que a seguia sempre era o diabo. Era ele que lhe ensinava toda a sinistra magia, velando com ela até a hora do canto do galo quando se recolhiam aos mesmos panos, juntos, como dois amantes, tanto que, pela madrugada, uivos ferozes acordavam o silêncio como o alarma sensual do conúbio<sup>43</sup> macabro.

Úrsula vivia defendida pela lenda, e apesar do horror que inspirava, tropeiros compassivos atiravam-lhe esmolas.

Raimundo tinha-lhe asco e medo. Em outra ocasião, teria trancado a sua porta para que a bruxa nem lhe visse o quarto, mas só e enfermo, abandonado de todos, sem o conforto de uma amizade, sentia-se mais animado quando ela aparecia. E dirigia-lhe a palavra com carinho, instava com ela para que ficasse, agradecendo-lhe muito o trabalho que com ele tinha, por humanidade, de boa que era, e queixava-se dos outros que, por não terem coragem de afrontar a moléstia, recorreram à maldita para que se encarregasse dele.

E chamava-a: queria-a ali, junto do catre, a contar-lhe o que ia lá por baixo: se a peste abrandara, quem morrera na véspera, porque o sino dobrara funebremente todo o dia, se um grito que ouvira alta noite fora de algum negro castigado pelo feitor Cabinda. Úrsula, porém, não dava resposta: ia por diante a resmungar uma espécie de canto monótono, em língua da África, dando voltas no quarto, passeando um fogareiro de barro onde ardia alfazema, os olhos baixos, as mamas flácidas, bambas, dependuradas, fazendo chocalhar um colar de búzios que lhe cercava o pescoço engelhado<sup>44</sup>. Depois, erguia-se mascando com as gengivas sem dentes, cuspiam para os cantos a pasta negra do fumo, puxava a camisa, guardava as pelancas dos peitos e, com um grunhido, chamava o cão e partia resmungando o seu canto monótono, sem voltar os olhos, batendo com a porta. Enfiava depois o braço magro por um buraco aberto na taipa para dar volta à taramela interna.

Raimundo sentava-se, tomava o prato ao colo, sobre as cobertas e com os dedos esfiava a carne que ia comendo enjoado, a ouvir o arrulho jururu dos pombos

---

<sup>43</sup> Casamento, núpcias.

<sup>44</sup> Enrugado.

no sapê e os gritos do bem-te-vi, cortando vibrantemente o chio vespéral das cigarras. E, sem ver, compreendia que era a noite que vinha e, mal o sino dobrava no silêncio aromalíssimo da tarde, benzia-se, fazia luz no quarto e mergulhava debaixo das cobertas molemente, pensando, com terror, na insônia apavorante.

#### IV

Estirado, imóvel, com os braços por baixo da cabeça, Raimundo não desviava os olhos de uma frincha<sup>45</sup> aberta no sapê, através da qual via reluzir tremulamente, no céu alto e profundo, perdida na treva noturna, uma grande estrela clara. Longe de todo pensamento, na inércia flácida da modorra<sup>46</sup>, ia adormecendo quando lhe pareceu ouvir, destacando-se dos vagos rumores de fora, familiares aos seus ouvidos, a voz meiga e suave de alguém que cantava, enchendo de alegria a noite com o quebranto lânguido de uma lírica de campo. Aprumou a cabeça, conteve a respiração e ouviu bem, numa vocalização clara, estes versos de queixa e de melancolia:

Quem sentir na alma a ferida  
Aberta pela saudade,  
Não conte ter mais na vida  
Descanso e tranquilidade

Com a boca entreaberta, os olhos fitos no teto, ouvia os sons da cantiga num ritmo preguiçoso e doce, repassada de uma prolongada tristeza para o fim, ao cair da última palavra.

Depois foi um suspiro de desafoço, um ai! cansado, solto em ofego e, quase ao mesmo tempo, a porta tremeu, sacudida; tremeram as roupas dependuradas dos muros, a taramela rangeu e assomou no limiar uma mulatinha trêfega<sup>47</sup> e risonha, garganteando as notas do estribilho.

Raimundo voltou-se, cerrou as pálpebras e, com a mão à altura dos olhos, em pára-luz, espiou e pela porta entreaberta viu rapidamente, como numa fuga, o céu sereno, recamado de estrelas, a lua claríssima e tufos balouçantes de árvores escorrendo brancuras lúcidas. Mas a porta bateu empurrada pelos braços carnudos

---

<sup>45</sup> Fenda, abertura.

<sup>46</sup> Sonolência.

<sup>47</sup> Irrequieta, barulhenta.



da mulata, que ficou a dois passos do catre, tirando com vagar uma toalha da cabeça, que preservava seus cabelos de azeviche<sup>48</sup> do sereno da noite e, lânguida, fitou o enfermo com um olhar morno e voluptuoso, sorrindo, com duas covinhas nas faces.

— Que está olhando? Não me conhece? Parece que nunca me viu! E de improviso: Está melhor?

Raimundo meneou a cabeça tristemente, sem apartar os olhos da rapariga.

— Se você não come, Mundico.... Com esforço o enfermo ergueu-se sobre o cotovelos e recostou-se ao palhegal que lhe servia de travesseiro, atulhou o cachimbo, acendeu-o, perguntando por entre bafos de fumo:

— Que há de novo?

— Que há? Que há de haver: peste. Ainda hoje a Toma enterrou o filho. Ficou como doida, coitada! O pequeno morreu nos seus braços; e sentenciou: — E dizem que pega. Sentou-se em um mocho e, desabotoando o corpinho de cassa, continuou: —Tio Cândido também lá foi.

— Duas febres?

—Não sei. Morreu trabalhando. Foram achar ele entre as taquaras das suas gaiolas, caído de bruços, com a cabeça enterrada no chão. Venâncio disse que foi de velhice. Raimundo guardou silêncio, voltou a contemplar a estrela, mas, de repente, batendo com o cachimbo à beira de um caixote, perguntou:

—Era você que vinha cantando?

—Então? Era eu, sim. E inclinando-se abriu um baú de couro e foi amontoando roupa branca sobre um velho pano de algodão, cantarolando sempre, à claridade lívida da vela.

— Pra que é isso, Lucinda?

— Vou mudar de camisa.

Raimundo franziu o sobrolho, ferido pelo ciúme. Perguntou desconfiado:

— Pra quê?

— Pra quê!? Retrucou asperamente a rapariga desembulhando as peças com mau modo: — Pra quê!? Então hei de me deitar assim, com a roupa suada? E de pé, despindo estabonadamente o corpinho, tomando a camisa pelo crivo do

---

<sup>48</sup>De cor negra brilhante.

cabeção<sup>49</sup>, sacudiu-a, tufou-a, mostrando as nódoas. — Olha só. Nem parece roupa de gente. É gordura só.

O morim<sup>50</sup>, recaindo no colo, ficou alto, acusando o contorno rijo dos peitos, com um remate mais saliente dos bicos, descendo em linha curva, num constante e turgido ondular macio. Um cheiro forte de erva silvestre desprendia-se das roupas e a sombra da mulata, quebrando-se no ângulo do muro, corria em oblíqua pelo teto e, obscurecendo uma parte do quarto, bailava com o frêmito incessante da língua acesa da vela que espirrava de momento a momento, espichando-se num morrão negro e fuliginoso.

—Vira a cara, Mundico. Deixa eu mudar a camisa.

— Ora! Fez o enfermo enjoadamente.

—Vira a cara!...Tornou a rapariga choramingando, dengosa.

—Deixa de luxo! Rugiu furioso, dando um murro no catre. Parece que nunca te vi nua. Um diabo que se despe à vista de todo mundo.

—Malcriado! Rosnou Lucinda e meteu-se para um canto. Curvando o busto safou a camisa suja, prendeu-a nos sovacos para esconder os peitos, com o queixo enterrado no colo, uma ponta de crivo nos dentinhos, estendendo os roliços braços nus para abrir a camisa lavada, de onde caíam pequeninas folhas secas e passou-as rapidamente pela cabeça, enfiou os braços, deixando escorregar a camisa suja ao longo do corpo, sacudiu-se e, alisando os cabelos, recomeçou a cantar:

Meus olhos choram mais água  
Do que qualquer riachão!  
E não há seca que os seque  
Porque não morre a aflição.

Num arranco de despeito, Raimundo esbravejou:

— Cala a boca aí! Ah! Também! Tanta cantiga! Nem vendo a gente doente.

— Minha cantiga não mata ninguém.

— Ah! E voltou-se para a parede, amuado.

Ela estacou de cólera, mordendo os beiços, bamboleando o corpo; por fim, acalmando-se, chegou-se à luz com a saia, vestiu-a, alisou a camisa, fê-la correr corpo abaixo, pelo ventre, pelos quadris e, farejando os ombros rapidamente,

<sup>49</sup> Tipo de bordado no colarinho.

<sup>50</sup> Tecido de algodão fino.

voluptuosamente, com os lábios franzidos em bico, respirou forte balbuciando: — Agora sim.

Completando o vestuário com um paletó de cambrinha com entremeios, alisou de novo os cabelos e, passando a toalha pela cabeça, disse alto, resolutamente:

— Até amanhã.

Raimundo voltou-se de repente e encarou-a.

— Vou-me embora.

— Não! Rugiu o vaqueiro impetuosamente, com os olhos como duas brasas:

— Que é que você vai fazer?

— Uai! Que é que vou fazer? Gentes... Parece tolo. E naturalmente: Vou dormir, pois então?

— Antigamente, enquanto eu podia gastar, você dormia aqui, agora...

— Mau! Mau!

— É sim: eu sei. E triste: — Pois vai! Mas, arrependido ao mesmo tempo, enterneceu-se, ameigou-se: —Vem cá, anda! E estendeu um braço para recebê-la. Ela, porém, compondo a roupa, o rosto baixo, sorrindo, murmurou com um beicinho:

— Eu, não!

— Ora, Lucinda... implorava Raimundo abrasado, com a voz trêmula.

— Você está doido, Mundico? Quero lá sair daqui com a peçonha da peste.

Deus me livre! E, de repente dando uma volta:

— Até amanhã!

— Não! Vem cá!

— Que é?

— Vem cá! Escuta!

Lucinda sacudiu a cabeça negativamente. Raimundo fitou-a com um olhar cheio de ódio e disse:

— Já sei... Hoje é com Esaú. E, franzindo o beijo em comissuras de escárnio: — Não tem vergonha...um negro de roça.

— Que Esaú! Gritou violentamente a mulata como se um chicote a tivesse ferido. — Já se viu um homem doido assim? Só porque vim mudar a camisa já está o diabo dizendo que vou dormir com outro. Pensa você que não tenho mais o que fazer? Ora, meu amigo... E deu-lhe as costas. Se eu não tivesse o meu baú neste maldito quarto, não punha os pés aqui. Não, que não hei de ser tola toda vida.

Amanhã acaba-se tudo, mando buscar o que é meu para não andar com feitores tomando conta do que faço. Quem me podia governar já Deus tem na sua glória. E apanhando o rolo de roupa que tinha aos pés, mostrou-o: — Você queria que eu deitasse com esta imundice no corpo? Não que, graças a Deus, aprendi a ser limpa. E resmungando: — Esaú... Esaú... Voltou-se num acesso de ira. O que você quer sei eu... Mas isto... Iche! E soltou um muchocho escarninho. Diabo de homem! Nem doente... Não faltava mais nada senão vir eu mesma buscar o mal por minhas mãos.

— Eu já estou bom...

— Muito! Está aí ardendo em febre.

— Mas que tem isso? Desde que não pegue... A Toma não esteve com o Nazaré os braços?

— Sim mas era seu filho.

Houve um silêncio. Os olhos de Raimundo reluziam com um fulgor de chamas, o seu largo peito ossudo arfava num ansiar constante, as narinas, sofregamente dilatadas, palpitavam.

— Um beijo só, Lucinda, e eu fico bom.

— Oh Senhor, que homem! Áspera e aborrecida, adiantou-se até o catre, entregou a face de um moreno fino e disse como um balbuciante: — Tá!

O negro, ardendo em luxúria como um fauno<sup>51</sup>, ergueu-se a meio e com as mãos ambas travou-lhe de um pulso, puxou-a. Ela gritava: "que a estava machucando, que a deixasse, não fosse bruto, tivesse modos!" Ele não ouvia, procurava-lhe a boca vermelha com ânsia, ofegando, mas Lucinda, fugindo sempre, com o rosto voltado, de lábios cerrados, resistia até que, com um empuxão mais forte, libertou-se, indo cair de encontro à parede, extenuada.

— Oh! Você não tem juízo Mundico? Isso até é maldade.

Raimundo, flácido, sem energia, com os beiços juntos, implorava beijos. Lucinda sacudindo a roupa, evitava-o:

— Na boca, não!

— Você tem nojo de mim?

— Não é nojo, afirmou complacente. Tenho medo da moléstia. Na boca não, sim?

— Então não quero.

---

<sup>51</sup> Divindade mitológica campestre. Criatura que, tal como os sátiros gregos, possuíam corpo meio humano, meio bode.

— Pois não queira. Que teima! Para eu pegar a peste!

— Vai-te embora!

— Vou mesmo... Dirigiu-se para a porta e, já com a mão na taramela, acenou, com faceirice, um adeus! Até amanhã.

O negro rosnou um desaforo.

— Come, porco! E saiu batendo com a porta; antes, porém, de fechá-la, falou para dentro: — É melhor que você reze por mãe Dina que hoje faz um ano de morta. E deu volta à taramela.

Raimundo, furioso, atirou-lhe um impropério. Uma gargalhada reboou no silêncio e logo depois a voz meiga de Lucinda recomeçou a cantiga que foi, aos poucos, morrendo, até que nada mais se ouviu, interrompendo, de chofre, o novo silêncio o mugido angustiado da vaca solitária.

Lembrou-se, então, do seu gado, a nutrida ponta de garrotes rijos, todos de fama, reviradores de mata, catingueiros sabidos. Eh! Bichos... boiadazinha de fiança aquela! Quando era para tocar aquele tumulto, que de sustos na gente da redondeza e quanto arrojo da rapaziada limpa. Aquilo é que era! Arranca daqui, bem estribado, investe dali, espera de frente, ferra, atropela, arriba e larga na carreira solta por matos e gargantas, sustenta o choque do bicho, com a vara feia à carranca e toca! Eh! Boi... E mete no bando e vira. Agora a toada, e lá vai no passo miúdo dentro do pó dourado estrada fora, rompendo o caminho, com a alegria das frautas<sup>52</sup> e o descante<sup>53</sup> bravo da parceirada.

Voltou-se no catre e, enrugando a fronte, pensando, de novo, na mulata arisca, atirou um murro à parede, esfarelado o adobe:

— Deixa-te estar, mocambeira<sup>54</sup>... só se eu não me levantar desta cama. Não, que não sou poaia<sup>55</sup> como o outro que você trazia minguado, chorando no rasto do teu vestido. Comigo ou é ou não é: no prato em que eu como ninguém bota a mão, isso nem que Deus mande. Nós havemos de ver. Esticou-se no catre cruzando as pernas, com os braços por baixo da cabeça, imóvel. Ardiam-lhe os olhos - fechou-os em modorra, mas despertou subitamente sobressaltado com um pesadelo - ia rolando por um desfiladeiro de rochas escarpadas, ferindo-se nas arestas agudas das pedras, para um escuro e profundo abismo. Respirou ansiado e

<sup>52</sup> O mesmo que flauta.

<sup>53</sup> Cantiga popular; desafio entre cantadores.

<sup>54</sup> Pessoa que se abriga ou habita um mocambo, tapera.

<sup>55</sup> Sem graça, insípido.

acalmava-se quando um berro o fez estremecer - era a vaca saudosa na caiçara da colina.

## V

Esse mugido lúgubre, isolado na tranquilidade do silêncio, impressionou-o, bem que ele soubesse de onde vinha e conhecesse como ninguém, a *Fula*, que fora metida num cercado, longe dos bois e dos novilhos que ela varava a cornadas terríveis quando estava de cria e os apanhava ao alcance do seu chifre fino e reto, tão temido e celebrado que até entrava nas trovas dos campeiros da casa. Ele bem sabia que era a *Fula*, sozinha e triste, que mugia na prisão com saudade do bezerro, mas, certo pressentimento, as últimas palavras de Lucinda: "É melhor que você reze por mãe Dina que hoje faz um ano de morta..." encheram-no de apreensões, filhas de um terror secreto. Temia as sombras, o mesmo sarrido<sup>56</sup> da sua respiração augusta fazia-lhe medo. Teve ímpetos de fugir, de saltar do catre para o monte, descer até a primeira senzala onde houvesse gente, vozes, rumor de vida, enfim. E, apesar de todos os esforços que fez para por cobro aos assaltos pávidos do medo, para desviar os pensamentos sinistros, pôs-se a recapitular fatos de muito tempo sucessivamente, continuamente, tendo de todos a visão exata, a impressão perfeita como se retrocedesse no tempo, voltando a viver a mesma vida extinta, não na ilusão de um sonho, mas com a intensa sensação de uma realidade visível.

Fechou os olhos, cobriu a cabeça, mas na sombra asfixiante e morna, surgiu primeiro Albina: uma rapariguinha de nove anos, magra, doentia, de olhos tristes e úmidos, rojada<sup>57</sup> pelo seu braço forte à beira d'água, na areia, entre os cajueiros, a gemer, maculada de sangue, com as duas mãozinhas no ventre nu, exposto à lua, num abandono doloroso, depois de uma luta em defesa do seu pudor e da sua virgindade enferma, sem socorro, num ermo sombrio, enquanto ao longe os negros, em samba, batucavam com estrupido rouco nos túmidos tambus<sup>58</sup>.

Estremeceu, sacudiu as cobertas como para enxotar a visão e percorreu o quarto todo com um lance de olhos, alucinado, febril, murmurando nervosamente: "Diabo! Diabo!"

---

<sup>56</sup> Respiração ruidosa do moribundo.

<sup>57</sup> Arrastada.

<sup>58</sup> Instrumento musical, espécie de tambor.

Da zoadada do vento que vergava os ramos, partiam silvos como se demônios aéreos andassem pelos tufões, aos rebolos, dançando a ronda gnômica da noite e no sapê do teto, para aumentar-lhe ainda mais o pavor, corriam e guinchavam timbus.

Um nome foi, aos poucos, subindo aos seus lábios e impôs-se com a violência das cheias escachoando<sup>59</sup> nas represas; ele resistia fugindo a pronunciá-lo, mas baldado foi o esforço - o nome saiu-lhe da boca, involuntário como suspiro: "Mãe Dina!"

Torceu-se de ódio e esmurrou desesperadamente a parede num acesso de indignação contra o seu espírito fraco. Forçou a coragem, tentou chamar o ânimo, mas abateu no terror, vencido, inerte, cheio de recordações, qual delas mais trágica. Incoercível, latente, o nome fatal ralava-lhe a alma como o eco de uma maldição. Súbitos tremores sacudiam-no em arrepios e os olhos, muito abertos, anuviados de assombro, ardiam fosforejantes como as pupilas dos tigres.

A vela gasta tremia no gargalo da garrafa alimentada por um pouco de carnaúba que escorria em lágrima escura para o bojo e do bojo ao chão; a chama crepitava estertorando. A claridade oscilava numa intermitência de relâmpagos e sombras; nos cantos a penumbra ia-se tornando carregada. As roupas, estendidas nas cordas, bailavam e as suas silhuetas estampadas nos muros, tomavam formas extravagantes de espectros bizarros - uns de braços pendentes, caídos bambos para a terra como se fossem mergulhar em túmulos, outros agitando pernas em estrebuchamentos de morte; e o baú alargava uma grande mancha ferrugínea que vinha até o leito como a invasão da treva chegando aos poucos, lenta traidora.

E "Mãe Dina! Mãe Dina!" sempre como um remorso.

Subitamente, enterrando o rosto nas esteiras, com os braços pela cabeça, o ventre na palha do leito, Raimundo, sem poder evitar a recapitulação tenebrosa, viu distintamente todo o seu negro crime:

No arrozal verde gaió<sup>60</sup>, junto de um pântano onde as jias moles, de olhos esbugalhados, gozavam o sol, entre as ervas floridas, a negra, sentada, com a sua colheita de inhame, a cabeça nua, ao sol, fumava melancolicamente com os olhos perdidos no horizonte esbraseado que rematava aquela campina rasa, ponteada de

---

<sup>59</sup> Despejando-se com violência.

<sup>60</sup> Alegre.

toros adustos, de onde o vento levantava nuvens pardas de cinzas que restavam das queimadas de agosto.

Errando ao acaso pela vizinhança do pasto onde os seus bois, abochornados<sup>61</sup> pelo calor do meio-dia sufocante, ruminavam deitados num silêncio, e numa imobilidade de tela, Raimundo, que andava à cata de amores rondando os tejupás<sup>62</sup> da roça, deu de frente com a velha.

— Bênção, Mãe Dina!

Levantando a cabeça enrolada em um pano de riscado, à maneira de trunfa, a negra cruzou no ar a bênção e cuspidando para um lado, resmoneou:

— Bênção de Deus!

Raimundo, de pé diante dela, interrogou-a sobre seus negócios perguntando com interesse pela criação e pela cultura da sua roça de milho. A velha desceu o olhar dizendo:

— Vai como Deus quer...

— Vosmecê como o que tem, mãe, podia viver descansada, se quisesse. Pagava a nossa liberdade e íamos trabalhar juntos num canto qualquer. Vosmecê sabe: não há trabalho que me faça medo. Com o que sei fazia uma casinha para nós dois e, em pouco tempo, podíamos ter com que passar os dias.

A velha conservou-se imóvel.

—Tenho um conhecido que se ofereceu para tratar da minha liberdade...

Falo com ele sobre vosmecê. Se vosmecê quiser...?

Dina, calma, sempre a fumar o seu pito, sacudiu a cabeça negativamente.

— Por quê? Mas vosmecê não pensa em deixar esta sina de cativoiro?

— Nasci assim! Disse com acento doloroso, erguendo os ombros.

— Mas olhe que a velhice está aí. Vosmecê já não pode com o cabo de uma enxada.

— Quem? Exclamou com arrogância. Ainda não pedi a ninguém para fazer a minha tarefa.

— Mas não é melhor que a gente trabalhe para nós? Não é melhor ser livre?

— Ora! Há muito cativo no mundo de Deus...

---

<sup>61</sup> Abafados.

<sup>62</sup> Palhoça que serve de abrigo a trabalhadores.



— Se há é que nenhum pode fazer como vosmecê, se quisesse... Os outros não têm posses.

— E eu? ... Que é que eu tenho? Trapos.

— E dinheiro. Concluiu o filho.

A negra abriu muito os olhos num pavor de usurária e, franzindo a fronte, encarou Raimundo:

— Dinheiro! Ah! Eu tenho dinheiro? Pois sim... E serenamente: — melhor para mim. Se tenho é meu.

— E meu, que sou seu filho.

— Ahn! Meu filho!...Tu!? E sorriu com amargura. — Meu filho por causa do dinheiro, mas para vir à roça comigo ao sol e à chuva você não é meu filho. Para cuidar de mim quando adoecer, para me trazer um caldo quando o mal me atira no fundo de uma cama, para me acompanhar quando gemo só, sem alguém que me acuda, você não é meu filho. Para roubar... Para roubar é que você é.

— Roubar, não, porque se eu quisesse já tinha feito.

— Isso sei eu. Negro da tua laia é capaz de tudo. Ainda não esqueci o murro que você me deu... Mas se há Deus no céu...

— Ora, aí vem vosmecê com os seus ditos. O melhor é decidir de uma vez. Quer ou não quer?

— O quê, rapaz? Dar dinheiro? Não! Já disse.

Raimundo sofreu um movimento de cólera, trincou o beijo grosso e pôs-se a andar de um lado para outro como uma fera em jaula, furando a terra úmida com o ferrão do cajado. Dina, indiferente, ergueu-se e, de costas para o filho, começou a fazer molhos de inhame para carregá-los. Raimundo, que desconfiava de que ela trazia sempre o dinheiro consigo, ficou a examiná-la, procurando descobrir o esconderijo da fortuna tão avidamente desejada, quando viu uma pequena bolsa que lhe pendia do pescoço, presa por um cordel. Mirou-a muito com olhar cúvido<sup>63</sup> e, não podendo furtar-se à ânsia que o dominava, atirou-se à velha de chofre, num bote de tigre e, rápido, dando repetidos empuxões ao cordel, rebentou-o violentamente. A negra soltou um grito e, com uma volta brusca, agarrou-se às pernas do filho, mordendo com as gengivas, rosnando rouca e em fúria: "Larga, ladrão! Larga, ladrão!"

---

<sup>63</sup> Cobiçoso.

Raimundo debatia-se procurando libertar-se, com a bolsa sempre fechada na mão, com medo de perdê-la: "Sai! Sai!" E sacudia-se na pressão nervosa dos dois braços maternos que o mantinham inerte, como num tronco de ferro. Num impulso mais forte conseguiu safar uma perna e, alucinado, em ódio, atirou um pontapé que apanhou a negra em pleno peito, arrancando-lhe um gemido cavo<sup>64</sup>.

Ela ainda ergueu-se tonta, ele, porém, recuando, brandiu<sup>65</sup> o ipê e vibrou uma bordoadada em cheio no crânio nu, porque a trunfa<sup>66</sup>, que se desenrolara durante a luta, deixara-o descoberto.

O corpo abateu com estremecimentos. Num arranco, num impulso de vida, quase se ajoelhou, mas vergou de novo até a borda do pântano e rolou mergulhando, na água verde e turva onde as jias afundaram.

Raimundo deitara a correr aterrado mas, numa angústia suprema, voltou-se e quis ver: borbulhas de sangue subiam à tona da água, o corpo, meio em mergulho, meio em terra, inteiriçara-se, as pernas nuas, esqueléticas, tremiam na erva e um braço hirto, fugindo de entre as folhas aquáticas, agitava uma mão seca, espalmada, com os dedos apartados, a tremerem também, lançando ao ar mudo e à consciência do assassino uma sentença ou um perdão piedoso.

Não pôde olhar mais. Fugiu para junto dos bois e no verde campo, na paz singela e bucólica, quebrada pelo vagaroso e surdo mugir de algum touro, examinou o seu roubo - era um escapulário, continha rezas. De raiva, então, ou com remorso, desatou a chorar com a cabeça entalada entre os joelhos enquanto os carreiros cruzavam as estradas longínquas, pondo na monótona e inquebrantável tranquilidade meridiana, toadas sentimentais de cantilenas<sup>67</sup>.

O crime foi atribuído aos ciganos - horda nômade que infestava o sertão, saqueando os paióis e os currais, assaltando as cabanas e até roubando crianças para malefícios, como diziam os caboclos.

Ele mesmo retirou o corpo da água, não sem tremer ao dar com os olhos na fratura do crânio da velha, muito aberta, de onde escorria uma pasta mole, brancacenta, com estrias de sangue. Enterrou-a junto do pântano, floriu o túmulo à maneira indígena e fincou com suas próprias mãos a triste cruz da saudade. Mas nunca! Nunca mais pôde esquecer o gesto da morta que lhe ficou na lembrança

---

<sup>64</sup> Profundo.

<sup>65</sup> Ergueu

<sup>66</sup> Espécie de turbante.

<sup>67</sup> Canção breve, simples e delicada; poema curto.

sempre, como uma praga vingadora que ela não pudera soltar porque a água verde enchera logo sua boca raivosa. E nunca conseguiu saber que vingança a velha negra pedira aos céus e a Deus naquele gesto hirto, exalando, ao coaxar dos sapos verdes, com a boca nas raízes das ervas podres, a sua alma supliciada pela maternidade e pela escravidão.

## VI

Com essa recordação trágica, revolvendo na alma todo o seu passado sombrio, Raimundo não conseguia aquietar-se. Irritavam-se-lhe os nervos, encheu-se-lhe o coração de sobressaltos. Parecia-lhe que de todos os lados bocas invisíveis soltavam gemidos abafados e que as sombras das roupas que pendiam das cordas, movendo-se nos muros, cresciam desmesuradamente, aproximando-se com o silêncio, com a leveza sutil das coisas fantásticas. Os olhos do enfermo não se podiam arredar da porta, fitos, secos, fuzilantes, magnetizados pelo terror. O coração precipitava os movimentos e os membros, em uma frouxidão de covardia, lassos, estirados, pareciam presos nos liames de uma anquilose<sup>68</sup> súbita.

Um ímpeto de força nervosa fê-lo sentar-se; correu a vista atônita, apavorada, por todo o recinto, com anseios de asfixia, apoiado às mãos, tremendo como se o agitasse um fluído; outro impulso atirou-o ao leito com a brutalidade de um empurrão violento.

Subitamente caiu uma grande sombra. A vela extinguiu-se de súbito e, por todas as frinchas do teto, pelos interstícios do sapê, pelas aberturas da taipa dos muros, entraram raios e nimbos<sup>69</sup> da lua da meia-noite. A alma clara do silêncio invadira o aposento estriando a treva de palores, tornando-a mais lúgubre com a sua tatuagem diáfana. A calma pairava; os próprios grilos domésticos, surpreendidos pela invasão tenebrosa e pela visita triste do luar, calaram-se. O enfermo sentiu-se mais isolado ainda.

As visões começaram a surgir como se lhe subissem do coração em tumulto, precipitando-se, atropelando-se num revolteio satânico. Eram lumes errantes que flamejavam no escuro, fulvos, vivos como os pirilampos: abriam-se em

---

<sup>68</sup> Imobilidade.

<sup>69</sup> Nuvem cinzenta e espessa.

halos, retraíam-se e desapareciam repentinamente. Eram manchas, mais negras do que a própria treva, voando como enormes vampiros de um para outro ponto, alongando asas bífidas<sup>70</sup> e, de momento a momento, num trino crebo<sup>71</sup>, um grilo cantava. No ar espesso havia um frêmito de voos. Incerto e trêmulo, vacilando como ébrio, Raimundo ergueu-se do leito, descalço, arrepiado; abriu os braços e, às apalpadelas, cego no horror da sombra, foi experimentar a porta a ver se estava bem fechada, assaltado pela ideia de uma visita de bruxas.

De pé, no meio do quarto, seminu, arrastando o lençol branco, tiritava gelado, suando frio como se estivesse sobre um campo de neve fustigado por um vento glacial. Sentia uma estranha sensação de abandono. O terror crispava-o e interiormente, como se o seu espírito tremesse, corriam, coriscavam frêmitos de assombro.

Colou o ouvido à porta, arfando, e percebeu distintamente ânsia de um soluço - talvez o vento soprando ao longe nos penachos de bambu, talvez a água do rio rolando estuosa por entre as penhas. Deteve-se contido, sem pestanejar sequer, vergado, as mãos nos joelhos, a cabeça encostada à porta como que auscultando a palpitação da noite e ouviu o estrepido rápido e ríspido da tritura de maxilas, dentes secos trepidando numa estralada infrene.

Empinou-se abrupto; a boca escancarada em hiato, o olhar gázeo<sup>72</sup> e turvo, apalpando o escuro, titubeante e trôpego. Quis recuar, mas um poder estranho soldou-o ao posto horrível. Transido<sup>73</sup> de pavor, foi involuntariamente derreando o busto e, de novo, encostou o ouvido à porta: o rilhar dos dentes aumentava, mandíbulas matraqueavam e, de vez em vez, a madeira rangia, estalava à pressão dos dentes que a trincavam. E, enchendo o silêncio, o áspero roque-roque espectral crescia assombroso e terrível. Foi tão violento o pavor que o negro abateu pesadamente, rolando sobre um monte de panos úmidos que atulhavam um canto do quarto e, agachado, com o rosto na terra, pôs-se a espiar pela aberta da soleira da porta tentando descobrir o vulto do duende que errava pelos campos com tamanho estridor.

Nada viu; mas de um salto, arrastando todos os trapos que encontrou ao alcance dos dedos crispados, pôs-se a calafetar as fendas, abafando a luz para que

---

<sup>70</sup> Dividas em duas partes.

<sup>71</sup> Repetitivo.

<sup>72</sup> Esverdeado ou verde-azulado.

<sup>73</sup> Tomado de, dominado.

também o lâmore não conseguisse passagem. Mas o ruído crescia forte, estrupidamente, célere, igual ao que seus dentes faziam, na convulsão da febre que lhe voltara.

Fortificado, esperou, de cócoras, com as duas mãos à porta, opondo resistência aos empurrões da ossada perseguidora. Debalde porém: seus pulsos enfraqueciam, o suor pingava em grossas gotas perenes, faltava-lhe o ar, os joelhos curvavam-se trêmulos, moles, e recuando, sempre com os braços estendidos, num gesto duro de repulsa, a boca escancarada, os olhos paralisados, caiu de costas, soltando, num suspiro estremecido, o nome da assassinada: "Mãe Dina!"

Foi como um apelo. A porta frágil estalou; mais forte rangeram os dentes, seguidos de um estralejar de ossada tripudiante. Raimundo ergueu-se medroso e feroz; encostou-se à porta, firmando-se nas pernas retesadas, os cotovelos fincados resistentemente. Tudo era em vão: a madeira fendia-se quase sem bulha<sup>74</sup>, como desfazendo-se – foi caindo aos poucos, tábua por tábua, roída pelos dentes que batiam sempre, até que nada mais houve e o céu e o campo, iluminados opalicamente, ficaram defronte adormecidos num sono tranquilo, ao luar.

À claridade fria da grande lua, Raimundo viu, emoldurada pela porta, coberta de algas e de jias coaxantes, a boca gotejando a água podre do pântano, toda enroscada de ervas, o crânio fendido, a tirar lentamente, com os ossos dos dedos, partículas de miolos roxos e rãs pequeninas, verdes, de olhos fosforescentes, Mãe Dina, a morta, com um braço erguido, hirto, os dedos apartados num gesto terrível de ameaça. Um grito formidável atroou a noite serena. A aparição quieta, sempre a esmigalhar miolos na ossaria amarela dos dedos, acendia, de vem quando, nas órbitas escuras, o fulgor de dois fogos fátuos. De momento a momento os dentes nus rangiam e os sapos que a cercavam, como se ela fosse a deusa lutulenta<sup>75</sup> dos paúes<sup>76</sup>, coaxavam arrastando-se pela terra ou aos saltos, com um bater oco dos ventres, em torno dos ossos dos seus tábidos<sup>77</sup> pés.

Raimundo, ao fundo do quarto, agitado por tremuras, caído de encontro ao muro, procurava pela parede o seu facão de mato ou o seu forte cajado de ponta de lança, mas a sua mão incerta apenas encontrava os farrapos pendentes. Os sapos, aos pulos, invadiam o interior, espalhando um fosforejar túbio de chama tumbal.

---

<sup>74</sup> Ruído, barulho.

<sup>75</sup> Lamacenta, lodosa.

<sup>76</sup> Brejos, alagadiços.

<sup>77</sup> Podres, em decomposição.

Raimundo sentia já pelos seus pés arrastarem-se as jias viscosas, outras, esparrimadas, fitavam-no com os bugalhos dos olhos. Ergueu a cabeça com ânsia e no céu grande, calmo, bordado de astros como um mapa suspenso dos mundos luminosos, as estrelas deformavam-se esverdeando-se e, de repente, saltando de um para outro ponto, chatas, repugnantes, semelhando rãs, espalharam pela tranquila noite luminosa um sidéreo coaxo soturno.

A avantesma<sup>78</sup> aliciara todos os elementos da noite para um apocalipse de morte. Os astros puros concorriam, todo o céu cedera o seu contingente fulcite<sup>79</sup> para o *sabbat*<sup>80</sup>. As estrelas descreviam parábolas terríveis cortando a sombra de sulcos lampejantes; nuvens de formas bizarras, pandas, varriam o espaço como uma rolda de bruxas, precedidas por um *cumulus*<sup>81</sup> tetérrimo, do feitio de um barco, de onde saltavam estrelas coaxando. O próprio vento, que a princípio amainara, soprava com estrupido derreando os ramos e dando vozes a toda a vegetação sombria que ululava pavorosamente. Raimundo, terrificado, encantoou-se, mas as suas mãos não cessavam de arranhar a parede; bambaleava-se com urros surdos.

Estremeceu. Na sombra tinira um ferro...Subitamente, num salto de tigre, achou-se no meio do quarto, firme, os dentes cerrados, empunhando o seu grande e largo facão de mato. O olhar imóvel desafiava o esqueleto impassível e o braço armado agitava-se nervosamente fazendo reluzir a lâmina afiada...Mãe Dina adiantou-se com um chocalhar de ossada. Ao passar do vento, os panos que lhe cobriam os ossos espadanavam e, às rajadas mais violentas, voavam farrapos negros para a noite. O assombro guardava um resto de pudor: com os dedos ajustava os trapos, encolhendo-se bem para que os olhos do filho não vissem a nudez do arcabouço, mas tinha de abandonar os panos para alimpar o crânio das pastas de miolos que escorriam da fratura hiante.

Outro passo da morta: acharam-se frente a frente. Raimundo não hesitou: deu um salto, o braço erguido, caiu de ímpeto sobre a ossada e, com rugidos ferozes, os beiços brancos de espuma, cravou-lhe repetidas vezes o facão no peito aberto, arrepiando-se, recuando quando a lâmina rangia nas costelas terrosas.

---

<sup>78</sup> Figura fantasmagórica.

<sup>79</sup> Palavra latina que significa segurar ou sustentar. Firmamento.

<sup>80</sup> Reunião de bruxos e bruxas à meia-noite de sábado, na tradição medieval.

<sup>81</sup> Nuvem de contornos nítidos, formada em baixas altitudes.

Mãe Dina defendia-se ameaçando-o com as mandíbulas que tatalavam<sup>82</sup> macabramente e, de uma vez, conseguindo apanhar-lhe o pulso, cravou-lhe os dentes com fúria, retalhando os músculos.

Raimundo soltou um grito abafado e, de um pulo, ganhou a claridade, baixou os olhos para examinar a ferida e, à luz da lua, descobriu, com horror, na chaga gotejante, um refterver de vermes moles.

Repugnância a princípio, nojo depois, asco e, num crescendo rápido - o pavor. Arrepiava-se vendo multiplicarem-se fervilhando, como em chaga de gado, as varejeiras da Morte. Sacudia-as com movimentos trêmulos e precipitados, umas caíam, outras vinham em rosca, a pino, coleando, moles, lisas, úmidas, borbulhando do laivo em sangue como lesmas saindo de uma fenda.

Seu rosto transfigurado contraiu-se num ríctus<sup>83</sup> disforme e foi a mais e mais até a convulsão de toda a fisionomia: enrijou-se, trincando os dentes, a cabeça quase enterrada no tronco, numa deformidade de múmia. Olhava idiota, desvairado, com um solavanco de todo o peito. De repente, rompeu a chorar sem lágrimas, soluços, soluços secos e caiu de joelhos, ficou depois de gatinhas como um batráquio<sup>84</sup>, firmou-se, quis erguer-se, mas rolou de flanco numa estúpida inércia, rosnando: "Minha mãe! Minha mãe!"

Uma ideia gerou-se-lhe no espírito: - Mãe Dina queria-o para o túmulo, queria-o para o seu canto de terra, junto do pântano verde. Enterrado vivo! E, como se a cova se fosse, aos poucos, fechando sobre seu corpo, sentia a longa e pesada dispineia das asfixias e nem ar para fazer um grito! Nem ar para dar vida a uma palavra de misericórdia!

O terror reanimou-o. A traiçoeira perfídia sugeriu-lhe um meio de defesa violento e forte; era o derradeiro esforço que ia tentar. Moveu-se e foi, quase de rojo, caminhando de pés e mãos como os símios, lento, lento, até junto do esqueleto. Estacou mirando-o; ergueu-se de improviso, abraçou-se com a ossada, apertou-a, apertou-a como se a quisesse esmigalhar, sem sentir a cisura dos ossos que se lhe enterravam pelas carnes do peito, rasgando-o, furando-o, como punhais agudos.

As forças abandonaram-no - ainda assim pôde sustentar a luta algum tempo, alentado pelo terror, com a bravura do desespero. Quando deu por si estava fora,

---

<sup>82</sup> Produziam um som como de ossos que se entrechocam.

<sup>83</sup> Expressão de sorriso que aparece em cadáveres.

<sup>84</sup> Relativo a rãs ou sapos, ou que tem seus característicos.

entre as árvores, longe alguns passos da cabana, em meio do planalto. Quis recuar, mas o esqueleto, que lhe enterrava os ossos no corpo, não se desprendia. A dor do sofrimento arrancava-lhe rugidos e a ossada impassível, com os dentes podres, quase colados a sua boca, com os braços passados pelo seu pescoço, retinha-o, atraía-o.

Num assomo, levantou os olhos para o céu, chamando em seu socorro Nosso Senhor Jesus. Curvou-se como para ajoelhar-se, mas não pôde e, vencido pela desesperança, abalado, quis enternecer o espectro com palavras meigas e implorações piedosas, mas o esqueleto, longe de perdoar, irritou-se cravando-lhe os dedos acúleos<sup>85</sup> na garganta. Alucinado, então, deitou a correr pela vertente abaixo, nu, crispado, indômito, com uma velocidade de energúmeno, arrastando a ossada tranco a tranco pelas pedras.

Debalde escancelava a boca para gritar - o crânio inclinava-se e o seu grito era sufocado pela pressão das maxilas cheias de vermes.

Corria, corria sempre, saltando vales, metendo-se pelos coivaraís onde era mais espessa a treva, subindo escarpas com agilidade prodigiosa. Às vezes, a terra mole e fofa das rampas fugia-lhe sob os pés em roldões, entretanto, as suas pernas rígidas não estremeciam, não vergavam sequer e ele seguia por diante atolando os pés, jogando os braços, numa fuga ansiada, arrastando, como uma grilheta<sup>86</sup>, o esqueleto trágico.

## VII

As senzalas dormiam. Pairava um calmo silêncio. Por vezes, as lufadas do vento traziam uma passageira zoada e fugiam levando por diante o rumor florestal. Num recôncavo, entre rochas, morria um fogo triste.

Raimundo, acossado pelo assombro, atravessava os caminhos sem dar por eles, como se os não conhecesse, tão atordoado tinha o espírito. Seguia sempre a fugir, sem pausa, ofegando, e assim foi que se achou em meio do pasto raso, na

---

<sup>85</sup> Pontiagudos.

<sup>86</sup> Grande anel de ferro, na extremidade de uma corrente do mesmo metal, a que se prendiam os condenados a trabalhos forçados



extensa várzea seca onde os prófugos<sup>87</sup> rebanhos desfilavam e tresmalhados corriam ao sol com um alto e dorido balar de ovelhas, respondido, de tempo a tempo, pela voz possante dos touros, que de além, de outro pasto, longamente mugiam. Àquela hora, porém, a campina deserta não reboava com o tumulto do tropel das patas – era vastidão e soledade, apenas os grilos cantavam na erva e o acauã<sup>88</sup> tristonho, oculto entre os cajueiros, de espaço em espaço, gemia.

Raimundo ganhara a planície e fugia aos galões como um garrano batido, sem destino, arquejante e frouxo. De repente, porém, ante seus olhos uma sombra partiu num arranco brusco, mas sem grande alcance, porque no mesmo instante quase um surdo relincho quebrou o sossego do escampo e a terra ecoou com o patear insofrido de um animal que se debatia, emaranhado num capão de mato, perto de um tijucal que reluzia à lua. Era um potro. Espantado partiu aos trancos, pinoteando, jogando coices, volteando assustado. Raimundo, que recuara tomado de pânico, reconhecendo o animal, adiantou-se e ficou à distância vendo-o debater-se, procurando, a violentos safanões, rebentar a corda que o prendia a um toro que mal saía à flor da terra. Deixou-o correr, mas de repente, tomado de uma ideia estranha, pôs-se à espreita, em atitude de assalto e, mal o viu estacar, os jarretes rijos, a cabeça alta, as ventas dilatadas, farejando desconfiado o ar da noite, arrojou-se-lhe à frente num salto intrépido, lançou-lhe as mãos às crinas e, de um só golpe do facão, cortou a embira tesa, saltou para o dorso, escarranchou-se cravando os calcanhares no ventre do animal, que volteou nas patas traseiras, ficando de pé, firme, brandindo as mãos em equilíbrio, mas o cavaleiro, peão dos bravos, o melhor, talvez, de toda a cercania, deixou-se estar seguro e imóvel sobre o pelo liso e escorreito do bicho, domando-o à força de o repuxar pelas crinas e de lhe torcer as orelhas hirtas.

O animal abateu sobre as patas, recuou até tocar a terra com a anca e partiu num arrojo feroz para corcovear de novo, ora de flanco, ora aos galões, relinchando surdamente até que, vencido e acuado pelos gritos selvagens do cavaleiro, estirou o pescoço rijo e arrancou em velocíssima desfilada através do campo alvo e deserto, varando o ar que silvava aos ouvidos de Raimundo com uma zoeira ríspida. E tanto quanto os rijos músculos podiam, o animal distendia-os em vertiginosa corrida –

---

<sup>87</sup> Errantes.

<sup>88</sup> Ave de rapina, espécie de gavião, que ataca os ofídios.

rente da terra, quase roçando com o ventre pelas rasteiras sensitivas do campo que esmoreciam.

O negro, na fúria de açular o potro, esquecera o horror da companhia. Tinha dentro da alma o terror, mas a grande esperança dos transe aflitivos dizia-lhe que da sua fuga por longos caminhos arredados dependia a salvação do seu corpo e nem quis voltar o rosto para evitar que os olhos encontrassem de novo a caveira sinistra, mas a um salto impetuoso do animal o ruído estalidante dos ossos abalados fê-lo involuntariamente volver o olhar e viu em toda a sua hediondez o trasgo<sup>89</sup> pavoroso à garupa, batendo as maxilas, com as órbitas alumiadas por um fogo cêrulo que minguava e refulgia como o lume dos pirilampos na escuridão das noites sem estrelas.

“Epa! Epa!” Bradou deitando-se a fio comprido e gritando quase ao ouvido do animal: “Epa! Epa!” E atrás, na anca, estalidava a ossaria implacável.

O campo ficara longe e já começava a mata com seus altos jequitibás e todo o seu versudo arvoredado. O caminho apertava-se multiplicando-se em carreiros, veredas, azinhagas tortuosas, trilhos de mocambeiros, picadas estreitas seguindo para diferentes pontos da grande e espessa floresta virgem de além rio, na orla intrincada da serra.

Um outro raio de lua, atravessando as copadas frondes, caía em língua oblíqua sobre o solo todo juncado de folhas secas onde os passos estalavam e lá pelo interior, no recesso silvestre, não longe, andavam aos pares bestas bravias no idílio que, segundo é crença, fazem todas, principalmente as sussuaranas carniceiras nos tempos dos claros luares, que é o tempo do amor e da volúpia entre as feras.

Raimundo torceu o rumo ao animal e guiou-o para a planície, caminho das habitações e excitando-o: “Epa! Epa!” Brandia o facão diante dos seus olhos rútilos, saltados, fazendo faiscar a lâmina.

O potro arquejava, ainda assim ganhou, em pouco, grande distância através dos ásperos e rudes desvãos da campina plana e parda, fofa e movediça, um cineral por onde passara a chama devastadora das queimadas, deixando apenas, aqui e ali, espetado no solo, um toro curto, adusto, meio carbonizado e milhares, milhares de árvores tombadas no chão torrado, negras, frias, prostradas – uma só, alta e forte,

---

<sup>89</sup> Aparição fantástica.

tostada e nua subsistia de pé, esgalhada, sinistramente negra como o espectro hirto da extinta floresta verde, velando melancolicamente na desolada soledade de uma necrópole de troncos.

O potro exausto cedia pouco a pouco ao desfalecimento. As pernas fortes, os duros jarretes de estalão criado em vastas planícies percorridas a galope duas e mais vezes ao sol dos dias abrasados, bambeavam, tremiam; ia cedendo. Caíra em galopes, aos arrancos, com um surdo arquejo que lhe subia rouco do largo peito gotejante. De vez em quando as suas patas tropeçavam em saliências de raízes, e por pouco não arriava sobre a areia, mas o cavaleiro repuxava-lhe as crinas, torcia-as gritando-lhe em repetido gorgorejo rouco: “Aôo! Aôo!” Entrava a trotar frouxo, zigzagueando, sacudido de tremores, escorrendo em suor, a boca aberta, babando espuma, as narinas largas, dilatadas, palpitantes, insuflando sôfregas.

Raimundo, compreendendo que era mister correr, correr sempre até que o sol nascesse, pôs-se a bramar como um possesso, mas debalde: o animal, estafado da corrida louca por planos e barrancos, pelas areias fofas dos leitos dos rios secos, pelos pedregais e pelo tijuco<sup>90</sup> peganhento das ipueiras<sup>91</sup>, não resistia mais – ia às tontas, abalando a cabeça, com regougos, num passo incerto e trêmulo, cansado. Foi então que o negro, desesperado, sentindo-se ainda presa do horrendo pesadelo, vibrou o facão e cravou-o na anca do animal. Triniu um relincho dorido e o cavalo, em quatro pulos altos, agitando nervosamente a cabeça, rolando os olhos, enveredou por um caminho de silvas<sup>92</sup>, sob uma abóbada de ramos, atravessou-o em desfilada com um farfalhar de folhas e de galhos que vergavam e ganhou o campo, as terras cultivadas, perto do casario do sítio.

Súbito estacou. Tremia todo: a cabeça, ora alta, ora baixa, não parava, num movimento aflito; escorria-lhe do focinho uma grossa baba. Um joelho dobrou-se logo retesando, hirto: deu dois passos tardos e lentos, parou e foi curvando as pernas dianteiras, agachando-se, a tremer, aos bufos.

Raimundo estugou-o com ambos os calcanhares, abriu-lhe nova ferida na anca: o sangue jorrou em borbotões negros. O animal soltou um relincho fraco, agitou-se em um derradeiro esforço, mas não conseguiu senão arrastar-se. Bateu com o peito contra a terra duas vezes e, por fim, esticando o pescoço com um

---

<sup>90</sup> Atoleiro.

<sup>91</sup> Banhado charco que se forma em lugares baixos, devido às enchentes dos rios.

<sup>92</sup> Arbusto rosáceo espinhoso.

ansiado regougo, rolou de flanco, com o olhar vítreo voltado para o céu: abriu duas vezes a boca, agitando a cabeça e abateu. Entrou a estrebuchar, foram-se-lhe enrijando os membros em uma anquilose súbita. Soergueu um pouco a cabeça, um jato de espuma embranqueceu-lhe os beiços, um frêmito percorreu-o todo até a cauda, por fim a cabeça tombou.

Raimundo, que saltara logo aos primeiros tropeços do animal moribundo, mirou-o indiferente; de repente voltou-se num giro brusco, bracejando como para enxotar uma perseguição, meio tonto, desequilibrado e caiu de costas. Os olhos abriram-se-lhe diante do céu de um leve azul macio e fresco, carminado para as bandas da serra em nesgas sanguíneas. E sorriu não vendo mais o esqueleto que a madrugada enxotara par ao túmulo.

Estrelas murchavam como flores e a lua pálida esmaecia, quase confundida com o céu, que parecia meio embaciado por uma névoa tênue como a pulverização do orvalho.

A paisagem esclarecia-se, toda verde, menos para as bandas da serra, que era de um azul forte, onde se destacavam os pingos amarelos das flores das piuveiras e as folhas claras das embaúbas.

O rio era como uma larga, extensa estrada de cristal por entre cajueiros, tão serenas corriam as águas, de uma límpida beleza que toda a orla de árvores nelas se revia e reproduzia sem o friso mais leve. Garças, alvíssimas, partiam em bandos com rumor de asas claras e subiam em demanda dos ares, como uma leva de pequeninos anjos. Dos colmados evolava-se por diversos pontos um fumo tênue e alto no espaço, urubus circulavam.

Raimundo sentia-se num bem estar de convalescença. Sentou-se com as mãos nas pernas, os olhos ao longe, pensativamente. O sol subia maravilhoso, com um esplendor de triunfo e o negro, como se nunca tivesse visto uma madrugada, olhava extasiado. Dos louros milhos voavam, chalrando, nuvens de periquitos e os rinchos agudíssimos dos carros que partiam juntavam ao rumorejo matinal a nota dos seus eixos, primitiva, antiga como a primeira jornada da família humana. O céu, para o ocidente, meio encardido pela bruma, ia aos poucos tomando o seu azul fulgurante, sem o menor laivo de nuvem. Não longe, num estreito caminho margeado de mimosas, Estrada de Santa Cruz chamado, bifurcando-se: para a esquerda, rumo da vila, rumo da serra para a direita, levantou-se um rumor tumultuário. A espaços um berro de touro reboava, em pouco foi um tropel de cascos

batendo o solo seco a trote, em bolo. Bois apertados corriam chocando os chifres, aos pinotes, uns por baixo, outros pelos socalcos<sup>93</sup> das rampas, aos galões, picados pela vara dos campeiros. Raimundo abriu um sorriso idiota, ergueu-se e olhou: a boiada passava a uns cem passos. Dentre o estrupido do gado partiu uma voz esganiçada, falsete agudo, cantando com indolente e demorada música:

Serra, serra, serrador  
Não descansa de serrar...

Vozes gemeram em coro:

Serra, serra, serrador  
Não descansa de serrar...

E um grito: “oooh!” ecoou longamente pelas quebradas úmidas. Raimundo fez alguns passos trôpegos, a olhar sempre para os capoeirões ondulantes por onde passava a tropa e, recordando os seus dias de vaquejada, desferiu a cantiga do seu rancho:

Na rampa da encruzilhada  
Chora e geme a jaçanã  
Eu hei de chorar como ela  
Se te não vir amanhã

E parou. Novo espasmo agitou-o num calafrio violento, ainda assim arrepiado, trêmulo e bambo, repetiu a cantiga:

Na rampa da encruzilhada...

E pôs-se a andar em passo de ébrio, cambaleando, ora aos arrancos arrebatados como se o empurrassem, ora moroso a cabeça baixa. Parecia cego: ia de encontro às árvores, metia-se pelos alagadiços, chafurdando, indiferente, tranquilo, cantando sempre a mesma quadra triste.

---

<sup>93</sup> Plataforma, degrau mais elevado na terra.

De repente, estacou brandindo o largo facão ao sol da madrugada. Circulou um olhar vago e atemorizado: estava à borda de uma rampa íngreme, embaixo um pântano verde alumiava, para o longe estendiam-se as tábuas verdes empenachadas. À margem solitária e já coberta de erva miúda, uma cruz negra velava – dos braços pendiam-lhe corimbos de florinhas brancas como se o lenho fúnebre, cravado na terra úmida, tivesse revivido para nova florescência.

O assombrado ajoelhou-se, baixou a cabeça até encostar a base do queixo na terra e, assim de bruços, com o olhar fulvo, imóvel como o de um tigre acuado, ficou a mirar o pequeno símbolo religioso que santificava o ermo. Era ali o túmulo de mãe Dina; ali havia mergulhado o espectro. De repente, um bloco de terra desprendeuse e rolou pela ravina esfarinhando-se. O terreno frouxo, minado pelas formigas, cortado de antigos sulcos de enxurradas, esboroava-se. O negro teve então uma ideia sinistra para livrar-se da morta por todo o sempre: ajoelhou-se e agarrando a faca a mãos ambas pôs-se a cravá-la na terra, cavando e empurrando os torrões pela rampa, seguindo-os com o olhar ardente. Quase toda a terra ia parar ao pântano profundo e o negro, a mais e mais enfurecido, escavava, escavava, como se quisesse aluir a ribanceira imensa sobre a pequenina cruz florida de madressilvas. Mas na agitação delirante esquecia o perigo e, como procurasse desprender um bloco, brandiu um golpe em falso e rolou, com a terra, de roldão, num rebolo, mergulhando no pântano coalhado de ervas.

A água verde esparrimou e fechou-se; círculos distenderam-se, vieram à tona borbulhas...

No azul o sol vencia o seu curso triunfal. Vinham chegando tropas sertanejas e pela estrada de Santa Cruz, fúlgida e lisa, ao trote das alimárias carregadas, um doce *villancico*<sup>94</sup>, quase elegíaco, de tão lânguido e tão triste, acordava o silêncio:

A saudade traz mais penas  
Pra dentro do coração,  
Do que traz penas no corpo  
A garça de arribação.

---

<sup>94</sup>Tipo de composição poética espanhola surgida no XVI, popular, com estribilho, que se costumava cantar em festividades religiosas.

## O ENTERRO

Outubro. O sol, em pleno meio-dia, alargava por todo o campo uma luz fixa e cáustica. Não havia sombra – tudo resplandecia de claridade e um tédio pesado e morno de preguiça parecia apoderar-se das próprias coisas, prendendo-as numa imobilidade morta, de onde nem mesmo o bulir das folhas tirava o doce murmúrio, tão agradável ao ouvido de quem trabalha sob a rude prancha de uma soalheira viva.

Nas escarpas, esterilmente nuas, cabras berravam com melancolia e, de momento a momento, um boi magro surgia entre as palhas secas dos milhos, lento, estafado banzeiro, esticava o pescoço esfolado pela canga e mugia, ficando depois com o focinho à altura das praganas louras, contemplativo e tristonho, a olhar o céu.

Por baixo, num largo planalto de terra vermelha, limpa de fresco, recentemente dredada<sup>95</sup>, uma charrua<sup>96</sup> arrastava-se ao passo tardo de dois touros.

Do céu quente, sob a radiação nevrótica<sup>97</sup> do sol, caía uma paz cansada, e na vasta planície nua, toda de rastolho, ceifada de extremo a extremo, erguia-se apenas um casebre tosco, baixo, metido dentro de um cercado, à sombra quieta de um mangueiral ramalhoso.

A par da estrada de um amarelo sujo e peço, orlada de espinhais mirrados, corria, murmuroso e pesado, o rio sonolento, onde a figura solitária de uma lavadeira brandia panos, metida na água até os joelhos. No alto de um monte, fechado de mato intenso, ardia tremulamente, fumarando espirais cor de turquesa nova, um fogo de gravetos.

Para além, andava-se em récu<sup>98</sup> – gente miúda, pequena como as ervas rentes, diminuída consideravelmente pela distância, mourejava; ouvia-se o chiar prolongado de um grande carro primitivo, que vinha sulcando a terra com as suas rodas compactas, atulhado de lenha.

De repente, uma voz fina partiu a cantar gemedoramente e, antes de morrer de todo, um coro tomou do eco e entoou o mesmo canto, num ritornelo<sup>99</sup> grave. Dois homens, a cavalo, surgiram de trás da barranca: em seguida as “madrinhas”, duas vacas mansas, tinindo cincerros, a boiada depois, submissa e vagarosa,

---

<sup>95</sup> Revirada após a colheita.

<sup>96</sup> Instrumento próprio utilizado para lavrar a terra. Espécie de arado.

<sup>97</sup> O mesmo que neurótica.

<sup>98</sup> Tropa de bestas de carga presas entre si.

<sup>99</sup> Termo musical que exprime ação de retorno e é aplicado em variadas circunstâncias: refrão de madrigais, estribilhos, repetição de introdução instrumental a composição vocal, coro, entre outros.



turbilhonando o pó vermelho da estrada; por fim um magote de campeiros, ferrão em punho, cantando dolentemente.

A tropa ganhou o campo. Reboaram gritos de: — Eh! Ahu! Eh! Iou! Cá, cá, cá, eou ! E o gado solto tresmalhou na pastagem, começando, à luz intensa e abafada, o rouco mugir dos touros, um após outro, dois a um tempo e o galope dos bezerros, enquanto os guieiros, saltando dos lombilhos, desciam na direção do rio, juntos, ficando um só de guarda.

O céu, para os lados do oriente, ia tomando uma cor baça de mercúrio e começava a arejar o escampo uma brisa fraca, trescalando à queima.

Aves piavam e no alto giravam em círculo urubus de atalaia. De vez em quando, no cercado do casebre, um galo soltava a voz estrídula e outros, daqui e de lá, numa sucessão pausada, cocoricavam em resposta.

Rolavam, de longe em longe, como num aviso de tormenta próxima, surdos rumores de trovões; mas a luz, cada vez mais incendiada, cada vez mais escaldante e mais clara, parecia desmentir o anúncio da tempestade. Revoadas de pombos cruzavam-se com um tatarar sonoro seguindo o rumo do vento, numa batida rápida e, no quintalejo do casebre, um vulto de mulher, alta e fina, estacou entre os capins baixos, levou a mão espalmada à altura dos olhos, fitou a luz e, lentamente, começou a recolher a roupa que corava no verde estendal de grama, enquanto um menino ia e vinha, a correr, carregando à cabeça paveias<sup>100</sup> de capim novo, e as aves domésticas, cacarejando, acoitavam-se debaixo da ramaria frondosa das mangueiras. O vento começava a zurzir as folhas e escurecia com a rapidez com que descem os crepúsculos no inverno.

Um frêmito de claridade percorreu o céu argamassado de nuvens e o rumor trovejante roncou mais forte, mais próximo, mais demorado. O ar pesava sufocante e, de vez em vez, circulava um redemoinho de poeira, em funil, dentro do qual ricocheteavam folhas.

O dobre de um sino encheu momentaneamente o silêncio com a vibração ondulante de um misticismo meigo; outro dobre ressoou mais brando, como se partisse de mais longe, e logo após um, forte e claro, conforme as voltas bruscas do vento que soprava grosso.

---

<sup>100</sup> Feixes de mato roçado.

Dobrava a finados. Era o saimento de Teçaï, velha cabocla septuagenária, descendente dos fortíssimos goitacás, nascida e criada nesse lugar, primitivamente chamado a Taba de Itamina, pelo constante fogacho que ardia no monte, que diziam ser a alma pagã de Tagiira, morta ao trocar o seu primeiro beijo, fulminada por Tupã, justamente quando ia entregar a sua virgindade à volúpia brutal de um aventureiro branco.

A gente simples de Itamina respeitava e temia a velha Teçaï, uns pelas suas pragas e malefícios, outros pelo terror da lenda que se criara em torno do seu nome.

“Teçaï, a mãe das lágrimas, diziam em trovas os poetas simples da serra, era filha da yara Poranghi, fecundada por um raio da lua nova de agosto. Nascera em uma sexta-feira, à noite, à hora do primeiro cantar do galo. Na mocidade seus olhos tinham o poder de envenenar os homens e eram tão fortes que, se se levantavam para o céu, as estrelas de Deus caíam moribundas.” Era por isto que em Itamina, à noite, quando esfuziava uma estrela cadente, os rústicos, persignando-se diziam:

— Mais uma vítima dos olhos de Teçaï!

Os que conheceram a moça falavam com elogios da sua grande beleza, mas ninguém se gabou jamais de tê-la possuído.

Sobre os seus cabelos corria uma tradição ingênua e poética. Dizia uma canção:

"Nos cheirosos cabelos de Teçaï, negros, longos e sedosos, nascem rosas e cravos, lírios e bogaris<sup>101</sup>."

"A cabeça de Teçaï é como um jardim cuidado - as flores das suas tranças dormem em botões fechados e, pela manhãzinha, justamente como as do campo, acordam desabrochadas."

A poesia popular inspirava-se na estranha paixão da índia pelas flores: porque ela andava sempre toucada de ramilhetes, entraram a dizer que eles nasciam nos seus cabelos.

À noite, os que viajavam, passando à beira do rio, achavam-na a bailar, falando à lua e às águas numa linguagem singular. Durante o dia, cultivava sua horta junto à igreja.

---

<sup>101</sup> Flor aromática do gênero jasmim.

Sucumbira de velhice, diziam, e lá ia o seu enterro triste, acompanhado por um borrego<sup>102</sup> malhado, seu único amigo e os que a levavam; ninguém mais. O sino, entretanto, gemia pela pagã, a igreja abençoava a bárbara, mas o céu, a mais e mais fechado, parecia trancar-se para não receber a alma infiel da índia feiticeira, cujo corpo encarquilhado ia a caminho da cova, ao tinir da sineta e ao triste balar do borrego, deitado na rede que ela mesma tecera, que nem um caixão lhe deram os piedosos cristão de Itamina.

Súbito, um clarão instantâneo iluminou o campo; durante uma pausa, o sino vibrou choroso, mas um formidável estrondo atroou os ares, abalando a terra; outro, logo em seguida, com um estalar de raio. Os bois assustados deitaram a correr aos galões, através da planície. Num ápice, todos os campeiros montaram e, a um grito, partiram rebolando o sedenho, cravando de rijo as chilenas, atrás do gado que se sumia perseguido pelos rancos da tormenta, na direção de um vale seco, cavado entre as rochas. Mas a chuva varreu o campo, grossa, rabanando, açoitada por um vento desabrido que se levantara. Sucediam-se os relâmpagos e os trovões ribombavam. Longe, os gritos dos campeiros que afrontavam a tempestade brandindo os compridos ferrões e, além, o borrego da defunta, parado, indeciso, balando sob o aguaceiro, a olhar comovedoramente os homens que corriam sacolejando a morta dentro da velha rede.

Sereno, tranquilo, continuando a bater à porta do céu com a sua prece, o sino, entretanto, insistia em seu ofício de religioso, triste, no púlpito do campanário, rezando pela morta o seu piedoso Réquiem<sup>103</sup>.

---

<sup>102</sup> Carneiro jovem, na idade entre 7 e 15 meses.

<sup>103</sup> Música composta para ser cantada ou tocada durante os velórios ou simplesmente para homenagear os mortos.

**A TAPERA**

## I

Foi com tristeza e saudade que perdi de vista, desviando-me para o caminho das tropas, esse límpido riachão da Penitência, cujo murmúrio brando me trouxera, suavemente distraído, desde as férteis planícies do meu sítio onde as suas águas se derramam em rega perene e fecunda, banhando as raízes dos cajueiros e balouçando os igarités de pesca.

Longo tempo a voz de elegia com que as águas rolavam por entre pedrouços, carreando lírios, encantou-me como se o riachão me acompanhasse amigamente por esses extensos campos, cantando como os vaqueanos que viajam léguas e léguas pelo sertão bravo adentro, com um clavinote<sup>104</sup> à bandoleira, o largo facão à cinta e uma triste canção guaiada<sup>105</sup>.

Fosse impressão ou porque, em verdade, as águas corressem perto, só para o meio dia, sol a pino, cessei de ouvir o murmúrio do riachão e, causticado pela soalheira abrasante, deixei-me levar ao passo desensofrido do meu cavalo viageiro que trotava, arquejando, através da campina, até que uma alameda de árvores veneráveis, pôs em meu caminho, como um oásis remansoso, uma oportuna sombra afável. Era um carreirinho estreito, forrado de folhas, guizalhante<sup>106</sup> do trilar dos grilos, cheio do aroma silvestre das resinas que escorriam em fios de âmbar pelos troncos robustos.

O animal, em suor, resfolegava, as narinas sofregamente dilatadas, sorvendo, com ânsia, a úmida frescura dos ramos, baixando, por vezes, a cabeça para apanhar a erva tenra que crescia, mimosa e abrigada, entre as fortes raízes das grandes árvores.

Curto, porém, foi esse aprazível caminho e logo o sol flamejante reapareceu sobre um campo silencioso e raso, de erva murcha que brotava dentre pedregulhos, onde um boi apenas vivia, com o focinho enterrado no pasto esturricado, fustigando a anca ossuda com a cauda pelada de gafeira<sup>107</sup>. Sentindo-me levantou a cabeça e seus grandes olhos, serenos submissos, fitaram-me tranquilamente e, como para

---

<sup>104</sup> Pequena arma de fogo de cavalheiros montados, mais utilizada no século XVIII.

<sup>105</sup> Canção cheia de lamentos.

<sup>106</sup> Que produz som semelhante ao guizo.

<sup>107</sup> Sarna canina.

saudar-me, deu um passo moroso, alongou o pescoço e mugiu. Passei por ele e deixei-o a ruminar, com um fio de baba a escorrer-lhe do focinho escuro.

Não longe era a mata da Penitência, densa e virgem.

O ar abrasava e, apesar das nuvens que corriam em manada velando, por vezes, a claridade, o solo tinha a evaporação de um forno e um vapor tênue, translúcido, fremia no ar como uma levíssima gaze diáfana, agitada pelo vento.

Por vezes, acima da minha cabeça, retinia um grito de ave e alto, no céu fulgurante, corvos circulavam, num halo negro dentro do qual o sol luzia, rútilo.

À curta distância da mata, quase ao chegar às primeiras árvores, vi surgir um lento animal de cargueiro, fulo, escaveirado, trôpego. Vinha a trote, balançando as orelhas bambas e, sobre o lombo, as pernas cruzadas, um tabaréu macambúzio, o pito nos beiços, trazia os olhos extasiados como um faquir penitente.

As patas do meu cavalo, ressoando nas pedras, despertaram o sertanejo. Levantou os olhos e, dando comigo, saudou-me à maneira religiosa dos serranos, tirando o seu largo chapeirão de couro acabanado:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Para sempre seja louvado! E, sem mais, para acertar o itinerário, indaguei:

— Onde vai ter este caminho, patrício?

— Indo vosmecê por este carreiro fora vai ter direitinho na Tapera de Santa Luzia, onde vive o *velho*. À mão direita é o caminho do *Missionário*, onde há mocambos; é mato bravo, patrãozinho; vai dar na serra.

— Qual é o melhor caminho para o sítio dos *Reis Magos*?

— Beirando o rio. Mas por aqui também se vai lá, é até melhor por causa da sombra. O que tem é que se passa nas terras do mal assombrado. Indo por aqui, no seu vagar, vosmecê vai chegar no sítio com a lua.

— E não há risco em atravessar as terras de *Santa Luzia*?

— Com Deus no coração eu vou caminhar no inferno, patrãozinho. Ainda se fosse sexta-feira... Mas hoje é dia de Nossa Senhora: e tocou na aba do chapeirão. Tenha fé e deixe vosmecê andar quem anda. Eu viajo desde que me conheço e ainda não me aconteceu coisa de maior. Tenho o meu breve e não devo nada a ninguém. Um risinho enrugou-lhe o rosto; cuspiu por entre dentes, num pincho, e continuou: — Nunca topei com o danado... E que topasse!

— E os caminhos?

— Que nem trilha de onça: é samambaia que Deus manda. Ainda assim, há outros piores por esse sertão velho. Dentro da mata é fresco e não tem que saber - o caminho é um só que vai num estirão até *Santa Luzia*.

— Deus lhe pague, camarada.

— Não há de que, patrãozinho. E que a Virgem acompanhe vosmecê. E apartamo-nos. O pangaré ganhou o seu trotinho lento. Cravei as esporas no meu cavalo e, em pouco, alcançava a orla da mata.

Era a grande, a inexplorada selva primitiva, a venerável floresta virgem das primeiras eras, templo augusto das tribos. A alma forte, selvagem e ingênua da raça banida parecia errar, peregrina, pelos meandros obscuros, fazendo com que a selva contasse a sua tradição gloriosa. A princípio, com uma leve aragem, era um sussurro de mistério como o canto profético do pajé, e crescia - era já o coro guerreiro da tribo, cantando nos tempos cruentos da peleja, antes da marcha heróica contra a taba inimiga, mas um vento forte passava, debatiam-se os galhos convulsivamente e o estridor subia grande, ressoante, épico como o de um encontro válido de bravos, ao estrupidar enfurecido das tangapenas<sup>108</sup>, ao silvo aguda das flechas; através da algazarra, enquanto as tubas, sopradas com fúria, espalhavam, uivando soturnamente de palmar em palmar, o vozeirão tremendo do combate.

Selva augusta! De velhos troncos intactos, jamais feridos pelo gume dos ferros. Galhos caíam encanecidos de musgos; folhas acumulavam-se no solo macio e fofo, amarelecidas, encarquilhadas, sob a proteção da imensa abóbada dos ramos sempre verdes e a vida continuava num renovamento perene, a podridão fecundava a primavera, a folha que se convertia em lama, ressurgia em seiva - um fluído vital corria ininterrupto rejuvenescendo a floresta.

Brotavam flores em árvores centenárias, e pelos troncos vetustos<sup>109</sup>, quase apodrecidos, apontavam renovos já abotoando. Lianas cruzavam-se de uma árvore a outra em cordoalhas grossas, filandras<sup>110</sup> caíam em chuva de ouro franjando garridamente os galhos e parasitas em flor arrecamavam jequitibás severos. À tona de uma lagoa, coalhada de mururu<sup>111</sup>, insetos voavam em bando, subindo e descendo por um raio de sol como por uma teia lúcida e nimbos de luz fulguravam

<sup>108</sup> O tacape, uma arma indígena.

<sup>109</sup> Velhos, antigos.

<sup>110</sup> Finos filamentos.

<sup>111</sup> Espécie de capim.

na água dormente como nelumbos<sup>112</sup> de ouro. Aves penserosas, tristonhas, num pé só, miravam a lagoa imóvel. Nos altos ramos arçarís chocarreiros taralhavam<sup>113</sup> e, de quando em quando, em voo pesado, uma arara atravessava o labirinto da folhagem com um grito agudo que repercutia.

Longo e de enlevo foi todo o tempo da travessia. Vinha caindo suavemente o crepúsculo quando surgiu em um campo de samambaias e de bertioegas, onde havia ruínas. Era a Tapera. Lá estavam os destroços da antiga casa, o indício dos currais, restos de senzalas sem teto: as paredes esburacadas, sem o adobe, mostrando as ripas, num desnudamento de arcabouço. Fornos de barro, entre moitas, altos como cupins; a olaria, a moenda primitiva e, tombado sobre um sulco, o carretão carunchoso com fueiros hirtos cobertos de cogumelos bravos.

A urtiga imperava de extremo a extremo, avassalando tudo, o capim grosso ondulava ao vento num flexuoso oceano de verdura. Ouvia-se o rumor escachoante do rio que rolava perto, saltando as pedras, num estuar<sup>114</sup> perene, monótono e tristonho, molhando as terras melancólicas da solidão.

Livres, sem encontrarem o embargo humano, as árvores independentes iam, aos poucos, reconquistando a terra, numa invasão lenta, dia a dia. Nos sulcos do arado antigo ressurgiam, para novos florescimentos, troncos de aroeiras abatidas outrora; nas ruínas nascia, com exuberância, a parietária<sup>115</sup> e, as raízes dos jequitibás gigantesco, retorcendo-se à flor da terra, repeliam e trituravam as vigas carcomidas e tudo mais que ainda resistia ao tempo, atestando a passagem de uma era de vida humana nesse desamparo que, em breve, cederia à compressão formidável dos vegetais invasores.

O farfalho das árvores era sonoro e grandioso como um hino de triunfo. Sentia-se o orgulho, a alegria da flora ativa e pujante que vinha tomando o sítio, palmo a palmo, coberta de flores e de ninhos, num delírio festival, como um povo que reconquista a pátria e entra por ela, em júbilo, agitando palmas, ao som dos velhos hinos épicos da sua gloriosa raça. Os ramos moviam-se como braços combatentes e, quando uma lufada passava, com o espadanar frenético dos galhos, tinha-se a visão trágica de um grande movimento de pelotões compactos, partindo, cerradamente, em arremetida guerreira.

---

<sup>112</sup> Grandes lírios aquáticos, com flores de quatro a cinco sépalas e numerosas pétalas.

<sup>113</sup> Pipilavam; sons produzidos pelas aves, pios.

<sup>114</sup> Agitação.

<sup>115</sup> Planta da família das urticáceas, de caule lenhoso e cilíndrico,



Cada primavera que vinha trazia para as árvores nova provisão de seiva, as chuvas, que contribuíam para destruição das paredes que ainda resistiam, davam mais vigor aos sitiantes e a floresta marchava heróica para aquele descabro com o fragor atordoante das ramarias convulsionadas pelos ventos. Os animais desciam do coração da selva para repousar nos velhos bancos de pedra que a hera ia brocando, cobras transidas dormiam enroscadas debaixo do antigo altar, que se conservava de pé na basílica florestal, marcando o sítio da capela, e, à noite, as *ciganas* ribeirinhas vinham vaguear na varanda, grasnando à lua.

Estaquei o animal e, à meia luz amável da tarde cheirosa, cheia do canto dos pássaros e do chiar das cigarras que ali tinham repouso tranquilo, fiquei a olhar, com enternecida piedade, aquela ruinaria muda, *Santa Luzia*, famosa em todo alto sertão, terras férteis de plantio e de gado, onde os marnéis<sup>116</sup> verdejantes de arroz eram vastos como campinas, canaviais perdiam-se de vista e, no tempo do algodão, toda uma grande selva ficava como se a neve dos invernos a tivesse coberto de flocos.

Para os pastos ubérrimos<sup>117</sup> caminhavam, no tempo da vaquejada, centenas de homens cobertos de couro, de agulhada e laço, como uma horda de guerra, lança em riste, seguindo para conquistas e manadas indômitas dormiam à luz dos astros, livremente, como bestas bravas, em torno dos casebres dos campeiros, erguidos sobre jiraus feitos de grossos troncos.

Às festas do Natal, na capela destruída acudiam outrora romarias de toda parte - o terreiro enchia-se de palhoças, redes balançavam-se entre duas árvores e era festivo o aspecto desse povoado de romeiros que, dia e noite, em mole quebranto, desferiam trovas em desafio aos ponteados vivos nas violas enfeitadas, e até Reis, diariamente, um boi nédio era amarrado pelos cornos ao moirão e carneado para repasto dos serranos que vinham cantar em torno do presépio, louvando o Menino Deus.

Homens antigos falavam ainda, com saudade, das festas de *Santa Luzia*, gabando Honório Silveira, o moço proprietário das terras ricas, senhor da serra e da campina que fizera, pela primeira vez, silvar nessas paragens o apito das máquinas, atraindo os tabaréus medrosos para o engenho onde os rústicos demoravam aterrados, maravilhados, acompanhando o movimento célere das rodas, com terror

---

<sup>116</sup> Terreno coberto de água; paul, alagado.

<sup>117</sup> Muitíssimo fértil.

supersticioso. Alguns procuravam descobrir os animais que punham em movimento o maquinismo e persignavam-se recuando diante do motor abrasado como se o próprio diabo ali estivesse cativo, trabalhando para o senhor famoso.

Mas uma calamidade caiu sobre *Santa Luzia*, devastando-a como uma peste. Honório Silveira, antes de um ano de casado, perdeu a mulher em circunstâncias tão misteriosas que logo correu que o diabo a arrebatara, à meia noite de uma sexta-feira aziaga. Em verdade, a crendice tinha, até certo ponto, razão de ser. Logo que se deu pelo desaparecimento da senhora, Honório Silveira, ajuntando toda a sua gente, escravos e camaradas, despachou-a em procura da desaparecida e serras e campos foram batidos. À noite, conhecedores das matas penetravam no denso arvoredo, com fochos, bradando, chamando a senhora; feras desalojadas corriam espavoridas e, rio abaixo, eram canoas que singravam com pescadores procurando, nos remansos da água, entre o mururu florido, o corpo da sumida.

Não houve canto, nem gruta que fosse esquecido e, como havia a promessa de uma gratificação farta ao que descobrisse, morta ou viva, a esposa amada, temerários açulados pela ambição penetravam em furnas com risco de morte; mas foi tudo baldado.

Quando tornaram ao sítio, já Honório Silveira bramava desvairado, ameaçando com armas quantos se lhe aproximavam. Para uns, enlouqueceu de amor, outros, porém e em maior número, julgavam-no vítima do demônio. E, pouco a pouco, como um açude que escoar, a gente foi desertando o sítio, emigrando para fugir aos gritos lancinantes com que, à noite, pela escuridão, o senhor percorria o terreiro, perseguido pelos cães que uivavam lamentosamente, fazendo com ele um coro sinistro. E *Santa Luzia*, deserta, foi emudecendo como um corpo que, lento e lento, esmorece e expira.

## II

Vinham caindo do céu aveludado as primeiras névoas do crepúsculo quando avistei, humildemente sentado sobre a pedra negra que fora antes o limiar da casa, um homem imóvel. Tão alvo era o seu corpo e a sua atitude penserosa tão tranquila que, ao primeiro olhar, ninguém, por certo, lhe daria uma alma, mal percebendo,

pelo ondular moroso e fatigado do peito que o ar penetrava, que ainda sob as ruínas da carne encarquilhada, um coração batia. Quase nu, tinha apenas sobre os ombros magros restos de panos podres; as pernas esguias, como se a carne houvesse mirrado, ressequida pelo sol, tremiam-lhe; tremiam-lhe os braços cruzados. Sobre o colo mal coberto rolavam-lhe os cabelos e a longa barba farta, emaranhada de ervas.

Parecia sonhar e, sem que ouvisse os passos do meu cavalo, mergulhado no êxtase, a fronte sempre derreada, continuou meditativo, absorvido e mudo.

Era o *velho*, o penitente taciturno da tapera, Honório Silveira, o temido dos sertanejos que, se o viam, persignavam-se invocando santos, beijando devotamente os breves.

De quando em quando, como se uma lufada gélida soprasse, tremia todo, tiritava, encolhendo-se, enterrando o queixo entre os joelhos de modo que os cabelos e a barba se lhe entornavam pelas pernas como uma fronde<sup>118</sup> branca que lhe tivesse crescido durante essa vida inerte e vegetativa que levava.

Era Honório Silveira que fora, em moço, o luminar dos ermos, sabido em letras, prático e engenhoso, que trouxera de além, das terras cultas da Europa, um título e os gostos nobres de vestir e de montar<sup>119</sup>, não barbaramente, de azagaia em punho, mas levando por montes e descampados, ao som de trompas estridentes, cães ferozes, seguindo cavahadas numerosas que, desprendidos e açulados, dispersavam-se farejando rastos de onça e pegadas sutis de veados galheiros. Era o "serrano rei" das antigas trovas, o *Caapora* de então quem eu ali tinha ante os olhos, sonhador e silente, tremendo, num regelo de todo o corpo quando, do ameno céu baixava, como um afago, a tépida viração da tarde que balançava as árvores em flor.

Descavalguei e, vagorosamente, com brandura, chamei-o. Trêmulo sempre, continuou no seu tremor de frio. Chamei-o de novo e lento, como se lhe pesasse a frondosa cabeça, ergueu-a e eu vi que o seu rosto era apenas uma caveira coberta por uma crosta fina com dois olhos vivos como dois fogos sobre uma sepultura. Encarou-me e balançou com tristeza a cabeça, mas curvando-se falou com magoada palavra:

— A árvore!

---

<sup>118</sup>Ramagem ou ramo de árvore.

<sup>119</sup>Caçar nos montes.

Já o luar subia, alvo e santo como uma comunhão, e toda a selva vestia-se para as núpcias noturnas. Meu cavalo pastava tranquilamente e, de uma lagoa próxima, como um profundo coro bárbaro de cenobitas<sup>120</sup>, vinha a plangência monótona dos cururus.

Que de pensamentos me acudiram nesse instante, vendo-me, em hora tão triste e pávida, só, numa selva trágica, com esse corpo de múmia onde existia ainda um raio de alma! A lua apareceu no céu imensa e alva e eu saudei-o:

— Boa noite! Ele, de novo, encarou-me e, estendendo o braço fino, disse apontando a mata vitoriosa:

— É ali! É ali! As outras obedecem-lhe, caminham quando ela ordena; são como filhas, são como escravas. É ali! Ali onde o luar desliza. Eu vi todas nascerem, todas! Criei-as com o meu afago...todas! E não as temo, não fazem mal; pobres árvores! Dão flores e dão frutos e ninhos procriariam entre os seus galhos. Pobres árvores inofensivas! Perigosa é a outra, a que floresce à meia noite... essa! ...Ah! Feliz de quem não vive à sombra dos seus ramos. As outras são mansas, não fazem mal. Não durma nunca à sombra da árvore que geme — é pior que a mancenilha<sup>121</sup>: mata a alma.

A inflexão da sua voz era pausada e dolente. Fitou-me de novo o olhar e, levantando-se a tremer, acenou para que seguíssemos. Os farrapos cobriam-no e os cabelos fizeram como um manto curto em volta do seu busto magro:

— Venha! Venha! Quero que veja para que conte. Sou um louco! Bem louco, em verdade, porque ainda me agarro à vida. Venha! Quero que veja a minha loucura e depois me há de dizer se louco é quem sofre ou quem dele escarnece. Venha!

Atraído, acompanhei-o. Lesto<sup>122</sup> e ágil ele seguia por entre as ervas como um deus silvano. O mato alto escondia-o, por vezes, mas a sua voz melancólica chamava-me: Venha! Venha! E eu seguia, à luz da lua, por entre moitas bravas e cipoais enleados até que, saindo num trilho de macega espezinhada, descobri a alvura venerável do corpo do ancião junto à raiz de uma árvore frondosa.

— Olhe! Veja bem... Cresceu assim. Aqui estão as grandes artérias que alimentam toda esta selva. Olhe! E, agachado, mostrou-me as grossas raízes da árvore que alastravam à flor da terra, perdendo-se no vassoural viçoso.

<sup>120</sup> Pessoa que leva vida austera e muito retirada.

<sup>121</sup> Tipo de figueira venenosa. Também chamada árvore da morte.

<sup>122</sup> Velocidade.

— Esta árvore é o coração da floresta. Veja! Daqui é que parte o fluído vital que alimenta as outras árvores.

Curvou-se mais e começou a beijar as raízes, com a contrição devota com que oscularia relicários. Ergueu-se e, com o braço hirto, mostrou-me a folhagem densa:

— Olhe! Os cabelos, as tranças que se desnastraram<sup>123</sup>, as tranças que ela costumava fazer à tardinha, sentada perto de mim, na varanda, escondendo entre os cabelos favas de baunilha para perfumar o travesseiro em que dormíamos. Veja! São as suas tranças desfeitas pelos vendavais.

E tocando-me no ombro, perguntou:

- Conhece-a? Sabe o nome desta árvore?...Sorriu com amargura e, extasiado, as mãos postas como para uma reza, disse com voz sumida e lacrimosa:

— Não pode conhecê-la... Esta árvore é Leonor; Leonor, meu amigo, que foi minha. — E demorou-se a contemplar o tronco forte balançando, com mágoa, a cabeça alvadia.

— Agora vamos, disse por fim.

— Quero que ouça para que julgue e conte. Li muito, meu amigo, e jamais encontrei em páginas sonhadas tanto sofrimento como o que trago no coração. O sonho está muito aquém da verdade. A mais alucinada fantasia não vale, muitas vezes, uma pequena e triste realidade. Se os poetas sondassem profundamente as almas, a Poesia seria um treno<sup>124</sup> doloroso. A Dor Humana é desconhecida e grande. Que se sabe da lágrima? Que é um líquido, nada mais; que é uma secreção e só. De onde vem? Por que nasce? Que misteriosa fonte instila essa água amarga? Ah! Meu amigo... a Dor Humana! Os poetas param no peristilo<sup>125</sup> do coração, felizmente! Que penetrem! Que sondem todos os meandros iluminados pelo espírito, que entrem pelos labirintos do Pensamento, secretos como os das colmeias, que percorram o cemitério da Saudade e não de recuar como diante de horrores inconcebíveis! A Dor Humana, meu amigo... o mesmo Cristo chorou pensando nela e da cruz o seu último olhar foi de piedade.

Assim falando, lentamente voltamos por entre os matos enredados, alcançando a pedra negra que fora o limiar da antiga habitação.

---

<sup>123</sup> Desmancharam.

<sup>124</sup> Canto triste, lamentoso.

<sup>125</sup> Local que antecede a entrada.

De pé, a cabeça erguida, como um profeta selvagem abençoando, ele estendeu o braço e, traçando no ar um meio círculo, disse com tristeza sombria:

— Tudo isto, até Leonissa, pertence-me. Vivo em terras minhas, ao menos ninguém dirá que ando a espalhar as minhas lágrimas, semeando agonia pelas propriedades alheias. Limito a minha peregrinação. Por maior que seja o meu desespero, o meu andar não ultrapassa as cercas dos sítios vizinhos, nem a minha lamentação assusta as gentes dos terrenos próximos. Neste meu paraíso ninguém penetra porque o guarda, sinistramente, um anjo negro: o Pavor. Mas, apesar de tudo, a minha selva exuberava. Não existem, nessas paragens adjacentes, árvores como as que nos cercam: são as únicas assim frondosas... Poda-as o raio, regam-nas as lágrimas das chuvas, a primavera enfeita-as e o outono fecunda-as. Se tenho algum mal comigo ninguém dele partilha: sofro-o calado e solitariamente. O remorso não me deixa o coração: encarcerado, atormenta-me.

— Que remorso? Indaguei.

— Ouça... Ouça. É moço, os moços podem suportar as lágrimas alheias porque uma das vantagens dos corações de poucos anos é a volubilidade. Triste do coração que se apega a outro coração: absorve uma vida ou deixa-se absorver. E se tão dificilmente andamos com a nossa alma pesada por este mundo, imagine quanto custa transportar a alma de outrem dentro do pensamento. Um moço pode ouvir-me sem que eu contribua para a sua desgraça: a mocidade é um rio que corre sempre, a velhice é um açude de águas mortas. A um velho eu não falaria: o velho é um edifício em ruínas, qualquer vento o derruba, uma lágrima pode desmoroná-lo. Vá, feche o seu coração porque vai passar por ele a tempestade de uma alma. Não sorria, nem chore - ouça como se lesse. A história que lhe vou contar pode levar-me à ventura de um cárcere, não ao suplício porque esse eu tenho aqui sempre comigo. Não há prisão mais terrível para os criminosos do que a terra com sua abóbada. O sol é um grande juiz, à noite é um grande carrasco. Veja: cobre-me a geleira da velhice — eu sou o polo da agonia. Dentro em mim habitam todos os pesares, não há Dor que me não tenha visitado. Ando como vê porque vivo nesta inocência - as árvores vestem-se de folhagem, as ruínas de urtigas, eu cubro-me com a hera dos meus cabelos brancos. Resta-me de humano a lágrima: meus olhos, como dois penitentes nas suas furnas, desfiam, dia e noite, o rosário do pranto.

Fui feliz; gozei a felicidade como se goza um dia; depressa a noite veio. Esta espessa mata, este campo inculto de espinhais, foram outrora terras de fertilidade.

Este sítio de *Santa Luzia* era o mais rico e próspero do sertão. Falava-se das minhas colheitas com espanto. Nas minhas terras trabalhavam mais de trezentos homens. Todas as manhãs, ao nascer o sol, eu vinha debruçar-me à varanda para acompanhar o desfilar dos negros e a partida do gado. Berravam nos meus campos verdes centenas de touros bravios, nunca recolhidos a currais, nascidos e criados nas malhadas longínquas. À tarde, às vezes, eu era surpreendido pela chegada de um tímido e assustadiço rebanho de ovelhas que os pastores diziam ter achado pastando ariscamente na aba da montanha.

Singravam o rio, abaixo e acima, as balsas de hoje apodrecem enterradas na areia e os frutos caídos das minhas árvores eram semeadores porque muita laranjeira cresceu sem que se pudesse descobrir o nome do plantador.

Invejavam todos a pródiga fertilidade das minhas terras e, como a capela sempre resplandecia acesa, atribuíam à santa padroeira a fortuna e a paz do meu sítio viçoso.

Mais tarde, com as primeiras máquinas, o terror gerou lendas terríveis que se dissiparam, pouco a pouco; mas quando a umidade começou a esverdear os muros abandonados, então as tropas abriram novos caminhos, através da floresta, evitando a passagem pelas estradas que o Caapora, à noite, percorria silvando e bailando com almas penadas. O Caapora! Mas voltemos ao fio do meu tormento. Em torno de mim chalravam<sup>126</sup> as mucamas virgens e, quando se servia a minha mesa, muitos dos que dela se fartavam eram-me desconhecidos, mas a minha porta era franca aos que passavam como a porta de um templo.

Um dia, o estafeta<sup>127</sup> sertanejo trouxe-me uma carta anunciando a próxima chegada da família de um amigo que já estava em viagem para o sítio. Sobressaltado e contente pus em campo todos os meus escravos capinando as eiras, limpando os caminhos frescos do pomar; e a casa tomou um aspecto festivo. Caiadores, cantando, alvejavam as paredes, mucamas espanavam os tetos; o soalho, esfregado possantemente pelos negros, parecia renovado de tábuas frescas. E da capela ao engenho, tudo foi escarolado<sup>128</sup> e brunido<sup>129</sup>.

No dia em que deviam chegar os hóspedes, os caminhos foram esteirados de folhas, ramos em arco fizeram uma abóbada de verdura desde a beira do rio até

---

<sup>126</sup> Falar à toa e alegremente.

<sup>127</sup> Entregador de cartas e encomendas.

<sup>128</sup> Asseado.

<sup>129</sup> Lustrado.

os degraus de pedra da varanda e, balouçando-se na água, uma canoa nova, feita de um grosso tronco de aroeira, desceu o rio, remada por doze negros cantadores.

Quando a canoa aproou à margem, estrondaram bacamartes e roqueiras e, até horas altas da noite, houve danças na eira ao som dos tambores da África.

Vinha entre os pais uma linda e graciosa moça, loura e branca como as açucenas da água, alta, de um porte régio de princesa e tão meiga que a sua voz lembrava o som de uma harpa brandamente ferida. Desde que meus olhos fitaram o seu rosto cândido, a tranquilidade desertou de minha alma. Eu não vivia se não a ouvisse, se não a sentisse perto. À noite, o sono abandonava-me, ela sempre! Vinha povoar as minhas vigílias.

Quando nos encontrávamos era uma suavíssima agonia para o meu coração; se nos falávamos, todo eu vibrava num estremecimento de amor e assim vivemos embevecidos até que, uma manhã, o pai falou em partir. Não sei como resisti ao sobressalto de meu coração. Levantei os olhos, com ânsia e... Estavam os olhos dela procurando-me. Olhamo-nos e vi que se lhe molhavam as pálpebras mimosas.

Para que alongar o meu martírio com esta recapitulação? Na tarde desse mesmo dia, tarde azul de maio, pedia-a em casamento. Ainda existem velhos nesses arredores que se lembram da minha festa nupcial. Hoje ainda, nos serões dos ranchos, os sertanejos cantam uma longa xácara<sup>130</sup> que tem por título: *O casamento do senhor do engenho*.

A vida começou sorrindo. O meu amor crescia progressivamente. Ainda vive esse amor... Sacudam as cinzas tristes do passado que a chama ardente há de reluzir.

O velho levantou-se e trêmulo, cambaleando como um bêbedo, pôs-se a andar de um lado para outro, mergulhando nos cabelos compridos os dedos aduncos crispados, à semelhança de garras. Amparei-o caridosamente.

— Venha, descanse um instante...

— Sim. É muito penosa esta viagem que faço ao passado. Atravessei corajosamente um oceano de lágrimas para ir buscar o começo desta história na outra margem da minha vida.

---

<sup>130</sup> Antiga composição espanhola em verso. Narrativa de versos sentimentais.



Mas espere, deixe-me. Os homens chamam-me *Caapora*, que faço eu? Olhe os meus cabelos: cresceram como a floresta, é ela que me invade a cabeça... *Caapora! Caapora!* Fitou com os olhos no céu que o luar iluminava e, mais calmo, veio de novo sentar-se a meu lado.

### III

Um ano correu sereno e feliz. E para que o hei de cansar com a descrição de ventura tão curta?! Disse-me o solitário. Éramos um só pensamento, um só desejo; refletíamos-nos em nossos corações e os horizontes não iam além dos nossos rostos porque eu nada mais avistava que não fosse ela e parecia-me que Leonor apenas me via a mim no mundo.

Sempre juntos, saíamos, às vezes, a cavalo ou em barco, pelos campos ou pelas águas, como dois namorados; e tudo era pretexto para sorrisos. Deus abençoava o nosso amor bafejando as minhas terras com o seu hálito divino, de sorte que já me não bastavam os negros das minhas senzalas e as máquinas, muitas vezes, despertavam o doce silêncio das noites com a trepidação do trabalho para que pudéssemos vencer a exuberância dos arrozais e as safras abundantíssimas de cana; e o algodão que se despulpava, enchia o ar de uma penugem tão densa que empanava o sol como uma névoa.

Pelo Natal, tempo das flores, Leonor caiu em prostração doentia. As cores se lhe foram desmaiando, os olhos amortecendo e, lânguida, indolente, passava os dias, estirada na rede, calada, o olhar disperso, em êxtase.

E tudo a entediava: uma criança que chorasse, uma ovelha que viesse balar perto da varanda, um campeiro que cantarolasse. Aprazia-lhe somente a solidão silenciosa e foi justamente por esse tempo que tive de me apartar, por dias breves, da minha amada, acudindo ao chamado extremo de um parente que agonizava a duas léguas daqui, no Riachão. Quantas lágrimas me custou o despedir-me dela e que sentidas promessas nos fizemos – ela a soluçar magoada, eu a conter soluços! Parti.

E para que hei de negar? Quando cheguei ao sítio do moribundo só havia um desejo dentro do meu coração – vê-lo morto; não que eu lhe desejasse a morte

por cobiça de proventos, não! Queria-a para mais depressa tornar ao meu carinhoso e aconchegado lar. E velei noites imensas junto ao corpo bruxuleante. Os olhos ardiam-me como duas feridas e eu tentava, em vão, o bálsamo do sono. O espírito preocupado forçava-me à vigília e foi com um sobressalto de contentamento que, uma tarde, já ao apontar da lua, corri com um círio ao leito para alumiar o desventurado que a treva eterna começava a envolver. E na tarde seguinte, de volta ao cemitério, longe de buscar repouso para o corpo estafado, chamei a minha gente e cavalgamos, através dos matos mal habitados de feras e de quilombolas, em rumo para *Santa Luzia*.

E não sei dizer que senti no coração quando alcancei as primeiras árvores do meu terreno, mas desde que vi os negros que pastoreavam, um pressentimento estranho relampejou-me na alma, achando-os tristes, tocando o gado sem cantares, morosamente, silenciosamente, mas logo que me reconheceram saudaram-me contentes e, amiudando os passos, vieram seguindo a marcha do meu cavalo árdego<sup>131</sup>.

À beira do rio, mucamas virgens, debruçadas sobre as pedras, batiam roupa e isso causou-me estranheza e mágoa, mas logo pensei em Leonor e meus olhos nada mais viram, nem as crianças que me seguiam nem os velhos negros que se inclinavam pedindo a bênção.

Quando, porém, entrei em casa, Eva, minha mãe de criação, a velha negra que me acalentara nos braços, veio receber-me triste e, como eu lhe perguntasse pela senhora, disse apenas: “Saiu, Nhô. Foi mais o moço das máquinas ver os arrozais”.

Amor! Amor! Teu verdadeiro nome é ciúme, suspirou o velho. Ah! Meu amigo, essas palavras da negra entraram-me no coração como dardos. A alma tremia-me no corpo como um guerreiro covarde dentro da armadura. Eu tinha ciúme, ciúme desse homem de trato grosseiro, mas forte como um gladiador, alto e musculoso, que abatia um touro com uma punhada. Era um gigante, o caboclo mais valente dentre quantos trilhavam estradas sertanejas e, apesar da sua feição maltratada de rústico, tinha uma beleza varonil que o tornava o preferido das cafuzas virgens que se lhe entregavam languidamente, batendo-se por ele como as onças

---

<sup>131</sup> Impetuoso.

amorosas que disputam o macho. E Leonor andava pelos campos com esse homem.

Caía a noite quando os cavalos vieram estacar, arquejantes, junto aos degraus da varanda e eu ouvi a voz de minha amada que subia contente por lhe terem anunciado a minha vinda. Rapidamente a nuvem que me toldava o espírito dissipou-se e precipitei-me acolhendo-a em meus braços com muitos beijos no seu rosto abrasado e formoso.

E à noite, ao luar, depois que lhe contei as torturas da minha saudade longe, ao lado desse enfermo de tão lenta agonia, ela falou-me dos castigos que mandara infligir a cinco negros e às mucamas, fazendo açoitar os homens e mandando as raparigas, criadas carinhosamente em casa, para as pedras do rio, com as lavadeiras e, como razão, disse-me apenas: “Que haviam levantado a voz diante dela”. E foi nessa noite, bela como a de hoje, que ela me segredou, num beijo, que estava grávida, pedindo que lhe perdoasse muitos dos caprichos e das impertinências.

Ah! Que festa em minha alma! Foi tão grande o meu júbilo que o coração, como para não guardar uma só gota de tristeza, fez com que a minha felicidade tivesse um brando orvalho de lágrimas. E tudo perdoei! Tivesse ela incendiado as minhas plantações e abatido todo o meu gado com os seus pastores e trucidado todos os meus negros que eu ainda perdoaria contente tantos crimes, tão bem compensados e resgatados por tamanho amor. E os dias corriam docemente.

Leonor, porém, recaiu em melancolia, voltaram-lhe as tristezas, as grandes e distraídas horas de êxtase, as impertinências, as iras. Já as negras evitavam-na com medo, e as mucamas, porque delas desconfiasse a minha amada, acusando-as de feitiços e de bruxarias, foram todas transferidas para um antigo paiol onde ficaram reunidas como em um gineceu<sup>132</sup>. Ela reforçava-se, ganhava cores e, para distrair-se, passava grande parte dos dias no engenho entre as máquinas, informando-se de tudo curiosamente e Serapião, o caboclo, para contentá-la ia, com paciência, mostrando-lhe tudo, fazia silvar o motor e ela ria, satisfeita e feliz.

Eu começava a sentir-me amolentado e abatido, sem energia para andar, sequer. Deixava-me ficar no leito até que me vinham chamar para o almoço – as faces cavavam-se-me, olheiras denegridas aureolavam-me as pálpebras. Deitava-

---

<sup>132</sup> Parte da habitação que, na Grécia antiga, era reservada às mulheres.

me cedo e, mal tomava o meu leite, vinha-me logo um torpor suave e adormecia pesadamente, despertando, às vezes, já sol nado, com os beijos de Leonor. Passaram-se dias mais alegres, de ventura e de amor, mas interrompendo abruptamente o derivar da felicidade, vinha de novo esse alquebramento que me entorpecia o espírito.

E a vida tornou-se-me enfadonha e pesada; a alegria abandonou-me. Prostrado, alquebrado, o meu gosto era ficar horas e horas estendido na rede dormitando preguiçosamente.

Uma tarde ela entrou-me pelo gabinete, lavanda em pranto, pedindo-me, com soluços, que a levasse para a companhia dos pais, que não podia mais suportar a vida infeliz que arrastava entre negros que a maltratavam grosseiramente. E como eu lidasse com ela para que me dissesse a razão do seu sofrimento, ergueu-se com um olhar feroz, flamejante de cólera:

— Pois sim! Queres que te diga? Foi Eva, essa negra que te criou e a quem chamas de mãe. Insultou-me, ameaçou-me diante dos negros, aí tens! Disse a romper a chorar inconsolavelmente.

— Eva! Exclamei pasmado, duvidando das palavras de Leonor, posto que ela as molhasse de lágrimas sinceras.

— Sim, Eva! Eu vinha pela ponte quando encontrei-a bêbada, cambaleando, em risco de cair na água.

— Bêbada! E essa exclamação fugiu-me do peito como um grito de revolta.

— Bêbada, sim! Pois bem; com pena, porque é uma velha e, por estimá-la, ofereci-lhe a mão para ampará-la. Repeliu-me, injuriou-me. Ainda assim, à vista do seu estado, não me zanguei. Mas, já alcançando a margem, vacilou e teria caído na água se eu não a segurasse. Pois aqui tens como correspondeu a minha caridade. E arregaçou a manga do vestido para mostrar-me no braço branco os sinais dos dentes da escrava. Mordeu-me como uma cadela, cuspiu-me, injuriou-me. Se entendes que não a deve castigar leva-me para a companhia de meus pais, amanhã mesmo!

Mudo e consternado saí à varanda. Fora, na eira, os negros esperavam em fila. Chamei o feitor ordenando que procurasse a mãe preta. E Eva apareceu rota, com os cabelos brancos hirsutos<sup>133</sup>, bamba, trôpega, arrastada pelo robusto negro.

---

<sup>133</sup> Eriçados.

Era a primeira vez que eu via, nesse lastimável estado, a pobre velha. Estive a contemplá-la e, quando ela levantou os olhos baços para mim, contive dificilmente o pranto. Chamei-a. A negra sacudiu a cabeça babando-se e, de repente, rolou no chão e, a soluçar, prorrompeu em impropérios contra Leonor. Fiz um sinal retirei-me. Para não lhe ouvir os gritos, corri ao meu gabinete e fechei-me, abrindo, ao acaso, um livro, mas as letras confundiam-se, as páginas tornavam-se negras e, se eu arredava os olhos, parecia-me ver, em todos os cantos, o rosto da cativa, sinistramente ameaçador, contraído na agonia da tortura e lágrimas ardentes rolaram-me dos olhos.

Pobre velha que velara junto ao meu berço durante toda a minha infância, desalterando a minha sede nos seus peitos órfãos do filho que uma febre má levava. Pobre velha que vivia para mim, submissa, amorosa, dormindo à porta da minha câmara, o ouvido à escuta ao mínimo rumor, mãe humilde, mãe pela alma, capaz do sacrifício da própria vida para trazer-me uma hora de ventura. Pobre velha!

Levantei-me diversas vezes para ir em pessoa abrandar o seu suplício, mas Leonor passeava ao longo da sala implacável, feroz, com os olhos irradiantes de uma alegria cruel e eu, mal a avistava, perdia de todo o ânimo e recolhia ao meu miserável e passivo silêncio. Afinal bateram à porta; abri; era o feitor.

— Está no tronco, senhor.

Não respondi. À vista do vergalho que ele trazia ainda ao ombro estremeci de horror. Era o primeiro castigo que se aplicava em *Santa Luzia*, a minha ordem, porque dantes nunca os matos ouviram o gemido de um escravo, nem o zunir do relho. Era a primeira vez que o sangue do negro pingava sobre o solo abençoado do meu sítio. Covardemente, calado e inerte, eu sofria o flagício<sup>134</sup> desse remorso quando a voz suave de Leonor, voz de magia e de perfídia, chamou-me enternecida e meiga.

Abri a porta e ela, risonha, pousou sobre a mesa, atulhada de papéis, o copo de leite, instando comigo para que o bebesse porque não havia tomado alimento algum e, beijando-me, perguntou:

— Estás triste?

— Ah! Leonor, é quase um crime o que se está passando aqui. Bem sabes que não conheci minha mãe, devo tudo a essa negra que me trouxe

---

<sup>134</sup> Flagelo.

desveladamente até os dias de hoje com tanto carinho como teria a morta. É minha mãe...

— Tua mãe...Uma bêbada! Ora! Nem digas isso! Então se tivesses sido criado por uma cabra do monte havias de aturar as suas imundícies? Pareces criança! Bebe o teu leite e vamos dar uma volta pela varanda; a noite está maravilhosa.

— Não, deixa-me ficar um instante aqui. Sinto-me mal. Deita-te se tens sono; eu vou repousar um pouco na rede.

— Mas toma o teu leite, insistiu, oferecendo-me o copo.

— Sim, tomo já. Beijou-me de novo e partiu. Quando me vi só, o meu pensamento voltou-se de novo para a escrava. Pobre velha! Tomei o copo de leite, provei e, fosse amargor da minha boca, fosse por outro qualquer motivo, repugnou-me e atirei-o pela janela fora, enjoado, nervoso. Estirei-me, então, na rede, insone e triste, sempre a ouvir, dentro da minha consciência, os gemidos dolorosos da desgraçada.

Quanto tempo estive em evocação do meu passado? Não sei. Devia ser tarde, bem tarde, quando à porta de meu quarto apareceu uma negra vagarosa, pé ante pé, como se me não quisesse acordar; aproximou-se da mesa, tomou o copo que eu esvaziara, lançou um rápido olhar à rede e, no mesmo passo sutil, desapareceu.

Deixei-a ir, sem falar, sem mover-me, fechando-me num silêncio de agonia e veio-me um desejo intenso, um piedoso desejo de ver a escrava, de falar-lhe, a ela só, sem testemunhas, para ganhar-lhe o perdão. A casa dormia. Tomei uma capa e cuidadoso, manso e sorrateiro, atravessei as salas alcançando a varanda que o luar clareava.

A eira estava deserta, apenas ali – e o velho estendeu o braço nu para um canto da floresta – rente da terra, como uma lagarta, havia um rastilho de luz, na soleira de uma porta: era a casa do tronco. Saí pela noite alva festejando os cães para que não ladrassem e enveredei pelo caminho que levava ao ergástulo<sup>135</sup> dos negros. Parei algum tempo à porta para ouvir o gemido da escrava. A pobre velha, porém, sofria sem uma queixa; os grilos apenas trilavam e um caburé agourento rolava pios fúnebres.

---

<sup>135</sup> Cárcere, prisão.

Tirei a chave, abri a porta da prisão e penetrei. A vítima, presa de pés e mãos à tábua do suplício, parecia morta, imóvel como estava. O seu dorso nu, recurvado e magro, mostrando as vértebras nodosas, reluzia à luz tibia de uma candeia, os braços magros, esticados, tremiam-lhe e as mamas criadoras, exauridas por mim, pendiam como duas línguas secas, tetanizadas. Ela olhava firme para o muro fronteiro, arqueada como se quisesse puxar a si o instrumento de tortura e, pelo seu rosto escaveirado, corriam silenciosas lágrimas; de quando em quando entreabria-se-lhe a boca e um resto de soluço fugia. Comovido, mal contendo o pranto, aproximei-me e carinhoso, acocorando-me junto dela chamei-a:

— Mãe Eva! Rapidamente, voltando a cabeça, a negra fitou-me e seus olhos feriram-me como dois ferros em brasa. O tronco estremeceu sacudido pelo tremor do seu corpo e a negra, sem ódio, baixou a cabeça soluçando apenas:

— Ah! Nhô! ...A sua Eva!

— Perdoa, mãezinha! Disse abrindo com dedos incertos a tortura. A culpa é dela. A culpa é dela...

— Sim, Nhô... Eu sei. E a velha já livre, guardava ainda a atitude do suplício. Levantei-a:

— Vamos, mãezinha. Vamos!

— Ah, meu Deus! Exclamou a desgraçada num grande sofrimento e rompendo em choro forte:

— Pobre Nhô! Coitado de Nhô! Tão bom e tão infeliz!

— Mas que é, mãezinha? E minha alma pressaga<sup>136</sup> esvoaçou atordoada dentro do meu coração:

— Que é mãezinha?

— Ah! Nhô, é ela, essa mulher malvada, essa Leonor que envenena *vamcê* porque é bonita, Nhô. É ela que Nhô estima tanto a ponto de deixar que façam isto na sua pobre negra. E, com os dedos crispados, rasgou a camisa ensanguentada para mostrar-me a chaga viva no peito. É ela, Nhô, que, a esta hora, enquanto eu sofro, está ali! Ali! Porque pensa que *vamcê* está dormindo. E a velha saltou como uma pantera para o meio do campo esticando o braço na direção do moinho:

— Está ali, Nhô, mais Serapião. Eu vi, Nhô, duas noites: ela mais o caboclo, quase nua, enroscando-se nele como uma cobra no tronco.

---

<sup>136</sup> Aquela que presente, intui.

— Leonor!?

— Sim, Nhô! E, de novo, curvando-se, esticou o braço nu:

— Ali, Nhô, com Serapião. *Vamcê* não vê a luz por baixo da porta? Estão lá, Nhô; estão lá! Eu olhava tremendo.

— *Vamcê* não podia ver, *vamcê* bebe o feitiço que faz dormir, é no leite que *vamcê* bebe. E enquanto *vamcê* dorme ela estrebucha nos braços do maquinista. Eu vi, Nhô. Eu vi! Nega velha não dorme, caminha de noite e vê o que se faz no escuro. Eles estão ali, Nhô.

Travei dos pulsos da escrava, alucinado, tremendo:

— Mentos!

Eva, porém, fitando-me com uma luz estranha nos olhos pequeninos, riu:

— *Vamcê* venha comigo, Nhô! Venha que *vamcê* há de ver como os seus olhos. Venha, Nhô. E, apesar de todas as suas dores, a velha escrava foi aos saltos, como uma bruxa, guiando-me pelos caminhos quietos onde sapos pulavam assustadiços e bacuraus piando iam, de voo em voo, precedendo-nos.

As árvores, com a brisa noturna, ramalhavam e, longínqua, a cachoeira reboava com um estridor que parecia o ressonar da floresta. Ah! Meu amigo, as tempestades da alma são mais fortes do que as da natureza. Eu sentia dentro em mim o frêmito do meu ódio, era um reboo soturno que me subia do coração à cabeça e a minha ira relampejava flamínea nos meus olhos ardidos. O furor é uma tormenta...Mas, apesar da evidência do crime, ainda eu tinha no coração um íris de esperança. Fragilidade! Fragilidade!

Fui por diante; a serpe não correria mais depressa por entre silvas e Eva precedia-me regougando, saltando. Espinhos que me picavam, cipoais que me prendiam, pedras que me martirizavam os pés, nada detinha a minha desesperada carreira.

Quando cheguei ao moinho, a minha primeira ideia foi arrombar a porta, apresentar-me de improviso aos dois amantes, agarrá-los num só abraço, triturá-los... mas quis certificar-me. Aproximei-me de manso, debrucei-me sobre um tronco e espiei por uma frincha. O velho calou-se, arquejando. Nuvens toldaram a lua; descia uma treva densa. A brisa sacudia as ramagens e vinha de longe, dos baunilhais silvestres, o aroma voluptuoso. Lentamente, como quem acorda de um sono, o velho levantou a cabeça alvadia e continuou com a sua voz melancólica:



— Vi, meu amigo! Vi! E vejo ainda porque nunca mais se desvaneceu essa visão tremenda. Os dois juntos: ele era como um tronco forte, ela como uma parasita em flor. E, vendo-a, a miséria da minha carne fraca foi grande e iníqua. Já não sei mentir – amei-a no lodo, vendo-a de rojo, envilecida, infamada nesse conúbio. Amei-a porque lhe surpreendi à meia nudez descomposta, amei-a e, na minha brutalidade de homem, levantou-se, maior que o ódio, o perdão nascido da volúpia. Amei-a! Lágrimas covardes borbulharam-me nos olhos e tremendo, agarrado aos galhos da árvore que era o meu pelourinho, porque não pode haver maior suplício do que o de um homem olhar a sua desonra, enfraquecia, túbio e torpe, quando ouvi o grunhido sinistro da negra que vinha pela árvore acima agarrando-se, guindando-se, sem o mais brando bulício, como uma cascavel:

— Olhe, Nhô! Olhe, Nhô! Foi por isso que ela pediu a minha morte. Era para isso que ela enfeitiçava *vamcê*. Agora espie, Nhô...Espie.

Estremeci e o meu ódio despertou mais vivo. Deixei-me cair da árvore e, subindo os degraus que levavam ao moinho, atirei-me de encontro à porta que foi dentro com estrépito.

Quando me vi no interior, que uma candeia, pousada sobre a mó, alumiaava, em face da adúltera, não sei que estranho ardor queimou-me os olhos, um estremecimento nervoso sacudiu-me todo e eu, que entrara impetuosamente, fiquei hirto, parado a olhar, embrutecido e mudo.

Serapião ergueu-se lesto, encantoando-se, esgazeado; ela, com um grito, ficou de braços, calada, imóvel, toda nua. E foi assim que os tive diante dos olhos um tempo incontável e talvez me tivesse humilhado até o perdão se Eva não rosnasse implacavelmente fora:

— Então, Nhô! Então, Nhô!

Meu amigo, não lhe sei contar o assalto do meu furor à covardia do meu coração, sei que investi com o homem. Ele, forte, apertou-me nos braços e parecia que me ia estalar, esmagar nos seus pulsos, quando escancarou a boca num rugido como de fera alanceada e logo senti-me livre, apartando-me do caboclo que tombava agonizando, estrebuchando, de olhos muito abertos. Fitei-o apavorado e vi que morria...

Mas outros gritos desesperados partiam; voltei-me e vi Leonor que se desprendia dos braços da negra, recuando, as mãos ambas na nuca, vacilante, trôpega, aterrada. Rolou por terra como morta e pude apenas ouvir a sua queixa

final, já em voz que a morte enfraquecia: “Meu Deus!” E se mais disse não lhe ouvi mais nada.

Arrepiado de pavor, voltei-me para a negra: Eva sorria guardando na mão mirrada um comprido espinho fino e agudo como um estilete. Meu terror foi grande e não o lhe descreverei, mas o que se passou depois foi bem cruel, bem triste. Leonor, não sei se para morrer perto do amante, se para procurar melhor recanto de repouso extremo, arrastou-se de olhos baixos para não ver-me e já ia perto de Serapião, sem que eu me animasse a embargar-lhe o caminho, petrificado como estava, na agonia e no assombro, quando a negra investiu cruel e vingativa:

— Nhô! Nhô! Ela quer morrer com ele. Até morrendo, Nhô!

Creio que me passou pelo espírito uma nuvem de loucura porque não me lembro do que então fiz. Só lhe digo que me achei fora, ao luar, com o corpo amado aos ombros. Saí para a noite seguindo os passos da negra, que sibilava a minha frente, indicando-me os caminhos:

— Por aqui, Nhô! Por aqui, Nhô! E, sem consciência, cheguei à galhada verde de uma grande árvore; junto à raiz havia uma cova profunda, aberta pelas enxurradas. Eva silvava:

— Aqui, Nhô! Aqui! E, de quando em quando, vinha como espinho e espicaçava o corpo flácido que eu transportava e senti sobre os ombros o último tremor das carnes de minha esposa.

Estremeci, os braços desfaleceram, a morta escorregou-me dos ombros e ouvi o baque no funda da cova acamada de folhas secas.

A negra começou, assanhada e feroz, a atirar terra para a cova e, de cócoras, raspando o solo, cantava. Louco, horrorizado, deitei a correr sem rumo pela mata na escuridão e no silêncio da noite triste.

A pesada treva que eu varava parecia condensar-se em muralhas negras, os galhos das velhas árvores moviam-se como tentáculos procurando agarrar-me para um suplício, grande como o meu crime. A lúcida poeira dos pirilampos torvelinhava na escuridão como pupilas demoníacas que me espiassem, aves fúnebres grugulhavam no escuro e, às vezes, no murmulho da floresta, parecia-me ouvir a voz sumida de Leonor a fugir da terra como se ela me acompanhasse numa carreira subterrânea. Escondi-me em uma caverna escura para que a fera, que ali morava, acabasse com o suplício da minha vida... Mas a noite passou tremenda e solitária.

Encolhido na cafurna<sup>137</sup> acendeu-se na reminiscência da saudade todo o passado feliz do meu coração – senti o sabor dos beijos extintos, e vi levantar-se na ferrugínea sombra, pálida, nua, embrulhada na cabeleira farta, a morta, minha esposa morta, caminhando para mim a passos lentos, grave, a nuca atravessada pelo espinho terebrante<sup>138</sup>.

Ergui-me trêmulo e trêmulo avancei para a visão, abracei-a, beijei-a e senti que ela, na sua impalpabilidade de espírito, intangível e sutil como a luz, entrava no meu hálito e, até hoje, vive em minha alma passeando pela minha consciência. Ah! A vida que levei na espessa selva. À noite a treva fechava a porta da minha fuma, durante o dia escondia-me no mais profundo desvão para que não visse homem nem fera.

Uma manhã – já havia corrido longos e penosos meses – devia ser dezembro, pelas flores que arrecamavam o arvoredo, eu tinha os cabelos hispídeos<sup>139</sup>, as unhas retorcidas, terrosas e aduncas como raízes, pouco me faltava para confundir-me com os vegetais; as palavras, ia-as esquecendo por não ouvir senão bramidos e pios. Uma manhã, dizia, estava eu sentado, com o meu remorso, à entrada da caverna, quando vi passar feroso e altivo, a longa crina ao vento, Mouro, o meu cavalo favorito. Chamei-o! Chamei-o! O animal, porém, fugia com mais fúria como se os meus gritos o apavorassem. As próprias bestas esqueciam-me. Era melhor morrer, pensei. Ah! Minha alma, como foste fraca! Mas vamos... Deixei o meu abrigo e atirei-me à floresta sem destino até que ouvi o confuso e troante chofrar das cachoeiras. Era a voz da Morte amiga... Avancei, a correr, para o benefício supremo.

Lindas águas, espumas alvas fervendo. Em torno árvores, pedras, rocados, arbustos, tudo instilava gotas, inclusive o penedo férreo por onde escorria o regato despenhando-se. Parecia que um grande pranto vivia ali, só meus olhos estéreis, queimados pelas vigílias, estavam enxutos. Talvez a lágrima subisse do coração à pupila, mas a ardência absorvia-a, ato contínuo como a areia adusta do deserto bebe sôfrega e ávida a gota do orvalho frio. Entanto a pungente jeremiada<sup>140</sup> das coisas foi, pouco a pouco, parecendo-me alegre – o que eu julgava pranto fez-se luz

---

<sup>137</sup> Caverna, esconderijo.

<sup>138</sup> Perfurante.

<sup>139</sup> Eriçado.

<sup>140</sup> Lamúria, queixa importuna.

irriante<sup>141</sup>, o que eu julgava soluço fez-se melodia e um hino vitorioso subiu num concertante módulo em que entraram as vozes da água, o canto dos passarinhos e o arpejo suavíssimo dos ramos.

Abeirei-me do abismo – as águas espumavam no fundo em cachões nitentes<sup>142</sup>, torvelinhantes ... A morte hiante<sup>143</sup> evocava! E fui covarde! Voltei com minha melancolia.

A vida é um vício. A vida, por mais dolorosa que seja, meu amigo, não é fácil deixá-la. Voltei a passos medidos e a vida sorria em tudo: na flor, no inseto, na ave, no broto do tronco, no rebento do arbusto; só eu trazia mágoas, eu só!

Por que não cresce entre as nossas árvores a mancenilha que mata? Ah! Se eu a tivesse achado com que ânsia feliz repousaria o corpo à sombra dos seus ramos, deixando-me enlaçar lentamente pelo perfume que vai, aos poucos, traindo a vida, adormecendo-a, adormecendo-a até o grande sono definitivo? Mas a selva pátria é leal como a luz: as flores são puras e quem aspira o aroma selvagem rejuvenesce.

Vagando como uma fera no tempo do amor segui vários caminhos. Às vezes, parecia-me ouvir um grito longe, um mugido, o balar de uma ovelha. Ficava-me a escutar e nada... Ilusão! Ilusão! A saudade, que reminiscência triste! É como uma noite na alma sempre povoada de espectros.

Foi em um desses passeios torturantes que sofri o golpe decisivo. Seguia com os olhos na terra sem pegadas quando, não sei dizer porque, parei diante do rio. À margem apodrecia uma piroga de pesca – era um arcabouço negro, espécie de anfíbio antediluviano. Mas, quando meus olhos baixaram à plácida corrente, recuei... Acabava de ver, pela primeira vez, a minha devastação. Chorei e fugi do espectro. Eu, que durante tanto tempo, tomara nas mãos a água de um rio que derivava na minha fumaça, via-me, pela primeira vez, na grande abundância de rio, um rio que, com a sua mudez, recordou todos os meus sofrimentos, mostrando-me no rosto os grandes sulcos da mágoa.

Fugi como um evadido foge da presença de um juiz procurando a floresta, mas vim sair na eira onde estamos, aqui! E foi então que comparei as duas ruínas – a do meu corpo e a do meu sítio. Tudo demolido, tudo abandonado: nem uma voz

---

<sup>141</sup> Cintilante.

<sup>142</sup> Resplandecentes.

<sup>143</sup> Faminta.

nos escuros salões, nem um balido nos currais abertos. *Santa Luzia* era uma tapera... De humano o que encontrei foi um esqueleto dobrado no tronco; a morte em suplício. Quem seria? Quem teria castigado e esquecido em pena essa mísera vítima? Visitei as ruínas, visitei os queridos destroços. Tudo saqueado... Tudo! Mas quando saí para o campo, quando voltei os olhos para o lado do moinho... Mas ouça, ouça depressa. A lua vai alta, à meia noite a sua luz recolherá todas as sombras e a essa hora eu pertenço à árvore. É a hora da morta. É a hora da morta.

#### IV

A noite subia silenciosa e diáfana. Sobre as nossas cabeças, no céu alto, recamado de astros, a Via Láctea estendia-se com um velário<sup>144</sup> de ouro. As vozes da natureza confundiam-se em murmúlio trêmulo: eram cícios na erva rasa, arrulhos nas ramarias, crocitos, pios tristes de acauãs e perenes, em ritmo monótono, os sapos, nos brejos lôbregos, faziam ressoar o tan-tan merencório.

Soprava um vento gélido. Silvos passavam e ouviam-se leves frêmitos de élitros<sup>145</sup> de insetos que esvoaçavam tontos, de ramo em ramo.

E o velho, os olhos desmesuradamente abertos, errando pelas devesas<sup>146</sup>, num espreitar pávido e assombrado continuou, tartamudeando:

— Quando olhei para o lado do moinho era quase meia noite. Noite de lua, noite hipócrita, que não é bem treva, porque tem luz, que não é bem clara porque mal se vê: promiscuidade medonha de sombra e de claridade. Noite de medo! Era bem meia noite quando aquela árvore agitou-se. Ah! Meu amigo, mais vale morrer fulminado pelo pânico do que ter medo. O pavor é um choque – a morte é pavorosa; o medo é a lentidão do pavor, é a consciência do pavor. O bruto não conhece essa fraqueza do espírito porque não discerne: a fera espanta-se, a fera assombra-se, mas não tem medo porque não medita.

<sup>144</sup> Espécie de toldo com que, na Antiguidade, eram cobertos os circos e anfiteatros construídos a céu aberto, como proteção contra a chuva ou o sol muito forte.

<sup>145</sup> As asas anteriores espessas dos besouros.

<sup>146</sup> Lugar cercado de arvoredo e de entrada proibida.

Imagine a sensação de um homem que se foi afogando, consciente, pensando – é a sensação do medo: uma asfixia no assombro

O pavor é rápido, é uma onda que nos atira à praia; o medo é contínuo, é um estado da alma. Mas onde vou eu? Falava da árvore... Agitou-se, dizia. Ah! Meu amigo, não posso definir o que senti: - foi um grande medo. Todo o meu sangue parou como as águas de um rio de encontro a uma represa e, frio, entrei a tremer, a tremer como agora tremo no limiar da grande hora trágica.

A árvore agitou-se como num espreguiçamento e sucessivos estalos e crepitações ríspidas fizeram com que meus olhos baixassem das ramas às raízes e não sei que estranha força fez com que meu corpo arriasse sobre os joelhos. O colosso desprendia-se como um polvo enorme, abandonando a rocha, despegando, um a um, os tentáculos terríveis.

A primeira raiz levantou-se curva, nodosa e negra e estirou-se pela terra dilatadamente. Outra estalou, arrancou-se, desenroscou-se zunindo como uma vara recurvada que se liberta e silva ganhando a linha natural. De repente, em bando, todas as raízes deixaram o solo e a árvore grande, extraordinária, folhuda, sacudiu-se com um farfalho horrísono. As raízes foram-se curvando em garras e o vegetal levantou-se sobre esses pés aduncos, lançando derramadamente um tentáculo, outro veio lento, bambo, murmulhante, um monstro formidável, coberto de folhas híspidas que o luar fazia de prata, em direção ao sítio onde eu me prostrara cativo, avassalando, sob a pata racinosa<sup>147</sup>, arbustos, ervas e o arvoredo novo. O rumor grande que fazia era como o de uma cachoeira que se avizinhasse. Meu amigo, as forças faleceram-me: nem para um grito tive ânimo. Meu coração batia acelerado; copioso suor escorria-me do corpo frio e tiritante e a árvore caminhava numa convulsão de galhos e de folhas.

Eu olhava e vi, já perto, tão perto que a sua sombra cobria-me, a árvore andeja<sup>148</sup>. Tremeu como num sopro violento de ventania, derreou-se varreu o solo com a folhagem e, quando se levantou, a terra ficou encharcada de sangue.

As folhas perderam a cor viçosa, o verde tenro, ganhando o colorido sandicino<sup>149</sup> – eram como pequenos corações pendurados dos galhos, os galhos

---

<sup>147</sup> Relativo a raízes, com raízes.

<sup>148</sup> Que anda muito.

<sup>149</sup> Avermelhado.

vermelhos também, de um vermelho vivo de corais, as raízes, o tronco... e grandes gotas rubras pingavam sobre mim sem descontinuar.

Tentei fugir, mas uma das raízes prendeu-me, enlaçou-me, apertando-me aos poucos triturando-me. Estive um momento em ânsias formidáveis como Laocoonte<sup>150</sup>, ouvindo gemer essa monstruosa criatura que me molhava de sangue e, exausto, entrei pela morte e, do que mais houve não sei, porque já voltavam as cores matutinas ao lívido céu quando abri os olhos oprimido.

A árvore já se havia enterrado e, lá no seu posto farfalhava grande, sombria, desgalhada, cheia de passarinhos. Tive dúvidas sobre a tragédia noturna, levando tudo à conta de minha imaginação exaltada e, para convencer-me, fui até a raiz do colosso, examinei a cova nefanda. Cavei, cavei com as unhas a terra dura, cavei desde a primeira luz até a hora do sol forte.

Já exausto ia abrandando quando, subitamente, as minhas unhas arranharam um corpo liso. Cavei mais e meus dedos arrancaram fios de cabelos louros; cavei mais e o crânio de Leonor, terroso e tábido, apareceu. Tomei-o nas mãos: era a sua formosa cabeça despida pela Morte.

Nas câmaras dos olhos havia vermes moles coleando. Oh! Luz das pupilas para o sempre extinta, luz amada! Os dentes subsistiam e, por entre eles, a vermina da Morte insinuava-se. Beijos! Oh! Beijos tão nojentamente transformados! Nada mais havia ali dentro: era um grande vácuo. E todos os ossos ali estavam amarelecidos e, sobre o crânio, como filandras, os cabelos emaranhados. Tomando-os, pareceu-me que ainda rescendiam voluptuosamente. Beije-os, chorei sobre eles e parti levando-os para a minha cafurna onde, examinando com amorosa paciência o crânio, achei o espinho cravado entre os cabelos e fiquei-me como um anacoreta, entre as ruínas, ajuntando mais essa ruína dolorosa do meu amor ao descalabro da minha fortuna, ao desespero do meu coração. Leonor!

Pode ainda ver o oratório onde outrora resplandeceram os olhos negros, onde dantes cantaram os beijos mais ardentes que jamais têm despontado em lábios de mulher.

E o dia todo foi-se em contemplação. À noite, porém, quando a sombra baixou de novo, envolvendo os meus domínios, o medo começou a cair dentro em mim como uma geada de inverno.

---

<sup>150</sup> Escultura em mármore, também conhecida como Laocoonte e seus filhos, hoje em dia exposta no Museu do Vaticano.

Os vagalumes erravam luciluzindo como fagulhas de astros, a cachoeira soturna ululava ao longe, o acauã tumular gemia nos ermos desamparados, todas as vozes misteriosas enchiam a noite quando beijei, ainda uma vez, o crânio solitário e, tendo-o perto do ouvido, afagando-o como dantes o afagava de encontro a minha face, quando dentro dele as ideias de perfídia e o luxurioso pensamento demoravam, ouvi um surdo reboio como o que existe no bojo das conchas marinhas. Ah! Se o senhor o ouvisse! Era como um gemido sem fim, cavo, dolorido, eterno.

Fuja de ouvir o espectro do som nos crânios ermos – é o eco infindável das lutas íntimas, é o caos da palavra, o indistinto rumor do que foi expressão, do que foi harmonia.

Ouvia, quando um estridor formidando, como de trovões ao longe, arrancou-me à dolorosa audiência – levantei os olhos alucinados e vi: era a árvore que vinha, como na véspera, grande, vagarosa, tremenda... Como fugir, meu amigo? Deixei-me enlaçar e só ao clarear salvador da madrugada levantei-me do horrível sofrimento. Desde essa noite até hoje padeço, sem alívio, a tortura do trasgo que ali vê, coberto de ilusória folhagem. A árvore, que possui a alma da assassinada, vinga-se lentamente enquanto as outras farfalham na grande selva enchendo as noites pavorosas de lamentos. E Eva? Que é feito dela? Nunca mais a vi! Quem sabe se já apodreceu na terra? Talvez ainda viva. Nunca mais a vi... Nunca mais! E acenou para o céu num grande desalento, derreando sobre o peito a venerável cabeça.

- Por que não deixa a *Tapera*?

- Deixá-la? Para quê?

—Para evitar o suplício.

— Ah! Se eu pudesse evitá-lo fugindo! Não posso, é impossível! A árvore segue-me a toda parte. Tenho procurado cavernas e a árvore, à meia noite, mesmo as cavernas invade: sobe aos montes, desce aos vales, corre os campos, penetra a selva cerrada, vadeia os rios ou vai sobre as águas, flutuando como um camalote. Onde quer que eu vá a árvore acompanha-me. Ainda no túmulo as suas raízes terebrantes irão macerar cruelmente o meu cadáver. Para que fugir?

—Então?

— Então?! Sofro: espero a meia-noite resignadamente. Súbito, porém, levantando a cabeça, cravou os olhos na mata e, a tremer, agarrou-se-me aos braços. Os dentes batiam-lhe, as suas unhas cravavam-se nas carnes.

— Que tem?



— Fuja! Fuja! É o acauã. É o acauã! Fuja! É meia noite. Ela aí vem! Ela aí vem! É a hora! Fuja! Agarrou com as mãos ambas a cabeça e, gemendo, foi-se pelo mato dentro aos uivos, guaiando<sup>151</sup>, e muito tempo ouvi os seus gemidos. Bradei por ele, mas a solidão devolve-me os reclamos e longe, efetivamente, as agourentas corujas grazinavam. Tremi.

Toda mata, num grande e estrupidante<sup>152</sup> murmulho, parecia despertar estrondosamente. Os sons cresciam, as vozes, várias e dispersas, tornavam-se mais nítidas, mais longas, vibrando intensas. Bradei de novo e com desespero e de novo o meu brado veio em ricochete aos meus ouvidos... Senti-me só no assombro e a lua, solitária no céu, aclarava funereamente a densa paisagem lúgubre.

Voltei os olhos em torno, tremendo, oprimido e avistei o meu cavalo à distância, imóvel como se dormisse. Precipitei-me e montava justamente quando ouvi um grito agudo, percuciente<sup>153</sup>, um grito inexprimível de suprema agonia – e toda a mata tremeu comigo.

Estalos, trepidações, reboos, ventos frios, revoadas de folhas, sombras e claridades, águas correndo, águas escachoando, que mais sei? Não me lembro de mais! Ora parecia-me seguir por montes íngremes, ora sentia a marcha suave do animal pelas planícies. Que mais sei? Nada mais!

Foi com surpresa que, ao despertar, reconheci os muros do meu quarto e os meus em torno do leito em que eu jazia. A lua mal penetrava pelas taliscas<sup>154</sup> porque as janelas tinham os ferrolhos corridos. Os que andavam iam e vinham suavemente, em pontas de pés, cochichando. Quis falar e minha mãe opôs-se carinhosamente.

Só mais tarde contaram-me o final da minha trágica aventura. Faziam-me no sítio dos *Reis Magos* já repousado, bailando entre a verde folhagem que enfeitoava o presepe quando, ao romper da manhã, apareci no sítio.

Roto, alucinado, as mãos em sangue, o rosto lanhado pelos espinhais, eu bradava, em fúria, acoessando o animal com estabanados gestos, com palavras

---

<sup>151</sup> Soltando lamentos.

<sup>152</sup> Que causa muito barulho.

<sup>153</sup> Penetrante.

<sup>154</sup> Fendas na rocha.

loucas. Falava insanamente, aterrado, os olhos grandes e cheios de pavor, o peito em ânsia, ardendo em febre.

Recolheram-me e, no leito, três dias longos passaram sobre mim sem que eu deles me apercebesse, sempre a bradar, assombrado, contra a árvore que vinha esgalhada, estortegada<sup>155</sup>, sinistra, beirando-me para supliciar-me.

Três longos dias de febre! Teria morrido se não fosse o animal conhecedor dos trilhos, que me trouxera, guiado pelo instinto, ao sítio paterno, subindo cerros, atravessando campos.

Ainda hoje, quando falam do meu assombro e quando eu repito tristemente as palavras do velho, dizem-me, com sorriso incrédulo: “Foi uma visão que tiveste. Sonhaste, deliraste... Honório Silveira é morto, Leonor Silveira é morta, foram ambos vítimas dos escravos revoltados. Todo o sertão conhece a história do levante dos negros da *Santa Luzia*. Não há duendes nas terras, nem viva alma ali passa. Os sertanejos falam desse velho como falam do *Curupira* e da *Yara* das águas correntes. Foi uma visão que tiveste. Sonhaste, deliraste”.

Sonho! Delírio!... Às vezes, eu mesmo creio no que dizem. Mas não! Não! Não foi sonho: eu vi e ouvi!

Tenho de memória o sítio e as palavras desse tristíssimo romance ficaram-me gravadas no espírito como um epitáfio numa lápide.

Sonho! Delírio! Não, a verdade é esta. Tais palavras transcritas são as verdadeiras, caíam da boca gemedora do desvairado penitente. Nem delírio, nem sonho: uma pungente verdade.

Hoje sim, talvez não exista esse protagonista lúgubre! Hoje sim, talvez sejam na selva vitoriosa absoluto o silêncio e absoluta a solidão, mas que eu o vi e ouvi...

Enfim sonho, delírio ou dolorosa verdade... Orai por ele!

---

<sup>155</sup> Retorcida.

**FIRMO, O VAQUEIRO**

Sentados na soleira da palhoça, em face do verde campo, à hora vespéral em que os rebanhos recolhem, o velho Firmo e eu fumávamos, relembrando passagens alegres da vida de outrora.

Firmo era meu companheiro quando eu ia passar as férias na roça. O que ele sabia de histórias! E como as contava fazendo a voz enternecida e meiga para imitar as princesas que imploravam ou arremetendo com vozeirão terrível para que eu tivesse a impressão exata do bradar horrível dos gigantes antropófagos. E não só histórias dos livros, outras sabia que eu jamais em letras vira: a que descrevia a yara branca<sup>156</sup> seduzindo o remador do Itapicurú e o conto do surrupira<sup>157</sup>, com que no bom tempo faziam cessar a minha impertinência. Algumas eram inventadas por ele, diziam; outras o velho Firmo, vaqueano e andejo, aprendera por esses sertões de Deus por onde caminhara.

Andava pelos oitenta anos, mas quem o visse a cavalo, no campo, não lhe daria tanta idade. O diabo era o reumatismo que lhe não deixava as pernas. No seu tempo ninguém levava o melhor ao Firmo do *Curral novo*. Raparigas, que uma vez o viam montado no garboso *fabrica*, o laço em volta da cinta, a aguilhada firme sobre a coxa coberta de couro cru, perdiam-se de amor por ele.

Era um caboclo atirado, musculoso e rijo: grandes olhos negros brilhavam no seu rosto queimado pelos verões e os cachos do seu cabelo rolavam-lhe pelos ombros largos.

Velho, embora, "ninguém lhe chegava ao pé sem muito jeito", como ele próprio dizia sorrindo com os seus dentes limados, agudos como pontas de flechas. Apesar de alquebrado e enfermo, andava com arrogância e notava-se-lhe na voz, áspera e forte, o hábito de comando.

Em tempos de festa, quando vinham para a mesma eira moças do lugar e moças de mais longe, Firmo saltava na roda, sapateando, rasgando na viola a *tirana*<sup>158</sup> dos campeiros, e quem ousava pegar no verso do caboclo?! As tabaroas morenas sorriam com os olhos fascinados e unidas desfaziam-se das flores para que o cantador as fosse pisando no sapateado...por isso o Firmo andava sempre de

---

<sup>156</sup>Figura lendária do folclore brasileiro. Sereia descrita como uma mulher branca, de olhos verdes e cabeleira loura.

<sup>157</sup> Entidade espiritual que habita as matas, similar ao Curupira (termo regional – Maranhão).

<sup>158</sup> Dança de roda, difundida em todo o Brasil, onde surgiu no final do século XVIII, e cuja coreografia inclui sapateado e requebros.

ponta com os companheiros e, mais de uma vez, o descante<sup>159</sup> acabou varrido à faca; mas quem ficasse do lado do caboclo podia estar descansado — nunca fugiu de arrelia, fosse com um, fosse com dez ou mais.

*Mãezinha*, a velha mucama de casa, quando o via passar no caminho, curvado, pitando o seu cachimbo de taquara, dizia maliciosa:

— *Isso, ahn! Isso, foi o diabo!*

Firmo "vivia encostado no tempo de dantes", a saudade era o seu conforto. "Hoje em dia qu'équ'a gente vê? Má língua e moleza só", dizia e citava os valentes de antanho<sup>160</sup> e mostrava as velhas gabando-lhes a beleza que a idade fanara: "Serapião, homem que nem o diabo!... Ana Rosa, essa curumba<sup>161</sup>... foi mulata de dengue, era um motim aqui em cima por causa dela. Filomena, com essa cara de peixe moqueado, teve o seu luxo e foi gente... Eu também pisei duro, ora!"

Firmo vivia das recordações. Passava os dias caminhando de um para outro lado, visitando as palhoças, ou à beira do rio para ver e ouvir as lavadeiras, quando não se metia em casa a fazer bodoques<sup>162</sup> para as crianças.

À tarde sentava-se em um pilão quebrado, à porta da casa, e deixava-se estar inerte, os olhos ao longe: "Estava vivendo..." Dizia quando eu lhe perguntava que fazia ali sozinho. Estávamos, às vezes, sentados juntos, ele a contar-me histórias, quando nos chegava, nítido e agudo, o grito do campeiro. Firmo calava-se, um estremecimento agitava-o, os olhos dilatados recobravam o brilho antigo e punha-se de pé, devassando a paisagem triste, à luz crepuscular.

De repente aparecia a nuvem de poeira anunciando o gado que chegava... uma mancha vermelha, uma mancha negra, outra e logo o magote, os bois juntos, emaranhando os chifres; um mugia, outros imitavam-no levantando os focinhos ou ferravam-se às marradas, sendo, às vezes, necessária a intervenção do vaqueiro que apartava os dois à ponta de vara. E a marcha aproximava-se morosa.

Firmo ficava enlevado acompanhando os movimentos da manada, inclinando-se para um lado, para outro, aspirando sôfrego. De repente, batia as palmas e juntava, logo em seguida, as mãos na boca, à guisa de porta-voz, bradando:

— *Eh! Eh! Eh cou! Ruma! Ruma! Eh! lou...*

<sup>159</sup> Qualquer espécie de canto acompanhado de instrumentos.

<sup>160</sup> Épocas passadas.

<sup>161</sup> Mulher velha.

<sup>162</sup> Espécie de estilingue.

E ficava longo tempo excitado, a olhar. Não perdia uma só das peripécias e, se um touro espirrava, correndo aos galões pela campina, o velho entrava a bramar do outeiro, tão alto, tão alto que as raparigas, que andavam na eira recolhendo a roupa ou socando o arroz, paravam assustadas erguendo os olhos para o lado da palhoça do vaqueiro velho. Mas ninguém o acomodava antes de ser laçado o boi fujão e quando o vaqueiro aparecia, arrastando o animal laçado, Firmo suspirava baixinho:

— Ah! Nossa Senhora! Meu tempo!

Foi pelo Natal que o vi pela última vez. Começavam os preparativos da festa, quando cheguei ao sítio. Nas casas dos escravos as velhas, à noite, ensaiavam as crianças. Na eira, os rapazolas preparavam jiraus; colhia-se o arroz novo para os presépios e, de todos os lados, mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas ao *Deus Menino* e as falas dos infantes que figuravam no *Mistério*.

Firmo estava doente, mal podia mover-se: passava os dias na rede. Subi a vê-lo uma noite, justamente na véspera do grande dia. Encontrei-o deitado, fumando, os olhos semicerrados.

— Eh! Vaqueiro velho... Então que é isso?!

— Estou derrubado, patrãozinho.

— Mas que diabo tem você?

— Moléstia má, patrãozinho; parece que desta feita vou mesmo.

— Ora qual...

— Eu é que sei como me sinto, patrãozinho. Se até o *pito* me faz nojo...

— Pois eu preparei uma surpresa que te vai fazer mais bem do que todas as *mesinhas* de mãe Tude. Quem está aí fora? Adivinha...

— Ah! Patrãozinho, alguma alma boa... Quem há de ser?!

— Raimundinho.

O velho sacudiu-se nervosamente na rede e, voltando-se para a porta com um sorriso, perguntou:

— E onde está esse negro que não entra?

— Boa noite à gente da casa! Disse da porta o cafuzo.

— Entra, negro!

O cafuzo, um codoense<sup>163</sup> de fama, atravessou o limiar da porta:

— Então, tio Firmo, a febre pôde mais, hein?

— Sim, porque eu não vi quando ela entrou... quando não! Então, negro, que é que vamos fazendo?...

— Vim fazer a minha festa. Dizem que vão queimar fogaréus no *Curral novo*...

— Como vai Noca?

— Boa.

— E Ana? Está na cidade, mais o pai?

—Hen, hen, afirmou o cafuzo.

— Negro, você não vai daqui hoje. Ah! Patrãozinho, vosmecê vai ver o que é um diabo. Negro ajunta a madeira ali atrás da arca...

— Está encordoada?

— Ó danado! Onde você viu viola de homem sem corda? E afinada. Ajunta.

O codoense agachou-se, apanhou a viola do vaqueiro e logo correu os dedos ágeis pelas cordas.

— Passa pra luz, cafuzo.

— Lá vou...

Sentou-se no centro da sala, cruzou as pernas e, tombando a cabeça, gemeu a toada sertaneja.

— Anda com Deus.

— Lá vai; pigarreou e desferiu:

No coração de quem ama  
Nasce uma flor que envenena.

— Eh! Gritou o Firmo entusiasmado, concluindo a quadra:

Morena, essa flor que mata  
Chama-se paixão, morena...

— Pega, negro... Não deixa o verso no chão!

---

<sup>163</sup> Pessoa nativa de Codó, município do Estado do Maranhão.

De fora, contínuo e doce, vinha o coro longínquo das crianças em louvor de Jesus e, de vez em vez, reboava o mugido de um touro.

Quando o cafuzo descansou a viola. Firmo disse da rede com esforço, arrastando a voz fraca:

— Canta, canta mais, cafuzo... Quem não tem Nosso Pai ouve a cantiga. Canta.

Era tarde quando desci o outeiro. Raimundinho lá ficou cantando.

No dia seguinte, à hora em que saía o gado, estava eu debruçado à varanda quando vi o cafuzo que preparava o animal viageiro:

— Raimundinho, como vai ele?...

De longe apontou para a palhoça:

— Sim.

O braço caiu-lhe, olhou-me algum tempo comovido; depois, saltando para o animal, levou o polegar à boca fazendo estalar a unha nos dentes: "Às quatro da manhã... Atirei um verso e disse, para bulir com ele: Pega, velho! Não respondeu. Tio Firmo, mesmo velho e doente, não era homem para deixar um verso no chão... Fui ver, coitado!...Estava morto". E deu de esporas para que eu não lhe visse as lágrimas.

Subi ao outeiro... Pobre Firmo! Lá estava no fundo da rede, cercado de gente. Guardara o sorriso, morrera feliz, ouvindo os cantos do seu tempo e bem perto de casa, o mugido dos rebanhos. E bem que o choraram nessa noite os grandes bois, e diziam, entretanto, que eles estavam louvando o *Senhor Menino*; chorando o companheiro é que eles estavam, os grandes bois que pressentem todas as desgraças e que veem a Morte passar, à noite, com a foice de rastros, através das campinas. Bem que choraram nessa noite os bois: de certo viram a Morte entrar na cabana de Firmo.



**CEGA**

## I

A Luiz Marat

A cabana, de reboco, colmada de sapê, ficava isolada num alto, entre viçosos cafeeiros de basta folhagem roçagante, aberta em saia. Num cercado de ceva o bacorinho<sup>164</sup> coinchava, atolado na lama, focinhando regaladamente. O paiol, sob um alpendre de zinco, por onde trepava a ramada opulenta de um pé de maracujá, estava atulhado de espigas de milho e, na moenda tosca, dentre os cilindros de madeira, pendiam bagaços esfarpados e ressequidos de cana. A um canto erguia-se o forno de barro, alto como um cupim, sob a galhada protetora de uma velha mangueira.

Por entre os milhos, já secos, galinhas cacarejavam e um gato nédio dormia sobre a palha de café amontoada, como estrume, na raiz dos cafeeiros. Carreirinhos serpeavam por entre a plantação levando ao mandiocal, à horta, à fonte, numa grota recôndita sombreada pelas samambaias e pelos inhames; outros subiam para o capoeirão frondoso, na lombada do outeiro, de onde, à noite, desciam para a devastação da roça, pacas ariscas e tatus cavadores e onde, ao amanhecer e à tarde, nambus piavam tristonhamente e saracuras, aos bandos, levantavam a grita anunciadora das horas.

Outra trilha, aberta no meio da tiririca, descia para o tenro arrozal, num banhado, onde floriavam aromalíssimas e cândidas açucenas; e mais largo, direito e limpo, o caminho que levava à estrada, em descida suave, toda marginada de laranjeiras e de limoeiros, até a cerca de espinhos que demarcava o sítio.

Para o fundo, num valo angusto, o rio rolava por um leito pedregoso, salteado de rochas, em cujos dorsos, verdes de limo, fetos mimosos cresciam borrifados sempre pela garoa desprendida dos cachões espumantes do rio que se precipitava, aos gorgolões, de pedra em pedra, rumoroso.

Ao longe, a larga e deslumbrante paisagem accidentada, de collinas e valles, de um verde fino, macio como veludo, em matizes diversos, ora mais brando, ora

---

<sup>164</sup> Porco de pouca idade, leitão.

mais intenso, até a linha cerúlea<sup>165</sup> das serras, sempre diafanamente abrumadas, com os seus dentes agudos e irregulares cravados no céu curvo. O gado, miúdo e imóvel, disseminado nos pastos, parecia de pedra; uma ou outra cabana, a casa branca e baixa de uma fazenda, e rútilo, quieto, como uma placa de metal polida, um açude espriava as águas adormecidas na solidão monótona da várzea.

Ana Rosa e Felícia, mãe e filha, habitavam esse tugúrio<sup>166</sup> desamparado.

Ana Rosa, a mulata esbelta e forte no tempo dos dezoito anos, com a sua cor ardente de canela, com as suas tranças negras e luzidias, os seus grandes olhos cheios de quebranto, o seu colo farto e empinado nos corpinhos de cassa<sup>167</sup> que pareciam arroxar a carne rija, os seus quadris robustos, que tremiam ao bater faceiro do pé pequeno e trêfego<sup>168</sup>, a mais de um caboclo deixara o coração doído, apesar da moléstia má que, por vezes, dava com ela nos caminhos, como morta, a boca cheia de espuma, os olhos revirados e retorcida toda como em estupor.

Embora! Quem lhe visse a boca pequena, carnuda e fresca, tão bem ornada que era um feitiço, quer sorrindo, quer atirando os muchochos desprezíveis, quer mostrando, a rir, os dentes todos, pequeninos e brancos como a flor de laranjeira... Ah! Quem visse ficava cativo da mulata.

Ana Rosa! Quanta trova rústica nascia desse doce nome, nos ranchos, nas bibocas dos montes, nos outeiros, onde quer que houvesse alguém que, uma vez, tivesse olhado a rapariga, arisca como as juritis<sup>169</sup> da mata.

Mas quem pôde gozar todo o seu dengoso amor foi Simão Cabiúna. Quando se soube que viviam juntos foi um espanto geral. "Que gosto! Mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho. Com tanto rapaz apessoado, com tanto moço de posse, escolher um bruto mal encarado, como esse caboclo goiano. Que gosto! Foi mandinga, por certo, que o bicho fez. O diabo tem oração pra tudo... se até brinca com cascavel..." Murmuravam.

Ana Rosa, porém, preferira o atarracado sertanejo a quantos lhe ofereciam prendas nos leilões da festa do Rosário. "Também, com aquela baba peçonhenta

---

<sup>165</sup> Da cor azulada do céu.

<sup>166</sup> Choupana, habitação humilde.

<sup>167</sup> Tecido de linho ou algodão transparente.

<sup>168</sup> Irrequieto, ágil.

<sup>169</sup> Ave comum em grande parte do interior do Brasil.

quem queria a peste? Não era tão bonita assim..." Os desprezados vingavam-se com esses e outros comentários; alguns gabavam-se de Ana Rosa.

Simão, chamado o Cabiúna pela cor abaçanada<sup>170</sup> do rosto, era goiano. Viera de lá com uma boiada para Minas e nunca mais tornou à terra "porque tinha uma morte", diziam à boca pequena os sertanejos. Era um caboclo robusto e desempenado. Tão expedito<sup>171</sup> num roçado como seguro no lombo liso de um potro bravo e ninguém como ele para atirar o laço — ia buscar um garrote pelos chifres numa manada, por maior que fosse e quem na viola lhe fazia frente? Cabra tesol! Com um fogueiro trovava um dia e uma noite de enfiada.

Quem pegava com o caboclo quando ele caía sobre o instrumento, encardido de andar de mão em mão e soltava a voz:

Quem muito se agacha, dona,  
Nunca chega ao coração.  
A mulher quer soberbia  
Não quer ver humilhação;  
Ninguém derruba o novilho  
Se não com o laço na mão.  
Quem muito se agacha, dona,  
Nunca chega ao coração.  
Eêêh!

Com o cobre que tinha comprou as terras da banda do rio: seis alqueires com um bom pedaço de mata — e ele mesmo fincou os esteios da cabana, atirou o adobe às ripas, cortou o sapê para a coberta e semeou o campo, levantando diante da casa, no dia em que Ana Rosa subiu para a sua companhia, um mastro de festa.

Atirado ao trabalho, ninguém o viu mais em pagodes. Raro em raro descia à vila, num macho, a fazer compras. Nem nas festas aparecia, Ana Rosa tão pouco: viviam lá em cima entocados e, se não fosse a beleza da roça, que se impunha como um testemunho de vida, ninguém diria que ali habitavam criaturas.

Cabras berravam, dois bois, uma vaca, apareciam nédios<sup>172</sup>, pastando na vertente da colina; por vezes bacorinhos desciam até a cerca grunhindo, e o macho; eram os animais do sítio.

---

<sup>170</sup> Trigueiro, de cor morena.

<sup>171</sup> Ágil, ativo.

<sup>172</sup> Reluzentes.

Um dia, porém, Simão Cabiúna entrou na vila com uma carrocinha que o macho tirava aos trancos, num galope frenético, e parou à porta de Nhá Benvinda, voltando com ela, na mesma tirada, aos solavancos, estrada fora. "É Ana Rosa com o mal, disseram logo os que o viram partir com a curandeira. É a peçonha..." Mas, no dia seguinte, com a chegada da velha, a verdade espalhou-se: "Ana Rosa tivera uma menina". E a curandeira, que tudo espionara, gabou a casa do caboclo — farta, tinha de tudo: carne e toucinho na corda, salmouras; e que limpeza! Os lençóis da cama eram alvos como algodão virgem, a camisa da mulata tinha um cabeção de crivo<sup>173</sup> de mais de um palmo de largura. Até berço para a criança o caboclo fizera, de junco trançado. Uns grandes!"

A cabana, de construção provisória, compunha-se de uma sala e dois quartos. A sala, espaçosa e clara, com duas grandes janelas, era ao mesmo tempo cozinha e despensa. Em uma das faces o fogão: três pedras em triângulo, sobre as quais pousava a panela de barro, três outras mais adiante para a chaleira, sempre ao fogo. Em cordas de tucumã<sup>174</sup> manta de carne, o toucinho, as linguiças, o lombo, o bacalhau, as réstias de alho e de cebolas: o mais para o consumo era colhido na roça todas as manhãs.

O teto, enfumarado<sup>175</sup>, parecia tinto a piche e reluzia. Uma mesa de pinho enegrecida, duas cadeiras de assento de embira trançada, uma velha caixa, um tamborete eram a mobília. Na parede a viola, o facão na bainha de couro e uma espingarda de dois canos. Em um dos quartos, iluminado por uma janela que abria para a mata, dormia o casal, protegido por uma "Conceição" no seu oratório envernizado; no outro quarto guardavam as grandes arcas de roupa, a sela, os ferros da lavoura, as sementes.

Simão Cabiúna, nos primeiros dias do parto de Ana Rosa, apenas saía de manhã para soltar os animais e à tardinha para os recolher. Tomou uma velha negra para o serviço de casa e feliz agarrava nos braços robustos a criancinha gabando-a, enlevado e orgulhoso. O mesmo choro da filha era para o caboclo motivo de festa,

---

<sup>173</sup> Gola ampla e pendente, com uma espécie de bordado chamada crivo.

<sup>174</sup> Palmeira que chega a 15m de altura e possui espinhos longos e finos. Suas fibras são utilizada para a fabricação de redes de dormir e cestos.

<sup>175</sup> O mesmo que enfumaçado.

achava que parecia de uma criança taluda e anunciava: que haviam de ver a mulheraça que dali saía.

Ainda Ana Rosa guardava o leito quando uma tempestade violenta caiu com aguaceiro e ventos. Os relâmpagos alumiam sinistramente o interior da cabana e de dentro ouvia-se o jorrar encachoeirado das águas que desciam da mata pela colina, cavando a terra a ponto de arrastar grandes raízes de mandioca na enxurrada.

O rio grosso, barrento, roncava no valo e as árvores, curvadas pela ventania, enchiam a escuridão de um pavoroso barulho. E os trovões fortes, repetidos e prolongados em ecos reboantes, sucediam-se a mais e mais, tremendos.

Pelas taliscas<sup>176</sup> da cabana, pelas frinchas do sapê o vento entrava zunindo, por vezes era tão violenta a lufada que os muros tremiam abalados como num terremoto. Diante do oratório crepitava, dia e noite, a lamparina e Ana Rosa, apavorada, rezava exclamando: "Misericórdia!" Epersignando-se sempre que a luz lívida de um relâmpago clareava o quarto. Queria todos perto do leito, aconchegava a criança como para protegê-la do raio, junto do coração; e o vento fora uivava.

Dois grandes dias de água passaram e frios como se fossem de inverno. Cuidados não faltaram: os buracos calafetados com palhas de milho, um pano corrido para proteger o leito, uma fogueira acesa na sala próxima para aquecer o aposento onde a criancinha vagia no berço, ora junto à mãe ou nos braços de Cabiúna, que a apertava de encontro ao peito, cantando as trovas antigas para adormecê-la; e, numa corda, tirada de um ângulo a outro da sala, as fraldas arejavam, à falta de sol, até que a negra as enxugasse a ferro. De quando em quando Cabiúna entreabria a porta, lançava um olhar desconsolado ao sítio devastado pela tormenta, mas dava de ombros resignado, recolhendo-se.

— Ora! Uns pés de milho de menos, mas a terra ganha força. Corria ao berço e, de cócoras, com a sua voz forte de campeiro ameigada para carícias, chamava a filha, ria-se vendo-lhe os olhinhos inocentes que erravam como duas mariposas buscando luz.

— Eh! Caboclinha bonita de seu pai! Eh! gente. Às vezes Ana Rosa intervinha para que ele deixasse a criança dormir e, mesmo do leito, ciciava ninando a filha que se debatia encolhendo e esticando as pernas e os bracinhos.

---

<sup>176</sup> Fendas, pequenas rachaduras.

Uma manhã, Ana Rosa despertou gemendo: dores fortes nas fontes, nos olhos, uma aflição na cabeça. E com o dia as dores aumentaram a ponto de não lhe ser possível amamentar a pequena; enchia a casa de gritos agoniados, apertando a cabeça com ambas as mãos, desatinada.

Parecia que ia arrebentar, dizia. Chamassem Nhá Benvinda, pelo amor de Deus. Não podia mais: morria.

E de novo o macho partiu a trote, estrada fora, caminho da vila, levando a carrocinha aos solavancos.

A curandeira, mal chegou junto à cama onde Ana Rosa estorcia-se implorando alívio, disse a Simão Cabiúna que era coisa grave: o parto que subira à cabeça: algum descuido, quebra de resguardo. E, atirando o xale para uma cadeira, em mangas de camisa, saiu para o campo à cata de ervas para um chá forte, recomendando logo que dessem leite de vaca à criança porque os peitos da mãe iam secar.

A negra, estonteada, atiçava o fogo para ferver a água, acudia ao quarto, abria as arcas procurando baetas<sup>177</sup>, resmungando rezas e esconjuros. Cabiúna, com as lágrimas nos olhos, pensando nas duas criaturas da sua afeição saiu para ordenhar a vaca. Os gritos de Ana Rosa, agudos, desesperados, chegavam aos ouvidos do caboclo e ele, agachado, mungindo<sup>178</sup> o animal que continuava a pastar tranquilamente, erguia os olhos ao céu com fervor, pedindo a Deus pela pobrezinha.

Os pés escaldados em água quente, Ana Rosa tomou a malga de erva cidreira adoçada a mel de abelhas e atabafou-se suando copiosamente: as roupas ficaram de torcer-se, a cama foi refeita, tão úmida ficou e a dor continuava, ainda que mais branda, em latejos como marteladas. Todavia, ao amanhecer, o sono deu-lhe um pouco de alívio, mas o choro da criança despertou-a comovida:

— Coitadinha de minha filha! Ah! Nhá Benvinda, deixa eu dar um pouco de mama agora, uma vez só... ela é tão pequenina ainda. Mas acurandeira opôs-se.

— Que não; até podia fazer mal à criança. Cuidasse de ficar boa; a pequena já dera conta de uma xícara de leite fervido. Havia de criar-se. Deixasse-a por sua conta.

Cabiúna, pisando na ponta dos pés descalços, fumando sempre compridos cigarros de palha grossa, espiava à porta do quarto indagando da enferma e da filha

---

<sup>177</sup> Tecido de lã ou algodão felpudo.

<sup>178</sup> Ordenhando, extraíndo o leite.

e tornava à sala acocorando-se junto ao brasido, a picar fumo ou alisando sobre a coxa, com o seu canivete de mola, as palhas para os cigarros. No terreiro os dois cães de caça *Batuque* e *Boca negra* ladravam, de quando em quando, aos rumores da mata próxima.

Na manhã seguinte, Ana Rosa despertando, de olhos abertos, com uma "zoada nos ouvidos", queixou-se da escuridão:

— Nem sequer via o berço da criança; aquilo ali dentro estava como breu. Ao menos acendessem a lamparina da Senhora.

A negra, que passeava um defumador com alfazema e capim cheiroso, acudiu:

— Que a lamparina estava acesa, até com azeite novo. Ana Rosa, amuada, insistia, teimava e exaltou-se com a negra a ponto de acordar a curandeira, prostrada de fadiga sobre uma esteira:

— Que é isso? Não se arrelie. Você não pode falar assim, criatura. E Ana Rosa queixou-se da escuridão: — Que a negra mentira dizendo que a lamparina estava acesa.

— Mas está acesa mesmo, filha de Deus. Você está mas é com sono; dorme. Pois uma luz como aquela você não vê?

— Que luz, Nhá Benvinda?

— Ó mulher!

— Não vejo luz nenhuma.

A curandeira, ajudando-se com as mãos, ergueu-se pesadamente com um ai! Suspirado e logo caminhou para o leito:

— Então você não está vendo a luz?

— Não vejo, não, nhá Benvinda. Vejo tudo negro, tudo negro, por Nossa Senhora!

— Espera aí. E a velha, paciente, tomou a tigela onde a marca flutuava sobre o azeite de mamona espichando uma chama trêmula e, caminhando para Ana Rosa, perguntou, entre repreensiva e carinhosa:

— Ainda não vê, cabeçuda?

— Não vejo, não, nhá Benvinda.

A curandeira ficou boquiaberta, esgazeada diante do leito onde a parturiente resmungava, de mau humor: "Que não via, não via nada. Também tanto não". A



negra, parada, contemplava num silêncio de espanto. Pouco a pouco, porém, como lhe voltasse a calma, a velha entrou a ruminar, mascando o fumo e, rebolando o pesado corpo obeso, repôs a lamparina no oratório, dando de ombros.

— Então não vê?

— Já disse, nhá Benvinda. Eu preciso mentir? Nem que eu fosse criança. Que coisa! E, com um muchocho, repuxando as cobertas, voltou-se para a parede, enfezada.

A velha saiu para a sala e, como a negra a interrogasse com os olhos atônitos, disse apenas, baixinho, meneando com a cabeça:

— Isso não é bom sinal. Ana Rosa não está boa, não; não está nada boa. Você vai ver. Deus queira que não venha por aí alguma desgraça! E com o indicador na frente: Muitas perdem isto... há tantos casos! Tomando da corda as roupas da criança agachou-se diante do fogo, atirando para as brasas punhados de alfazema e, ao fumo oloroso<sup>179</sup> que subia, perfumou as fraldas e as camisinhas passando-as e repassando-as na coluna da fumaça cheirosa e morna.

Cabiúna voltava da roça seguido dos cães, com uma enfiada de rolas no cano da espingarda quando a curandeira comunicou-lhe as suas apreensões. O caboclo perplexo, o coração aos pulos, ouvia de olhos altos, hirto, num assombro.

— Doida! Ana Rosa doida?! Repetiu sem baixar a vista. E, precipitando-se para a sala, encostou a arma a um canto e entrou no quarto aflito: ia falar à amásia quando a negra cochichou:

— Ela está passando pelo sono. Mas a mulata, que ouvia, acudiu irritada:

— Não estou dormindo nada. É você, Cabiúna?

— Eu mesmo, flor. Ela voltou-se lesta<sup>180</sup> e, atirando os braços, procurou-o. O caboclo inclinou-se para a carícia.

— Cabiúna, eu quero ver minha filha. Nem isso essa gente deixa.

Cabiúna tomou a criança carinhosamente em ambas as mãos e apresentou-a:

— Olha aqui, flor; olha aqui. Está com os olhinhos abertos.

---

<sup>179</sup> Aromático.

<sup>180</sup> Ligeira, ágil.

— Dá cá ela... Mas está tão escuro! Sentou-se no leito recostando-se aos travesseiros e estendeu os braços recebendo a criança. Está tão escuro! Que horas são?

— Vai caminhando para o meio-dia.

— Está tão escuro. Abre um pouco a janela.

O caboclo, indeciso, acenou à negra para que chamasse a curandeira e, quando a velha apareceu, rezingando contra os cães que enchiam a casa de pulgas, disse-lhe:

— Ela quer que eu abra a janela.

— Pode abrir, está um dia de sol. E ele, contente por satisfazer a amásia e por ter, enfim, a ocasião de ver a filha à claridade, voltou a taramela e um raio de sol esguichou no quarto sombrio, fino, a princípio, como uma fita e alargando até que pela janela, francamente aberta, entrou a grande luz radiosa, deixando ver o céu, muito azul, as árvores viçosas, as colinas remotas. A chama da lamparina amortecia como um vagalume em noite de luar e a brisa dos campos, acariciante e morna, cheirando a silvados, arejou o quarto purificando-o.

A criança, franzindo a fronte, ofuscada pela violência da claridade que as suas retinas refletiam na primeira visão, piscava os olhos chuchando a chupeta, e Ana Rosa, inclinada, de olhos abertos, pediu de novo:

— Abre a janela, Cabiúna. Abre toda.

— Está aberta, flor. Você não vê?

— Não vejo nada.

— Está aberta.

— Abre mais.

— Está toda. Ela então levantou a cabeça, apertada num lenço de ramagens de onde lhe desciam para as costas as duas tranças negras e, de olhos límpidos, muito abertos, fitou a janela longamente, sem pestanejar, numa esquecida fixidez de arroubo. O caboclo, imóvel, os braços cruzados, seguia-lhe o olhar enérgico; a curandeira e a negra pareciam atordoadas.

— Cabiúna, chega aqui. O caboclo inclinou-se para a enferma e ela, meiga, implorou: Abre a janela...

— Está toda aberta, flor. Olha o sol na cama; você não sente o sol? Não vê?

— Não vejo nada. Cabiúna lançou um olhar angustiado à curandeira que meneava com a cabeça; a negra, com uma das mãos no rosto, olhava compadecida.

— Então você não está vendo a pequena?

— Está no meu colo, eu sinto mas não vejo, não, Cabiúna: Por Nossa Senhora! Esfregou os olhos e, de novo, fitou a janela passando vagarosamente a mão pela face. Eu estou sentindo o sol... De repente, num grito: Cabiúna, ah! Meu caboclo! Cabiúna... o sol está aqui, eu estou sentindo, mas não vejo. E, atirando os braços num grande desespero, bradou: Ah! Minha Mãe do céu! Minha mãe do céu! ...Eu estou cega! Gente! Eu perdi a minha vista! Eu estou cega. Ah! Minha filha! Cabiúna! Nhá Benvinda! Gente! Eu não vejo mais, eu não vejo mais! Nem para ver minha filha. Ah! Minha Mãe do céu! Ah! Minha Mãe do céu! E, com uma voz surda, agarrando a cabeça, derreada sobre a criança que olhava tranquilamente, pôs-se a dizer: Ana Rosa não vê mais! Ana Rosa não vê mais...não vê mais! Não vê mais! Num ímpeto, porém, sem lembrar-se da filha, quis descer da cama. A curandeira acudiu amparando a criança e Cabiúna susteve a mulata:

— Que é isso, flor? Que é isso?

— Ah! Meu caboclo... Eu estou cega! E sacudia ansiadamente a cabeça. Eu estou cega... Sua Ana Rosa não vê mais, meu caboclo.

Cabiúna chorava em silêncio, as lágrimas desciam-lhe dos olhos grossas, caindo gota a gota no leito. Ah! Meu caboclo... Aquela dor de cabeça, quando eu dizia a vocês que estava sentindo *a modo* de alguma coisa que me arrebatava por dentro. Eram meus olhos que estavam se apagando... Eram meus olhos, coitada de mim! E que há de ser agora? Juntou as mãos como numa prece: Que há de ser de mim?

Os que a ouviam não achavam palavras de consolo. Cabiúna forcejava com ela para que se deitasse, animando-a:

— Deus é grande, flor! Mas a criança abriu num choro forte nos braços da curandeira.

—Chora, chora, minha filha. Sua mãe não pode mais ver você. E estendendo os braços: Dá cá ela, gente. Dá cá ela. E recebendo a filha, beijando-a sofregamente: Ah! meu anjinho! ... Meu anjinho!

Mas o frenesi retomou-a: Minha Nossa Senhora! Que foi que eu fiz? Que foi que eu fiz, meu Pai do céu? Cabiúna, meu caboclo, isso foi coisa feita, foi coisa feita,

por inveja. E numa fúria, os dentes cerrados: E foi essa negra! Eu não quero mais esse diabo aqui. Foi ela, Cabiúna, a mandado.

A negra avançou chorando:

— Ah! Nhá Rosa... Eu? Eu fazer mal a vamcê! Eu! Não diz isso, não, Nhá Rosa...

— Foi você! Cabiúna, manda ela embora.

A negra atirou-se de joelhos, erguendo as mãos, os olhos em pranto:

— Nhá Rosa, por essa luz que me alumia, por essa imagem de Nossa Senhora... Eu não quero mais me levantar daqui... A curandeira interveio:

— Está bom: chega; deixa disso, gente.

— Mas dói, Nhá Benvinda. Dizer que eu fiz mal... Por quê? Isso dói, Nhá Benvinda. Eu nunca andei com porcaria. Cabiúna fez-lhe um gesto para que saísse e Ana Rosa, inquieta, apalpando-se, esfregando os olhos, murmurava. Teve um momento de silêncio, de imobilidade.

Cabiúna retirou vagarosamente a criança do colo da enferma e entregou-a à curandeira. Ana Rosa parecia insensível; o sol dava-lhe em cheio no rosto e o seu colo moreno, que a camisa desabotoada deixava em meia nudez, aparecia em dois globos rijos, cheios, em túmida apojadura<sup>181</sup> criadora. O caboclo, com jeito feminino, abotoou-lhe a camisa, cobriu-a, afagando-a sem falar para não dar a perceber que chorava. Ela sorria dolorosamente, franzia a fronte, rolava os olhos com angústia e, lentas, duas lágrimas despenharam-se-lhe das pálpebras. Veio-lhe então um acesso de choro, e, por entre o pranto, ouvia-se-lhe o lamento surdo e desesperado:

— Misericórdia divina! Que há de ser de mim? Cega! Para que fazerem mal aos outros assim, meu Senhor Jesus? Para quê? Nem para criar minha filha! Ah! Minha Nossa Senhora! Antes eu tivesse morrido. E, desesperada, atirou-se ao leito, soluçando. Mas começou a ranger os dentes, repuxando as cobertas com os dedos crispados, esticando as pernas e, súbito, voltando-se na cama hirta, retesa, levantou-se em arco, firmada no sinciput<sup>182</sup>, nos calcanhares e nos cotovelos fincados no colchão e rugia, com um ofego forte. Estrebuchos sacudiram-na, soltou um grito oprimido, abateu pesadamente arquejando e, atirando as pernas e os braços, começou em escabujamentos<sup>183</sup> indômitos, resistindo aos pulsos do caboclo

<sup>181</sup> Repletos de leite materno.

<sup>182</sup> Termo latino, referente à anatomia, que denomina a parte dianteira do crânio.

<sup>183</sup> Movimentos desesperados, agitação.

que procurava contê-la chamando-a, lembrando-lhe a filha, lutando com ela sem conseguir subjugar-la. Quando a crise serenou abrandando os movimentos, voltando-lhe, pouco a pouco, a calma, num delíquio<sup>184</sup>, numa espécie de modorra, o caboclo, banhado em suor, dirigiu-se à curandeira:

— Nhá Benvinda, pelo amor de Deus, diga a verdade: é cegueira mesmo ou é mal do parto?

— Ah! Meu filho... E olhando-o com desconolação: para dizer a verdade eu acho, para mim, que ela está cega. Está como a Terezinha. Ali só Deus.

— E essa negra? Indagou o caboclo com voz surda.

— Coitada da pobre de Cristo! Não pensa nisso. Para que havia ela de fazer mal à Ana Rosa? Com que fim? Coitada da pobre de Cristo! Essa moléstia dá assim mesmo, às vezes é um ar... Terezinha não cegou brincando? Quem ia fazer mal à Terezinha, uma criança que nem era ainda moça? Moléstia de Deus, meu filho! Moléstia de Deus. Que se há de fazer?

E o caboclo, acabrunhado, saiu a passos lentos para o terreiro e, cruzando os braços, trincando os lábios, os olhos perdidos começou a chorar silenciosamente diante dos cães que o festejavam, alheios à grande dor que prostrava a alma forte do sertanejo ousado. A tarde, pelo céu violáceo, começava a enevoar-se.

## II

Três vezes o macho, atrelado à carrocinha, desceu a trote conduzindo Ana Rosa ao médico, na vila. Caminhadas perdidas: a escuridão persistia.

Promessas, mezinhas<sup>185</sup>, simpatias, tudo foi feito sem resultado: os olhos extintos rolavam angustiosamente nas órbitas como pássaros cativos tentando ganhar a liberdade do grande espaço, da grande luz para o sempre perdida.

A calma da alma veio vindo com o correr do tempo, a resignação substituiu o desespero, posto que, muitas vezes, ela caísse em pensativo silêncio, sentada à porta da cabana, os cotovelos fincados nos joelhos, as faces nas mãos, os olhos escancelados derivando lágrimas que pingavam uma a uma, como goteiras de chuva.

---

<sup>184</sup> Desfalecimento.

<sup>185</sup> Remédios caseiros.

As galinhas mariscavam perto dela e o gato esfregava-se-lhe voluptuosamente pelas pernas, provocando carícias. Cabiúna, para a não deixar só com a criança que engatinhava, tomou uma caboclinha para o serviço. Ana Rosa, ativa e inquieta, apesar de cega, não esquecia a casa, ordenando arranjos, lembrando afazeres.

— Você já varreu o terreiro, Cândida? Já cuidou dos passarinhos? Olha a cama. Vê o fogo.

A criança, tartamudeando<sup>186</sup> pela casa, desvanecia a tristeza, atenuava o sofrimento da cega agarrando-se-lhe às pernas, firmando-se para ficar de pé, babujando-lhe o rosto com as mãozinhas finas, com a boca túmida e cheirosa. E a cega sorria, tomava-a ao colo, apertava-a com frenesi, beijando-a toda. Não podendo estar à toa, com uma atrás, outra adiante, para fazer alguma coisa, socava ao pilão o café e o arroz, peneirava o fubá, debulhava o milho, ou, à sombra da jabuticabeira, cantando, ia torcendo a moenda para espremer o caldo que escorria para um cuité<sup>187</sup> pousado em baixo, entre pedras.

Às vezes, Cândida acudia aos gritos, rindo:

— Nhá Rosa, olhe o cabrito bebendo o caldo. A cega, então, irrompia em brados, vergastando às tontas com um bagaço de cana:

— Sai! Danado. É porque eu não te vejo, seu diabo! Deixa-te estar. Mas ouvindo as gargalhadas da caboclinha, ria também, dizendo com resignação: Me apanharam assim...

Curvava-se de novo, retomava a cantiga e a moenda rinchava esmagando a cana que ela ia apanhando do monte e vagorosamente encravava entre os cilindros.

À tarde, quando Cabiúna voltava da roça, mal sobrava o tempo para a narrativa das travessuras da criança: mais isto, mais aquilo, fizera, acontecera. Cândida ajuntava sempre um episódio novo. O caboclo sorria enlevado. Se a filha dormia ia espiá-la ao berço afastando o lençol que a protegia dos mosquitos. Se ainda andava pela casa tomava-a ao colo, provocando-a a falar, querendo ver-lhe os dentinhos que apontavam; gabava-lhe a robustez e a formosura e, cauto, repetia sempre à Cândida as mesmas recomendações.

---

<sup>186</sup> Falando de maneira ininteligível.

<sup>187</sup> Vaso feito do fruto de uma árvore chamada cuieira.

— Que a não perdesse de vista, que a não deixasse chegar perto do *engenho* quando Ana Rosa estivesse moendo. Ela não via e podia acontecer alguma coisa. A cega concordava:

— É mesmo.

A grande preocupação da mulata era o batizado:

— Era melhor enquanto ela estava pequena e ficavam sem aquele encargo de consciência.

Já lhe haviam escolhido o nome: Felícia, Felicinha... O caboclo anuí<sup>188</sup>:

— Pelo Natal, flor; está perto. Mas não queria festa, não tinha gosto para mais nada com ela naquele estado. Um jantarzinho melhor e estava acabado. Mas Ana Rosa opunha-se:

— Isso não, Cabiúna. Que tem que se faça uma *coisinha*? Até eu me divertir. Coitada de minha filha! E repetia, como ofendida: Isso não!

A escolha dos compadres foi motivo para longas conversas, à tarde, no terreiro, quando as rolas gemiam na mata e as galinhas empoleiravam-se.

Nhá Benvinda era a madrinha, José Lomba, o padrinho: antigo companheiro de Cabiúna, era um homem de trabalho, dono de um negócio na vila. Logo pela Conceição começaram os preparativos para a festa.

No terreiro, sobre pedras, ferviam tachadas de calda para os doces e Cabiúna, antes de sair para a roça, todas as manhãs, à meia luz nevoenta, dava uma de mão à casa, reparando o adobe, tapando uma fenda, substituindo o sapê em certos pontos, capinando os caminhos e, quando vinha ao almoço, sempre trazia uma lembrança: levantar um arco de bambus à frente da casa, fazer uma fogueira no terreiro, convidar o Venâncio, o Gonçalinho, gente que tocasse e moças. Dias antes Nhá Benvinda apareceu para ajudar no "que fosse preciso"; trazia uma touca de rendas, uma figa e um par de sapatinhos para a afilhada e pôs-se logo à vontade, cirandando pela casa, contando a louça, os talheres, oferecendo o que quisessem para o dia: uns pratos, umas facas, podia vir gente.

Na véspera, ainda o dia estava em casa de Nosso Senhor, mal o céu encardido anunciava a manhã, já Cabiúna, em mangas de camisa, no terreiro, afiava a faca nos bordos das pedras cantarolando e quando Nhá Benvinda desceu à

---

<sup>188</sup> Aprovava.

fonte para lavar o rosto, achou-o empenhado, mais a caboclinha, em escorchar<sup>189</sup> o leitão que pendia de um galho de mangueira, aberto, com um pau atravessado no ventre róseo e liso e embaixo, num alguidar<sup>190</sup>, o sangue e a fressura<sup>191</sup>.

As aves espantadiças voavam com pressentimento de morte, metendo-se pelos matos, fugindo diante de Cândida que as perseguia: os galos cocoricavam trepando aos ramos altos, os patos, de asas abertas, iam num voo rasteiro, batendo a terra com as palmouras<sup>192</sup> e os pintainhos abandonados piavam em reclamo, chamando as mães espavoridas. Os cães, como numa caçada, corriam, aos galões, pelos capins, ladrando e, no alto, a cabra berrava ouvindo o balar sentido de uma das crias que se debatia, amarrada a um cepo, voltando os olhos úmidos, pressagos, para o sítio verdejante onde nunca mais tornaria a retouçar, contente.

O dia passou em faina bulhenta. Nhá Benvinda arranchada sob o alpendre do paiol, arranjava as carnes, distribuía os temperos revirando em alguidares o de vinha de alhos, separando o sangue para o sarapatel, enchendo as linguiças, picando a fressura e Cândida vasculhava a casa, arranjava os quartos enquanto Cabiúna arrastava feixes de bambus, cravava-os na terra, vergava-os em arco diante da casa. Mesmo Ana Rosa aparecia, de vez em quando, à porta, risonha, os olhos altos, e pedia trabalho:

— Gente me dê alguma coisa pra fazer; eu posso ajudar, Nhá Benvinda. À tarde o rincho de um carro de bois anunciou a chegada dos primeiros convidados. Era a gente do Lomba — duas meninas, a velha e a negra. Que algazarra ao descerem do carro, atrapalhadas com a esteira da coberta. Que de abraços e de risos, reparos e comentários diante das panelas que ferviam, diante do forno aceso; gritinhos ao verem as cordas de linguiça penduradas das árvores: "Até pareciam cobras, Nossa Senhora!"

Cabiúna, radiante, anunciava:

— Hoje ninguém dorme. Tudo trabalha, la e vinha, feliz, fidalgo à maneira rústica, lhano, franco, hospitaleiro, mostrando a filha, pedindo perdão da falta de cômodos: Casa de pobre; mas uma noite é uma noite. A cega, risonha, abria os braços e, distinguindo as pessoas pela voz, apalpava-as dizendo:

— Você é Marocas... Olha Angelina... Que Moça, meu Deus!

---

<sup>189</sup> Retirar a pele.

<sup>190</sup> Bacia.

<sup>191</sup> Víceras.

<sup>192</sup> Pés das aves.



Houve um brado no caminho — eram os rapazes: Gonçálinho com o machete<sup>193</sup>, Venâncio com o violão e mais dois moços, o Zé Braz com a flauta e o Crescêncio *dos carros* com o contrabaixo.

O caboclo, vendo-os chegar, agachou-se, batendo nas coxas palmadas fortes: Eh! eh, gente! E abraçou-os. Ana Rosa, numa felicidade transbordante, quase esquecida da cegueira, ria, chalrava, oferecia "de comer e de beber"; e Cabiúna, com o garrafão, ia servindo o codório<sup>194</sup> confortativo.

— Está frio, gente; mais um golinho. A grande lua subia no céu, alva e serena, nevando a mata e os campos, os grilos começavam o seu canto noturno. O rio, com a sua grande voz melancólica, resmoneava no valo fundo. No interior da cabana as candeias fumegavam, espalhando uma luz lívida e tremente; o bom cheiro da erva de S. João enchia a noite voluptuosa. Felicinha, de colo em colo, tartareava; riam de ouvi-la, provocavam-na, e a criança, enfezada, repelia os braços que a sustinham, forcejava, com amuos, para descer. Ana Rosa intervinha: "Parecia um bicho do mato". E estendia os braços incertos para tomar a filha. Fora, Crescêncio tirava notas surdas do instrumento, a flauta desferia timidamente e Cabiúna, num salto, ganhou a soleira da casa:

— Espera aí, gente! Espera aí! Despendurou a viola, sacudiu-a e, agachado num canto, enquanto os outros afinavam os instrumentos, foi encordoando o seu pinho até que se levantou fazendo um ponteado trépido.

— Vamo-nos embora! Sons trêmulos, desconcertados, fugiram: a flauta trinou rapidamente, o contrabaixo, em tom profundo, respondeu, Gonçálinho dedilhou o machete, Venâncio experimentou o violão.

Vamos! Vamos! E docemente, pela noite branca, através do silêncio religioso da mata e dos campos, soaram unissonamente os instrumentos lânguidos, melancólicos, cheios, ao mesmo tempo, de um quebranto queixoso e de uma ternura meiga de amor. A viola do caboclo, tão longo tempo esquecida, vibrava como se rememorasse os saudosos tempos das vigílias idílicas, as noites dos ranchos, à beira dos campos largos, onde as manadas mugem à claridade do luar. O rio, como num acompanhamento grave, rosnava sempre, ao longe, e os cães, surpreendidos pela música, sentados nos caminhos nêvos, uivavam magoadamente para o astro triste como se de lá, com a luz, descesse a serenata.

---

<sup>193</sup> Viola pequena de quatro cordas.

<sup>194</sup> Trago de bebida.

A luz da manhã, saudada com estampidos troantes de roqueiras, começou o movimento no terreiro e na cabana. Fora, Cabiúna e os rapazes improvisaram, com tábuas toscas pousadas sobre cavaletes, uma comprida mesa, abriram em cima duas toalhas alvas. O chão, varrido, foi assoalhado de folhas de canela e de mangueira e os fogões rústicos, de pedras, sobre as quais, desde cedo, as panelas ferviam, ardiam junto ao forno, sob a larga ramagem da mangueira.

As meninas do Lomba, estremunhadas de sono, bocejando, compunham os laços, alisavam os vestidos amarfanhados. Nhá Benvinda, numa grande saia farfalhante de goma, carregada de ouro, ia e vinha apressando a gente para que saíssem antes do sol forte, a tempo ainda de apanhar a missa. Cândida, com um avental bordado, faceirava, fazendo estalar na sola do pé a chinelinha nova, muito vaidosa por ter de levar Felicinha, que caminhava pela casa de braços abertos, mirando os sapatinhos amarelos, calçados pela primeira vez. O macho, arreado, esperava pacientemente à porta, sacudindo as orelhas mordicadas pelas mutucas. Cabiúna, de branco, indo e vindo com o ranger das botas de couro cru, o chicote de couro de anta enfiado no punho, de instante a instante consultava o pesado relógio de prata.

— Está ficando tarde, gente. Vamo-no embora! Os cães, desacostumados daquela balbúrdia, metiam-se timidamente por entre as pessoas, farejando-as.

Os rapazes da música, moles de fadiga, procuravam cantos de frescura, arrastando esteiras para baixo das árvores, atirando-se com espreguiçamentos para dormir uma soneca até a volta do batizado. Ana Rosa, sempre risonha, rolando os grandes olhos negros, lindos apesar da cegueira, recomendava o maior cuidado com a pequena:

— Que a não expusessem ao sol, que a segurassem bem no carro, era muito travessa. E, quando Cabiúna deu o sinal da partida, Nhá Benvinda tomou a cega delicadamente pelo braço:

— Vamos, comadre; anda abençoar a pequena. Ana Rosa, com lágrimas felizes, levantou a mão trêmula, e, sentindo os lábios macios da filha, balbuciou:

— Deus te crie pra bem, minha filha. E, como a caboclinha seguisse à frente, a cega perguntou:

— Ela vai bonitinha, gente? Cândida está com tanta pressa... nem me deixou ver minha filha.

— Vai que nem uma princesa, disse Cabiúna.

— E a figa?

— Já tem. Até logo, flor.

— Até logo! Deus Nosso Senhor te proteja, minha filha! Disse Ana Rosa da porta da cabana.

— Amém! Responderam os que desciam.

E, parada à porta, os braços abertos nos umbrais, os olhos altos, um sorriso inefável no rosto, a cega parecia acompanhar um sonho místico pelo espaço azul, dourado pelo sol ardente, que já subia alumiando os matos cheios do chilro dos pássaros e do cicio agudo das cigarras. A *velha* do Lomba e a negra cuidavam do almoço, arranjando a mesa, enchendo os vasos de flores, acomodando pirâmides de laranjas nas fruteiras de barro. Ana Rosa, de quando em quando, chegava à porta, perguntando:

— Ainda nada, gente? E a negra, prestando o ouvido ao longe:

— Ainda nada, Nhá Rosa.

— Está demorando.

Para o meio dia, sol forte, no ar silente e morno, o chiado do carro anunciou de longe a volta do batizado. A negra precipitou-se para avisar a cega:

— Já vem aí, Nhá Rosa! Já vem aí.

— Vai acordar os moços. Vai acordar os moços. E a mulata, aflita, esfregava os olhos como se pudesse dissipar a nuvem densa que os velava para ver a filha que voltava da pia lavada dos pecados, cristã, aceita por Deus entre os seus anjos. Ouvindo o rangido dos eixos à distância, sorria contente.

— Já vem mesmo. Onde está seu Crescêncio?

— Aqui, Nhá Rosa. Não há novidade.

Os rapazes, de pé, escorvavam os rojões, pediam fogo. Crescêncio, em mangas de camisa, descalço, desceu ao caminho que levava à cerca para dar o sinal, os outros esperavam nos carreiros. Súbito o arranco de um foguete rasgou a serenidade do ar e outros, logo em seguida, arrojjaram-se pelo espaço estourando.

O carro chegava à cerca entre cavaleiros: Zé Lomba, anafado<sup>195</sup> e roxo, suando por todos os poros, um lenço por baixo do chapéu protegendo-lhe a nuca requemada, balançava as pernas gordas sobre a mula; o Medeiros, da botica, o

---

<sup>195</sup> Gordo, bem nutrido.

Serafim do rancho num potro passarineiro, que se enfeitava todo no esquipado<sup>196</sup>. Cabiúna, tomando Felicinha dos braços de Cândida, sentou-a à frente da sela e cravando as esporas no macho, ganhou as sombras para que a criança não apanhasse uma febre má àquele sol de matar passarinhos. As meninas do Lomba, sempre gárrulas<sup>197</sup>, com as suas sombrinhas de cassa, subiam estafadas, arquejando, e Nhá Benvinda, esbaforida, as saias levantadas à frente, lenta e pesada, vencia a ladeira abrigando-se junto às árvores com receio das tabocas que caíam nos matos. Os cães iam e vinham ganindo e Ana Rosa, ouvindo as garrulices da filha pediu-a, abraçou-a, beijando-a muito numa efusão de ternura, implorando ao Senhor que a fizesse mais feliz do que ela, que a favorecesse com todas as venturas. E transparecia-lhe no rosto moreno e belo, através da alegria que o iluminava a mágoa de não ver:

— Ah! Minha caboclinha! O que vale é que eu te vejo com o coração.

Falavam todos ao mesmo tempo contando as proezas da pequena:

— Que cuspira o sal, que repelira o vigário, que fizera rir na igreja a quantos lá estavam, com as suas travessuras. Que não se espantara de nada. E Nhá Benvinda, refestelando-se em uma cadeira, declarou:

—Que já não havia crianças. Hoje em dia os pequenos nascem sabendo tudo, não se espantam de nada.

Ao almoço, copiosamente regado, Ana Rosa contou a sua dolente história: como perdera a vista, os pressentimentos que tivera, a grande dor de coração quando ouvia chorar a criança sem poder vê-la. Mas já estava resignada. Que havia de fazer? E garantiu que *via* tudo. Às vezes parecia-lhe que havia recobrado a vista, tudo lhe surgia aos olhos: o sítio, os campos, *via* as pessoas conhecidas, *via* o sol, *via* tudo, como num sonho, mas a aflição depois era maior. Crescêncio, para dissipar a tristeza produzida pelas palavras da cega, levantou-se e, de copo em punho, fez um brinde; foi o início das saúdes — todos brindaram, até uma das meninas do Lomba bebeu à Felicinha.

Já o sol tombava para os lados da várzea quando os convivas levantaram-se da mesa fartos, procurando sombras frescas e repousadas. As meninas e Cândida lembraram a iluminação dos arcos e, despolpando laranjas, encheram as cascas de água e azeite, sobre o qual fizeram flutuar marcas de lamparina e

---

<sup>196</sup> Cavalgar.

<sup>197</sup> Tagarelas, faladeiras.

dependuraram essas lanternas aos festões dos bambus recurvos. À noite, o luar vestia virginalmente a paisagem e as cascas das laranjas, em cujas luminosas, balouçavam-se como frutos de ouro, quando terminou o jantar e logo os instrumentos deram o sinal das danças. Felicinha dormia. Ana Rosa, sentada num tamborete, escutava embevecida e as valsas e polcas<sup>198</sup> sabidas no sertão iam pela noite fora, suavissimamente até que as cantigas vieram, lânguidas umas vezes: casos de amor, casos de morte amorosa, ou intrépidas e altivas, narrando feitos nos campos de gado, entre campeiros e touros ou mistérios da superstição dos simples: encontros de almas penadas, maldades de sacis, nos matos.

A estrela d'alva luzia, diamantina e pura, quando o Lomba, moído e com sono, deu o signal da partida. Era melhor sairem com a fresca da manhã, devagar: chegariam à vila com o dia; e os moços, aceitando o lugar que o velho lhes offerencia no carro, tocaram à despedida, apesar das instâncias de Cabiúna e de Ana Rosa: "Que valia a pena esperarem o dia, passariam o Natal ali, para o enterro dos ossos". Desculpavam-se e começaram os adeuses, abraços, votos de felicidade.

A cega quis acompanhá-los até o terreiro e foi, pela mão de Cabiúna, arrastando os passos, a cabeça alta, como uma sonâmbula.

Descendo, as meninas atiravam adeuses e os rapazes iam afinando os instrumentos.

— Adeus, gente!

— Adeusinho!

O carro rinchou agudamente e a música irrompeu alegre ao frio luar da madrugada. Galos cantavam nos matos e, através do guincho percuciente<sup>199</sup> dos eixos, muito tempo ainda ouviram-se os instrumentos, cujos sons morriam nos caminhos adormecidos.

— Então, flor?

— Esteve bom.

E os dois, recolhendo à cabana, abraçados como noivos, diante do berço de Felicinha, pararam extasiados e, baixinho, ao ouvido da cega, Cabiúna disse:

— Está dormindo, flor. E Ana Rosa ajuntou:

— Com os anjos de Deus!

---

<sup>198</sup> Dança popular de origem polonesa e de ritmo acelerado.

<sup>199</sup> Agudo.

No quarto próximo, Nhá Benvinda, estafada, roncava e, ao relento, a grande mesa estendida parecia esperar convivas misteriosos.

Orvalhava e os grilos recomeçaram no silêncio o conto merencório.

Cândida, mulher feita, abandonou a casa seduzida por um carreiro e Cabiúna tomou para o serviço um casal de africanos que levantaram uma choça, ao abrigo da colina, para os lados do rio. A negra fazia o serviço da cabana e, enquanto as panelas ferviam, descia à beira da água para bater a roupa; o negro ajudava Cabiúna na roça.

Felicina, robustecida em plena natureza, desenvolvia-se rapidamente e, aos doze anos, era uma morena esbelta e forte, de lindos olhos negros, bastos cabelos luzidios, que Ana Rosa desembaraçava à noite, carinhosamente, sentada no limiar da cabana. Alegre e ativa não parava um instante arranjando a casa: os vasos rescendiam sempre e, aos pés da Conceição, todas as manhãs as flores eram substituídas. Às vezes, porém, a cega chamava-a sem resposta. Felicina andava pelos matos guindando-se às mangueiras, vergando os ramos das jabuticabeiras ou armando arapucas para apanhar rolinhas. Ana Rosa afligia-se, desesperava-se: "Havia tantas cobras e aquela menina, nem como coisa..." A negra, para tranquilizá-la, saía à procura da pequena trazendo-a afogueada da soalheira, carregada de frutas.

Foi numa manhã de junho que a negra, procurando a cega em segredo, deu-lhe a entender que Felicina desabrochava para a vida pagando o seu tributo virginal à Natureza. Ana Rosa pasmou: "Parecia-lhe que a pequena nascera ontem: tinha ainda nos ouvidos os seus balbucios infantis, as suas gracinhas, e já era mulher." Felicina tímida, vergonhosa como de falta, evitava os olhos cegos da mãe e, quando ela a chamou, atraindo-a mimosamente, entre risonha e chorosa, amuou:

— Foi Rita. Também conta tudo. Que língua! Se eu soubesse não dizia nada. Ana Rosa, porém, sorrindo, explicou-lhe: "Que aquilo era natural, havia de acontecer mais hoje, mais amanhã. Agora que ela já não era uma criança devia ter mais cuidado: nada de andar pelos matos como uma bugresinha, trepando nas árvores; nada de descer sozinha à beira do rio". E aconselhando-a:

— Minha filha, é o dote que Deus te deu, é a tua fortuna. A mulher deve guardar o seu corpo para bem merecer. E contou-lhe, como um romance, a sua vitória sobre os sedutores no tempo da mocidade e a boa sorte da sua vida, Cabiúna, simplesmente porque ela soubera manter-se. Você está moça, pensa no dia de amanhã. O mundo está cheio de armadilhas. Para perderem uma rapariga os homens inventam tudo, prometem mundos e fundos e, um belo dia, atiram a desgraçada na rua sem molambo, sem um pedacinho de pão com um filho nos braços. Nem todas podem dizer o que eu digo, minha filha. Eu levanto as mãos para o céu por ter encontrado um homem como teu pai, mas nem todos são como ele. Estás moça, ouve o que eu te digo, sou tua mãe, quero a tua felicidade. Deus te abençoe. Deus te dê uma boa sorte.

Felicina ouvira os conselhos calada, torcendo as franjas do mantelete<sup>200</sup> de lã, abstraída, como num sonho. "Estás moça!" E tais palavras soaram-lhe aos ouvidos como um oráculo. Afastou-se pensativa e, caminhando no terreiro, ao sol, parecia-lhe que todos os cantos, as árvores, as pedras, o ar tépido, as sombras dos galhos, as andorinhas, tudo, enfim, segredava misteriosamente as mesmas palavras de iniciação: "Estás moça, Felicina, cuidado!"

À noite, recolhendo-se ao leito, Cabiúna teve a notícia em segredo e foi uma surpresa feliz para o caboclo.

— Quando foi?

— De noite. Houve um curto e extasiado silêncio e ele suspirou por fim.

— Parece que foi ontem, hein, flor?

— É verdade! Como o tempo corre; parece que foi ontem.

Ana Rosa, sentada no batente da porta diante de uma peneira, debulhava milho quando ouviu a exclamação de espanto de Felicina.

— Uê! Papai! A cega levantou a cabeça e rolando os olhos perguntou:

— Que é?

— Papai parece que vem doente. A cega ergueu-se aflita com um desvairamento no olhar tenebroso:

---

<sup>200</sup> Capa de curto comprimento, geralmente usado por mulheres.

— Doente de quê? Que é que ele tem? Mas Cabiúna, que já havia chegado ao terreiro em companhia do negro, serenou-a:

— Não é nada, flor. O sol está muito forte e eu andei desentupindo o rego. Não é nada. Deito-me um instantinho e logo mais estou pronto. Estendeu à cega a mão áspera de terra e, guiando-a, penetraram ambos na cabana.

— Mas você está ardendo em febre, Cabiúna.

— É do sol, flor. É calor do sol. Vamos. Felicinha seguiu-os espantada e precedendo-os no quarto para arranjar a cama.

— Por que não toma um chá, papai?

— Tomo. Mas não fiquem assustadas. Isto não é nada. Está um sol que escalda, nem a gente pode encostar os pés na terra, parece fogo. Mas o caboclo ansiava, dominando-se, entretanto, para não assustar a filha que o mirava preocupada. A cega, sempre junto dele, ansiosa, instava com a negra para que atiçasse o fogo.

— Um chá de losna, Cabiúna. Quem sabe se não é do estômago?

— Não; um chá de laranjeira, flor. Pra que losna? E, chamando por Felicinha, caminhou para o quarto levando a cega vagarosamente.

— Tira a roupa e deita, meu velho. E Cabiúna, amolecido, num alquebramento de todo o corpo, começou a despir-se atirando a roupa suada para cima de uma velha caixa e meteu-se na cama, trincando os beiços. Doíam-lhe as pernas como se ele chegasse de uma longa jornada, a boca, ressequida e espessa, tinha um sabor estranho, a cabeça estourava-lhe. Deitou-se e Ana Rosa, sentando-se à cabeceira do leito, apalpou-lhe a fronte.

— Cabiúna, você está com um febrão!

— Não é nada, flor. Deixa de medo; não é nada. Olha, o Chico pode voltar para a roça. Não preciso dele aqui. Manda o Chico embora. Felicinha, aflita, entrou no quarto com a tigela de chá.

— Toma, papai. Toma assim mesmo quente.

— E o Chico? Olha... É você, Felicinha? Ah! Olha, Felicinha: manda o Chico para a roça, não preciso dele aqui.

— Já foi, papai.

— Sim, não preciso dele.

— Toma o seu chá.



— Toma, meu caboclo, insistiu Ana Rosa. E Cabiúna, de olhos flamejantes, trêmulo, começou a sorver, a pequenos goles, o chá quente. De quando em quando, erguendo a cabeça, dizia surdamente:

— Foi o sol. Está um sol danado. Isso é volta de tempo.

Vinha baixando a noite. As cigarras ciciavam estrídulas, os bem-te-vis cantavam nos ramos altos das amendoeiras, quando Ana Rosa apareceu na sala, os braços estendidos, o olhar louco, boquiaberta, desfigurada, chamando, em segredo, para um lado, para outro:

— Felicinha! Felicinha! A casa parecia deserta e a cega foi caminhando até encontrar os umbrais da porta e chamou mais alto: Felicinha?!

— Que é, mamãe!

— Teu pai está variando, minha filha. Vai lá. Está falando à toa. Acho bom mandar chamar Nhá Benvinda. Felicinha correu ao quarto e debruçou-se sobre o enfermo que se recostara nos travesseiros.

— Que é, papai?

— Hein? Felicinha?

— Sou eu. Que está sentindo? Sentou-se junto dele. Os passos arrastados da cega aproximavam-se.

— Medo à toa, tola. Eu brinco com isso como quem brinca com um cipó seco. Olha. E torcia os braços, abria-os, esticava-os, as mãos fechadas como se apertassem alguma coisa. Está vendo? É medo à toa, não faz mal nenhum. Manda chamar o compadre, ele é que gosta de ver cobra mansa. Manda chamar.

Ana Rosa entrou no quarto lentamente, o ouvido atilado. Cabiúna continuava:

— Desde que a gente não mate não há perigo nenhum e é por isso que eu não mato nem deixo ninguém matar cobra perto de mim. Olha! E torceu os braços rindo - nem se mexe.

Felicinha levantou-se vagorosamente e, passando perto da cega, disse em segredo:

— Vou mandar chamar madrinha, mamãe. A cega estacou um instante, os seus receios acabavam de ser confirmados pela filha. Suspirou com agonia e encaminhou-se para o leito:

— Deita, meu caboclo.

— E então? Você ainda tem medo? Uma feita apanhei duas: um casal, andei com elas mais de um mês, dormiam comigo na cama, não me fizeram mal... Depois soltei-as à beira do rio. A questão é não matar. Uma que a gente mate quebra a virtude da oração e nunca mais pode o *curado* apanhar uma cobra, por mais mansa que seja. Você está vendo? Olha...

— Que é, meu caboclo? Ele encarou-a e piedoso, baixando a cabeça, cruzando os braços quedou e através de um suspiro:

— Você não tem medo porque não vê. Deus Nosso Senhor tirou a tua vista. E quieto, merencório, guardou-se longo tempo em pensativo silêncio até que de novo fitou o rosto de Ana Rosa. — Ó flor! E festejou-a carinhosamente tocando-lhe, de leve, no queixo. Deita aqui; está fazendo frio. Deita aqui. Ana Rosa deixou-se cair sobre o travesseiro e o caboclo amimava-a, afagava-a sorrindo, fitando-a e ela, sentindo no rosto o seu hálito abrasado:

— Você está com muita febre, meu caboclo. Não fala mais, fica quieto.

— É o sol, é o sol. Deita, flor. E Felicinha? Fugiu com medo. Levantou a voz chamando a filha: Felicinha!

— Senhor!

— Vem cá, minha cabocla.

— Estou aqui, papai.

— Já não tenho mais nada, minha filha; fica aqui, senta aqui. A rapariga obedeceu, sentando-se junto à mãe e Cabiúna, extasiado, estendeu a mão calosa para que ela acariciasse: Ah! Minha cabocla...

— Que é, papai? Calaram-se. Pouco a pouco, cerrando as pálpebras, o caboclo caiu em modorra<sup>201</sup>, inclinando a cabeça sobre o peito. Era noite cerrada quando o negro apareceu na sala da cabana: "Nhá Benvinda fora chamada de manhã para a *Pedra Branca*."

— E agora! Exclamou Felicinha, papai nesse estado.

A cega sussurrava sentada a um canto, numa humilhação de escrava, inerte, impotente, a alma votada ao céu, única esperança do seu coração agoniado, horizonte extremo que a infeliz fitava com a sua grande fé absoluta. Felicinha carregava cobertores, apressava Rita e o africano tímido, calado, de pé à porta, aberta

---

<sup>201</sup> Sonolência provocada por algum tipo de enfermidade.

para a noite negra fagulhada de vagalumes, esperava que o chamassem para alguma coisa.

Ana Rosa voltava a cabeça acompanhando o rumor dos passos cautelosos de Felicinha, e os olhos, com o instinto da visão, seguiam os que caminhavam indo e vindo; por vezes erguiam-se, atraídos pelo zumbido de um inseto que esvoaçava.

— Como vai ele, gente?

— Assim mesmo, mamãe. Vou ver se sua um pouco.

Vagalumes entravam palpitando na sombra, corriam a casa; cascudos circulavam em torno da candeia fumarenta, e fora, no mato trevoso, caburés regougavam. Com o sopro dos ventos a brenha alta ululava: o céu, negro como um catafalco<sup>202</sup> gotejado de prata, fundia-se na mesma densidão com a terra tenebrosa oculada<sup>203</sup> de pirilampos, e a voz do rio, perene, rolava profundamente, remotamente soturna.

Cabiúna, sob um acúmulo de cobertas, imóvel, os olhos resplandecentes e desvairados, resmungava aflito, oprimido. A cega, sentada à cabeceira do leito, em atitude dolorosa, pousava, de quando em quando, a mão sobre a fronte do caboclo, e suspiros saíam-lhe do peito, num grande desalento. O enfermo, inquieto, pedia água com a humildade comovedora de quem pede esmolas. Felicinha, porém, obstinava-se:

— Não, papai. Espera um pouco.

A sede abrasava-o, os lábios ressequidos gretavam-se e o seu rosto, incendiado e seco, parecia refletir uma chama avermelhada.

Ao clarear da alva, Felicinha, vendo o silêncio, a imobilidade do pai, debruçou-se sobre ele - estava como morto: as pálpebras meio cerradas deixavam ver, em duas linhas finas, brilhantes, as pupilas quietas, a boca entreaberta, seca, as faces cavadas, lívidas, de uma cor baça de cadáver; fugia-lhe febrilmente do peito um fio de hálito escaldante e a inspiração entrava com um silvo leve, como o rangido distante de uma serra. Felicinha desatou a chorar num grande desânimo, as mãos na cabeça, tonta, girogirando:

— Ah! Meu pai! Minha Nossa Senhora... Coitado de meu pai!

A cega ergueu-se vivamente, rompeu aos gritos ouvindo as exclamações da filha e avançou desnorteada, louca, esbarrando na velha caixa, tropeçando nas

---

<sup>202</sup> Estrado ou suporte onde é colocado o caixão para prestar homenagem.

<sup>203</sup> Que possui olhos.

cadeiras, embrulhando os pés nos panos caídos no chão, dirigindo-se, como se olhasse, para junto do oratório, com um ofego de fadiga, os braços erguidos em súplica, a cabeça derreada para as costas: — Minha Virgem do céu! Minha Virgem do céu! Que há de ser de mim? E gemia, como numa tortura, ais! longos, muito arrancados. A lamparina crepitava. De repente, como se refletisse, voltou-se: Mas que é que ele tem, Felicinha? Fala! Não teve resposta e, de braços estendidos, tateando o vácuo, encaminhou-se para o leito: Fala... que é que ele tem? Sentindo-se só, soltou um grito agudo, chamando a filha: Felicinha! Passos aproximaram-se precipitados: Felicinha!

— Sou eu, Nhá Rosa.

— Ah! Rita, que é que ele tem, vê. Felicinha chorou. Vê, Rita. Morreu, não é?... A negra curvou-se demoradamente sobre o rosto do enfermo:

— Está vivo, Nhá Rosa. Mas pela inflexão da voz a cega compreendeu o desânimo da africana.

— Você está me enganando, Rita. Por Nossa Senhora das Dores, diz a verdade...

— Está vivo, Nhá Rosa.

— Deixa eu ver. Inclinou-se sobre Cabiúna imóvel, chamando-o: Meu caboclo... meu caboclo! Ouvia o silvo da inspiração, sentia o calor da pele. Cabiúna! Você não ouve, meu caboclo? Ergueu-se desanimada. Qual! movia-se atordoadamente; súbito atirou-se de joelhos no meio do quarto: Minha Mãe do céu! Ah! Meu caboclo! Voltou-se de braços erguidos, chorando lágrimas copiosas. Rita, minha negra! Minha filha! A voz chorosa de Felicinha respondeu :

— Chico foi buscar o doutor, mamãe. A cega, prostrada, estendeu os braços procurando a filha. Felicinha, posto que tentasse dominar-se, rompeu a chorar agarrando-se à mãe. — Ele está morrendo, fala! Ele está morrendo...

— Não sei, mamãe. Está com os olhos fechados, não fala, não se mexe. Não sei que é.

— É a morte, minha Mãe do céu. Espera. Levantou-se e, como se a vista lhe tivesse reaparecido, correu para o leito. Agarrando-se então a Cabiúna começou a sacudi-lo, aflita. Meu caboclo! Cabiúna... A cama rangia desconjuntada e Felicinha interveio.

— Não faz assim, mamãe.

— Deixa... Deixa. Cabiúna...! Olha pra mim. Um grugrulejo estertorante<sup>204</sup> passou pela garganta do enfermo. Cabiúna!... Vê se ele está me olhando, Felicinha.

— Está com os olhos fechados, mamãe.

— Ah! Meu Deus! Que será isso? A negra entrou com uma bacia de água fervendo e, descobrindo os pés do enfermo, mergulhou-os, banhando-os com uma cuia. Ao ruído da água Ana Rosa sobressaltou-se. - Que é? Que é?

— Sou eu, Nhá Rosa. Insensível, porém, Cabiúna permanecia imóvel. A negra saiu a correr e não tornou, e as duas, ao lado do caboclo, chamavam-no, auscultavam-lhe o coração, tomavam-lhe o pulso.

— E o doutor, Felicinha?

— Chico foi chamar, mamãe.

— Ah! Meu Deus! Como ele demora. Também é tão longe! Talvez já não chegue a tempo. Vai ver, minha filha. Mas Felicinha deixou-se estar de mãos postas, os olhos na santa, iluminada tibiamente pela chama mortiça da lamparina. A cega, agarrada ao leito, ora em silêncio, ora aos resmungos, sentia o calor da fronte de Cabiúna, sentia-lhe a palpitação fraca do pulso e guardava-o na mão apertadamente como para prender o resto de vida que por ali circulava. Ao menor ruído voltava-se impetuosamente e erguia-se como para ceder o seu lugar a alguém.

— É o doutor, Felicinha?

— Ainda não, mamãe.

Ia alta a manhã quando o médico entrou no quarto abafado, precedido por Felicinha que levava a candeia bruxuleante<sup>205</sup>. O ar, pesado e morno, tresandava, sentia-se como uma nuvem de fumo pairando, espessa e asfixiante, e o médico, sufocado, ordenou que abrissem um pouco a janela, ao menos para que o ar fosse renovado, que aquilo até fazia mal ao doente. Um raio esguio passou ligeiro pela fresta. O médico, pigarreando, abeirou-se do leito tomando o pulso a Cabiúna, mas logo o deixou. Curvando-se, pediu a candeia para mais perto, a fim de examinar as pupilas do enfermo; deteve-se e, por último, reclamando um espelho, colocou-o diante da boca do caboclo sem que o vidro se nublasse de leve. Ana Rosa, de pé, encostada ao leito, esperava pacientemente a sentença, passando a mão pelos

---

<sup>204</sup> Atordoante.

<sup>205</sup> Brilhar tremulamente.

olhos, suspirando e Felicinha, iluminando o rosto de Cabiúna, compungia-se vendo-lhe a devastação da fisionomia em tão rápido tempo. Como o médico se afastasse esticando o beijo, ela seguiu-o à sala pressurosa:

— Então, seu doutor. É da moléstia?

— Que! Não há mais nada a fazer, filha. Foi um acesso pernicioso. Está morto.

— Morto! Mas seu doutor... morto e quente assim? Morto...?! Não, seu doutor... pelo amor de Deus! Por alma de sua mãe, seu doutor. Não diga assim... Veja outra vez. Veja, seu doutor pelo amor de Deus!

— Que hei de fazer, filha? Felicinha, como resignada, baixou a cabeça, enlaçou as mãos e começou a chorar silenciosamente; súbito, porém, escancelando a boca, derreando a cabeça, toda ela agitada por um tremor convulsivo, abateu como num amolecimento instantâneo das pernas, flácida, abandonada, caindo junto ao fogão, a gritar, em silvos finos, entrecortados, doridos.

A cega, no quarto, guardando a mesma atitude, procurava escutar os mínimos rumores, rolando, com ânsia, os olhos apagados, ouvindo, porém, os gritos estridentes, estremeceu: — Felicinha! Felicinha! E foi elevando a voz: Felicinha! E já caminhava para a porta, cambaleando, quando a negra tomou-a pelo braço.

— Ah! Nhá Rosa!

— Morreu! Exclamou a cega estacando. Cabiúna morreu! Seu doutor, me acuda! Precipitou-se, repelindo a negra, e foi de encontro ao umbral da porta, a gritar pelo médico, num desespero irreparável, debatendo-se frenética: Seu doutor... Pelo amor de Deus! Diga, seu doutor.

— Então? Calma... Que se há de fazer...? E o médico, para ampará-la, passou-lhe a mão pela cinta.

— Morreu? Cabiúna morreu... Ai! Suspirou Ana Rosa e foi como se a alma lhe houvesse saído do coração num arranco supremo. E firme, de pé, inteiriçando-se, retesando os braços, começou a ranger os dentes, rolando no solo, contraída, escabujando.

Só ao cair da tarde despertou como de um grande sono. A casa cheia tinha um rumor de festa. Nhá Benvinda, o Lomba, Gonçalinho, Crescêncio rodeavam o cadáver estendido sobre a mesa entre velas. Ana Rosa esteve algum tempo calada, alisando os cabelos tranquilamente, como se não se recordasse da morte; de

repente, porém, voltando-se, passou as mãos pelo leito. — Onde está? Onde está Cabiúna?! Ah! Ele já foi, meu Deus? Vocês nem me chamaram para dizer adeus. Cabiúna, meu caboclo ... Ai! Chamaram para dizer adeus. Cabiúna, meu caboclo ... Ai!

— Não, mamãe; ainda está aí.

— Não deixa ele ir! Não deixa, não! E, levantando-se descalça, as saias a escorrerem-lhe pelo corpo, arremeteu para sair e foi Felicinha quem a conteve, abotoando-lhe o paletó, amarrando-lhe os cordões da saia. Quando ela apareceu na sala houve um murmulho de choro. As velas crepitavam e a cera punha no ambiente um cheiro de morte. Abraçavam-na com palavras de condolência e de resignação e Nhá Benvinda, apertando-a muito, soluçou sobre o seu peito arquejante. — "Pobre comadre! Quando eu soube já não havia mais remédio." Ana Rosa, por fim, foi levada até junto do morto; derreando-se sobre o corpo hirto, procurando o rosto, começou a beijá-lo insaciadamente, alucinadamente, molhando-o de lágrimas e na sala os soluços recrudesceram. Quiseram arrancá-la de junto do cadáver, mas Nhá Benvinda opôs-se:

— Não, deixem. É melhor que ela chore; desabafa, alivia-se. Não há nada pior do que a gente não poder chorar. Deixem. E a cega ficou agarrada ao morto, cobrindo-lhe o busto com o seu peito forte, falando-lhe enternecidamente como num idílio:

— Então, meu caboclo... você vai-se embora...! Vai-se embora? E eu, meu caboclo? E eu? Cega, sozinha neste mundo de Deus? Que há de ser de mim? Por que você não me leva? Beijou-o e, num frenesi, soluçando, as mãos nas faces do cadáver: Vem me buscar, Cabiúna... vem, meu caboclo! Eu quero, minha Nossa Senhora!... E num impulso mais forte, toda a mesa estremeceu e um dos castiçais caiu. Acudiram, arredando, a custo, a cega. Não me tirem daqui... Ele vai-se embora. Não me tirem daqui, por amor de Deus! Tem pena de mim, gente! Eu quero ficar perto dele... É a última vez... Está tudo acabado. Compadecidos, fizeram-na sentar-se junto à mesa e a desgraçada, sucumbida, prostrada de angústia, por vezes irrompia em exclamações e em pranto, lançando perguntas ao finado, a Deus, à Conceição sobre o seu destino triste na terra: cega, doente, pobre e desgraçada... Fora, no terreiro, soavam marteladas: estavam a pregar as tábuas

do caixão. E placidamente, melancolicamente, a lua desenrolou na altura o esplendor da sua claridade mística.

A vigília, interrompida pelo choro da cega ou de Felicinha, correu taciturna. Nos instantes graves de silêncio ouvia-se o estalido das velas; e a voz noturna dos grilos, o rumor merencório das águas rolantes, o farfalho voluptuoso das ramas chegavam ao interior tácito e recolhido como se a Natureza Maternal, piedosa e amiga, quisesse consolar as almas entristecidas pela morte do rústico, esposo fecundador das veigas<sup>206</sup> virgens, patrono humano da floração dos campos, reparador dos flagelos do sol e das borrascas.

No seu ninho funéreo, caixão de rígida braúna<sup>207</sup>, arrastada da mata, cerrada à beira da casa, rescendendo à resina, o morto estava ainda brandamente morno, como o ferro retirado da forja que, por longo tempo, conserva o calor das chamas; parecia ter ainda um resto de vida, como se a alma, pairando em torno, o bafejasse antes da descida ao campo sagrado.

Nhá Benvinda, em pontas de pés, acudia de instante a instante para atiçar as velas ou para substituí-las, e serena, magnífica, na sua figura simbólica de Virtude Vitoriosa, à falta de um crucifixo, a *Conceição* sorria, de olhos castamente extasiados, velando à cabeceira do morto, como pronta a desprender-se do globo em que pousava para ascender, com o espírito evolado, pelos espaços fora, até a suprema e absoluta Paz da Graça Perene e da Misericórdia.

Amanheceu sem névoas, manhã de novembro, azul e sonora de chilros e, como o cemitério ficava longe, num verde campo murado, para que os bois e as cabras não fossem profanar os túmulos, Crescêncio deu o sinal para que fechassem o caixão. Nhá Benvinda agarrou-se à cega buscando levá-la para o quarto. Ana Rosa, porém, ouvindo passos em torno da mesa, sentindo que retiravam os castiçais e a santa, compreendeu que era chegado o momento extremo e atirou-se impetuosamente para a mesa, aos gritos, e Felicinha rompeu em pranto.

— Não, gente! Não, gente! Pedia a cega, derreada sobre o caixão, os braços estendidos como se quisesse defender o morto com o seu corpo. Não, gente! Espera! Espera! A voz ia-se-lhe tornando surda, falhava-lhe por vezes: Mais

---

<sup>206</sup> Campos férteis.

<sup>207</sup> Árvore nativa brasileira, mais comum no nordeste e parte de Minas Gerais.



um bocadinho, ainda é cedo. E num apelo lancinante: Cabiúna, meu caboclo! Ah! Meus olhos, meus olhos...! Cabiúna! E Felicinha, afastada, gemia.

— Vem, comadre. Que se há de fazer? Está com Deus... Intercedia Nhá Benvinda, procurando arredá-la.

— Mais um bocadinho... Mais um bocadinho. Eu não vejo, gente... Eu não vejo. Ah! Meu caboclo, meu caboclo!... Eu te espero, vem me buscar, vem! E atirou-se, soluçando, sobre o caixão. Arredaram-na, e ela deixou-se conduzir molemente, fraca, exânime<sup>208</sup> e logo ressoaram marteladas. De longe ela teve um assomo: Devagar, gente! Não bate com tanta força! Que falta de coração! Houve um arrastar moroso, passos farfalharam, como se fossem por cima de folhas secas.

A cega ergueu-se e, ouvindo o grito de Felicinha e o prantear da negra, escancelou a boca aflitivamente, levou ambas as mãos ao peito e arrojou-se com um rouquejo<sup>209</sup> estrangulado, tombando, como fulminada, nos braços de Nhá Benvinda.

E, vagaroso, o enterro descia a ladeira ao sol, por entre as laranjeiras floridas. E o touro, solitário no pasto, como se sentisse a morte do senhor, ergueu a cabeça, deixou de ruminar e os grandes olhos tristes do animal, brilhantes à luz crua do sol, pareciam chorar compadecidamente.

### III

Alquebrada de angústias, a cabeça embranquecida, o rosto sulcado de prematuros vincos, Ana Rosa, como uma planta delicada, esquecida entre cardos, definhava despreendendo a alma pouco a pouco em suspiros.

Felicinha, na sazão<sup>210</sup> exuberante dos dezoito anos, na glória plena da carne virgem, pronta para o amor, à espera do voluptuoso momento nupcial de eclosão, carne em primavera cálida, carne rica, aromática, palpitante, cheia do calor do sangue que lhe acendia clarões dentro da noite das pupilas, que lhe coloria os lábios fortes, mas de um espírito dispersivo, parecia de todo esquecida desse desastre dolente que enlutara a cabana, deixando no campo muita sementeira morta à míngua, porque o braço do africano mal podia cuidar da vastidão da cultura com o

---

<sup>208</sup> Desfalecida.

<sup>209</sup> Som rouco.

<sup>210</sup> Estação.

mesmo carinho com que Cabiúna se dedicava, de sol nado a sol posto, às várzeas e aos outeiros.

A terra, igualmente viúva, entristecia. A negra enchia a casa com a sua cantilena monótona, indo e vindo, morosa. A cega, inerte, "esperava a morte" como ela própria dizia, de braços cruzados, ouvindo o barulho dos matos; às vezes, para estafar-se, saía ao terreiro e ficava horas esquecidas agarrada à mão do pilão, triturrando o milho ou peneirando o fubá; mas, de repente, pungida pelas lembranças, elevava os olhos ao céu e suspirava. E a vida banzeira, apenas alegrada pelo som da voz de Felicinha, de um timbre fresco e sonoro de mocidade, derivava como um rio lodoso e pesado de águas grossas à beira do qual cantasse uma ave jocunda<sup>211</sup>.

A cega consolava-se contando que a alma de Cabiúna, a horas altas da noite, vinha ter com ela. Uma vez acordara com um beijo, outra vez ouvira, clara e distintamente, a voz do morto chamá-la como antes: — Flor!... E, com essa convicção de que ele não a abandonava, sentia-se feliz posto que, não raro, caísse em desolada melancolia atribuindo essas visitas misteriosas à necessidade de rezas: "porque o coitado morrera sem confissão". Mas depressa, com a lembrança da piedade de Cabiúna, consolava-se: "Ele era tão bom! Que pecado podia ter o seu caboclo? Se havia céu, ele lá estava." A negra, com pavor, dizia:

— Que nem era bom estar só falando na alma. Que a deixasse descansar. E Felicinha concordava:

— De certo. Mamãe com essas coisas até mete medo à gente. Eu já não durmo direito. De noite, quando os cachorros latem lá fora, fico que só Deus sabe. Ainda outro dia um boi veio berrar perto do meu quarto... não sei como não morri. Não é bom. Deixe papai em paz. Ele está no céu... E ela sorria beatamente dos terrores da filha, dizendo com mansidão:

— Pois a mim ele pode aparecer sempre, não tenho medo. Eu sei que ele não vem me fazer mal. E concluía enternecida: Coitado do meu caboclo!

Trabalhando a meias o africano conseguia, com prodigioso esforço, multiplicar a sua atividade semeando o milho, capinando os cafezais, limpando as laranjeiras da erva de passarinho. O mandiocal prosperava; pelos talos secos dos velhos milhos subia em festões a rama verde do feijão e pela cerca da horta a larga e tenra folhagem das abóboras alastrava descendo à terra e cobrindo-a. Uma porca

---

<sup>211</sup> Agradável, aprazível.

grunhia seguida de bacorinhos e a vaca, com um bezerrote, pastava no pendor da colina fustigando com a cauda as ancas luzidias. As chuvas e os sóis abençoavam a terra com a fertilidade como para auxiliar o trabalhador fiel que mourejava, o dorso nu, reluzindo, dobrado à enxada, cantando, satisfeito e feliz. À noite, o negro vinha arrancar-se na sala e, acocorando-se a um canto, firmado sobre os calcanhares, íntimo, como de casa, recebia a sua ração e comia falando da prosperidade da plantação, prometendo farta colheita. E sentia-se o orgulho do forte, do senhor da cultura, único e soberano nas veigas, herdeiro do amor grande e compensador dos campos e do respeito submisso dos brutos que era ele agora quem galopava, estrada fora, no macho viajeiro e espicaçava os bois para levar à cidade o carro de milho e trazer o mantimento.

Findo o jantar, ao cair da noite, se não havia moléstia, chovesse ou fosse de luar, desciam os dois, mais o cão, para a cabana, na colina fronteira ao rio. Felicinha trancava a porta, recolhia a cega e entrava para o seu quarto cantarolando, faceira.

Ana Rosa, com o delicado instinto feminino, sentia a fermentação que se dava no coração ardente da filha, os pruridos passionais, os estos<sup>212</sup> de amor, a tendência enérgica para o desconhecido desejo e seguia-lhe os passos com o ouvido atilado, numa vigília constante:

— Onde vai, Felicinha? Você já está deitada, Felicinha? Você fechou a porta?

Todo o seu ideal consistia em casar a filha com um homem de trabalho que a amasse, que lhe quisesse bem, que fosse como Cabiúna e arredava-a dos olhos impudicos, escondia-a, recatava-a com receio de que, inocente e fraca, sucumbisse à primeira sedução. Não tivera a mesma criação selvagem que ela: atirada ao campo, sozinha pelas estradas, de noite e de dia, acostumada com homens, conhecendo-os, sabendo todos os perigos e evitando-os com a sua indiferença ou enérgica e ameaçadora como quando investiu com um campeiro armada de um pau. Ela não, criada carinhosamente na cabana, descia à vila de longe em longe — no tempo do morto com ele, agora com a madrinha que a levava à missa ou a compras. E, de volta, com que tremores de coração a cega ouvia as palavras ingênuas da filha, admirada de tudo, contando o que vira, o que ouvira e Nhá Benvinda a fomentar inconscientemente a vaidade da criança. "Que o Ferrão, da loja, ficara de

---

<sup>212</sup> Proveniente do latim *aestus*: calor ardente.

beijo caído. Que nos caminhos eram só elogios: Que mocetona! Benza-te Deus! Que cabelos! Que corpo!" E os velhos ajuntavam: "É a mãe inteirinha, quando era moça." Estava ali, estava casada; concluía Nhá Benvinda. Ana Rosa tremia e, na sua alma, apreensiva e medrosa, os receios iam crescendo à proporção que a filha ganhava encantos.

Uma tarde, sentada à porta, desembaraçando-lhe carinhosamente os cabelos, aconselhou-a:

— Minha filha, nós somos duas mulheres no mundo; eu, cega, tu moça, sem prática da vida. Toma cuidado! A minha felicidade depende de ti só. Que é que me prende a esta vida? Hein? Fala! Tu, mais ninguém. Eu te vendo casada descanso, posso morrer em paz. Hás de achar um bom marido, mas para isso é preciso que saibas viver. Mulher muito oferecida ninguém toma. Se essas moças soubessem como é feio andarem por aí metendo-se pelos olhos dos homens até não saíam. Uma coisa muito vista perde o valor. Aqui para se falar da honra dos outros ninguém cochila. Olha a Mariazinha, coitada! Anda por aí à toa e com má fama só porque foi vista, uma noite, perto da cruz do Ignácio, com um moço. Hoje, por mais que ela diga, ninguém acredita: é uma perdida, nem os parentes fazem caso dela. O mundo é assim mesmo, minha filha. Um homem pode fazer tudo, ninguém repara, mas uma moça... à menor coisa estão todos falando. Quem é que se livra da boca do mundo?

Felicina amuava:

— Mas que é que eu faço, mamãe? Quem é que vem aqui nestes cafundós? Só se é tio Chico. Vive mamãe todo o dia em cima de mim com essa ladainha. Eu sei bem o que faço. Quem é que vem me seduzir? Nem que eu fosse uma princesa! Que coisa!

— Eu não falo por mal, Felicina. Tem paciência.

— Mas chega. Deixe estar que eu não hei de ficar como Mariazinha.

— Bate na boca, minha filha: bate na boca. A gente não fala assim.

— Pois é. Agora que culpa tenho eu de que os outros me achem bonita? Hei de tapar a boca de todo o mundo?

— Pois sim. Mas não é você mesma que diz que eu estou ficando com a cabeça toda branca?

— E também por minha causa? Ora mamãe...

— E de pensar. Passo as noites rolando na cama sem sono, pensando em você e Deus sabe quantas lágrimas choro ali sozinha naquele quarto. Se *e/e* fosse vivo, eu tenho certeza de que você havia de arranjar um bom marido, mas assim...

— Ora, mamãe, e a senhora pensa que me importo com casamento? A senhora é que vive a falar nisso. A mim é coisa que não me incomoda. Estou muito bem assim.

— Pois sim, pois sim; mas o que eu te digo é para o teu bem, eu só quero a tua felicidade. Para mim a vida está acabada; qualquer canto me serve, não tenho luxo de boca, um molambo basta para me cobrir. Tu, não; és moça, precisas...

— É, preciso... Mas se me arranjo um pouco mamãe é a primeira que fala. Parece que a senhora quer que eu ande como uma negra de roça, com uma saia de riscado e mais nada. Eu sei! E levantou-se enfezada, resmungando, meteu-se no quarto batendo com a porta. De sorte que a cega, para não irritá-la, evitava, muitas vezes, falar-lhe, mas sempre que não lhe ouvia os passos, sempre que a não sentia perto chamava-a a pretexto de pedir alguma coisa e, se a resposta demorava, afligia-se.

— Felicinha! Onde é que você está, minha filha? Vem pra dentro; sai do sol! Olha uma doença. E nesses cuidados constantes a cega vivia atribulada, sem calma, o ouvido aguçado aos ruídos mais leves, numa expectativa de crimes praticados na treva da sua cegueira. Felicinha, às vezes, suspirava: "Que aborrecimento, meu Deus!" E Ana Rosa entrava a conjecturar, tremendo, sobre as consequências daquele tédio confessado: "Se ela saísse com alguém?! Se abandonasse a casa?!" E redobrava de carinhos, aflagava-a, prometia-lhe passeios, vestidos, colares; seduzia-a com engodos procurando, ao mesmo tempo, prendê-la e distraí-la e, aos sábados, quando Nhá Benvinda aparecia para buscar a afilhada, a cega mostrava-se satisfeita, contrafazendo-se; e concordava: "Que ela precisava viver; estava na idade, era moça". E, abençoando-a, desejava-lhe boa sorte, dava-lhe dinheiro. Mas quando ficava só, encolhida no seu canto, encravava o cachimbo nos dentes, repousava o rosto nas mãos e, de olhos inquietos, ficava-se pensando naquela noite longa sem a filha, que fora dormir com a madrinha, na vila, perto do perigo, cercada de seduções, com todos aqueles olhos maus cobiçando-lhe o corpo, ouvindo, talvez, em rápidos segredos, ao entrar ou ao sair da igreja, propostas

indecorosas, palavras torpes, cochichadas tremulamente como ela as ouvira no tempo dos seus dezoito anos. E a noite insone passava vagarosa.

Os galos cantavam fora nos campos frescos de orvalho, o gado mugia no calmo sossego da madrugada e até a manhã clara, Ana Rosa, de olhos limpos, pensava nos riscos que corria a filha. Erguia-se e, ouvindo a negra, que dormia em casa, chamá-la para o café, arrastando os passos para a sala, confessava lastimosamente: — "Que não podia passar uma noite longe da filha; não dormia." E, quando Felicinha aparecia contente, dando lembranças dos conhecidos, contando os seus passeios, a cega ouvia atentamente como se quisesse surpreender nas suas palavras alguma coisa que a denunciasse: um indício qualquer por onde ela pudesse chegar à verdade temida, mas tranquilizava-se: ela apenas falava de moças que vira na igreja, em casa do padrinho e de um velho folgazão, o Braz, que a tirara à força para uma polca tratando-a de "noiva". Muito engraçado. Mas Felicinha, sempre que voltava da vila, nos dias sequentes, tornava-se silenciosa, macambúzia, costurando calada ou a cantar baixinho modinhas sentimentais:

— Você está triste, minha filha?

— Triste por quê, mamãe?

Três longos meses correram, meses de águas, com fugitivas intermitências de luz, dias plúmbeos, noites uivantes e regeladas, até que o sol abriu, numa linda manhã inesperada, enxugando os caminhos transformados em atoleiros, cavados de fundos sulcos onde as rodas dos carros enterravam-se rangendo. A verdura repontava, fresca e viçosa, pontuada de flores, num renascimento próspero; novas gerações de aves saltitantes piavam nos ramos tenros e o rio, em enxurrada, engrossado pelos córregos e pelos lençóis rolantes das montanhas, gorgulhava soberbo, levando troncos nas águas turvas, destroços de árvores antigas tombadas das matas remotas do vasto e espesso sertão virgem.

O negro recomeçava o penoso trabalho de recompor a roça, fincando espeques<sup>213</sup>, amparando arbustos, torando galhos secos, chegando terra às raízes expostas pelo escorchamento das águas bravias, e cantava sentindo subir da terra retemperada, o eflúvio da germinação, a força pujante da seiva nova que havia de explodir em flor e em fruto logo que a semente se agasalhasse no seio rico.

---

<sup>213</sup> Arrimos.

Ana Rosa rejubilava com a volta do sol: — "Até que enfim, a gente já podia sair um pouco". Felicinha, no entanto, sem demonstrações de alegria, indiferente ao esplendor de março, suspirava pelos cantos amolecidamente, num tédio bocejante, derreada de preguiça. Raramente saía e foi com espanto que a negra encontrou-a uma manhã balançando-se em uma redouça<sup>214</sup> de cipó amarrada aos galhos da mangueira velha.

Nhá Benvinda, apesar dos dias de sol, não aparecia; a cega preocupava-se e, como o africano anunciasse, uma noite, à hora da comida, que descia na manhã seguinte à vila com o carro, Ana Rosa pediu-lhe que desse um pulo à casa da comadre — podia estar doente, não aparecia. E como a cega perguntasse se queria alguma coisa para a madrinha: "Lembranças", disse apenas Felicinha sem levantar os olhos da costura.

Realizaram-se as previsões de Ana Rosa: Nhá Benvinda, atirada no fundo da cama, gemia a sua erisipela<sup>215</sup> sem poder dar um passo de tão inchadas que tinha as pernas. E o negro falou à Felicinha: "Que a madrinha pedira para ela ir passar uns dias na vila, distraíndo-a: estava muito só e cortada de dores."

— Não posso, resmungou Felicinha. Não hei de ir para a casa dos outros com uma muda de roupa.

— Mas, minha filha, você tem tantos vestidos... Que te falta?

— Nada, mamãe, mas não quero ir: estou muito bem. Madrinha tem lá muita gente, não precisa de mim. Ultimamente enfezava-se por tudo, uma palavra bastava para irritá-la. À mesa, sem razão, fechando a cara, repelia os pratos engulhando e saía para o terreiro a resmungar contra a falta de limpeza: "Que não tinha estômago de ferro. Que aquilo nem para os porcos; era um nojo aquela comida." Rita olhava-a contendo-se e baixava a cabeça sem murmurar. Ana Rosa, submissa, levava a comida à boca sem atrever uma palavra, receosa, fugindo sempre de desgostar a filha e, quando se achava a sós com a negra, pedia-lhe: "Que tivesse paciência, que aturasse um pouco, por ela ao menos. A pobrezinha tinha razão de andar arreliada: presa sempre naquele deserto, sem ver gente. Coitada!"

E Rita, de pena, calava-se. Às vezes, no terreiro, à sombra da mangueira, Felicinha quedava longo tempo sentada, os cotovelos nas coxas, os olhos dispersos

---

<sup>214</sup> Acento pendurado por cordas, balanço.

<sup>215</sup> Doença infecciosa aguda, caracterizada por uma inflamação da pele.

e uma tarde, distraída, sem ouvir os passos da negra, não teve tempo de limpar as lágrimas que lhe escorriam pelas faces em dois fios vagarosos:

— Que é que tem, Nhá Felícia?

— Nada.

Uma manhã, como a negra entrasse à hora acostuada para acender o fogo, encontrou Felicinha agachada diante das pedras tismadas<sup>216</sup> soprando a lenha que flamejava trépida.

— Que é isso, gente? Vancê fazendo fogo?! Está sentindo alguma coisa?

— Não estou sentindo nada. Vou fazer a minha comida; ao menos terei cuidado de tapar as panelas. A negra, de braços cruzados, fitava-a sem revolta e, mansamente, disse:

— Está bom, nhanhan. Vancê quer cozinhar eu vou-me embora. A cega, que ouvia, sobressaltou-se:

— Que é, Rita? Você quer ir embora?

— Nhanhan tem nojo do que eu faço, Nhá Rosa. Vive todo o dia dizendo que sou uma porca, que não cuido das panelas, que deixo os pratos sujos. Que é que eu fico fazendo aqui? Ela já está cozinhando, não precisa de mim, eu vou trabalhar com Chico; cozinho na roça pra nós dois e quando vancê precisar estou aqui. Pra que amofinar os outros? Eu estou velha mesmo, meu paladar já não é bom. Pra que brigar?

— Mas Felicinha não está zangada, Rita; deixa disso. A negra esperava uma resposta quando Felicinha, sempre de cócoras, diante do fogo, repetiu:

— Eu cozinho, mamãe. Também não é uma coisa de outro mundo. Que é que eu fico fazendo aqui em casa? Botar o feijão no fogo, escaldar a carne também eu sei. Rita que vá pra roça, ela gosta mais daquele serviço. Eu cozinho.

— Está bom, nhanhan, mas não fique zangada comigo. Eu peço perdão de alguma coisa...

— Não estou zangada.

— Eu venho aqui todos os dias, Nhá Rosa.

— Mas você não sai do sítio, Rita...?

---

<sup>216</sup> De coloração escura, enegrecida.



— Uê! Sair do sítio por quê? Vancê não me tocou... Não senhora; fico ali no meu canto. Ninguém brigou... Então porque nhanhan não gosta da minha comida eu vou deixar vancê? Não, senhora. E humilde, paciente, risonha: A bênção, Nhá Rosa! A bênção, nhanhan.

— Adeus...

— Adeus, Rita, Mas aparece...

— Sim, senhora; eu passo aqui todos os dias. A bênção...

— Adeus! E a cega, ouvindo os passos sutis da negra que saía, não conteve a piedade: — Ah! Felicinha...

— Que é, mamãe? Já vem a senhora com as suas coisas. Se quer ficar com ela fique; eu cozinho para mim. Hei de comer porcarias? A senhora como não vê não se importa.

— Pois sim, mas Rita tem sido tão boa para nós; está sempre pronta para tudo. É velha, coitada.

— Eu não tenho nada com isso. Lá porque é velha eu não hei de comer as imundícies que ela faz. Isso não! Nem para lavar a louça. E Felicinha, tomando a sua conta a cozinha, passava os dias sentada na sala, indo, de quando em quando, provar as panelas, deitar lenha ao fogo, calada, sempre num tédio invencível, mal respondendo às perguntas da cega. Quando o negro aparecia de manhã com os legumes e à tarde com a lenha ela, sem mostrar-se, gritava-lhe do quarto que deixasse sobre a mesa, à porta, no terreiro, e raramente saía para receber os mantimentos, para dar uma ordem. Se estava no terreiro recolhia apressadamente ao avistar nos caminhos um dos camaradas. E Ana Rosa entristecia no silêncio imperturbável da casa, vegetando, esquecida a um canto ou à porta, num raio de sol, tirando fumaradas do seu cachimbo de taquara. Felicinha evitava-a negando-se quando ela a chamava para desembaraçar-lhe o cabelo.

— Estou ocupada, mamãe: logo.

— Ah! Minha filha... Até parece que você foge de mim.

— E eu não tenho que fazer, mamãe? Quem há de cuidar da casa? Tem tempo.

— Você está ficando muito esquisita...

— É; estou ficando esquisita... Mas a casa está limpa e as panelas estão no fogo. E, monotonamente, os dias passavam numa insipidez inquebrantável.

Cálido, o estio abrasava. No esplendor cáustico do céu imaculado, o sol, de um brilho intenso de revérbero<sup>217</sup>, parecia girar vertiginosamente espalhando raios em torno. Os campos amolentados, numa dormência canicular, rescendiam a coivaras; a erva murcha vergava flacidamente, como morta; as grandes árvores, de folhas encarquilhadas como à ação de um fogo da terra, agitavam-se de leve, raro em raro, ao sopro flamíneo do vento estival. As culturas esturricavam, pássaros gemiam tristonhamente nas sombras abafadas. Pela extensão da calcinada paisagem ofuscante o sol alastrava vívido, incendiado e o ar adusto, de uma finíssima transparência, tremia recebendo o hausto quente da terra onde mal pousavam acalmados, de asas abertas, os tico-ticos.

O rio, como se dormisse a sesta, mal se ouvia através do silêncio fúlgido do campo e da mata imóvel sob a ardência extasiante do sol a pino. Os bois pastavam suados, reluzindo à luz tórrida.

Era o tempo genesíaco, o beijo forte do sol subjugava a natureza prostrando-a entorpecida no espasmo da fecundação. As velhas raízes rejuvenesciam; a vida corria nos raios do sol, penetrava a terra, espalhava-se no espaço, difundia-se gerando, num trabalho lento de reconstituição do ninho à penha bruta, da fibra tenra do arbusto ao cerne férreo dos jequitibás centenários.

Por todos os lados, onde quer que a vista repousasse, o sol resplandecia, magnífico. Sombras raras enegreciam de manchas as campinas louras e, para o horizonte distante, fina e translúcida, uma névoa de ouro passava como um véu santo corrido do céu sobre os montes de um forte azul quase negro. À sombra dos tejupás<sup>218</sup> da roça cães arquejantes modorravam e as galinhas, de asas frouxas, bico aberto, ofegando, paradas, pareciam hipnotizadas pela irradiação deslumbrante.

Ao cair da tarde, esmaecendo a luz em laivos de sangue e ouro sobre a fímbria do ocaso, as cigarras entravam a ciciar respondendo-se, em concerto, de um ponto e de outro, pássaros saíam repousados atravessando o ar tépido; borboletas tontas, como se despertassem de um torpor de narcótico, esvoaçavam de ramo em ramo, ruflos de asas de beija-flores surdinavam e rolas, com enternecida e apaixonada tristeza gemiam entre os milhos onde os sanhaços, em chusma, gritavam estridulamente e os periquitos verdes grazinavam<sup>219</sup>.

---

<sup>217</sup> Luminoso.

<sup>218</sup> Abrigo ou cobertura que se constrói na mata de palha ou madeira.

<sup>219</sup> Palrando, emitindo sons próprios.

As noites mornas, de uma solene e tranquila majestade, refulgentes de estrelas, arejadas brandamente pelas brisas que as açucenas dos brejos perfumavam, corriam refrescando a terra requeimada com o bálsamo do orvalho. E o luar subia pálido estendendo-se pela paisagem, pelos montes, pelas águas plácidas, pelos caminhos, pelas frondes, nítido, tácito, derramando-se silenciosamente em deflúvio<sup>220</sup> branco como um banho reparador, de leite.

Os sapos coaxavam nas águas mortas, os bacuraus saltavam piando, trêfegos e mansos, no terreiro alvo como se por ele houvesse um lençol estendido e de todas as grotas, de todos os valos, das moitas, dos ramos, numa surdina misteriosa, a voz serena dos seres mínimos subia como num epitalâmio<sup>221</sup> meigo ao desabrochar no céu, como um grande lírio, o plenilúnio límpido.

Estio! Por toda a parte, na mesma fartura, na mesma exuberância a terra procriava reproduzindo, em frutos de ouro e em flores, os beijos candentes do sol.

Estio! E a mata, sussurrando, levantava ao luar um estridor farfalhante como uma ave colossal que se espanejasse saindo fecunda da carícia nupcial do macho vitorioso! Estio!

Sentada na cama, Ana Rosa fazia a sua oração da noite, quando lhe pareceu ouvir um surdo gemido que vinha do quarto próximo, onde Felicinha dormia. Deteve-se, contendo o hálito e, atenta, o ouvido ao longe, esperou numa ânsia de pavor, o coração sobressaltado, aos pulos, tremendo com arrepios. Os grilos trilavam nas fendas dos muros e o vento, penetrando pelos buracos da taipa sacudia, por vezes, panos dependurados, levava papéis de rasto. No teto, gambás corriam sorrateiramente com um leve estrépito do sapê ressequido e o murmulho da mata, no silêncio dormente da noite, chegava, trazido em lufadas fortes, grande, escachoante como o barulho fragoroso de uma queda de águas.

Acalmando-se, a cega recomeçou a oração interrompida, posto que o seu espírito apreensivo mais se preocupasse com o que misteriosamente lhe andava em torno na treva dupla da noite e da cegueira. Ao mais leve frêmito erguia a cabeça como se pudesse olhar, buscava, tateando em volta. Às vezes era a lamparina que

---

<sup>220</sup> Escoamento.

<sup>221</sup> Poema lírico recitado por ocasião de um casamento.

crepitava, outras vezes era a janela estremecendo nos gonzos, batida pelo vento ou lá fora remoinhos de folhas secas.

Deitou-se cautelosamente, como para não fazer rumor; cobriu-se e, de olhos altos, as mãos cruzadas no peito, quieta, prestava aguda atenção, quando ouviu estalos como de móveis que se desconjuntavam e logo outro gemido abafado. Sentou-se arrepiada, tiritante, orando em consciência. Atirou as pernas fora do leito e, fria de medo, chamou a filha: — Felicinha! Houve um grande silêncio na treva: Felicinha!

— Que é, mamãe? Respondeu do quarto contíguo a rapariga.

— É você que está gemendo?

— Sou eu, sim.

— Que é que você está sentindo?

— É a cólica.

— Porque é que não toma um chá, minha filha ?

— Já tomei.

— Então cobre bem o corpo e vê se dormes. Ainda algum tempo a cega deixou-se estar sentada à borda do leito, os pés nus no chão frio. A cama de Felicinha rangia, estalejava; de instante a instante um baque como o de um corpo que cai, e gemidos, suspiros.

— Está assim forte, minha filha?

— Está, mamãe. Mas não me faça falar; disse Felicinha com uma voz estrangulada.

— Eu vou lá; você quer?

— Não! Que é que a senhora vem fazer? Não!

— Você quer mais um cobertor?

— Não. Mas não me faça falar, mamãe. E a cama estalou de novo, mais forte. Ao longe, de espaço a espaço, um cão ladrava, e o silvo de um caburé, que atravessava os ares, fez estremecer a cega. "Ah! Minha Nossa Senhora!" Recomeçou comovidamente a oração pedindo pela filha, mas foi interrompida por um gemido longo, entrecortado como uma gargalhada. Ergueu-se num ímpeto e, de pé, no meio do quarto, as mãos postas, regelada, pôs-se a tatear tocando a parede e, tropeçando numa lata, já perto da porta, ia a cair quando um grito agudo da filha reteve-a, apavorada, entre os umbrais:

— Felicina! Ah! minha Nossa Senhora das Dores! Minha Mãe do céu...! Felicina! Precipitou os passos, mas desatinada como estava, foi ter ao canto do fogão topando nas pedras ainda mornas. Felicina! Minha filha! Valha-me Deus! E, de braços estendidos, arrastando os passos, chegou à porta do quarto da filha e começou a empurrá-la, de flanco; a madeira resistia, estremecendo. Felicina! Minha filha! De dentro vinham gemidos, exclamações aflitas, anseios: "Eu morro, meu Deus! Não posso mais!" E a cama estalava fortemente.

— Felicina!

— Minha mãe! Pelo amor de Deus! Minha mãe! E, num grito fino, longo, estridente, esforçado: Aaaai!

A cega lutava com a porta, ora empurrando-a a mãos ambas, aos impulsos, ora de flanco, metendo o ombro e a porta foi cedendo, levando de rastos alguma coisa que raspava o solo pesadamente.

— Felicina, minha filha! E a cega, arquejando, metia-se de esguelha pela abertura estreita esticando-se para fazer-se esguia, forcejando numa luta desvairada até que passou e, caminhando, chamava a filha baixinho, enternecidamente, cansada: — Felicina, minha filha; que é? Que é? A rapariga estortegava, espremendo-se, os dentes cerrados; batia no leito, soluçando meigamente como uma criança.

— Minha mãe... Minha mãezinha do coração. Não posso mais! Eu morro, minha Mãe do céu. E sôfrega, como sufocada: Ai! Ai! Pelo amor de Deus!

— Minha filha! Minha filha! E abeirou-se do leito segurando-se-lhe com a ânsia de um naufrago que se agarra às tábuas de uma jangada. Felicina sentiu-a, apertou-lhe com força um braço, puxou-a, mas Ana Rosa estonteada, querendo aliviá-la, levou a mão ao ventre da filha e sentiu a carne nua, úmida, tressuante<sup>222</sup>, contraindo-se; retirou a mão rapidamente, como enojada, rosnando, mas logo recomeçou a tatear com desespero num tremor de assombro e, de repente, teve uma exclamação angustiada:

— Misericórdia! Apalpou a carne rija e roliça das coxas: estavam regeladas e crispavam em tremores rápidos e descendo com a mão chafurdou-a numa poça quente, sobre carnes moles, espapaçadas<sup>223</sup> na cama. Achou um corpo que se

---

<sup>222</sup> Muito suada.

<sup>223</sup> Que tem a consistência de papa.

movia debilmente, úmido, peganhento, frio. Misericórdia, meu Deus! Sussurrou, levando ambas as mãos à cabeça. E, surdamente, acocorando-se, num alquebramento de alma, pôs-se a repetir: Misericórdia! Misericórdia! Misericórdia! De novo ergueu-se procurando o corpo da filha que ofegava, apalpou-a, sentiu as carnes e gorgolões quentes jorraram-lhe na mão incerta.

— Minha Mãe do céu! Você com filho, Felicinha! Como foi, minha filha?

— Minha mãe! Suspirou a rapariga. Ai!

— Como foi, minha filha... Ai, meu Jesus do céu! Está perdida! Eu estava adivinhando! Atirou-se à cama e, com as mãos sobre os ombros de Felicinha, curvada, falando-lhe no rosto: Onde foi, minha filha? Foi aqui...? Foi aqui? Aqui em casa?

— Foi...

— Mas quem foi, Virgem do céu! Ah! Cão!...

— Não posso mais, minha mãe. Eu morro! Suspirou Felicinha e os gorgolões encharcaram o leito, com um ruído surdo e balofo. Houve um vagido<sup>224</sup> fraco, um fio de choro. A cega bramiu:

— Misericórdia! E você morre! Minha filha morre! Afastou-se do leito, tornou a procurá-lo, mas resmungando alucinada, buscava a passagem estreita e saiu para a sala, em camisa, esbarrando nos móveis. Foi de encontro à mesa, tartamuda, trôpega, tateando o vazio até que achou a parede e foi guiando-se por ela, passando a mão de alto a baixo até atinar com a taramela. Deu volta, uma lufada de vento frio penetrou a sala e Ana Rosa, escancarando a boca desesperadamente, atirou ao grande silêncio da noite o seu clamor dolorido: "Misericórdia!" Saiu ao terreiro, mas arrependeu-se e estacou voltada para a cabana a rosnar, com desespero: "Minha filha, meu Deus! Minha filha!" cancelou a boca: "Acudam! Misericórdia!"

A mata ramalhava ao vento e os gritos da cega perdiam-se na imensidão do escampo adormecido.

— Rita! Chico! Gente... Acode! Uma ideia sinistra atordoou-a: "Ela morre! Ela morre! Nossa Senhora!" E sem rumo, arrojou-se para o acaso, quase nua, insensível ao frio, às pedras e aos espinhos, na esperança de encontrar socorro. Corria, mas faltando-lhe o caminho sob os pés, rolou na erva molhada e, fraca,

<sup>224</sup> Choro de criança recém nascida.

dentro da treva, desatou a chorar angustiadamente: "Minha filha morre! Minha Felicinha, meu Deus!" Os capins cercavam-na lambendo-lhe as carnes, a camisa molhada colava-se-lhe ao corpo, resfriando-o, doíam-lhe os joelhos, mas arremeteu de novo, desviando-se. Para todos os lados era mato: ervas trançadas, galhos de árvores que lhe arranhavam o rosto, os ombros; e o vento passando tirava farfalhos do arvoredo.

Ana Rosa investia, tornava atrás hesitante, tonta, perdida até que sentiu o terreno limpo e deitou a correr, ladeira abaixo, como impelida, aos arrancos. O vento zoava-lhe aos ouvidos. "Misericórdia! Rita!" Mas por todos os lados era o imperturbável silêncio da natureza adormecida, a grande paz da noite. À toa, desvairada, desviou-se do caminho que seguia, tomando, denovo, pelo mato raso, e ouviu como um bufo de fera a pouca distância: parou ofegante. "Ah! Meu Deus! Como se faz isto a uma pobre mulher sem vista?" De novo atirou ao espaço impassível o seu apelo aflitivo: "Misericórdia!"

O mato chocalhava ao vento, um cheiro agreste subia, impregnando o ar e Ana Rosa, levantando os pés como para galgar alturas, mergulhava-os no capim que estalava machucado. Ia por diante, ora vagarosa, ora a correr, cambaleava e calhaus<sup>225</sup> rolavam-lhe debaixo dos pés.

De novo sentiu a terra batida de uma trilha e foi por ela fora impetuosa, numa carreira alucinada, arquejando; de vez em vez parava, estirando os braços instintivamente, como para evitar um esbarro, mas sentia o vácuo e corria, balbuciando, com haustos longos de instante a instante. Mas crescia apavorante um rumor soturno de águas que rolavam, crescia a mais e mais num fragor de cachoeira, chofrando, e Ana Rosa, reconhecendo a voz estrupidante<sup>226</sup> do rio, deteve-se: "O rio, minha Nossa Senhora! Onde é que eu estou?!" Logo, porém, lembrando-se de que perto do rio ficava a cabana dos negros, bradou por eles, mas o estrondo das águas que estrupidavam as pedras era mais forte que a sua voz rouca. Tornou atrás e sempre o rio acompanhava-a de perto, como se fosse cavando leito nas suas pegadas; tomando à esquerda, à direita, a voz profunda e monótona das águas não a deixava.

Teve medo e precipitou-se sem rumo, como para fugir àquela perseguição atroadora; escapou-se-lhe o passo, o pé escorregou: "Minha Nossa Senhora!" E

---

<sup>225</sup> Pedações de pedra, pedregulhos.

<sup>226</sup> Ruidosa, barulhenta.

rolou num valo, sobre a erva, escoriando-se nas bordas da barranca endurecida pelas soalheiras. Já passarinhos chilreavam timidamente nos ramos. "Misericórdia!" E de longe, num avocamento<sup>227</sup> reboante, bradaram: — Eeeêh!

A cega ergueu-se dorida e, reunindo todas as forças exaustas, clamou com esperança: "Rita! Chico! Acode!" E, como para adiantar-se, caminhou cambaleante, mas foi de encontro à barranca.

— Nhá Rosa! Que é isso, gente! Exclamaram de cima.

— Chico! Rita! Pelo amor de Deus! Ah! Gente... Minha filha... E rompeu num pranto forte, como se as lágrimas, represadas por tanto tempo, quisessem sair em cachões, estalando os olhos: Minha filha, gente... Minha filha! Felicinha... teve um filho... Não sei. Está lá numa poça de sangue. Eu perdi a cabeça, saí à toa por esses caminhos gritando. Ah! Meu Deus! Os negros murmuravam compadecidos. Rita tomou a cega pelo braço:

— Vamos, Nhá Rosa, Deus é grande!

— Não, Rita; corre você, vai na frente minha negra... Vai! Pelo bem que você me quer... Eu vou com Chico. Corre! E ouvindo os passos da negra que partira, implorou: Corre, Rita! Pelo amor de Deus! Ah! Chico . . . minha filha!

O negro, vendo a nudez da cega, porque a camisa voava em tiras, deitou-lhe o seu capote de baêta aos ombros...

— Põe isso, Nhá Rosa, está fazendo frio.

— Ah! Chico... Nem eu me importo. Saí como estava. Minha filha! E subiam vagarosamente posto que, por vezes, ela pedisse: Mais depressa, Chico. Ah! Meu Deus! E quem seria? Você não sabe?

— Não, Nhá Rosa.

— Mas vocês deviam me ter dito que ela estava de barriga. Eu não vejo...

— Ninguém viu, Nhá Rosa. Nhanhan não aparecia, falava sempre do quarto.

— Quem vinha aqui, Chico?

— Só Nhá Benvinda e seu Manuel do *rancho* para comprar milho... Só se foi ele.

— Foi ele, Chico! Foi ele!

Haviam chegado ao terreiro e o negro disse para animá-la:

— Está aí, Nhá Rosa. Estamos em casa...

---

<sup>227</sup> Chamamento.



— Ah! Minha Nossa Senhora. Entra, Chico...eu tenho medo. Entra você, vai!

— Rita está aí, Nhá Rosa. A cega arremessou-se.

— Minha filha, Rita! Fala! Houve um grande silêncio, e a cega, erguendo os braços, bradou num imenso desespero: Morreu! E atirou-se para a cabana, Minha filha, gente! Eu quero ver minha filha! E Rita conduziu a vagarosamente, amparando-a.

— Tá aí, Nhá Rosa. A cega atirou-se de joelhos, agarrando-se ao leito, e os primeiros beijos doidos foram pelos lençóis, pelos travesseiros, pelos ombros frios de Felicinha, até que os lábios encontraram o rosto gelado e demoraram-se num repouso de angústia: — Minha filha! Gritou lancinantemente, como para despertar a morta. Felicinha! Ah! Meu Deus! Está fria... Morreu sozinha! Morreu sozinha, coitada! Apalpava-a, passeava a mão pelo corpo imóvel, beijava-a estonteadamente. Beijos perdiam-se nos panos úmidos, mas, de repente, o choro do infante, trêmulo, agudo, atravessou o silêncio apenas interrompido pelos estalidos dos lábios da cega e pelo ranger do leito sacudido. Ergueu-se impetuosa, de olhos escancarados.

— E ele?! Está vivo?!

— Está vivo, Nhá Rosa. É menino.

— Dá cá... Dá cá. Mas diante da fisionomia demudada da cega, a negra receou pelo recém-nascido:

— Ele não tem culpa, Nhá Rosa. Eu já cuidei dele, coitadinho.

— Eu sei; dá cá, dá cá!

Tremendo, a negra passou o pequenito ao colo da cega, mas ficou de braços estendidos pronta para salvá-lo ao primeiro ímpeto de Ana Rosa. A desgraçada, porém, molhando o inocente de lágrimas, pôs-se a beijá-lo, chorando sobre o seu corpinho tenro.

— Meu filhinho! Ah! Meu filhinho. Por que sua mãe não me disse? Eu perdoava e você não ficava sem ela, meu filhinho. Ah! Meus olhos! Meus olhos! Antes ela me tivesse dito. Coitado do meu filhinho sem mãe. E lembrou-se da morta: Felicinha! Silvou. Veio-lhe um frenesi, apertou a criança, mas Rita, vendo-a estremecer, cerrar os dentes, acudiu a tempo de tomar o pequeno, porque logo, num tremor convulso, a cega rolou, esbarrando no beiral da cama, abatendo na

terra, como uma ruína aluída, escabujando, os punhos cerrados, os olhos vítreos, imensamente abertos, como num assombramento.

Esbatidas as névoas da manhã, o sol entrou no quarto pela porta aberta, iluminando a cama ensanguentada, e desfeita, como num testemunho da luta sinistra travada na treva, entre a Morte e aquele corpo hirto e frio, amortalhado no sangue ardente, cúmplice do misterioso crime de amor. Perto, entanto, como um renovo no tronco morto, a criança, de olhos límpidos, fitava o raio de sol que a abençoava e aquecia, sagrando-a para a vida. E fora, ao esplendor maravilhoso da manhã, as cigarras estrídulas cantavam entre a folhagem, que parecia de ouro à luz resplandecente.

**MANDOVI**

Feita a última parada, Mandovi, atirando um murro à mesa, levantou-se, deu um safanão às calças, passou a mão pela barba e, com a sua voz retumbante, despediu-se:

— Adeu, genti. Alentado caboclo de peito largo, com uma barba crespa, negra e densa que lhe dava ao rosto expressão feroz, tinha fama de valente e ninguém ousava enfrentar com ele porque o seu pulso era uma barra e, como tinha oração, não havia bala que lhe entrasse no corpo.

— Quê, Mandovi! Ocê vai mêmu?

—Cumu não? Estavam na sala dos fundos da venda de Manoel Monte, um destemido jogador de faca que, segundo se dizia à boca pequena, arranjava a vida no caminho esfaqueando um mascate italiano que descia para a cidade, depois das festas do Natal, com a bolsa de couro de anta atochada de prata.

A parceirada moveu-se. Eram seis vaqueiros da redondeza, que jogavam enquanto o gado dormia nos campos frescos, à luz quieta dos astros, em torno dos ranchos. O vendeiro, gordo, de uma cor arroxeadada, em mangas de camisa, o cachimbo nos beiços, dava as cartas e cada um dos parceiros tinha à mão um copo de aguardente. De quando em quando um deles pigarreava, cuspiade esguicho por entre dentes e, arrebitando o beiço, sorvia um trago com um eêh! prolongado, cravando logo os cotovelos na mesa sórdida e fincando os olhos agudos no baralho seboso. Um lampião de querosene alumiaava escassamente o interior e, como cada um dos homens havia levado o seu cão, os animais dormiam estirados por baixo da mesa ou pelos cantos e, de vez em vez, ouvia-se um toc-toc ou o rosnado preguiçoso de algum que se espreguiçava. Manoel Monte, enquanto dava as cartas, levantou os olhos miúdos para Mandovi e disse sorrindo maliciosamente:

— Ocê vai mas é pru ranchu do Casimiru, cabra. Pruveita, proveita enquanto u bichu anda longe. Houve uma gargalhada estrondosa e todos os vaqueiros olharam para o caboclo que acendia o cachimbo vagarosamente.

— E, ocês pensa qu'a genti não tem mais qui fazê sinão andá atrás du cheru di saia, cumu cachorrunu rastu di cutia. Aminhan, cedinhu, si Deus quisé, tô no *Cabuçú* vendu umas rês<sup>228</sup> nova...

---

<sup>228</sup> Animal quadrúpede, com quatro patas, cuja carne é usada para alimentação humana.

— Pruveita, rapaz! Disseram ainda. E Manezinho, batendo na mesa, chamou a atenção da parceirada: estavam duas cartas voltadas — uma dama e um seis de ouros.

— Bota na dama, Manezinho! — bradou um negro estabanado batendo na mesa com o chapéu de couro.

— Quanto?

— Bota um, home. Mandovi, interessando-se pelo jogo, deteve-se firmado ao cajado e, de pé, dominando com a sua altura todos os jogadores, que iam cercando as cartas, exclamou de repente num berro:

— Espera! Não tira, Manezinho. Diabu di carta, veiu aí só pra mexê cumigu. Não tira, Manezinho. Meteu a mão no bolso, tirou uma moeda e, passando o braço por entre dois vaqueiros, deu com ela na mesa escondendo-a debaixo da mão espalmada. Tira agora i firme! Vai tudu issu nu seizão! Um dos vaqueiros mirou-o sorrindo:

— Ocê não pode mais, hein, véio? Os outros, imóveis, com os olhos nas cartas, tiravam fumaradas dos cachimbos e o ar morno, denso, enevoadado de fumo, tornava-se irrespirável. Fora os sapos coaxavam sem descontinuar. Manezinho, sem levantar a cabeça, esperava até que o negro, coçando, com fúria, a carapinha, bradou:

— Faz issu duma vez, Manezinho. O vendeiro pôs-se a atirar as cartas, num grande silêncio; de repente, porém, endireitou-se correndo um olhar rápido pela mesa; o negro bramiu<sup>229</sup>afundando, com uma punhada, a copa do chapéu de couro:

— Eh! Lá em casa... qui sorti! E atirou com a língua no céu da boca.

— Aí, seizão onça! Exclamou Mandovi triunfante. É carta di fiança mêmu! E, retirando, com desempenho, a mão de cima da moeda, deu outro safanão às calças. Olharam todos para a parada e houve pasmo.

— Eh! Cabra... dois, hein?

— Antonce? A genti honra a sua carta.

— Dois? Perguntou o vendeiro com os olhos piscos<sup>230</sup>.

---

<sup>229</sup> Gritar colericamente.

<sup>230</sup> Que piscam com frequência.

— Apois?! Dinheiru não tá luzindu aí, Manezinho? Ocê não tá vendu? Passa o cobre dobradu i dexa di mamparreiu<sup>231</sup>. O vendeiro afastou-se da mesa derreando a cadeira, puxou a gaveta e, tomando dois patações, entregou-os a Mandovi.

— Tá di sorti... Fica mais um bocadu, rapaz.

— Quá nada! Ocê u qui qué é raspá u cobri otra vez... Comigo não! I daqui nu *Serrinhu* é obra...

— Ocê vai tantu pru *Serrinhu* cumu eu.

— Não vo? Ocê sabi? Pois mió. Dá cá mais uma derrubada aí modi u friu, genti. Um dos vaqueiros passou-lhe o copo e Mandovi bebeu com gosto, esticando a língua para lamber os bigodes. Té aminhan, genti.

— Adeu!

— Eh! *Tigre...* livanta. Com a ponta do pé espremeu o ventre de um cão negro que se levantou ligeiro e, rebolindo-se<sup>232</sup>, a acenar com a cauda, pôs-se a mirá-lo rosnando. Bamu! Adeu, genti. E, da porta, para rir, bradou: — Dá um tombu nesse queixada comedô, genti.

Fora a noite ia esplêndida, fresca e de lua. A estrada, muito branca, insinuava-se pelo arvoredado e perdia-se nas sombras quietas. O caboclo lançou os olhos ao céu estrelado onde a lua brilhava e, passando o cajado pelas costas, à altura dos ombros, vergou os braços sobre ele deixando as mãos pendentes e pôs-se a caminho, precedido pelo cão que seguia com o focinho baixo, em ziguezagues, a fariscar<sup>233</sup> a erva e o pó.

Era grande o silêncio e as sombras das árvores, que se despejavam sobre a estrada, tornavam-na, por vezes, negra, mas logo adiante, a lua reaparecia alva, alumando o caminho. Vozes estranhas, longínquas, tomaram-lhe a atenção e ele, que ia pensando em coisas vagas, tão distraído que nem dera pelo cachimbo que se apagara, levantou a cabeça e escutou; eram sapos em uma lagoa.

De vez em quando estalava uma palma seca, uma folha voava para a estrada fechando, na claridade do luar, uma sombra dura, e insetos ziziavam na erva rasteira. Mandovi fez uma volta repentina e olhou para trás como se quisesse ver a venda de Manezinho, já encoberta pelo arvoredado, puxou forte pelo cachimbo e,

<sup>231</sup> Mamparreio: subterfúgio.

<sup>232</sup> Mexer os quadris, rebolar.

<sup>233</sup> Farejar.

sentindo-o apagado, tirou o isqueiro e feriu lume<sup>234</sup>. Pôs-se de novo, a caminho e, para distrair-se, enquanto atravessava aquelas solidões, chamou o cão;

Eh! *Tigrevéio*, ocê vai vendu u caminhu? É essi mêmu. *Tigre véio*. O cão, ouvindo o seu nome, retrocedeu aos saltos, ganindo. Águas rolavam na mata que beirava a estrada com um fresco murmúrio e, pouco adiante, uma **velha** ponte, feita de grossos troncos, cruzava o córrego fino onde a lua refulgia em soalho de prata. Um bacurau<sup>235</sup> levantou o voo desaparecendo no mato. Mandovi passou, de novo, o pau às costas, derreou a cabeça e, de olhos no céu, cantou baixinho:

No tope daquele monte  
Mora a minha ocupação  
Por isso ali sobe tanto  
Meu travesso coração  
.....  
Por isso ali sobe tanto  
Meu travesso coração ...

e continuou assobiando. Calou-se para chupar ocachimbo que se havia apagado de novo, depois, seguindo uma ideia, riu, resmungando: — "Han, diabo di rapariga... Dipois a genti faz uma cõsa i tá aí...purque ando virandu a cabeça da muié dus otru, i mais istu i mais aquilu. Pur causa disso mêmu é qui acontece tanta desgraça neste mundo di Deus. A genti vai mêmu e tá aí". Atirou uma cusparada e, sacudindo a cabeça, exclamou: "Quá! Casimiru não tá siguru. Aquela roxa é o diabu!"

De repente um grito silvou na mata. O cão estacou, de orelhas fitas; Mandovi deteve o andar, olhando. O luar, cada vez mais brilhante, cintilava na água rasa do córrego que seguia a par da estrada. O silêncio era grande, nem uma folha bulia. O cão ladrou para a mata e seguiu farejando a poeira. Mandovi retomou a cantilena, mas não havia dado seis passos, quando, de novo, ouviu o grito agudo que, dessa vez, parecia dizer o seu nome, como se o chamasse "Mandovi!" O caboclo sentiu um arrepio de medo e ficou a olhar — tudo era mato e sombra, nem uma luz de rancho, nem um boi perdido no campo. "Mandovi!"

—Eh! Eh! Fez o valente. A modi quissu tá assombradu hoje. Voltou-se alongando o olhar para o caminho que percorrera: sombras moviam-se sinistramente na estrada; ele, porém, habituado àquelas caminhadas noturnas, não se assustou com elas porque bem viu que eram dos galhos das árvores. Mas alguma coisa tolhia-lhe o andar, uma voz interior dizia-lhe que não prosseguisse.

<sup>234</sup> Acendeu, produziu faíscas.

<sup>235</sup> Ave de hábitos noturnos.

Estava ainda tão longe o *Serrinho*, a uma hora, talvez, e por dentro da mata porque a estrada desviava-se, pouco adiante, para o *Cabuçu*, num trilho estreito que se metia pela floresta, levando à povoação pobre dos vaqueiros de Santa Íria.

Depois de uma hesitação o caboclo decidiu-se:

— Quá! Issu é tontera... Aquele Manezinho é bichu tão escorvadu<sup>236</sup> que é até capaz di botá alguma cosa na bibida modi tonteá a genti, só pra ganhá na certa. Quem é qui há di gritá meu nome a esta hora, neste descampadu? Isso é tontera mêmu. Passou a mão pelos olhos e, resoluto, animou o cão: Bamu, *Tigre*. Então ocê não ouve, véio? Bota a boca nessi diabu qui tá aí tomandu cunfiança ca genti. Bota a boca, *Tigre*. O cão arremeteu, mas de repente, numa volta súbita, recuou ganindo, de orelhas murchas e, em corrida desabalada, veio atropelar o caboclo, esfregando-se-lhe nas pernas, com um choro covarde. Mandovi, com os cabelos espetados, furioso, atirou um pontapé, que apanhando o cão pela barriga, virou-o na estrada. O animal não fugiu e, apesar de repellido, tornou de rasto, agachado, com a cauda encolhida, para junto do senhor.

— Quá! Resmungou Mandovi, issu não tá bom, não. Essi caminhu tem cosa. Genti não é... cachorro não fogi di genti. Issu é cosa... E, parado, com os olhos enormes, o coração batendo precipitadamente, perscrutava as cercanias, quando, de novo, ouviu o grito agudo "Ma...andovi!" Estremeceu tão violentamente que o cajado quase lhe escapou da mão. "Nossa Senhora!" Persignou-se<sup>237</sup> e ficou preso à terra, agarrado ao solo como aquelas árvores frondosas que pareciam esconder o assombro.

Uma lembrança sinistra aumentou-lhe o pavor: "Eh! Quem fala verdade é Jirimia..." Meteu a mão no bolso e, convencendo-se de que tinha o seu isqueiro, tranquilizou-se. "Ainda si fô só modi pedi fogu... I a genti qui não acriditi..." Levantou os olhos — uma estrela cadente rastejou o espaço iluminado. "Deus te guie..." "Mandovi!" E, logo depois desse grito lamentoso que parecia desferido por alguém que sofria, numa barranca escalvada<sup>238</sup>, sem árvores, sem ervas, um vulto, mais branco do que o branco luar, hirto, abrindo sobre o fundo espaço compridos braços duramente esticados, com uma fina túnica flutuante, balouçava-se molemente, aereamente, num lento vai-vem, da barranca às frondes do arvoredado, das frondes à

<sup>236</sup> Escovado: pessoa esperta, ladina.

<sup>237</sup> Fez o sinal da cruz.

<sup>238</sup> Árido, sem vegetação.



barranca... O caboclo abriu muito os olhos num espanto mudo e tolhido, sem poder tirar-se da posição em que ficara. Olhava, quando, na mata, uma estridente gargalhada retalhou o silêncio. Voltou-se bruscamente e, olhando, nada viu senão as árvores mudas e o mudo caminho. O cão já ali não estava, havia desaparecido. Reuniu todas as forças e bradou por ele. *Tigre, eôooh! Tigre!* Uma sombra, fugindo dentre a folhagem, partiu de arremetida estrada fora, perdendo-se em uma nuvem de poeira. De novo o silêncio caiu.

Só, na solidão terrível, ao lívido luar, diante daquele estranho vulto que se balouçava sobre o caminho, o caboclo sentia as pernas enfraquecerem, respirava a custo, como se lhe comprimissem o peito. Lentamente, cautelosamente, sem tirar os olhos da aparição, passou a mão incerta pela cinta e o cajado, esquecido, caiu no pó com um baque balofo<sup>239</sup>. Estremeceu, mas já estava com a garrucha em punho — engatilhou-a e levantando-a à altura dos olhos, fez fogo; o gatilho bateu frouxo. — "Cruz!", esconjurou o assombrado, descarregando o outro cano. Um grande estrondo abalou o silêncio rolando trovejantemente, até que, no fundo bosque, outro tiro troou<sup>240</sup> como em resposta, mas o vulto continuou no seu mole e flácido balanço aéreo, com os longos braços magros abertos sobre o fundo espaço. "Mandovi! Mandovi!"

— Mandovi... Pois sim, cosa ruim... Só si não hai Nossa Senhora... Abriu, com os dedos crispados, o peito da camisa, e com um safanão, arrancou de uma fita que trazia ao pescoço um breve de couro e, fechando-o com força na mão, ameaçou com ele o vulto balouçante: Só si Nossa Senhora não tá qui. T'iscunjuru! E, aos recuansos<sup>241</sup>, tornou pelo caminho que fizera afoitamente e logo que, numa volta da estrada, perdeu de vista o vulto, deitou a correr desatinado.

A poeira adormecida levantava-se em nuvens sob os seus pés ligeiros e, na corrida, como se alguém o acompanhasse, com zombaria, por vezes, um grito ressoava-lhe aos ouvidos. Justamente quando ia atravessando a ponte, pareceu-lhe ver o mesmo vulto branco trepado num tronco, com os longos braços lívidos e secos abertos sobre o fundo espaço. Estacou esbaforido, arquejando e, com uma voz sumida, esconjurou de novo: "Por Nossa Senhora da Conceição, demonho! Sai da minha frenti!" E, de olhos fechados, para não ver o horror, atirou-se num arranco,

---

<sup>239</sup> Grande.

<sup>240</sup> Fez estrondo.

<sup>241</sup> Movimentos em recuo.

galgando a passagem. Ia já pelas alturas do pasto, todo branco, como um mar de leite, quando ouviu vozes e latidos. Deteve-se e, como havia um cavado na barranca, sentou-se cansado, ofegante, com o suor a escorrer-lhe pelo corpo:

— Pur Deus Nossinhô! Nunca vi uma cosa assim. Jirimía tem razão . . . Ia genti qui tomava pagódi co'ele. Instintivamente voltou os olhos para a estrada, como se ainda quisesse ver a aparição e, olhando, ficou ali, esquecido e mole, vergado de fadiga, a raspar a fronte, de quando em quando, com o polegar, para escorrer o suor que caía na terra em fio. Justamente de frente do ponto em que havia parado começava uma picada, e longe, perdida entre árvores, num fundo negro, uma luzinha brilhava. Já as vozes vinham perto, em algazarra; cães apareceram correndo, abocanhando-se, mas, sentindo-o ali e desconhecendo-o, acuaram ladrando.

— Eh! Cala a boca, porcaria! Intimou o caboclo e os animais, reconhecendo-o, abanando a cauda, cercaram-no festejando-o. Estava ele a afagar a canzoada<sup>242</sup> quando os vaqueiros apareceram na volta do caminho. O negro vociferava atirando murros ao espaço quando um do grupo descobriu Mandovi.

— Eh! home, que issu? Ocê aqui? Todos romperam a rir.

— Ahn! Muié é u diabu!

— Oia só, bradou o negro mostrando a luzinha ao longe. I diche qui ia pru *Serrinhu*. Essa aqui si não é a picada du ranchu du Casimiru eu não queru mi chamá Simeão. Eh! Cabra onça! Tá di guarda nu tocu. Coitada di nhá Nica! Mandovi ia responder, mas para que o não tomassem por medroso, porque teria de justificar com a verdade a sua presença naquele ponto, levantou a cabeça e, ainda com a voz cansada, perguntou amuado:

— I issu é da conta d'ocê, Simeão?

— Uai! A genti tá brincandu, Mandovi, não precisa zangá modi muié. Mas ninguém gosta di passá pur tolu. Qui ocê foi issu... Tem paciência, cumpadi. Os vaqueiros afirmaram rindo:

— Eh ! Cumu não?...

Animado com a presença dos companheiros o caboclo levantou-se, acendeu o cachimbo e, sem dar mais atenção ao negro, que continuava a tagarelar, perguntou:

---

<sup>242</sup> Matilha de cães.

— Ocês vai pru *Serrinhu*?

— Cumu não? A genti não tem ranchu pra ficá.

— Ranchu só? É aquela cara di roxinha qui até faz tontera quandu a genti óia pr'ela...

— Tá bom, genti, dexa di brincadera. Casimiru é cumpanhero i issu podi chegá aos uvidu dele. Bamu, acaba co'essa caçoada. Seguiram discutindo as espertezas de Manezinho e iam pelas alturas da ponte quando Mandovi ouviu o grito na mata. Estremeceu, mas fingindo calma, perguntou:

— Que issu qui tá gritando assim, genti?

— Antonce ocê não sabi? Ocê não cunheci saci? E um dos vaqueiros, para rir, respondeu à ave sinistra.

— Dexa dissu, Amaro. Não brinca co'essas cosa, não, disse o negro.

— Ocê tem medo? E estalou com a língua. Ele qui venha cá.

— Não fala assim, Amaro. A genti cum home pega mêmu, mas co'essas cosa du matu, qui ninguém sabi qui é, não é bom brincá. E longe, no denso arvoredado, a ave gritou de novo. Quando chegaram à altura da barranca Mandovi, erguendo os olhos, aterrado, deu com o vulto balouçando-se e, involuntariamente, deteve-se.

— Que issu, Mandovi? Que que ocê viu qui tá assim sarapantadu<sup>243</sup>?

— Aquilu ali na barroca<sup>244</sup>...

— Ondi?

— Oia ali, aquela cosa branca, mexendu...

— Ó home, aquilu é uma foia véia di parmera qui dispencô... E o negro voltando-se para Amaro, responsabilizou-o: Tá vendu? Ocê cumeça a dizê bobagi i Mandovi mêmu tá aí espantadu. Dexa dessa graça, rapaz. A genti não sabi issu qui é pra qui há di andá bulindu? Não faz issu não, Amaro. Oia Jirimia... Tantu fez, tantu fez... Era otru qui, pur causa di rabu di saia, botava u pé nu caminhu i nem qui vissi u diabu havia di passá mêmu... Não tá aí bobiandu? Não faz issu não, Amaro. Passavam justamente no sítio assombrado e Mandovi convenceu-se do que dissera o Amaro, vendo a palma a balouçar-se. Um dos vaqueiros, parando, lembrou:

— Foi aqui que u intalianu apareceu mortu.

---

<sup>243</sup> Atordoado, atrapalhado.

<sup>244</sup> Monte de terra.

— Qui intalianu?

— U da história di Manezinho.

— Foi aqui?

— Foi; pertinhu da barranca.

— Cumu é qui disseram qui foi na beira du rio?

— Não é capaz — foi aqui mêmu. Eu passei di manhã i vi u corpu, já num mosqueru di metê medu. Qué vê? E o vaqueiro mergulhou no mato afastando ramos até que descobriu uma cruz tosca, sob uma coberta de palha. Eu não diche? Oia ondi é que ele tá enterradu. Curvaram-se todos curiosamente e os cães, que haviam acompanhando os donos, metiam-se pelo mato, aos galões, como se buscassem alguma presa. Quando os vaqueiros tornaram à estrada o negro, que ia para o **Cabuçu**, tendo de os deixar, despediu-se depois de haver apagado o cachimbo.

— Adeu, genti. Ocês foi falá di tanta cosa qui eu não sei como vou pur essis matu sozinhu. Oia, fogu já não levu, não qui não queru história nu caminhu. Jirimia tá aí i Jirimia não tinha medu di nada.

— I ocê tá cum medu, Simeão? Perguntou Mandovi.

— Ocê pensa qui eu tenhu vergonha di dizê? Tô cum medu, sim. Não, meu amigo, pra home ou pra bichu a genti ística uma língua di ferru ou bota fogu i passa, mas cum essas cosa du matu virge...! Tomara a genti um buracu modi metê a cara. Deus mi livri! Sou home pra outro home a cumu eu, mas cum encantu não queru incontru, nem di noite nem di dia.

— Quá incantu!

— Quá incantu? Poi sim... Ocê fala assim porque nunca si viu aperreadu. Vai ti fiandu. Jirimia também não tinha medu di nada... i hoji?

— Tá bom, adeu!

— Adeu! Apartaram-se. O negro seguiu pela estrada larga e alumiada e estendeu a voz:

Sapateia, moreninha  
 Qu'ocê não bati no chão;  
 Podibatê sem receio  
 Qui bati num coração ...

— Eh! medu, bradou o Amaro, a rir e Simeão, já longe, respondeu: — Hen... hen... E, atravessando a mata obscura os vaqueiros, como para não interromperem o sono das coisas, iam calados, um a um, apartando os ramos; os cães seguiam-nos em silêncio e Mandovi, lembrando-se do vulto branco que se balouçava, com os braços lívidos e magros abertos no fundo espaço, pensava com terror: "Foi u intalianu mêmu qui mi apareceu... Foi eli mêmu..."

As folhas estalavam sob os passos e, de quando em quando, o que ia à frente, rompendo o caminho, avisava: "Baixa, genti: oia u pau... Oia água, genti." E a marcha prosseguia em silêncio através da mata silenciosa.

**OS VELHOS**

Na encosta agreste da colina chamada da Ventania, a seis quilômetros da obscura cidade de C..., agasalhava-se humildemente, branca como uma ermida<sup>245</sup>, a casa de Thomé Sahyra, cesteiro de profissão. Quem olhava de longe para aquele canto esquecido, avistando tamanha alvura entre o frondoso mato, se não sabia da existência dessa habitação modesta julgava ter dado, ao acaso, com um pitoresco lençol de água precipitando-se da altura, branco, espumoso, rolando, pedras abaixo, para o córrego.

À frente, sob três janelas, num escrupuloso asseio, o terreiro estendia-se cercado por espinheiros, tendo como contraforte<sup>246</sup> os troncos apuados<sup>247</sup> das laranjeiras que fechavam a caiçara<sup>248</sup> — no tempo das frutas, carregavam a ponto de ser preciso andarem de manhã apanhando as laranjas que, de maduras, caíam rachando na terra tostada e batida.

Em torno da casa, à sombra das árvores, havia o chiqueiro, o aprisco<sup>249</sup>, a palhoça para as galinhas e o alpendre onde, à noite, as vacas se abrigavam. Os terrenos de plantio eram na planície onde cresciam os milhos altaneiros e o feijão alastrava; as ramas das aboboreiras cobriam uma extensão larga, o mandiocal verde-negro forrava a vertente da colina insinuando-se por entre o cafezal, uma centena de pés, mas tão viçosos que supriam o paiol e, às vezes, nos anos férteis, transbordando as arcas, o velho levava o restante ao mercado onde trocava os alqueires por peças de madapolão<sup>250</sup> ou de zuarte<sup>251</sup> e morime baeta<sup>252</sup> para os rigorosos frios ou então por instrumentos de lavoura ou louça para a mesa.

—Que havia de fazer do dinheiro? Melhor era ter a casa abastecida e um leite mole, que já não suportava as duras palhas de milho dos catres sertanejos. Para que o havia de guardar? Ia-o empregando, mal o recebia, para que algum ambicioso mau não fosse, à noite, armado, ameçá-lo no seu sossego, assassiná-lo

---

<sup>245</sup> Pequena capela, em lugar ermo.

<sup>246</sup> Reforço de um muro ou cerca.

<sup>247</sup> Pontagudos.

<sup>248</sup> Proteção ou cerca feita com ramos de árvores.

<sup>249</sup> Abrigo de ovelhas.

<sup>250</sup> Tecido de algodão branco, encorpado.

<sup>251</sup> Tecido de algodão, por vezes mesclado, encorpado e tosco, geralmente azul ou preto.

<sup>252</sup> Tecido de lã ou algodão, de textura felpuda, com pelo em ambas as faces.

mesmo, como haviam feito no sítio dos pinheiros, por nome *Terra Santa*, ao centenário Simeão, de quem diziam que tinha uma talha cheia de ouro enterrada debaixo do soalho do quarto de dormir. Apenas havia em casa uns cinco ou seis dobrões<sup>253</sup> que Romana guardava num mealheiro, fechado no oratório, coberto com um pano de crivo, servindo de peanha<sup>254</sup> à Senhora da Conceição.

Viviam modestamente e felizes, eletecendo jequiás<sup>255</sup> e cofos<sup>256</sup> e, nas horas mais frescas da manhã e da tarde, indo a sua roça fazer uma limpa ou espalhar a semente, puxar a terra para as raízes mais expostas ou cavar o solo para arrancar a mandioca; ela com os cuidados da casa: ora ao fogão, ora à beira do córrego batendo a roupa, ou tratando das aves e dos porcos ou ateando o lume no forno de barro para fazer sequilhos. Tinha Thomé Sahyra sessenta anos, a sua sombra, entanto, ao sol dos campos, era a de um rapazelho, tão enfezado<sup>257</sup> e seco era de corpo. O rosto, de uma cor fechada de bronze, engelhado, nunca tivera barba, o queixo fugia-lhe muito agudo como um aríete<sup>258</sup>, os olhos, sempre sonolentos, pareciam os de um ébrio. Romana, também magra, anos mais velha que o marido, a cabeça toda branca, a pele enrugada, era, todavia, forte, de uma saúde rija e alegre como um pássaro. Viram-se, a primeira vez, perto de um córrego, no tempo em que Sahyra, rapaz de vinte anos, faiscava nas águas ricas do sertão. Ligaram-se e vinham desse tempo numa prisão de amor, através de acidentes, ora num canto de serra, ora no coração de um povoado, um dia arranchados, no dia seguinte, com os trens num carro de bois, abalando para outros sítios, sempre alegres, sem queixas, com uma viva esperança em Deus e na terra que as pesadas rodas cavavam e que por ali fora se estendia em campos e em montes férteis.

Um dia acharam essa encosta retirada e Thomé, porque a terra era de Nosso Senhor, não se preocupou com saber quem era o dono e, cantando, ajudado pela mulher, levantou a palhoça. Um vento de borrasca descolmou-a<sup>259</sup>, uma noite, num bravio e inclemente agosto frio e de vendavais e o cesteiro, que amealhara economias, diante das ruínas do seu tugúrio<sup>260</sup>, concordou com a companheira

<sup>253</sup> Nome de uma moeda luso-brasileira que circulou durante o reinado de Dom João V (1707-1750).

<sup>254</sup> Pequeno pedestal para colocar imagens.

<sup>255</sup> Cesto feito de taquara (termo indígena).

<sup>256</sup> Tipo de cesto alongado, de boca estreita, usado para pesca.

<sup>257</sup> Pequeno, raquítico.

<sup>258</sup> Carneiro.

<sup>259</sup> Descobriu-a.

<sup>260</sup> Habitação pobre, choupana.



sobre a conveniência de edificarem uma casinha que resistisse ao tempo e os resguardasse dos rigores, de muros fortes, coberta de telha.

Com uns três camaradas começou Thomé Sahyra as obras da casa, escolhendo, ele próprio, as braúnas<sup>261</sup> para os esteios, indo buscar os troncos à floresta, amassando o barro e, porque vira o trabalho nas olarias quando andara a correr terras, fez uma forma e, em pouco menos de quinze dias, havia no terreiro um estendal de telhas e a casa foi surgindo, graciosa e sólida, entre as verdes árvores. Caiada, alvejando, era a primeira que se avistava da estrada por ser a mais alta e a mais branca.

Ele mesmo plantou todas as árvores frutíferas e fez a horta e a sua rocinha e, todos os anos, pelo Natal, caiava os muros, pintava portas e janelas não só por embelezamento como por conservação. E os temporais passavam rugindo sem que uma só pedra se desprendesse dos muros da casa nova. Deus abençoava-os vendo-os tão velhos e tão amigos, vivendo virtuosa e santamente, sem preguiça, com honra e muita caridade porque, muitas vezes, pobrezinhos que passavam, vendo a casinha branca, de tão lindo aspecto, guardando, como uma zagala<sup>262</sup>, as vacas e as ovelhas que pastavam nas cercanias, subiam pelo caminho estreito e, à sombra da latada<sup>263</sup> de maracujás que à cozinha fazia um verde alpendre, cheio sempre do ruflo das asas dos beija-flores ou do zumbir monótono das abelhas, imploravam enternecidamente, como em um canto triste: "Pelos santas chagas do Senhor dos Martírios, esmola, meu irmão, a um pobrezinho!" Não desciam com o "Deus o favoreça!" Romana sentava-os à mesa ou, se preferiam, por vexame, ficar à sombra da latada, lá lhes levava um prato cheio, frutas tantas quantas quisessem lhes estavam os ramos pródigos ofertando.

Conhecendo a virtude das ervas e o valor das rezas que sabia, para todos os males, desde o quebranto das crianças até para ajudar a morrer, noite alta, não raro, iam bater-lhe à porta, pedindo a sua presença junto de uma mulher que estava com as dores ou de alguém que se estorcia com os rins tomados ou com um ar e ela, paciente como uma freira, lá ia a pé, alumando o caminho com uma lanterna, a balbuciar orações para afugentar as víboras errantes e, à cabeceira dos moribundos,

---

<sup>261</sup> Árvore de madeira resistente.

<sup>262</sup> Pastora.

<sup>263</sup> Grade horizontal, ou um tanto inclinada, constituída de varas ou caniços, que, disposta ao longo de uma parede, oferece suporte para videiras ou quaisquer outras plantas trepadeiras.

o vigário, muitas vezes, conversava com ela, pedindo-lhe um remédio para a sua erisipela<sup>264</sup> rebelde.

Nada levava por essas misericórdias, mas os pobres, logo que melhoravam, subiam à colina, como em romaria penitente, levando galinhas, bacorinhos, frutos dos seus pomares ou esmolas para o azeite da Virgem da Conceição.

Se sucedia ser algum pastor picado no campo por uma cobra, corriam logo os companheiros à colina e Romana, chegando à porta da cozinha, estendia os braços na direção do sítio em que se achava a vítima e ficava algum tempo hirta, estática e logo o pastor andava como se nada lhe houvesse sucedido. Contavam mesmo que estando enferma, de cama, e sendo procurada por Manuel Tibúrcio, dos *Cajueiros*, para lhe benzer o gado comido de bicheira, ela animou-o dizendo que — voltasse com fé porque São João já andava curando os animais.

Efetivamente, chegando à casa, Tibúrcio ouviu dos camaradas atônitos a narração do prodígio: "Que estavam pastoreando viram os bichos cair, em montes, deixando brocas imensas nas ancas, nas espáduas, nos ventres dos bois que, pacientemente lambiam as feridas ou, sacudindo as caudas, afugentavam as moscas que voavam em enxames perseguindo-os.

Manuel Tibúrcio foi grato — na mesma tarde mandou de presente à Romana uma vaca e o seu novilho, e frangos, além de uma esmola em prata para o azeite da santa.

Homem de alma ingênua, nascido e criado nos sertões solitários, sempre a ouvir, nas vigílias dos ranchos, nos campos ou nos pousos das vilas, lendas de espíritos malignos, casos estranhos de assombramento e de aparições, vinganças de almas, correrias de demônios ou de animais macabros ou beneficências de velhos centenários que, nos rigorosos tempos dos frios, batendo, à noite, à porta das cabanas, pediam lume e pão, tiritando, molhados, e que eram o próprio Deus ou um santo da sua corte que andava provando a piedade dos homens, Thomé Sahyra respeitava, com terror supersticioso, todas as abusões<sup>265</sup> e praticava a caridade, mais levado pelo receio do que pelo coração, curvando-se muito, devoto e humilde, se lhe chegava à porta estafado, faminto, um velho caminheiro desses que costumam trilhar vagarosamente as estradas longas, pela sombra fresca dos espinhais, com um pau de arrimo e um cão. Fartava-os e, quando os pobrezinhos

---

<sup>264</sup> Doença infecciosa aguda, caracterizada por uma inflamação da pele e causada por estreptococos.

<sup>265</sup> Crença em coisas fantásticas; superstições.

gratos, de olhos altos, erguendo as mãos, imploravam do céu o prêmio para os benfeitores, Thomé Sahyra baixava a cabeça como para receber, contrito, as mercês da Altura e, vendo-os descer, lentos e satisfeitos, abençoando as árvores, de pé, num enlevo místico, balbuciava com enternecimento, à companheira:

— Quem sabe se não é Nosso Senhor, Romana?! E ela, baixinho, espiando o pobre, convinha:

— Pode muito bem ser que seja.

Se, à noite, da porta da casa, via uma estrela cadente cindir<sup>266</sup> o espaço, erguia-se com respeito e pronunciava sempre a frase protetora: "Deus te guie!"; porque, na sua crença, era uma alma desgarrada que procurava aflita o caminho do céu. Se lhe chegava aos ouvidos a gargalhada da coruja, estremecendo, traçava no ar uma cruz ajuntando: "Pra longe, agouro! Pra longe! Credo!"

Às sextas-feiras, dias aziagos, as codornas podiam vir mariscar no terreiro, podiam as pacas e as cotias devastar as roças, Sahyra deixava-se estar de braços cruzados. Por nada, nem que lhe dessem todo o ouro da terra, seria capaz de fazer uma morte em dias tais. Mesmo nos outros, às vezes, levando a arma à cara, se lhe sucedia ouvir um gemido no bosque: voz de rola tristonha ou pio surdo de nambu, impressionado, baixava a arma tirando presságios do canto da ave misteriosa, e a caça abalava feliz, ganhando a toca ou o ninho, na floresta, sem que Thomé ousasse persegui-la. À noite, no tempo dos grandes ventos, os terrores do mísero aumentavam.

Não raro, quase a dormir, de olhos fechados, estremecia na cama e acordava a companheira, aterrado, trêmulo — "Romana! Romana! Acorda!" Ouvira o galope desabrido<sup>267</sup> de um animal lá fora. Que seria?! Escuta, Romana. Escuta! E os dois, quedos<sup>268</sup>, aconchegados, ficavam atentos, balbuciando rezas. O estridor do vendaval crescia, o ramalhar das árvores estortegadas<sup>269</sup> ia de mais em mais. Escuta! Escuta! Nossa Senhora!

Romana, mais calma, tomando o seu rosário, saltava da cama e, mesmo descalça, abrindo intrepidamente a janela, soprava para a noite trágicas palavras de exorcismo e atiçava a lamparina que tremeluzia aos pés da Virgem.

— É vento; está ventando, Thomé!

---

<sup>266</sup> Dividir.

<sup>267</sup> Rude, insolente.

<sup>268</sup> Quietos.

<sup>269</sup> Retorcidas.

— Não, Romana, por Deus! Eu ouvi o galope de um animal, como que subia e descia o caminho, chegando até a beira do terreiro. Você estava dormindo. E encolhido, puxando os lençóis para o queixo, muito aconchegado à companheira, Sahyra tiritava, mas sempre com o ouvido à escuta, rezando mentalmente, invocando santos, voltando-se na cama, falando para que a companheira não adormecesse.

Entanto ninguém o tinha em conta de covarde, até estranhavam que, tão entanguidinho<sup>270</sup> como era, fosse capaz de fazer frente a homens como Silvino Péba, negro de fama, atrevidaço e mau que, de uma feita, em um mercado, para fazer rir e mostrar pulso, tentara suspendê-lo pelo cós das calças. Thomé Sahyra, crespo<sup>271</sup> e ágil como um maracajá, saltou atrás dois passos e, quando o negro avançou, viu que o "mirrado" apertava na mão seca a faca aguçada e rangia os dentes, de olhos acesos como uma fera acuada. Silvino riu e, desenrolando o laço de couro cru que trazia à cinta, gritou que ia derrubar o bicho. Fez-se um círculo. Os sertanejos, atraídos pela luta do gigante e do anão, olhavam entre risonhos e comovidos, em uma ansiedade mal contida, enquanto o negro, vagaroso, paciente, dizendo graças, certo da vitória, ia desembaraçando o laço:

— Espera aí, emperradinho. Você botou a unha de fora, mas eu vou te buscar, filhote de jaguatirica. Espera aí, bicho. Então é você, mofino<sup>272</sup> assim, que há de me tontear? Onde é que se viu um homem ter medo de móvitos<sup>273</sup>? Espera aí, calunga. E emproado como ele só...

Thomé Sahyra, encantado, esperava:

— Vai-te embora, Silvino. Você pra que há de inticar com quem está quieto? Vai-te embora, rapaz. Eu não sou homem de disputa; deixa disso.

— Uê! Pois você não está arrotando valentia? E o negro avançou com arrogância: Então bota o ferro no chão e pede perdão já, senão te caço! Vamos: pede perdão, *setemês*<sup>274</sup>! Sahyra, como se tivesse levado uma bofetada, numa ira feroz, bramiu:

— Perdão!? Negro, você não me conhece! E, erguendo tremulamente a faca que alumiava, bateu com o pé, bradando: Perdão só a Deus Nosso Senhor, na

---

<sup>270</sup> Prostrado.

<sup>271</sup> Eriçado.

<sup>272</sup> Infeliz.

<sup>273</sup> Abortos.

<sup>274</sup> Criança nascida de sete meses de gestação.

hora da agonia. Só a Deus Nosso Senhor, negro. E arquejou, cansado.

—Então, aguenta, seu *tripa!* Derreando corpo de flanco, atirou o laço que se foi desenrolando num bote certo sobre o caboclo. Houve um sussurro de aplauso entre os assistentes. Súbito, porém, um grito partiu, e o negro, agachando-se, com ambas as mãos no ventre, continha o sangue que jorrava de uma larga e profunda ferida.

—Cão do diabo! Esse mofino tem reza! Esse mofino tem reza! E Silvino deixou-se cair a um canto, gemendo, agarrando o ventre.

Acudiram todos, alguns com pena, outros com satisfação cruel, aplaudindo o salto ágil de Sahyra que fugira ao laço e lesto<sup>275</sup>, num galão, cravara a faca no valente escapando-se logo, a bom correr, mato dentro. Silvino esteve mais de um mêssem poder mover-se e de cama, aos que o visitavam, dizia sempre, com terror: "Tem reza, o diabo. Pois eu não perco um garrano<sup>276</sup> na manada e havia de perder, a cinco passos, um diabo daqueles? Tem reza".

Isso foi nas margens do S. Francisco de onde Thomé abalou fugindo à justiça e à vingança do negro mau.

Mas que terríveis noites passou, pungido pelo remorso, a ouvir sempre o grito agudíssimo que o negro soltara quando a faca se lhe enterrou no ventre. Sentia na mão a tepidez do sangue que jorrara em gorgolões. Atirara a um valo a faca ensanguentada, parecia-lhe, entanto, que ainda a trazia à cinta, via-a mesmo por vezes.

À noite, seguindo as trilhas desertas, as grandes sombras das árvores, ao pálido luar, tomavam formas espectrais — eram braços ameaçadores que o intimavam a parar, vultos embuçados<sup>277</sup> que avançavam em passos sutis; e gritos, rumores de vozes surdas, risinhos abafados ou lamentos doridos vindos do mais fundo da brenha<sup>278</sup>, ais! que se prolongavam longamente. Se a besta refugava atesando<sup>279</sup> as orelhas, Thomé Sahyra, tiritando, persignava-se e bradava num vozeirão de apavorado: "Perdoa, por Nossa Senhora d'Agonia, Silvino Péba! Perdoa, criatura!" Os grandes silêncios atroavam. Só teve paz no dia em que soube que o negro já andava pelos campos de laço e vara como dantes.

---

<sup>275</sup> Ágil.

<sup>276</sup> Cavalos pequenos, mas fortes.

<sup>277</sup> De rostos cobertos.

<sup>278</sup> Mata cerrada.

<sup>279</sup> Esticando, levantando.

Foi depois desse crime que Thomé Sahyra caiu, pela primeira vez, no sono grande. Estava à porta da casa, que era então um palhegal à beira do rio das Mortes, trançava um cabresto novo, quando sentiu uma nuvem escurecer-lhe os olhos e uma ânsia de morte no peito. Teve tempo apenas de chamar por Deus e rolou nas pedras, batendo com a fronte na quina da soleira.

Romana acudiu logo, mas vendo o seu homem banhado em sangue e prostrado, inerte, vacilou e teria caído sobre ele, se não se agarrasse à ombreira da porta; mas forte, reagindo, correu à tina, encheu uma cuia e encharcou a cabeça do caboclo que, sem sentir a água, continuava imóvel, de bruços na terra que um fio de sangue manchava.

A ideia de morte feriu logo o espírito de Romana, posto que uma tênue esperança lhe acoroçoasse<sup>280</sup> o ânimo: "É do choque, coitado! Como perdeu sangue!" Suspirava arrepanhando os cabelos, que haviam rolado para as costas, negros e corredios.

Agachou-se e, com força de homem, tomou-o nos braços nervosos, levando-o para a cama, onde o deitou, despindo-o para friccioná-lo com uma infusão de ervas e aguardente do Reino, que ela mesma preparara para os casos de ataque.

Thomé Sahyra, de olhos opacos, não dava sinal de vida: o coração parecia parado, as extremidades esfriavam, a peleia-se-lhe tornando lívida e baça e enrugava, as órbitas cavavam-se, as maçãs tornavam-se a mais e mais salientes e a boca, entreaberta, deixava ver os dentes cerrados, negros do sarro do fumo e aguçados como os das feras.

— Nossa Senhora das Dores! Como é que se acaba assim! Suspirava Romana aflita, indo e vindo pela casa, sem saber que havia de fazer, aquecendo baetas para o ventre do enfermo, pondo-lhe aos pés botijas de água quente. De quando em quando, um suspiro escapava-se-lhe com ânsia e ela ficava vencida pelo desânimo, de mãos cruzadas diante do leito, lacrimosa e calada, contemplando o companheiro.

Acendeu a lamparina da Virgem, fez promessas, ajoelhou-se e orou devotamente, mas, à tardinha, vendo que o companheiro não despertava, traçou o

---

<sup>280</sup> Encorajar.

xale e saiu para chamar alguém que a ajudasse a acompanhar o morto durante a noite.

Trancou a porta e foi-se, estrada abaixo, beirando o rio tristonho, de margens mal assombradas, até a cabana de um velho negro, entendido em curas.

Ele lá estava com o seu cachimbo, sentado à porta, picando as aspas do urucungo<sup>281</sup>.

Sexagenário, alto, magro, de intonsa<sup>282</sup> barba branca, áspera como uma velha parasita ressecada num tronco, o cabelo duro e hirto, os olhos pequeninos, sanguíneos, inquietos nas órbitas fundas, a fronte curta, vincada, o negro tinha o aspecto de um hamádras<sup>283</sup>, e cantava ao som soturno do instrumento bárbaro, enquanto as rolas nos matos piavam com tristeza sobre um resto de sol que dourava as moitas.

Romana, ainda nova, com os seus olhos incomparáveis, negros e lânguidos como os das ovelhas, temia, como todas as mulheres, o velho pai de quimbande<sup>284</sup>, luxurioso e atrevido, que vivia arredado na sua toca como um leão solitário à espera de que lhe passasse, ao alcance da garra, a presa descuidada.

Quando deu com ele, esteve para voltar, tão feio lhe pareceu o feiticeiro, com o peito nu, a cabeça baixa, sorumbático, regougando<sup>285</sup> o seu canto selvagem; mas, a lembrança do companheiro que, talvez, voltasse à vida se o negro tomasse conta dele, deu-lhe ânimo; passou a cerca e parou decidida diante do africano:

—Boa tarde, tio Adão.

O negro encolheu os ombros, ergueu a cabeça, e encarou-a, apertando os olhos, mastigando: — Eh! Eh!

—Venho aqui mode vancê me acudir lá em casa. Sahyra caiu como morto e está que não dá acordo de si.

O negro, coçando o queixo, piscava os olhos fuzilantes:

—Eh! Eh! Cumu foi?

—Estava arranjando um cabresto e, de repente, rolou quebrando a cabeça no batente da porta. Eu acudi, mas já tarde, tio Adão. Não sei que é, só vancê

<sup>281</sup> Instrumento musical de origem africana.

<sup>282</sup> Sem ser aparada.

<sup>283</sup> Babuíno encontrado no Egito, Sudão, Etiópia, Somália e península Arábica, considerado animal sagrado pelos antigos egípcios; hamadríade.

<sup>284</sup> Culto espiritualista, de origem africana.

<sup>285</sup> Entoando.

vendo. Já fiz tudo.

—Senta aqui, convidou o negro, afastando-se na soleira da porta para dar lugar à rapariga. Bacorinhos sórdidos coinchavam no terreiro coberto de bagaços de cana e de cascas de laranjas e para as árvores voavam galinhas, empoleirando-se.

—Senta aqui; bamo cunversá. Bateu com o cachimbo na mão aberta, calcou o fumo e tirou uma baforada. Senta...

—Não posso, tio Adão; tenho pressa.

—Entonce ocê não qué mi dizê cumu foi? Senta, criatura. Eu não sou bicho nem tenho denti; arreganhou a boca mostrando as gengivas nuas; sorria bestialmente. Senta! E bateu na pedra com a mão espalmada, numa irritação sensual, e logo, num movimento rápido, curvando-se, procurou agarrar a barra da saia da rapariga, que recuou, franzindo a cara. Ah! Tola! Fez o negro amuado: senta!

—Não posso. Vancê sabe que eu vim aqui por necessidade.

—Entonce qui tem, minha fia? Senta...

—Não, tio Adão: sou séria. Vivo com um homem e enquanto ele não me deixar ninguém se gabará de mim. Não sou quem vancê pensa. Se quer vir comigo, venha; senão...—e, encolhendo os ombros — há de ser o que Deus quiser. E deu volta para sair.

O negro ergueu-se a custo, ajudando-se com as mãos, a resmungar:

—Luxenta! Mas dêxa tá, disse pausadamente em tom de ameaça, espalmando a mão no ar: raiz tá aí... Café tá aí i sapo inda canta n'aua. Quem pode tá li dento — e apontou para a cabana escura. Eu vou, eu vou, mas o dia há de vi. Eu hei di vê uma pessoa vi chegando, vi chegando por seu pé cumu passarinho pra boca di cobra. Sapo inda canta n'aua, sexta-feira é dia grande. E ria perversamente, caminhando para a cabana.

Romana seguiu-o com os olhos brilhantes de cólera. Pouco depois o negro voltou com o cajado e uma cumbuca e, de pé na soleira, bateu as palmas, assobiou e logo um cão saltou dentre os matos, contente, rebolindo-se. Bamo! E sorrindo, murmurando, deu volta à chave.

Foram os dois caminhando devagar ao longo da margem merencória do rio. A tarde morria em tons suavíssimos de violeta e pérola, a névoa baixava



acumulando-se nos cimos dos outeiros, esgarçando-se em orilhas<sup>286</sup> alvas nas bases das colinas, espalhando-se pelos campos disseminadamente em ilhotas, brancas como núcleos de algodão, flutuando ao sopro da brisa crepuscular.

Esfriava; rolas turturavam<sup>287</sup> e codornas, com um trilo alegre, abalavam das ervas rasteiras em voo direito, fugindo. O cão ia de focinho rente à terra, abanando a cauda no farejo da caça. Longe, a espaços, bois mugiam.

Iam os dois calados, Romana à frente, quando, ao chegarem a uma pinguela sobre um fervedouro<sup>288</sup>, o negro estacou:

— Pára aí que eu não enxergo: dá cá a mão. O cão, que passara ligeiro, latia na outra margem, agachando-se sobre as mãos, avançando, recuando. Escurecia, a noite vinha rápida. Não enxergo, disse o negro, insistindo e sondando o caminho com o cajado.

— Se vancê quer me dê a ponta do cajado que eu vou guiando e vancê passa.

— Entonce bamo sim. E Romana tomou uma das extremidades do grosseiro bordão e foi levando o feiticeiro como se conduzisse um cego.

Corujas piavam nos cepos, vagalumes saíam da relva faiscando, grilos cantavam e os sapos, num coaxar constante, pareciam malhar<sup>289</sup> em bigornas<sup>290</sup>, ciclopicamente. Últimas cigarras da tarde, já recolhidas, ciciavam e curiangos<sup>291</sup>, piando, saltavam no caminho, sempre adiante dos dois, voando, pousando, ganhando os galhos se o cão investia com eles.

— Bamo divagá que não enxergo nada, rapariga.

— Eu tenho pressa, tio Adão, e já é noite fechada.

— Móde isso mêmu, bamo divagá; não enxergo nada e não estou pra dá uma topada por aí.

— Ora, vancê conhece esses caminhos todos... Anda de noite que nem caburé<sup>292</sup>.

— Só na sexta-feira, porque tenho candeia acesa pra mi alumiá. Sexta-feira é dia grande.

---

<sup>286</sup> Beiras.

<sup>287</sup> Arrulhavam.

<sup>288</sup> Águas que aparentem estar em ebulição, fevendo, borbulhando.

<sup>289</sup> Martelar.

<sup>290</sup> Bloco de ferro revestido de aço.

<sup>291</sup> Ave noturna, o mesmo que Bacurau.

<sup>292</sup> Pequena coruja.

— Também agora já estamos perto. E Romana, erguendo os olhos ao céu, apreensiva, suspirou: Ai! Minha Virgem Mãe de Deus!

—Ocê inda tá amuada comigo? Perguntou o negro enternecendo a voz.

—Não, tio Adão, mas vamos falar de outra coisa.

—Ma quem é qui sabe?

—Eu, tio Adão. Basta que eu saiba. Então vancê pensa que a gente não tem consciência? Deus me livre! Com um homem morto em casa... O negro, arregalando os olhos, num assomo de inspirado, avançou para a rapariga lesto, agarrou-a pelo braço:

—E si ele ficá bom, Romana!? E si eu curá ele? Diz! E fitava-a, corcoveado, com os olhos úmidos de volúpia. Ela estremeceu aterrada.

No campo deserto apenas as névoas moviam-se; longe, a luz de uma cabana; o céu estrelava-se. Ela correu os olhos pela vastidão em busca de socorro, mas desanimada, quase a chorar, encarou o feiticeiro, repetindo timidamente as suas palavras:

—Se ele ficar bom...

— Diz! Rosnou o negro acocorando-se, apertando-lhe o braço. Houve um silêncio tétrico. Diz!

— Pois sim, balbuciou Romana com ânsia.

— Jura!

— Juro!

— Por Deus Nosso Senhor! Ela hesitou um instante, de olhos baixos, torcendo as franjas do xale.

— Jura, rapariga!

— Por Deus Nosso Senhor, disse em voz sumida.

— Eh! Bamo... E o negro passou à frente ligeiro, quase a correr, saltando e resmungando; o cão precedia-o latindo. Já perto da cabana, à beira do rio que rosnava, o negro voltou-se com um dedo hirto: Oia lá, Romana!

— Vamos, tio Adão.

— Si ele ficá bom... Ocê jurô... Mas um grito surpreendeu-os, um apelo demorado atravessando o silêncio dos campos: "Rooomaana!" Pararam os dois, atentos; o cão também, como num assombramento, de orelhas duras, olhava. "Rooomaana!"

— Uê! Fez o negro pasmado.

—É Thomé! Disse a cabocla exultante. Ah! Meu Deus! Ia correr, mas o negro agarrou-a fortemente e, em voz surda e trêmula, pôs-se a dizer:

— Ocê jurô! Ocê jurô, Romana...

— O que, tio Adão?

— Si ele ficasse bom...

De novo a voz longínqua bradou..."Rooomaana!" O negro, irritado, agarrou-se à rapariga:

— Oia, assunta: é ele, tá curado só com uma reza que eu fiz lá em casa ao santo. Ocê jurô, Romana. Deus castiga! A cabocla resistia; o negro, porém, era forte e subjugava-a, passando-lhe um braço pela cinta, apertando-a muito, e ia para abafar-lhe a boca quando ela, arremetendo, cravou-lhe os dentes no pulso e agarrou-lhe a cabeça com ambas as mãos repelindo-o:

— Sai, diabo! Sai! O negro, louco de dor, levou o pulso à boca e pôs-se a lambar a ferida; Romana, indecisa, compunha o xale.

— Deixa eu ir-me embora, tio Adão. "Rooomaana! Ôoooh!"

— Vai! Ma ocê jurô, disse o negro com tranquilidade, chupando, de instante a instante, a ferida. Vai! Mas oia, Romana: atrás de um sol vem outro. Deixa tá, o santo que curou ele tá lá em casa e uviu o que ocê disse, juradeira de farso. Vai lá pro teu homem. Sapo canta n'aua.

Tomada de medo Romana gritou nervosamente;

— Thomé!

O negro olhou-a sorrindo e repetiu com maldade:

— Eu hei de vê uma pessoa vi chegando, vi chegando por seu pé como passarinho pra boca de cobra...

— Pois sim! Disse a cabocla e deitou a correr, deixando o negro parado no campo da carqueja, confundindo-se com a noite que baixava.

Já longe ouviu ainda: — Ocê jurô...

Ainda à distância, Romana avistou a luz da choça e viu a silueta do companheiro à porta mal alumiada pela chama escassa da candeia de azeite.

— Rooomana!

— Eh! Thomé! Estou aqui. Precipitou-se e, efusivamente, comovidos, abraçaram-se os dois. Então, que foi isso, meu velho, que foi isso? Por que você se

levantou? E, enternecida, amparando-o, foi levando-o para o quarto sombrio. Thomé sorvia o ar a grandes haustos<sup>293</sup>, tremiam-lhe as pernas e, fraco, deixou-se cair sentado no catre, que rangeu. Romana foi buscar a candeia, pousou-a no chão. O enfermo, prostrado, encolhido, enterrara a cabeça no peito e respirava.

— Ah! Romana, que horror! Não sei que foi que senti de repente; nem que me tivessem dado uma bordoadada na fonte: os olhos ficaram logo escuros e me subiu uma coisa pela garganta, que eu nem pude mais gritar. Que horror, minha velha, que horror! Eu vi e ouvi tudo que você fez: queria falar e não podia, queria me mexer e parecia que tinha as pernas e os braços num tronco; no peito era um peso que nem sei.

— E dor?

— Quase não doía, só a cabeça doía um pouco, mas que aflição!... Eu via e ouvia tudo, tudo, tudo: a casa, você; ouvia o barulho lá de fora, tudo; mas parecia que eu tinha uma teia nos olhos.

— E eu que fiz?

— Primeiro você chorou, não foi? Depois me agarrou e me levou pra cama. Ah! Romana, que pena eu tive de você, coitada! Depois você me despiu e me esfregou o corpo com uma água, pôs não sei que nos meus pés e começou a chamar por mim, primeiro baixinho, muito perto dos meus olhos, e eu estava vendo; depois desesperada, com as mãos na cabeça, gritando, e eu estava ouvindo sem poder falar, Romana, sem poder fazer nada. Ah! Minha velha, que desesperação!

— E depois? Indagou Romana, com ansiedade.

— Você saiu um instantinho, andou pela casa, soprou o fogo; eu estava ouvindo tudo. Depois você veio outra vez e ficou com as mãos na cama, debruçada, olhando pra mim.

— Que foi que eu disse?

— Você disse: "Minha Nossa Senhora!" Não foi?

— Não me lembro bem; parece que foi...

— Eu estava vendo e ouvindo tudo. Depois você saiu e eu fiquei sozinho, tremendo de medo. Que medo, Romana! Quis gritar, que força que eu fiz, minha velha, arrancando por dentro, mas qual! De uma feita, você estava na sala, me pareceu que eu tinha soltado um grito muito grande; eu ouvi, mas foi ilusão porque

---

<sup>293</sup> Aspiração longa e profunda.

—você estava aí pertinho, e, se tivesse ouvido, tinha corrido logo pra junto de mim.

—De certo. Não ouvi nada, você nem bolia com os olhos e estava todo frio. Thomé Sahyra, com voz pausada, continuou, sem levantar a cabeça, olhando a chama da candeia:

— Fiquei sozinho. Ouvi o rangido da chave na fechadura e depois só os grilos cantando lá fora no campo. Ah! Minha velha, que medo! Fiquei falando comigo, por dentro: "Se eu não dou acordo de mim eles são capazes de me enterrar!"

—Nossa Senhora! Exclamou Romana, horrorizada.

—Mas você pensava mesmo que eu estava morto, não pensava?

—Pensava!

—Ah! Minha velha!... Eu falava por dentro: "Se eles me enterram, meu Deus!..." Era só nisso que eu pensava. Que aflição! Parecia até que já estavam atirando terra em cima de mim. Eu sentia o peso, sentia a friagem, sentia o abafamento. Estremeceu e persignou-se: Nossa Senhora!

— Nossa Senhora! Disse, por sua vez, Romana. Houve uma grande pausa.

Thomé, de olhos parados, meditava. Um fio de fumo negro e trêmulo subia do morrão<sup>294</sup> da candeia; fitas de luar entravam pelas frinchas do adobe dos muros.

—Se você não sarasse tão depressa eu era mesmo capaz de deixar que enterrassem você.

— Misericórdia, Romana!

— Mas que culpa eu tinha? Você estava como morto.

—Como morto, é verdade.

— Nunca vi ataque assim.

— Também não.

— Você já tinha tido?

— Nunca, foi hoje a primeira vez. Minha mãe, que Deus lhe fale na alma! Também, às vezes, ficava desacordada muito tempo. De uma feita levou mais de meio-dia sem dar sinal de vida, mas coitada! Era doente... E bebia. Mas eu, Romana, que sempre fui forte... Calou-se e, lentamente, erguendo a cabeça, disse com terror: Isto é coisa feita, Romana; é coisa feita.

---

<sup>294</sup> Pedaco de corda, geralmente de linho, com uma das extremidades embebida em uma solução de cal virgem para que se queimasse lentamente.

Nunca vi moléstia assim. E como se sofre! Basta a ideia da gente ir pro fundo da terra vivo: Que morte ansiada que deve ser, Nossa Senhora! Que morte agoniada, pouco a pouco... A gente ouvindo os baques da terra, sentindo o peso e a terra entrando pela boca, pelos olhos, pelo nariz, abafando e a gente sem poder dizer nada, nem gritar... Virgem do céu! Que morte agoniada! E eu sentia tudo, tudo. Quando o vento sacudia a porta eu tremia por dentro e falava no coração: "Aí vêm eles me buscar para o enterro. Aí vêm eles, minha Mãe do céu!" E rezava, forcejando para gritar, mas qual! Podiam muito bem me ter levado para o cemitério, ainda foi Deus quem me valeu. Mas ninguém me tira isso da cabeça, Romana: para mim é coisa feita e foi Silvino Péba quem mandou. Aquilo é negro de maus bofes, é negro que não perdoa.

— Qual, Thomé, isso é doença. Você fica bom, descansa. Você não tem fome?

— Não, sede só, muita sede: estou com a garganta seca... Até parece que tive febre. Passou as mãos pelos olhos. Mas que horror! Uma criatura enterrada viva. E nervoso: Mas eu às vezes me mexia na cama...

— Você?! Nem com um dedo.

— Que horror!

— Não pensa mais nisso; você já está bom, passou. Romana foi ao pote encher a bilha e trouxe-a, e, com a mão em concha junto ao queixo do caboclo para aparar as gotas que pingavam, deu-lhe a beber. Sahyra resfolegou e deitou-se, estirando-se.

— Só tenho medo que volte, Deus me livre!

— Não volta, descansa. E você não pensar mais nisso: foi um ataque, passou.

— Mas eu estou tão mole ainda... Nem que tivesse feito um estirão a pé. As pernas doem tanto! Estou com a cabeça oca e zonga... Que coisa! E você onde foi, Romana, quando saiu daqui ?

— Fui por aí, batendo o mundo, à cata de alguém e só achei o tio Adão.

— Por que ele não veio? Quem sabe se ele me cura, Romana? Ele sabe tanto remédio para essas coisas...

— Qual! O que ele sabe é ser sem vergonha; é um negro muito adiantado! Curar também eu sei; ninguém entendia mais de curas do que mamãe. Aquele

negro perrengue<sup>295</sup>, com aquela cara de santo, é um descarado como não há outro. Pois eu fui lá aflita pedir a ele que viesse comigo para te ver e o diabo do macaco bichento em vez de me acompanhar pôs-se com dengues, todo babão.

— Com você, Romana?

— Comigo, sim. Eu é porque sou dura senão ele tinha feito muito bem o que queria no caminho porque é atrevido que nem o diabo. Agora, a culpa não é dele, é dessas relaxadas que andam por aí. Dão confiança...

— Ele veio com você? E Thomé Sahyra erguia-se pouco a pouco, com os olhos brilhantes, fitando a cabocla.

— Veio até o rodoinho. Ali ouvimos a tua voz e eu escapuli correndo. Aquele negro precisa de uma lição para tomar emenda.

— Eu vou lá Romana.

— Não vale a pena. Deixa estar que ele há de achar. Pensa que todo mundo tem medo de mandingas. Romana passou à sala resmungando. O vento fora fazia farfalhar o arvoredor.

— Não me deixa sozinho, Romana. Espera um instante aqui.

— Já vou, meu velho; estou fazendo alguma coisa para comer porque hoje ainda não pus nada na boca; estou com o café que tomei de manhã.

— Ah! Minha velha, sinto tanto frio. Está fazendo frio?

— Pouco.

— Então é da moléstia.

— É, mas isso passa.

— Vem deitar. Que é que você tem ainda que fazer?

— Já vou; é um instantinho só. O fogo crepitava na sala e Thomé, as mãos cruzadas no peito, deixou-se, de novo, escorregar esticando-se no catre, fitando o teto por onde os gambás corriam, metendo-se por entre as palhas, pensava na morte horrorosa pela asfixia numa cova, com os bichos moles da terra. Seguia imaginariamente o próprio enterro, campo afora até o cercado do cemitério; via os sertanejos descobertos, com os chapéus atirados para as costas, descalços, levando o caixão e ele dentro, imóvel, impotente, indo vivo para o túmulo, a ouvir a alegre barulhada dos pássaros nos ramos, o murmúrio fresco das águas, a voz do

---

<sup>295</sup> Covarde.

gado solto nos pastos, a cantilena dos campeiros, todo o bulício<sup>296</sup> alegre da vida forte no esplendor do dia azul, cheio de sol, morno e afagante.

— Romana, pelo bem que você me quer, não me deixa sozinho; eu estou doente. A cabocla, com a boca cheia, correu para o quarto levando o prato.

— Estou aqui, meu velho. Acocorou-se a um canto e, enfeixando os dedos, pôs-se a amassar o pirão de água fria. Um gato rajado entrou miando, corcoveando, num espreguiçamento nervoso: — Toma, *Calunga!* E atirou uma febra de carne que o bichano abocanhou encolhendo-se num canto a mastigar. Agora, sim, meu velho, estou descansada. Olha que você me fez passar um dia que só Deus sabe! Num lugar como este, onde não há doutor, que é que a gente há de fazer? Aqui só a Providência Divina. Agora sim, vou dormir com o meu espírito tranquilo; e suspirou. Encostou-se à parede com os braços repousados nos joelhos, as mãos pendentes. E quando você acordou, Sahyra, como foi?

— Parecia que eu tinha bebido uma coisa quente, começou assim: um calor por dentro; depois uma dormência em todo o corpo, tal qual como se um bando de formigas passeasse por cima de mim, e comecei a sentir dor nas pernas, nos braços, no peito, muito ardor nos olhos e abri a boca como se tivesse acordado. Que alívio!

— E você levantou logo?

— Não! As pernas estavam esquecidas. Sentei na cama e fiquei muito tempo apatetado, sem me lembrar de nada. Depois chamei por você, chamei muito e foi então que me levantei. Já estava escurecendo: acendi a candeia, apanhei um pau e saí para a porta, onde você me achou. Estou ainda com mau gosto na boca e muito peso no estômago: empachado como se tivesse comido um boi, e sono, muito sono, nem parece que estive esse tempo todo dormindo.

— Você não esteve dormindo...

— É verdade. Depois de uma pausa continuou: Se fosse só a moléstia... Meu medo era de ser enterrado vivo... Que horror! Ir um homem pra baixo da terra com todos os seus sentidos... Mas agora você já sabe...

— De certo.

— Eu caindo outra vez assim, é esperar, porque o mal passa.

— Agora já sei.

---

<sup>296</sup> Agitação.



— Meu medo era só da cova, porque o sofrimento não é tão grande assim, é mais a aflição. Querer falar e não poder...

— Que horror!

— Você não pode imaginar que é, Romana.

— Eu faço ideia. O gato avançou de novo miando. Romana repeliu-o:

— Sai, *Calunga*; agora não tem mais. Vai procurar gambá, seu molenga. E só dormir e encher o bucho, preguiça... Ah!

— Então, eu tendo outra vez isso, você já sabe...

— Já sei; descansa.

— Vem deitar então.

— Já vou. Saiu para lavar as mãos, trancou as portas, dizendo da sala: Está uma noite bonita, e alteando a voz: Olha que eu fiz uma promessa à Nossa Senhora de você mandar fazer um oratório para ela, se ficasse bom, ouviu?

— Sim, mando, disse de dentro o enfermo; mas vem deitar.

Romana abafou o fogo com cinza e caminhou para o quarto desatando a saia. Em camisa, descalça, diante da imagem da Virgem, que a lamparina alumia, fez devotamente a sua oração, espevitou o pavio da marca e deitou-se atirando os braços morenos ao pescoço do caboclo que se encolhia, e, com um arrepio, tremulamente, fazendo-se pequenina, muito aconchegada ao homem, disse:

— Nossa Senhora! Deus me livre de perder o meu caboclo tão bom. A candeia crepitava no chão e o gato ia e vinha pelo quarto, miando.

— Você quer que apague a luz?

— Não, deixa; assim é melhor. Houve um grande silêncio. Ouvia-se, de muito longe, o correr da água. E Sahyra suspirou:

— Que horror, meu Deus!

— Não pensa mais nisso; passou, vamos dormir... E abraçaram-se apertadamente.

## II

Anos tranquilos passaram e, se alguma coisa perturbava a vida serena dessas criaturas aconchegadas, que envelheciam juntas, dentro do mesmo lar, aquecendo-se à mesma brasa nos invernos, cruzando lentamente as trilhas, dentro do mesmo raio de sol, quando alumiaavam tepidamente os campos os grandes dias

de verão, era a ideia insistente de Thomé Sahyra, o medo de ser levado vivo à terra, a preocupação da morte no aperto de uma cova fria, calcada e túmida<sup>297</sup>.

Como se receasse os lugares em que pousava, não se estabelecia definitivamente em sítio algum, a pretexto de febres ou de frios intensos. O seu gosto era andar errante de campo em campo, de vila em vila, com o carro atochado de móveis, as cabras berrando presas aos fueiros<sup>298</sup>, as galinhas nas capoeiras de palha e os cães pacientes, atrelados, seguindo o passo moroso das juntas de bois, à sombra, por baixo do carro. Ele mesmo, com a vara em punho, guiava o gado e a companheira, sob a cobertura de esteira, encolhida, com a almofada ao colo, ia atirando os bilros<sup>299</sup>, cruzando as linhas do crivo; e lá iam, ao acaso, ao sol, às estrelas, como ciganos.

Foi Romana quem decidiu pelo estabelecimento nessa encosta agreste, queixando-se de fadiga: que já não resistia àquelas viagens e, velhos como estavam, ambos embranquecendo e enrugando, careciam de repouso para trabalhar, fazendo alguma coisa que lhes garantisse os dias futuros, quando, enfraquecidos pelos anos, não resistissem mais à canseira da enxada. Viviam a trabalhar para os outros, deixando sementeiras por onde passavam sem nunca terem visto a flor de uma só planta, sempre em mudanças, abandonando as cabanas que edificavam, as hortas que acanteiravam. Tinham alguma coisa que lhes ficara da vida longa de trabalho e de economia, podiam arranjar um canto onde parassem quietos ajuntando alguma coisa para o tempo da velhice, e foi a instâncias da companheira que o caboclo resolveu arrancar-se no sítio, abrigado à sombra da colina, substituindo, pouco a pouco, os esteios da primitiva cabana pelos reforçados troncos que fora lenhar na mata.

Sahyra, em grande actividade, não se contentava com o trabalho de cesteiro — trançava esteiras, redes de palha, chapéus. De manhã e à tardinha, à fresca, ia correr a roça, com a enxada, e, no tempo das queimadas, ele mesmo ateava o fogo às velhas palhas dos milhos, preparando o terreno para a nova semente. Romana, com a sua grande almofada ao colo, sentada à porta, fazia crivo<sup>300</sup>. Os bilros atirados pelos seus dedos ágeis trilavam entrechocando-se e, no silêncio das horas

---

<sup>297</sup> Dilatada, inchada.

<sup>298</sup> Espécie de varas de madeira, muito utilizadas na lavoura de subsistência, e pequenas propriedades rurais.

<sup>299</sup> Peça de madeira ou metal usada para fazer rendas em almofada própria.

<sup>300</sup> Renda, bordado.

de maior calma, quando os pássaros recolhiam aos ninhos, arquejando, e as brisas caíam deixando imóveis as ramas, à luz coruscante<sup>301</sup> do sol a pino, ela, com a sua voz afinada e meiga, entoava trovas sertanejas e o caboclo, entretecendo as palhas, repetia o canto, num dueto triste.

A criação prosperava: ninhadas piavam e as galinhas, ciscando nos montes de palha de café, cacarejavam chamando os pintainhos. Varas de bácoros, coixando, seguiam, às grotas de inhames, as grandes porcas de mamas flácidas, e pelas lombadas verdes da colina bois e vacas, cabras e carneiros subiam, passo a passo, pastando. Os maiores lucros do casal vinham das orações milagrosas e dos conhecimentos de Romana em curas de moléstias más; eram mais os presentes que os produtos da terra doméstica que abasteciam a despensa. E assim viviam, com fartura, tranquilos, estimados de todos pela muita caridade que praticavam desinteressadamente.

Romana não só curava os enfermos como lhes fornecia os remédios. Ela própria escolhia as ervas, catava-as, triturava-as, fazia as garrafadas, muitas das quais, para ganharem força e virtude, demoravam semanas atoladas na terra úmida das margens dos pântanos ou nos areais mais expostos ao sol. Se eram pobres os doentes ela ainda lhes dava a dieta — um frango, uma quarta de arroz, a farinha sessada<sup>302</sup>, o açúcar branco e, junto dos mortos, nas vigílias fúnebres, era ela quem tirava as rezas, pondo à cabeceira do defunto uma vasilha com água-benta e um ramo de alecrim para as aspersões.

Ninguém vestia um anjo como ela e tinha tal poder que, de uma feita, morrendo um pastor no campo, fulminado pelo raio, ficou com os olhos baços imensamente escancarados, resistindo a todas as tentativas, e ela, chegando, impôs-lhe os dedos sobre as pálpebras, dizendo, por três vezes, lentamente, imperativamente: "Fecha os olhos, Raymundo! Fecha os olhos, Raymundo! Fecha os olhos, Raymundo!" E as pálpebras, pouco a pouco, foram baixando, cerrando-se, como se o morto houvesse ouvido a intimação da rezadeira.

"Santa criatura!" Diziam na vila. "Essa está com a alma no céu". E era rara a casa onde ela não tinha um afilhado, quase sempre nascido nas suas mãos, e, com todos, bondosamente, repartia as suas obras — uma camisola a um, uma vara de

---

<sup>301</sup> Ofuscante.

<sup>302</sup> Peneirada.

chita a outro, não contando o que dava em moedas quando os pequenos, saltando as cercas, saíam ao seu encontro pedindo a bênção.

Thomé Sahyra, às vezes, em meio do trabalho, inclinava a cabeça num grande abatimento e, de olhos parados, braços em abandono, ficava com o espírito em inércia, numa estagnação de hipnose, sem ideia, sem sentimento, como se uma nuvem densa lhe passasse pela alma, escurecendo-a; pouco a pouco, porém, desfazendo-se a sombra interior ele recaía sofredoramente na ideia sinistra do enterro. Erguia a cabeça, passava a mão pelos olhos, buscava uma distração em torno: nos pintainhos que corriam, nas formigas que desfilavam por uma fita de caminho, carregando folhas.

Tudo quanto lhe despertava a ideia de morte enchia-lhe o coração de um pavor indominável. Caminhando, evitava certa picada que margeava o outeiro, preferindo ir por ele acima cansadamente, vagorosamente, ao sol, magoando os pés no pedregulho, só para não dar com os olhos num cruzeiro tosco cravado entre pedras, sobre as quais havia ainda tocos de velas e pastas de sebo, à sombra de um ranchinho de palha, marcando a sepultura de um assassinado. Fugia de vê-la desde que, uma tarde, passando perto, descobriu a terra fendida, revolta, e lembrou-se que a vítima, mal ferida, podia ter recobrado os sentidos e lutara desesperadamente, forcejando para sair da cova.

Ia pelo outeiro evitando o caminho do morto e quando, no alto, passava à distância que julgava coincidir com o sítio do enterramento, na base, rezava baixinho pela salvação da alma do que se finara em pecado.

De casa não arredava um passo sem dizer à Romana para onde ia: ao mercado, à roça, à horta, à mata; mesmo ao curral, perto de casa, não subia sem avisar: "Estou aqui, Romana; vou ali, minha velha", para que, se demorasse, a companheira o fosse procurar, sempre trabalhado pelo pensamento de ser acometido pela moléstia, que nem lhe dava tempo para gritar.

Uma noite, recolhiam-se os dois, Sahyra trancava a casa, quando ouviram chamar: —"Nhá Romana!" Ele deu volta à taramela e, entreabrindo a porta, mergulhou a vista na noite negra, cheia de faíscas de vagalumes:

— Quem é?

— Sou eu, Firmino do Pary. Venho pedir à nhá Romana para ir ver Petronilha, que está com as dores. E a figura do homem, à luz vacilante da candeia, destacou-se da sombra, perto da porta, num largo e comprido casaco de baeta,

grande chapéu de palha de abas moles e derreadas, cajado em punho. Os cães rosnavam surdamente. "Eh! *Boca-negra*, sai! Sai, *Frecha!*", bradou Thomé; e abrindo a porta, convidou:

—Entra, homem. Era um mulato alto e grosso, barbado. Romana, mal o viu, interrogou:

—Começou agora, Firmino?

—Não, senhora, nhá Romana; ela está sofrendo desde de tardinha. Eu quis vir chamar vancê, mas ela disse que não esperava para hoje, que podia ser um rebate falso, e não deixou. À boca da noite a dor aumentou, ela nem pôde comer e está lá se torcendo. Até tenho medo que a criança nasça sem ninguém. Vancê sabe como Petronilha é medrosa para essas coisas; só quer vancê. Tia Justa está lá em casa, mas coitada! Quase não enxerga e fica tão atarantada que atrapalha mais do que ajuda. Eu vim por aí voando. Vancê vem?

— Como não? Vou botar um xale e sigo já.

—Ah! Nhá Romana... Que trabalho!

—Qual trabalho! Já no quarto pediu informações minuciosas; se ela sentia dores nas cadeiras, se o ventre havia descido, se já havia sinal. Firmino ia respondendo. Thomé Sahyra, calado, passeava pela sala, nervoso, chupando com força o cachimbo. Firmino perguntou pela roça: como ia; e falou da sua: que tinha enfeitado muito com as chuvas; o caboclo, porém, mal o ouvia e, repentinamente, numa decisão súbita, entrou no quarto onde Romana, à luz de uma vela de sebo, acocorada diante de uma canastra, revolvía panos.

—Você vai passar a noite lá, Romana? Perguntou timidamente, e ela, sem voltar-se:

— Eu sei?! Se for preciso que hei de fazer?

—E eu?

—Uê?!

—Hei de ficar sozinho?

—Uma noite, Thomé...

—Você sabe que, com a minha moléstia, não posso ficar sem uma pessoa em casa.

—Mas que é que eu hei de fazer? Hei de deixar uma criatura morrer sozinha, sem socorro? Não faço isso, não, Thomé. Que medo tem você aqui?

— Não é medo de nada: é da moléstia.

— Ora, deixa disso. A moléstia foi uma vez, você nunca mais teve.

— Mas posso ter ...

— Logo hoje então?! Levantou a cabeça e fitou-o: Por isso é que você não dorme direito. Tira essa ideia da cabeça, homem. Ergueu-se, traçou o xale, embrulhou os panos, tomou a lanterna e saiu para a sala, embiocada<sup>303</sup>. Thomé acompanhou-a calado.

— Vamos, Firmino. O mulato levantou-se:

— Estou pronto, nhá Romana,

— Até já.

— Boa noite!

Sahyra resmungou e os dois partiram. Da janela ele acompanhava o raio de luz que ia farejando o caminho salteadamente, ora aqui, ora ali, e ouvia a conversa dos dois, até que se sumiram entre as árvores. Os cães ladravam de espaço a espaço.

A noite, de uma imperturbada serenidade, era negra; raríssimas estrelas luziam, pequeninas, trêmulas; nos campos, porém, enxames de vagalumes cintilavam. Por vezes, com um sopro mais rijo dos ventos, o arvoredado farfalhava com fúria e o frio aumentava. Sahyra, habituando os olhos à treva, via as árvores mais próximas, quietas, adormecidas no silêncio e na escuridade, e a massa compacta e sombria da mata, na altura da colina, confundindo-se com o céu negro.

Grilos cantavam e sapos, ao longe, nos charcos<sup>304</sup>, em resmoneio<sup>305</sup> contínuo, quebravam a quietação da hora. Regelado, sentia as pálpebras pesadas, os olhos ardidos de sono, mas não se atrevia a fechar a janela, temendo o leito na solidão do quarto, que a lamparina da Virgem alumiaava. Um mugido surdo, longo, passou no ar taciturno. Sahyra abriu os olhos e devassou a sombra, com pavor.

Subitamente um toc-toc perto, pertinho e um gemido fino. Firmou-se, retesando os braços agarrado ao peitoril da janela, olhando com o coração sobressaltado e, de novo, ouviu o toc-toc abafado, depois o rosar de um cão.

— *Boca-negra! Frecha!* Aqui! Chamou aflito. Os matos farfalharam e os cães surgiram no terreiro, ganindo, atirando-se à janela, aos arrancos. Ele sentiu um

---

<sup>303</sup> Coberta.

<sup>304</sup> Banhados.

<sup>305</sup> Resmungo.

grande alívio vendo os animais; festejou-os com palavras, derreou-se na janela, para afagar-lhes a cabeça, e eles lambiam-lhe as mãos sofregamente, ganindo, ladrando, investindo aos pulos. — "Deita aí! Deita aí!" Dizia procurando prendê-los perto para que o acompanhassem, guardando a casa. Outro mugido ressoou, depois o balido de uma ovelha.

Os cães, contentes, rolavam na terra rosnando, brincando; mordiam-se, deixavam-se cair com um baque surdo, e Thomé, entretido, olhava-os perdendo-os de vista quando partiam em corrida desatinada circulando a casa, atropelando-se às dentadas, no terreiro. "Deita aí! Deita aí!" Os cães olhavam acenando festivamente com as caudas, mas tornavam ao brinquedo.

O frio arrepiava. Ele sentia o rosto gelado, os dentes entrechocavam-se e o vento, invadindo a sala, levantava a chama do lampião e, pelas sombras, na parede, ele via que a lamparina tremia, em risco de apagar-se a uma lufada mais forte. Vagarosamente encostou a janela, mas ficou parado, sem ânimo de arredar-se, num receio indefinível, lançando os olhos aos cantos da casa, ao teto, desconfiado. Caminhou, por fim, em passos sutis, foi até o quarto, espiou o leito, de alvos lençóis lisos, com o cobertor dobrado aos pés. Lá estava a Virgem, muito meiga, sobre o globo, pisando, com o seu pequenino pé descalço, a cabeça da serpente.

Estava assim absorvido nessa contemplação mística quando uma rajada impetuosa escancarou a janela, levando-a de encontro à parede com estrondo. Thomé estremeceu, acenderam-se-lhe os olhos desmedidamente abertos, os cabelos se lhe eriçaram. Pé ante pé, depois de ansiosa espera, veio à sala; o coração batia-lhe com força, perto da boca aberta e seca. Viu a janela escancarada, sentiu o vento frio, espichando a chama do lampião que tisonava<sup>306</sup> o vidro.

Ficou estatelado. De repente, em dois gritos, chamou os cães: — *Frecha! Boca-negra!* E, ouvindo os ganidos, animou-se, foi à janela; os cães, de pé, com as patas na parede, procuravam formar o pulo; vendo-o, assanharam-se mais, e caminhando, pediam-lhe que os recebesse, raspavam a parede. Resolveu então dar-lhes entrada: abriu a porta e logo os dois precipitaram-se estabanadamente, atirando-se-lhe às pernas, rodando em torno dele, farejando-o. Afagou-os e ria com

---

<sup>306</sup> Escurecia.

eles quando o gato, que acordara com o rumor, saiu do quarto lentamente, corcoveado, miando.

Sentou-se. Os cães, arquejando, estiraram-se-lhe aos pés e o gato saltou para a mesa, procurando afago, a esfregar-se-lhe voluptuosamente no braço, todo arrepiado. Cabeceando de sono, Sahyra mal fechava os olhos, logo os abria, espantado. Intimamente revoltava-se contra Romana— "que cuidava mais dos outros do que dele" e pôs-se a falar só, amuado:

"Sabe que sou um homem doente e sai me deixando só. E se eu tiver alguma coisa, que Deus tal não permita? Se eu fosse um homem forte, de saúde, ainda bem, mas assim... E aqui, sem recurso. Se tiver alguma coisa quem há de vir me acudir?" Voltou os olhos para a janela que estalava. "O melhor é tomar uma pessoa que cuide de mim. Se eu fosse outro homem, como muitos que conheço por aí, haviam de ter mais contemplação comigo... é sempre assim. Agora, para qualquer coisa, é nhá Romana; nhá Romana é pra tudo. Se eu estivesse de cama queria ver." Levantou-se resmungando, foi à janela, abriu-a: a lua, recortada em minguante, luzia entre nuvens grossas.

Elecravou os cotovelos na janela e, com o rosto nas mãos, ficou a olhar o céu, falando como se mandasse uma queixa ao astro lento e nevado que olhava do alto: — "Mato-me aqui de dia e de noite trabalhando para ter descanso e é isto.

"Que é que ela ganha com essas coisas? Doenças, cabelos brancos e, ainda por cima falam que é feiticeira. Bem que eu sei. Na frente muita coisa, mas eu bem sei o que é que se diz por aí à boca pequena. E que não vá! Como se ela tivesse obrigação, para ver só como lhe caem em cima com pragas. Ninguém quer saber se é velha, se está doente. É nhá Romana pra aqui, nhá Romana pra ali, com sol, com chuva, de noite".

Calou-se, com os olhos fitos num ponto, impressionado com um ruído que ouvira, um leve cascalhar como de folhas secas pisadas. Ariscamente, saindo do mato, um vulto veio chegando devagarinho, de rasto, como sondando o caminho. "Uai! Murmurou surdamente o caboclo — querem ver que é porco...?" "Olhava, de olhos apertados, atentando curiosamente — o vulto avançava tímido, parando à espreita. "Porco não é, parece mais paca..." De repente bradou: "Passa!" E, rápido, com um seco estrépito<sup>307</sup>, o animal desapareceu no mato. Thomé bocejou, fazendo

---

<sup>307</sup> Ruído estrondoso.



com o polegar uma cruz diante da boca aberta e fechou a janela disposto a deitar-se. Chamou os cães e caminhou para o quarto.

De pé, ia despir o casaco de brim, mas hesitou, baixando os braços, os olhos na Virgem. Os cães farejavam os cantos, metiam-se por baixo da cama, iam e vinham como à procura de um rastro. Thomé encheu o cachimbo, acendeu-o e sentou-se no beiral da cama, fumando, sem ânimo de deitar-se. Uma camisa de Romana, pendurada à parede, movia-se lentamente; esteve muito tempo com os olhos nela, distraído. Súbito levantou-se; abriu uma gaveta, remexeu e tirou uma faca. À luz da lamparina, examinou a lâmina, experimentou o gume e a ponta na palma da mão, e escondeu-a depois debaixo do travesseiro, deitando-se então, vestido, com os cães defronte, guardando-o.

O sono venceu-o; mas, um dos cães, coçando-se, acordou-o sobressaltado com o toc-toc no soalho. Sentou-se às pressas, esgazeado<sup>308</sup>, atônito, correndo os olhos pelo quarto, e o animal, como se compreendesse a sua culpa, aproximou-se humildemente do leito, agachado, rastejando; Thomé repeliu-o a pontapés: "*Sai, Boca-negra! Sai!*"

O cão afastou-se corrido e a cadela acompanhou-o. A lamparina crepitava. "Que horas serão, meu Deus?!" Levantou-se, passou à sala e viu o vidro do lampião tismadoe partido. Procurou o gato atribuindo-lhe o incidente, mas o bichano, enroscado a um canto sobre um monte de palhas, dormia. "Foi ar, com certeza", disse. O vento, fora, soprava com fúria. Descerrou a janela—era ainda noite negra, a lua ia alta no céu. E Romana que não aparecia! Debruçou-se e pôs-se a cantarolar baixinho uma modinha do sertão. Súbitas pancadas estalaram perto e um galo cantou demoradamente, outro respondeu,

Sahyra respirou aliviado — era a manhã que vinha. Abriu a porta, enxotou os cães: "Passa fora!" Os animais saíram atropeladamente.

Já agora...! Suspirou fechando, de novo, a janela. Sentia fome; tomou a candeia de folha, acendeu-a e foi à cozinha, não sem receio, lançando olhares à direita e à esquerda.

Um ruído precípite<sup>309</sup>, como se amarrotassem papel, fê-lo deter-se um momento, hesitante. "Passa!", bradou e, como voltasse o silêncio, penetrou a cozinha de telha vã<sup>310</sup>.

---

<sup>308</sup> Desnorteadado.

<sup>309</sup> Rápido, veloz.

Dos caibros, negros da fuligem, pendiam cordas com ganchos para as linguças, para o lombo; num bambu atravessado estava a manta de carne. À luz fraca e trêmula da candeia bailavam nos muros sombras extravagantes.

Thomé Sahyra acocorou-se diante do fogão de barro, puxou uma acha e soprou-a — a cinza voou e a brasa apareceu mortiça. Foi à prateleira, retirou um boião<sup>311</sup>, sacudiu-o e, sentindo, no sacolejo, que tinha alguma coisa, pousou-o na chapa e pôs-se a atiçar o fogo. As brasas reacenderam-se e enquanto o café aquecia, foi ver a caneca, o açucareiro e um pedaço de rosca no armário. Pronto o café veio saboreá-lo na sala passeando.

Os galos amiudavam. Abriu a porta e, diante do céu embaceado, onde as estrelas minguadas esmoreciam, bocejou alto estirando molemente os braços.

A névoa flutuava quase ao rés<sup>312</sup> da terra fugindo branda ao sopro fresco da brisa: pássaros piavam e, dos ramos, das folhas das árvores molhadas, gota a gota, lentamente, o orvalho pingava. Os cães rondavam a porta. Thomé saiu para o terreiro aspirando, a plenos pulmões, o ar puríssimo e frio, contente com a luz que vinha aparecendo no céu vermelho que se desanuviava. Mugiam os bois lembrando-se para que os soltassem; ele foi subindo vagarosamente, caminho do cercado, abriu a porteira e tocou os animais: quatro bois, um bezerrote e a vaca pesada, com o ventre enorme, os úberes pojados<sup>313</sup>. Cabras e carneiros saíram em lote e, conhecendo o caminho do pasto, subiram a colina a correr, através da erva úmida e cheirosa espantando as rolas, que voavam ruflando as asas.

Pôs-se a olhar os animais com enternecimento, mas tornando à casa, tomou a chave do paiol, encheu uma medida de milho, e pipiricando<sup>314</sup> às aves pôs-se a atirar mancheias<sup>315</sup> de grãos. Surgiram de todos os cantos, correndo, voando das árvores, galinhas, frangos, ninhadas de pintainhos, patos e os galos, debicando, raspando a terra, cacarejavam chamando as retardatárias.

O céu, dourado e sanguíneo, iluminava-se. Já os montes longínquos tinham uma bruma amarela, a luz estendia-se pelos campos, vinha chegando rápida até que o astro enorme assomou, fulgurante, no mais alto da serra alumando a paisagem larga. Um cheiro acre de capim misturava-se com o perfume suave das

---

<sup>310</sup> Oca.

<sup>311</sup> Recipiente em forma de barril, para guardar mantimentos.

<sup>312</sup> Rente.

<sup>313</sup> Cheios de leite.

<sup>314</sup> Chamar as galinhas.

<sup>315</sup> Quantidade que se pode abranger com a mão; mão-cheia, punhado.

açucenas abertas e, pela estrada, larga e branca, onde ainda não chegara o sol, sob a frescura dos ramos inclinados, uma tropa de mulas desfilava com um alegre tinir de campainhas.

Thomé procurava no terreiro um sítio de repouso, mas o orvalho molhara o banco e as pedras, as árvores gotejavam ainda. Recolheu-se então, abriu todas as janelas, apagou o lampião que esmorecia e deitou-se. O sol estendeu-se-lhe pela cama aquecendo-a e dourando-a e, quando Romana apareceu, encontrou-o pesadamente adormecido sem sentir o sol que lhe dava em cheio no rosto. "Eh! Eh! Thomé!"

Ele acordou estremunhando<sup>316</sup>, sentou-se tonto, fechando os olhos, esfregando-os, ofuscado pela grande luz. Vendo-a, porém, queixou-se molemente: — "Que não dormira um minuto durante a noite; estava que não podia." E ela, suspirando, contou-lhe os trabalhos que tivera com Petronilha: que perdera as forças e só de manhãzinha conseguira ter a criança, um menino que parecia de mês, grande e forte. Deixara tudo pronto e ia encostar um pouco a cabeça. Ele levantou-se espreguiçando-se e Romana, vendo-o sair, perguntou: "Onde você vai?"

— Botar alguma coisa no fogo. Você está cansada; dorme.

— Ora deita, já fiz tudo. Você pensa que cheguei agora? Mas riu, dizendo logo, a desabotoar o paletó: — Justa veio comigo, está aí, ela arranja tudo, dorme. Fechando a janela pôs o quarto numa penumbra sonolenta e, em camisa, deitou-se. Thomé bocejava, moído; esteve algum tempo quieto, estirado, os olhos no teto, mas não podendo conciliar o sono, levantou-se e saiu. Romana dormia profundamente.

Os terrores de Thomé Sahyra cresciam à proporção que os anos lhe chegavam. Mal permitia à Romana que o deixasse um instante, sempre desconfiado, a ouvir falas, com superstições e agouros, tremendo se um besouro atravessava a sala zumbindo, se um beija-flor estonteado entrava no quarto, se rolas vinham cantar no telhado, se os cães uivavam à noite. Quando o céu enegrecia, carregado de nuvens tormentosas, subia para a cama, embrulhava-se no cobertor, balbuciando, tremendo, orações contra o raio. Romana irritava-se:

— Você está perdendo o juízo, homem de Deus! Que coisa! É só pensando em morte. Nem que eu tivesse empenho em te enterrar vivo. Até parece

---

<sup>316</sup> Desorientado.

caduquice. Pois olha: eu sou mais velha do que você e a minha cabeça está direita, graças a Deus.

Quando os trovões retumbavam, ele, em voz baixa e surda, pedia à Romana que enxotasse os cães, não queria um só perto de casa porque atraíam *aquilo*; não dizia "raio" receoso de que o fogo do céu acudisse ao nome: tremia ao estrépito das descargas elétricas e só descansava quando os aguaceiros jorravam copiosamente e as trovoadas, distanciando-se, ensurdeciam num rumor de carros rodando ao longe, em pontes.

Ja para os sessenta anos; alquebrado e enfermo, pedia insistentemente um padre: queria confessar-se e comungar, tinha medo de morrer em pecado e, do mais fundo da sua mocidade, vinha-lhe sempre a lembrança sinistra do crime: a facada que dera no negro Silvino Péba.

— Vamos num domingo à igreja, Romana; não custa. A gente sai daqui de manhãzinha, devagar, e volta antes do meio-dia.

— Pois sim, concordava a companheira; mas, chegado o dia, ele era o primeiro a queixar-se de dores, fraqueza nas pernas. "O melhor era pedir ao vigário que o fosse ver, ele nem podia andar, cansava logo".

Tinha, às vezes, crises de choro à mesa, na cama, e, às consolações de Romana, respondia desalentado: "que estava perdido, sentia tantas dores pelo corpo, tamanha fraqueza... Ah! Romana, minha velha, mas não é da morte que eu tenho medo, não é da morte, não, você bem sabe."

— Que coisa, homem. Você parece que desconfia de mim! E ele, acabrunhado:

— A gente saber que vai para uma cova vivo, meu Deus! Antes acabar na ponta de uma faca...

— Já você começa ...

— Mas é verdade, minha velha. É porque você não sabe. Eu digo do coração: antes acabar na ponta de uma faca. Discutiam e Romana, para distraí-lo, punha-se a falar do que haviam de fazer na roça, e ele, suspirando, magoadamente: — "Ai! Que nem para limpar um cafeeiro tinha forças; os braços já não podiam."

Efetivamente a plantação, abandonada, murchava ao sol, a erva de passarinho agarrava-se mortalmente aos ramos, o mato crescia nos canteiros da

horta, no cafezal, invadindo a leira<sup>317</sup>. Já no terreiro apontavam rebentos de vassourinha<sup>318</sup> e carqueja<sup>319</sup> e o juá<sup>320</sup> espinhoso, com os seus frutos de ouro, nascia encostado aos muros da casa. Romana ainda cuidava das laranjeiras mais próximas, mas não se sentia com ânimo de trabalhar de enxada na terra dura, ressecada pelas soalheiras<sup>321</sup>.

Thomé, sentado tristemente no banco do terreiro, lançava os olhos pela terra em torno, meneando a cabeça branca num grande desânimo, à vista da ruína do seu trabalho. A erva brava reivindicava o seu antigo terreno, como se raízes houvessem ficado, durante o longo prazo dos anos férteis, quietas, adormecidas, alheias ao apelo do sol, à espera do momento oportuno de saírem a flux<sup>322</sup> invadindo, palmo a palmo, o alqueive<sup>323</sup> abandonado.

Os milhos, já mortos, pendiam ressequidos, o feijoal sumira, as aboboreiras ainda lutavam alastrando acima dos arbustos, com exuberância, num desespero de vida, aderinho à leva agreste que vinha matando as sementeiras. O gado pastava sobre os canteiros da horta, transformada em capinzal.

Romana propôs uma manhã a venda dos bois e dos carneiros que envelheciam sem utilidade, destruindo-lhes os cercados, fatigando-a quando se embrenhavam pela mata, forçando-a a ir buscá-los nos caminhos intrincados onde as juremas<sup>324</sup>, ouriçadas de espinhos, lhe rasgavam a carne e as roupas. Thomé deu de ombros, indiferente:

— Que vendesse. Assim como assim, se haviam de morrer ou de fugir... Que vendesse. E, um a um, partiram todos os animais, antigos companheiros, deixando em silêncio a várzea e deserta a encosta da colina, onde os dois velhos já se haviam habituado a vê-los pastando ao sol, muito juntos, em rebanho. Ficaram apenas as cabras, os cães e as aves que reproduziam.

A saudade do trabalho levava, às vezes, Thomé Sahyra a tecer um chapéu, um cesto; raramente, porém, rematava a obra caindo em prostração, a suspirar, de olhos perdidos. Romana, já sem vista para trabalhos delicados, esquecer a sua almofada de crivo e dedicava-se inteiramente ao preparo de remédios, catando

<sup>317</sup> Canteiro, onde se deposita a semente.

<sup>318</sup> Nome popular de planta da família das escrofulariáceas, que serve para compor vassouras.

<sup>319</sup> Planta medicinal.

<sup>320</sup> Planta, juazeiro.

<sup>321</sup> Hora do calor mais intenso.

<sup>322</sup> Em jorros abundantes.

<sup>323</sup> Terra lavrada.

<sup>324</sup> Árvore nativa na extensão do estado do Rio de Janeiro ao Pará.

ervas nos montes, à beira d'água, nas grotas, cavando raízes e tubérculos e, como as suas queixas suspiradas davam a perceber a pobreza em que vivia, os que a procuravam faziam questão de pagar as suas orações e mezinhas<sup>325</sup>. "Não senhora, nhá Romana, vancê precisa. Justiça é justiça, vancê trabalha, é natural". E ela, bondosamente, sem fazer preço, recebia o que lhe davam em dinheiro, em presentes, e ia acumulando como se antevisse futuros dias de miséria e doença, com o companheiro prostrado, incapaz de um esforço, buscando o sol, sempre taciturno.

Junho entrava, frio e tempestuoso. Thomé Sahyra, tiritando, agachado diante da brasa, as mãos estendidas acima do lume, batia os dentes; Romana, arrastando os passos, com uma perna enorme, inchada de erisipela, cuidava da casa, e os dias, regelados e sombrios, passavam monotonamente, quando, uma noite, zunindo fora os ventos, ela acordou, violentamente agarrada na coxa pelos dedos crispados de Thomé Sahyra.

A luz da lamparina bruxuleava; ela voltou-se bruscamente no leito, sentou-se assustada e, à meia claridade, olhando o companheiro, perguntou:

— Que é isso?

Mas, vendo-o de olhos dilatados, a boca aberta, o rosto contraído, arquejando, pôs-se a chamá-lo, sobressaltada:

— Thomé! Thomé! Que é que você está sentindo?

Ele abriu a boca, agitou a cabeça no travesseiro e, rolando os olhos com ânsia, empinando o ventre, procurando-a com um olhar súplice, os lábios trêmulos, grugrulejou, com a língua flácida e trôpega, tartareios<sup>326</sup> soprados, balofos, procurando levantar o braço, que lhe caía impotente e mole. Os dedos, aduncando-se, arrepanhavam os lençóis.

Aterrada, a cabocla saltou da cama descalça, acendeu uma vela, indo precipitadamente para junto do enfermo. Dando com a luz, Thomé Sahyra abriu escanceladamente os olhos espavoridos e entrou a sacudir-se na cama com ânsia, emitindo, aos arrancos, um ahn! ahn! de choro. Os ventos impeliam as portas e sopravam fora com um uivo dolorido e longo de matilha danada. "Thomé! Thomé!"

Ele olhava fito, a boca aberta, e ela, compreendendo o grande sofrimento que ele não podia exprimir, tolhido como estava, inclinou-se, abraçou-o e falando-lhe com ternura: — Deixa estar... Deixa estar... Já sei que é, meu velho. E ele, sempre a

---

<sup>325</sup> Remédio caseiro.

<sup>326</sup> Ato de pronunciar as palavras de forma confusa e incompreensível.

gemer agoniado, balançando a cabeça: "ahn! ahn! ahn!" Mas os movimentos foram retardando; cerrou os dentes, sempre de olhos abertos, os braços estendidos ao longo do corpo.

Romana ficou a contemplá-lo e, baixinho, como se falasse à própria alma, dizia:

— Ah! Meu Deus! Que moléstia! Que moléstia, coitado! Bem que ele desconfiava. Já o julgava quieto, caído em torpor, quando Sahyra sacudiu-se todo, num estremeção, com um gargarejo áspero, e ficou. As pálpebras foram baixando lentamente; fecharam-se. Romana, de pé, olhos fitos, assistia, muda, à cena trágica, mas as lágrimas subiram-lhe em borbotão aos olhos e, para que o companheiro não a visse chorar, soprou a vela. Sentou-se à beira da cama, carinhosamente levantou os pés de Sahyra, embrulhou-os no cobertor, cobriu-o com o xale, endireitou-lhe a cabeça no travesseiro, olhou-o ainda uma vez e saiu para a sala, pé ante pé, suspirando.

O gato ia e vinha pela casa, resbunando<sup>327</sup>; as bâtegas<sup>328</sup> de chuva rufiavam nas janelas e na mata as árvores, abaladas pela ventania, enchiam a noite de estrondoso rumor.

— Ah! Minha Santa Virgem do céu, pelas chagas de Vosso amado Filho, fazei com que ele melhore depressa. E, na porta do quarto, de modo que o companheiro não a visse, ajoelhou-se abrindo os braços nos umbrais e, de mãos postas, fitando de longe a Conceição que resplandecia no seu oratório, iluminada pela lamparina, pediu: Minha Santíssima Virgem, pelas Vossas sete dores, pelas Vossas lágrimas, pelo Vosso padecimento no Calvário, tende piedade de nós! Faizei com que ele melhore e eu, Santa Mãe, mesmo sem vista como estou, prometo bordar para os Vossos sagrados ombros um manto...

As lágrimas escorriam-lhe grossas pela face e ela, a cabeça derreada, os cabelos brancos desfeitos, voando em farripas<sup>329</sup>, calou-se aterrada vendo, na parede do quarto, a sua grande sombra trêmula, na postura devota da prece em que estava. Levantou-se lentamente, preocupada com Thomé, para que não ficasse impressionado e, querendo animá-lo, contendo os soluços, entrou no quarto, dizendo alto, para que ele ouvisse e descansasse: — Coitado do meu velho! Deus

---

<sup>327</sup> O mesmo que ronronar.

<sup>328</sup> Pancadas de chuva, aguaceiro.

<sup>329</sup> Fio muito finos, fiapos.

permita que isto passe até amanhã. Há de passar, tenho fé na Virgem. Inclinou-se, beijou-o na fronte gelada.

Vibrantemente, através da zoadá do vento na grande noite tormentosa, um galo bateu asas e cantou.

### III

Fora-se a noite tempestuosa. Os ventos haviam amainado, uma chuva fina molhava os campos. Os montes longínquos mal se acusavam indistintamente, em tons apagados, como através da lâmina de um vidro fosco. Frio áspero.

Romana, sentada à mesa, o rosto nas mãos magras, fitava o soalho pensando em Thomé que dormia o grande sono, hirto e frio como um cadáver. Ardia ainda, lívida e mortiça, a candeia de folha posto que, pelas frinças da porta, já entrasse uma claridade baça. Duas botijas cheias de águaquente aqueciam os pés regelados do caboclo, duas outras aqueciam-lhe os flancos, só o rosto aparecia macilento<sup>330</sup>, cavado, dentre os lençóis e cobertores. De quando em quando, em pontas de pés, ela entrava no quarto, espiando o companheiro: ficava um instante, parada, enternecida, diante do leito, e falava, como se ele pudesse ouvi-la:

—Pobre do meu caboclo, coitado! Vejam só que moléstia! E logo agora, com este tempo frio, sem um bocado de sol. Beijava-o carinhosamente, sentindo a frialdade da fonte, metia devagar a mão por baixo das cobertas para tomar a temperatura do corpo: era fria de gelo, apenas os pontos atingidos pelas botijas tinham um calor forte: junto às costelas, nas plantas dos pés; mas o ventre túmido, as pernas secas, o peito cavado estavam frios, como de pedra, apesar das cobertas.

— Ah! Meu Deus! Como ele está gelado! Que é que eu hei de fazer? Também está tão frio, de mais a mais com esta chuva que não cessa. Pensou em acender um fogueiro no quarto e, resoluta, foi à cozinha, trouxe um velho tacho, encheu-o de gravetos e, junto da cama, ateou o lume. A fumaça, subindo da lenha que ela, ajoelhada, soprava, ia invadindo o aposento abafado, tornando o ar denso, irrespirável, asfixiante; ela ergueu-se tossindo sufocada e entreabriu a janela para que o fumo saísse.

---

<sup>330</sup> Magro, abatido.



A luz da manhã, sem brilho, alumiou, num tom de crepúsculo, o aposento — a cabeça de Thomé Sahyra, afundada no travesseiro, ficou à sombra das cobertas, imóvel.

— Coitado! Essa fumaça pode até incomodá-lo. A lenha crepitava, uma chama viva e alegre levantou-se e o fumo ficou reduzido a um filete que fugia pela fresta da janela por onde, de vez em vez, em lufadas, entrava o ar gelado dos campos.

Apesar da fogueirinha, Romana sentia mais frio no quarto.

— Ora! De que serve isto se o vento entra pela janela? Só faz encher o quarto de fumaça, não vejo mudança nenhuma. Tomou o tacho pelas alças e levou-o. Na sala pôs-se a suspirar: Ah! meu Deus! Pois não há de haver um remédio para uma coisa assim? Há de uma criatura ficar esse tempo todo, estendida na cama, como morta, sem comer nem beber e a gente, de braços cruzados, sem poder fazer nada? Se houvesse um doutor ... Mas quem? Pôs-se a varrer a casa, abriu a porta e, diante do terreiro encharcado, apoiando-se ao cabo da vassoura, insensível à chuva miúda que lhe fustigava o rosto, ficou de pé, de olhos nas árvores da mata, reluzentes de água. As galinhas, molhadas, friorentas, acolhiam-se à beira da casa, tiritando: os cães sacudiam-se fazendo espirrar a água do pêlo. Nem um pássaro no ar, como se todos houvessem morrido durante a terrível noite de aguaceiro e vento. Suspirou por fim, em desabafo, e, encostando a vassoura a um canto, foi à cozinha fazer fogo, aproveitando as brasas do tacho que fumegava no meio da sala.

As galinhas e os cães entraram, procurando aconchego e calor, e Romana, com pena, deixou-os, enxotando-os para a cozinha, para que não sujassem o soalho da sala e lá espalhou o milho, atirou o angu aos cães e pôs-se a socar o café enquanto a água fervia.

Interrompeu-se um momento: parecera-lhe ter ouvido a voz de Thomé, muito fraca, chamando-a. Prestou atenção: uma cabra berrava na colina de instante a instante e os cães rosnavam, defendendo os seus quinhões: — "Fica quieto, *Boca-negra!* Pôs-se de novo a socar o café, mas com a atenção voltada para o quarto, à espera de um novo apelo e, repentinamente, decidindo-se, saiu, pé ante pé, e foi espiar o adormecido.

Thomé continuava imóvel, sob as cobertas em monte. Chamou-o, falando-lhe muito perto do rosto:

— Meu velho! Thomé? Você me chamou? Ficou à espera — debalde: o caboclo conservava-se imóvel, hirto e frio. Desanimada, encolhendo os ombros, saiu do quarto. Qual! Desta vez parece que ainda é pior. Nem sinal! A água fervia aos borbotões.

Feito o café, sentou-se desalentada e esteve largo tempo com a caneca na mão, como esquecida, sem sorver um gole, a olhar vagamente, meneando com a cabeça de vez em vez, a acompanhar o pensamento; por fim, suspirando, pôs-se a beber o café, lentamente, distraída. Há de ser o que Deus quiser! Suspirou. Já fiz tudo que estava nas minhas mãos... agora... Lembrou-se de esfregar o corpo do companheiro com uma infusão forte de gengibre, mas prevaleceu a ideia das botijas e pensando nelas ergueu-se: É verdade, a água já deve estar morna. Encheu uma grande chaleira e passou ao quarto. O corpo continuava gelado. Qual! Não esquenta... Não sei mais que hei de fazer. E o dia passou em angustiada expectativa — ao menor ruído, Romana corria ao quarto, espiava, curvando-se sobre o companheiro, apalpava-o: Qual!

À noite, estendeu a esteira aos pés do leito, deitou-se, mas tão preocupada que, de instante a instante, acordando em sobressalto, lançava os olhos à cama: uma vez mesmo perguntou: "Que é?" E levantou-se, mas Thomé continuava rígido.

Amanhecia, raios de sol conseguiram atravessar as nuvens pesadas que forravam o céu; pássaros surgiam cantando e os montes, lavados, muito azuis, destacavam-se fortemente da paisagem rasa, de um verde fresco e alegre de ervas novas.

— Agora, sim, pode ser que ele melhore com o sol, coitado! O dia, porém, passou em esperança sem que ela se descuidasse das botijas e de cobri-lo.

Já parecia resignada posto que, de momento a momento, parando em meio da casa, deixasse escapar uma frase de dúvida terrível: "Mas... Tanto tempo assim...! Da outra vez não levou um dia, num instante ficou bom. Que coisa!" Mas cuidava do serviço, saía ao terreiro, não se distanciando para poder ouvir o chamado de Thomé quando ele acordasse.

Eram já passados quatro dias quando Romana, entrando no quarto, de manhã, para substituir as botijas, notou certa umidade no corpo de Thomé Sahyra e parou, examinando as mãos, espantada.

— Uê ! Parece que ele está suando. E é suor mesmo, coitado! Quem sabe se não está para acordar?! Como os dias eram de sol, ela atribuía ao bom calor vital o

renascimento das forças e o degelo do sangue nas veias. Alegrou-se e mais redobrou de cuidados. Se eu pudesse arranjar alguma coisa para esquentar mais ele... Para mim ele ainda está assim por causa do frio. Mas que é que hei de fazer? Não tenho mais nada para botar em cima dele.

Apesar da certeza de que ele despertaria nesse dia, a noite estrelou-se sem que Thomé fizesse o mais leve movimento no leito. Romana deitou-se e, em camisa, com o seu rosário, fazia a oração encarada na imagem da Virgem, quando sentiu um cheiro estranho de coisa azeda; pôs-se a farejar voltando a cabeça de um para outro lado, aos fungos:

— Que é que está cheirando assim que nem coisa podre!? Franzia o nariz, dilatava as narinas: Isso não passa de arte de *Boca-Negra* que trouxe algum bicho morto aqui pra dentro. Ajoelhou-se na esteira, espiou debaixo da cama, sempre fungando, a murmurar contra o cão. Bicho danado! Foi ele! Por fim deitou-se. Mas o cheiro impunha-se, insuportável. Cobriu a cabeça, nem assim pôde conciliar o sono e levantou-se murmurando contra os cães: Pestes! Vejam só isto... Nem se pode dormir com um fedor assim. Amanhã vocês me pagam.

Tomou a candeia; vagorosamente, pacientemente, pôs-se a examinar os cantos da casa, espiando debaixo dos móveis, sem nada descobrir. Tornou ao quarto e, de pé na esteira, farejando, disse: A coisa é aqui... Diabos! Deitou-se, mas só pela manhã conseguiu adormecer, cansada.

Logo ao despertar, abriu todas as portas e janelas ao sol e, canto por canto, com cuidado, percorreu a casa à procura do animal podre que os cães haviam trazido dos matos. Na sala parou um instante, de olhos levantados:

Quem sabe se não morreu algum bicho no forro ou debaixo da casa? Mas como é que eu hei de dar com ele? Seja tudo pelo amor de Deus! Resignada, encheu um testo<sup>331</sup> de brasas, espalhou sobre elas alfazema e açúcar e andou pela casa defumando-a. Feito isto, foi cuidar de Thomé.

— Ainda não, hein, meu velho? Falou enternecida, junto ao leito. O quarto, fechado, estava escuro e úmido e o fartum<sup>332</sup> tresandava<sup>333</sup>. Romana, entretanto, não parecia senti-lo. Curvou-se e puxava as cobertas quando um enxame de moscas voejou, levantando-se do rosto de Thomé. Enxotou-as, primeiro com a mão, mas os insetos, zumbindo, voavam por perto, voltando logo a assentar. Romana

<sup>331</sup> Tampa de um recipiente, geralmente de um tacho ou de uma panela

<sup>332</sup> Cheiro desagradável de alguns animais, fedor.

<sup>333</sup> Exalava mal cheiro.

tomou então uma toalha e pôs-se a sacudi-las, pensando levá-las até a porta, mas, quando tornou ao leito, já as moscas lá estavam. Enfureceu-se, abriu uma gaveta e, tirando um lenço, estendeu-o sobre o rosto do adormecido. Depois, mergulhando as mãos por baixo das cobertas, procurou as botijas, mas retirou os dedos apressadamente:

— Uê! Querem ver que estão vazando? Que água é essa? Sentia os dedos peganhentos, viscosos, como molhados em goma. Instintivamente cheirou-os, soprando, enjoada com o fétido que exalavam. Então! Era coisa podre que estava nas botijas. Eu bem dizia.

Cuspiu e pôs-se a retirá-las todas, com pressa, indiferente à umidade que ia encontrando, e punha-as no chão, perto da cama, uma a uma.

— Eu bem dizia que o cheiro era aqui. Eu bem dizia. Foi bicho que entrou nelas... Estavam abertas. A exalação tornava-se mais forte, saía em grandes bafoes debaixo das cobertas. Romana levou as botijas do quarto, atirando-as pela janela, ao terreiro. A casa tresandava.

Romana, numa grande preocupação de asseio, correu-a toda, sacudiu as prateleiras da cozinha, mas sentindo sempre o cheiro, lembrou-se de mudar a roupa da cama que devia ter ficado suja. De instante a instante, enchendo-se-lhe a boca de água, cuspinhava. — Mas como ficou a casa tomada, meu Deus! O melhor é mesmo mudar toda a roupa da cama para o coitado não ficar naquela imundície. Encostou a vassoura a um canto e caminhou para o quarto.

Entreabriu a janela, um raio de sol penetrou, alumando frouxamente o aposento. Romana estendeu a esteira, forrou-a com lençóis, foi à arca tirar a muda de roupa e acumulou-a sobre uma cadeira: lençóis, fronhas, colchas.

Parada diante do leito esteve a pensar endireitando os cabelos que lhe caíam pelo rosto esguedelhados<sup>334</sup> e mediu as suas forças antes de atrever-se a carregar o adormecido, mas animou-se:

— Não, ele não pode ficar assim. Isso até faz mal. Avançou, arregaçando as mangas do casaco. Vamos, meu caboclo: tem paciência. É para teu bem. Começou a tirar as cobertas, mas com a ideia de que a correnteza de ar podia fazer-lhe mal, quente, como ela o julgava, da cama, decidiu fechar a janela. Pôs-se então a retirar as cobertas, uma a uma, vagarosamente, falando sempre: Pobre de mim, sozinha

---

<sup>334</sup> Desgrenhados.

com uma coisa destas. Quando apenas havia sobre Thomé um leve lençol, agachou-se e, metendo os braços por baixo do corpo, amparou-o pelo tronco e pelas coxas, experimentando levantá-lo. O corpo, úmido, mole, vergava; de frio regelava-lhe os braços nus e umedecia-os. Lentamente, com esforço, levantou-o da cama; a cabeça, sem apoio, tombou para as costas. Moscas voavam estonteadamente com grande zoeira; o lenço escorregou, ficando o rosto descoberto. Vamos, meu velho, tem paciência...

Com toda a força dos braços ergueu-o e, agachando-se vagarosamente, já o tinha quase na esteira, ia a dobrar um joelho quando, perdendo as forças, caiu com o corpo, que bateu no soalho surdamente.

— Ah! Minha Mãe do Céu! Apesar de ter ido com a cabeça de encontro à canastra, não se deu por sentida, preocupada com o companheiro: Coitado! Coitado do meu velho! Vão ver que se machucou. Que caiporismo<sup>335</sup>, meu Deus!

Solícita, querendo ver se o magoara, abriu a janela francamente e o sol inundou o quarto. Ajoelhando-se diante de Thomé Sahyra, vendo-o à grande luz, ficou assombrada, de olhos abertos, imensamente abertos e fitos. O rosto do adormecido estava quase todo denegrido, das narinas apertadas, da boca entreaberta, escorria-lhe uma baba espumosa e, por entre as pálpebras, um líquido fugia, cor de resina; toda a face exsudava<sup>336</sup>. A cabocla olhava aterrada; ergueu-se muda, lançou os olhos à cama desfeita e viu-a toda molhada no lugar do corpo, exalando putridamente<sup>337</sup>.

Agoniada, com uma indizível expressão de medo e sofrimento, andava com os olhos, do companheiro para a cama; de repente, numa resolução súbita, ajoelhando-se, com os dedos incertos, pôs-se a desabotoar a camisa de Thomé e viu-lhe o peito fundo, com a ossaria em aduelas<sup>338</sup> salientes, manchado e fétido, o ventre alto, túmido, também coberto de placas arroxeadas, o pescoço quase negro; e as moscas zumbiam em enxame, fugindo, voltando teimosamente como se lhe disputassem o companheiro; ela enxotava-as e, num pavor, olhando o corpo, pôs-se a dizer torcendo as mãos:

— Como há de ser?! E agora?! Como há de ser?! Voltou-se para a imagem da Virgem a pedir-lhe conselho e misericórdia, mas aflita, abotoando a camisa do

---

<sup>335</sup> Azar.

<sup>336</sup> Transpirava.

<sup>337</sup> Odor podre.

<sup>338</sup> Em formato de arco.

adormecido, pôs-se a limpar a sânie<sup>339</sup> que lhe escorria das narinas e dos cantos da boca. Como há de ser?! Eu não sei que é isto: um mau cheiro assim, essa baba, essa roxidão, e frio, frio... Apalpava-lhe os pulsos: as veias não latejam mais, o coração não bate, e está tudo parado. Eu não sei... Pobre de mim. Coitada da gente, meu Deus!

Quedou imóvel, estática, olhando. De sopetão, com voz surda, disse, num arranco: Morto! Os olhos andaram vagamente pela casa e fixaram-se na imagem, súplices; ajuntou as mãos, repetindo: Morto! Mas meneou com a cabeça e tão desesperadamente que se lhe soltaram os cabelos brancos: Não! Não! Ele falou sempre... Pediu sempre. Não! Earquejava. Da outra vez foi assim mesmo, ficou que nem morto. Isto pode ser da doença, mas morte não é. Não está morto, não! Tá não... Tá não... Ergueu-se desesperada: Como há de ser para eu saber, minha Virgem?! Eu nem sei que é que ele tem. Está todo roxo, frio, não bole... E este cheiro assim. Como é que eu vou ficar sozinha com ele neste estado? Mas se eu chamar uma pessoa há de dizer que ele está morto, porque ninguém sabe da moléstia, há de querer que ele seja enterrado... Isso não, eu prometi; eu sei que ele acorda. Deus há de permitir...

Saiu estonteada, foi à sala. Um dos cães, que entrara, apareceu no quarto e pôs-se a andar em torno do corpo, farejando-o, a rosar.

— Sai, *Boca-Negra!* Vai-te embora! E, com um pau, enxotou-o. Estava desatinada. Da janela, lançava os olhos aos caminhos e vendo, ao longe, uma cabana, lembrou-se de ir implorar socorro, mas recordando-se da promessa que fizera ao companheiro, meneou com a cabeça negativamente: Qual! Se vier gente aqui, eu sei... Não! Ele pediu, há de ser o que Deus quiser. Eu fico com ele. Deus me livre! Para o pobre acordar debaixo da terra e me amaldiçoar. Nem é bom pensar em semelhante coisa... Nossa Senhora! Um suspiro arrancado saiu-lhe do peito: Valha-me Deus! Uma pobre mulher como eu, que não entende de nada... Tornou ao quarto devagar e, vendo o corpo coberto de moscas, sacudiu-as freneticamente: E esses diabos que não deixam o coitado. Sai, porcaria...! E pôs-se a sacudir o lençol que arrancara da cama. O mau cheiro desenvolvia-se e ela, sentindo a umidade viscida<sup>340</sup> do lençol que lhe roçara pela face, precipitou-se para uma toalha e, tomando-a, esfregou-se enjoada. Depois, voltando o colchão, bateu-o

<sup>339</sup> Líquido resultante do processo de apodrecimento.

<sup>340</sup> Viscosa.

e pôs-se a fazer a cama com a roupa limpa, esticando-a muito: Seja como for, nem que me custe a vida, eu hei de cumprir até as últimas o que prometi. Pode ser que ele esteja morto, mas... E se estiver dormindo? Não! Não se morre assim. Eu tenho visto muita gente morrer, mas assim nunca vi. Não se morre assim. A morte dói, a gente não morre sem gemer. Suspendeu o que fazia, e cruzando os braços, os olhos na parede, meneando com a cabeça, recordava a noite trágica, as ânsias de Thomé, o seu olhar cheio de angústia, os movimentos agoniados que fizera. Não, não pode ser, a morte dói, a morte dói... Carregou o sobrolho e, como se respondesse a alguém, disse: Como não dói?! Então eu não tenho visto! Quanta gente eu tenho ajudado a morrer: gente grande, crianças, tudo... Como não dói? Porque é que eles choram na hora da morte? Como não dói?! A morte dói, uai... Pôs-se de novo a trabalhar, enfronhando os travesseiros. Pronta a cama, arregaçou as mangas do casaco e, com um suspiro, agachou-se diante do corpo, apanhou-o nos braços e, em dois arrancos, procurou levantá-lo, mas faltaram-lhe as forças. Veio-lhe, então, uma crise de desânimo e de piedade; as lágrimas escorreram-lhe dos olhos, os soluços sacudiram-na. Ah! Meu Deus, coitado! Meu pobre caboclo! Tão bom... Tão bom e sofrendo tanto!... E eu sem poder fazer nada, sem uma pessoa para me ajudar. As lágrimas pingavam sobre o corpo hirto do companheiro. Saiu um instante à sala; o sol doirava o arvoredo; as galinhas, estranhando a demora da ração, juntavam-se no terreiro, mariscando, e os cães, com fome, vendo Romana à janela, levantaram os olhos meigos, acenando com as caudas, ganindo, rosnando.

Ela nem os via, a chorar, e esqueceu-se muito tempo à janela em dolorido êxtase. Valha-me Deus! Suspirou saindo, mas, à porta do quarto, deteve-se hesitante: Mas eu não posso com ele... O melhor mesmo é chamar alguém. Eu conto a moléstia e peço para ficar comigo. As moscas, assanhadas, perseguiam-na, voando-lhe em torno do rosto, pousando-lhe no braço, atraídas pelo cheiro que ela trouxera do corpo de Thomé Sahyra. Que perseguição de moscas! Diabos! Caminhou para o quarto. Vamos ver... Ah! Minha Nossa Senhora do Socorro... E concluiu a prece no coração, firmando-se aos umbrais, como abalada. Um homem que nunca fez mal a ninguém, coitado! Até eu chego a pensar que isso foi mesmo coisa feita, nunca vi assim e com esse mau cheiro... Só se é algum tumor que ele tem por dentro. De novo as lágrimas jorraram-lhe dos olhos: Eu sozinha não posso! Sozinha não posso! Desesperada, levou as mãos à cabeça: Que horror, meu Deus!

também que foi que eu fiz para merecer tanto! Que foi que eu fiz?! Agora, depois de velha assim, meu Senhor, é que hei de sofrer?! Tanto não! Soluçava, limpando as lágrimas com a manga do casaco, mas o cheiro que tinha no braço causou-lhe nojo; cuspiu, limpou a boca com a toalha e, sacudida pelos soluços, passou ao quarto, parando contemplativamente diante do corpo. Vamos, meu velho. Agachou-se de novo e, com toda a sua força, levantou o companheiro, mas fraquearam-lhe os braços; então, num esforço supremo, agarrou-o pelo tronco e o foi arrastando, erguendo-o perto do leito até repousar o busto; levantou-lhe as pernas depois, estendeu-as na cama, arranjando-lhe comodamente a cabeça nos travesseiros. Cruzou-lhe os braços no peito, mas, supersticiosamente, para que não parecesse morto, esticou-os ao longo do corpo e saiu.

A cinza esfriara no fogão quando Romana, debilitada, foi procurar o boião de café na prateleira. Catou uns gravetos pelo chão e, ateando o lume, pôs-se a soprar até que viu as primeiras labaredas: tomou, então, duma pilha alguns paus mais secos e pôs o boião ao fogo, mas quando, enchendo a caneca, provou o café, fez uma careta sentindo um cheiro estranho e sabor de coisa podre; cuspiu, rejeitando a vasilha, enjoada. — Que horror! A mode que está tudo estragado... Saiu, então, para o terreiro, mas em toda parte o cheiro perseguia-a como se dela própria partisse. Sentia-o em tudo: nas paredes, nos cantos da casa, nos móveis, nos panos, e, mais ainda — o ar tresandava, as folhas das árvores, os frutos, as ervas tenras, o hálito da mata, tudo exalava à carniça como se toda a natureza apodrecesse ao sol que sobre ela adejava<sup>341</sup> como urna varejeira de ouro. E moscas acudiam de todos os cantos, assanhadas, em enxames — era o cheiro que as atraía; chegavam rápidas e prontas as expeditas serviçais da Morte, com um *de profundis*<sup>342</sup> soturno, e invadiam a casa como para fazer quarto ao que lá estava estendido.

Romana desceu à grota para lavar os braços; mergulhou-os na água fresca, esfregou-os, acorada entre as largas folhas dos inhames, depois, com eles estendidos, apoiados nos joelhos, deu curso ao pensamento, e meditava, quando viu uma grande sombra passar pela terra, fugindo. Levantou os olhos: de asas abertas, baixando, um urubu seguia o rumo da sua casa. Teve um arrepio: Se ele entrasse?! Se desse com o corpo de Thomé Sahyra, indefeso, sozinho no quarto?

---

<sup>341</sup> Pairava.

<sup>342</sup> Palavras iniciais da versão latina do Salmo 130, recitado nas cerimônias fúnebres e no ofício dos mortos.



Se lhe arrancasse as entranhas e os olhos a bicadas? Ah! Minha Mãe do céu! exclamou apavorada. Com os braços molhados, levantou-se e, arrastando pesadamente a perna inchada, foi-se, a largas passadas.

Em caminho, ouviu o latido furioso dos cães; ainda de longe açulou<sup>343</sup>:

— Isca, *Boca-Negra!* Pega, *Frecha!* Isca! Os cães, ouvindo-a, ladraram com mais furor. Ao chegar ao terreiro, extenuada, logo descobriu a grande ave, negra e sinistra, pousada no beiral do telhado, de asas abertas, imóvel; e os cães raivosos investiam atirando-se à parede como se quisessem subir por ela acima. Romana pôs-se a bradar ao urubu, impassível:

— Sai! Chiii! Sai! Vendo, porém, que não se movia, tomou uma pedra e atirou-a ao telhado. O animal, sem ser atingido, mudou apenas de lugar, caminhando, com gravidade e vagar, sobre as telhas; Sai! Atirou outra pedra. Alcançada ou apenas espantada, a ave levantou voo, pousou adiante empoleirando-se numa árvore, à espreita. Os cães ladravam sempre. Romana, que apanhara outra pedra, deixou-a cair no chão vendo a ave tão alta, mas esconjurou-a.

Caía a tarde rosada; rolas turturavam e bem-te-vis desferiam a grita alegre. Começava docemente, com o esmaecimento da luz, tristíssima sinfonia vespéral. Era lua cheia; havia ainda claridade quando o astro alvo se foi levantando no céu, estendendo, por montes e campos, a sua palidez. Romana sentia fome, mas tudo lhe repugnava, e o cheiro, cada vez mais forte, dava-lhe tonteiras e náuseas; todavia, para não abandonar o companheiro, foi até o quarto espia-lo: — Thomé! Thomé! Meu caboclo!... Apertou o nariz para não sentir o cheiro: Thomé! Thomé! Sempre o mesmo silêncio de morte. Encolheu os ombros, puxou a esteira para a sala, estendeu-a e deitou-se ao luar que entrava pelas janelas abertas.

Os cães uivavam no terreiro entrestecidamente e ela, extasiada, cotovelo em terra, a face na mão, parecia de todo esquecida quando ouviu, fora, um forte bater de asas e logo a sinistra gargalhada da coruja. Sentou-se e, fazendo o sinal da cruz, resmungou um esconjuro.

Deitou-se de novo, mas não pôde suportar, por mais tempo, o fedor e disse com resignação, arrastando a esteira para a porta: "Está bom, fico aqui. Isto há de acabar". Mas o frio foi se tornando grande, ela tiritava ao relento e com sono quando

---

<sup>343</sup> Aguçou.

resolveu recolher-se. Puxou de novo a esteira para a sala e deitou-se cobrindo a cabeça.

Pelas janelas abertas o ar e a luz pálida entravam juntamente. Romana adormeceu, mas não dormira uma hora quando entrou a contorcer-se, gemendo surdamente, depois alteando a voz até que um grito longo, agudo, saiu-lhe do peito oprimido; acordou e, sobressaltada, sentou-se na cama, olhando com desvairamento e assombro: — Oh! Que coisa medonha!

Em sonho, vira-se coberta de vermes, moles como lesmas; parte do seu corpo desfazia-se, a carne despegava-se dos ossos e caía ensanguentada, coberta de bichos. Larvas mordiam-lhe o rosto, entravam-lhe pela boca, pelos olhos, pelos ouvidos; ela debatia-se sem poder livrar-se dos terríveis inimigos e já os sentia na garganta, sufocando-a, quando acordou aflita.

Sorveu o ar com ânsia, mas logo o cheiro horrível reapareceu. — Ah! Meu Deus! Se ao menos eu pudesse fazer alguma coisa para acabar com esta catanga. Já queimei alfazema, foi mesmo que nada: não passa. Só eu saindo para o terreiro, ali não fede tanto. Aqui dentro não há quem aguente.

Levantou-se, mas estava tão fria a noite que lhe faltou coragem para desabrigar-se. Foi à cozinha, lá também, de todos os cantos, o fedor saía. Lembrou-se do pequeno quarto onde Thomé guardava a pindoba<sup>344</sup> para os cestos: ali, fechada, talvez não sentisse. Entrou com a candeia fumarenta. Havia montes de cestos, samburás<sup>345</sup>, balaios, alguns chapéus, esteiras enroladas e rolos de trança de palha. Trancou-se por dentro e sentou-se a um canto.

A princípio sentia apenas o cheiro do cipó seco, mas, pouco a pouco, como se a invasão se fosse dando lentamente, por baixo da porta, o pequeno quarto tornou-se insuportável. Não! Só mesmo lá fora. Não há lugar nenhum aqui dentro. O melhor é andar até que amanheça, dormir não posso. Acendeu o cachimbo e saiu vagorosamente, cansada, para o grande luar frio e branco, mas não se animou a afastar-se do terreiro, receando sempre alguma coisa. Sentou-se no banco, cochilando. Ali mesmo, apesar da brisa, sentia o cheiro perseguidor: Tudo fede! Que coisa! Não há um lugar para a gente estar. Até as árvores estão com mau

---

<sup>344</sup> Folhas de uma palmeira da família das *Arecáceas* cujas folhas servem para a cobertura de moradias e fabricação de cestos.

<sup>345</sup> Cesto bojudo e de boca estreita, usado para carregar iscas e apetrechos de pesca.

cheiro. Começava a irritar-se. Deus permita que já chegue a manhã; eu não posso mais. Os cães vieram festejá-la, deitaram-se-lhe aos pés, abanando as caudas.

A manhã rompia. Romana cochilava com a cabeça encostada ao tronco de uma laranjeira quando um dos cães ladrrou desesperado e um ruflo<sup>346</sup> de asas abalou o silêncio. Ela acordou sobressaltada. Erguendo os olhos, ainda teve tempo de ver um urubu voando para uma paineira próxima; dois outros passeavam no telhado, outro equilibrava-se no ramo flexível de uma árvore, abrindo e fechando as asas; e voando no alto um bando deles rondava a casa.

Romana, às pressas, foi examinar a porta que deixara encostada: achou-a entreaberta: — Ah! Minha Nossa Senhora! Eles entraram! Eles entraram! Soltou um grito de desespero: Danados! E, quasea correr, com tanta agilidade quanta lhe consentia a perna inchada, penetrou o quarto, escancarando a janela para ver melhor. Silêncio. Sobre o rosto do adormecido as moscas fervilhavam, e era só.

Tocou-lhe a fronte fria e, como calcasse sobre a face, sentiu a carne ceder, afundando, e a boca encher-se-lhe de espuma fétida. Fora os cães ladravam furiosamente. Fechou a janela e, para saber o motivo da fúria dos animais, foi à porta que abria sobre o terreiro. Dando com ela, os cães partiram desabaladamente em direção à colina e ela viu dois urubus levantarem voo. Mas quantos outros havia perto?!...

No telhado: um bando deles, imóveis, como feitos de bronze; nas árvores, um só galho da paineira sustentava três; outros vinham voando de longe, asas abertas, em direitura ao telhado.

Romana, que até então encarara tudo sem pavor, não pôde dominar a impressão de medo e, de olhos dilatados, contava as aves negras que sitiavam a casa:

— Um, dois, três... Apontando-os. Quantos, meu Deus! Quantos, Pai do céu! Incitava os cães: Isca! isca! As aves, porém, nem sequer se moviam, indiferentes aos cães que ladravam e ganiam.

Romana teve uma inspiração salvadora: foi à parede, tirou a espingarda de Thomé, o polvarinho<sup>347</sup>, o chumbeiro, carregou os dois canos e, da janela, fez pontaria, visando um urubu que se havia empoleirado no galho da paineira. O tiro partiu e os cães precipitaram-se; as aves, porém, já iam longe, fugindo e um *voú-*

<sup>346</sup> Som produzido pelo bater de asas.

<sup>347</sup> Frasco para guardar a pólvora.

vou<sup>348</sup>surdo sobre o telhado dizia que outros haviam igualmente abalado. Um apenas ficou no galho mais alto da paineira. Segundo tiro partiu, atroando, sem que o animal se movesse. — Ah! Couro do diabo! Praguejou Romana, recolhendo com a espingarda. A pólvora restante não dava para uma carga e a cabocla, ameaçada, vendo as aves circularem na altura, como se bailassem de contentamento, antegozando a delícia do repasto, compreendia que todas, em breve, tornariam e pôs-se a tremer com medo.

Efetivamente o primeiro urubu desceu sobre o telhado, pousando estabonadamente; depois outro e outro; à paineira baixaram muitos e os cães iam desalojar alguns que se metiam, como em cilada, entre as ervas baixas. — Ah! Minha Virgem! E agora?! Como é que eu hei de ficar assim, cercada por esses bichos? Se eles entram aqui, que é que eu sozinha posso fazer?

Os braços pendentes, entrecruzados os dedos, ficou a pensar e, numa decisão desesperada, numa resolução forte, inspirada pelo medo daquela morte horrível de que se via ameaçada: ser devorada em vida por aqueles bichos negros que, certos da rendição, esperavam tranquilamente, vindo de todos os pontos para as imediações da casa— traçou o xale e saiu para o terreiro, fechando a porta por fora. Os urubus lá estavam, sinistramente, quietos nos seus postos. Fraca das constantes vigílias, inanima<sup>349</sup>, mal podia caminhar ao sol e gesticulava desatinada, resmungando. Os cães haviam desaparecido, farejando, talvez, alguma caça: debalde ela os chamou. Um urubu voando, passou acima da sua cabeça; ela estremeceu num choque de pânico e, tirando o xale, agitou-o no ar, enxotando a ave, que já ia longe. Pôs-se a andar, rezando. Ia buscar o Firmino, do Pary. Ele sim, era uma boa criatura, talvez lhe prestasse esse favor.

Ia já perto da estrada quando estacou hesitante:

— E Thomé? Eu não sei, meu Deus, mas pode estar vivo. Depois pediu tanto, eu jurei. Que é que hei de fazer? Se Firmino dá com elenaquele estado?! Voltou-se para o lado da casa e, vendo os urubus no telhado, sentiu o calafrio do medo; ficou entanto, a olhá-los, e, inconscientemente, arrastada por uma força superior a sua vontade, tornou à casa, sorrindo, a murmurar: Como é que eu vou fazer isso, se prometi? Não promettesse. Ainda que seja verdade, ainda que esteja morto, ainda que não me amaldiçoe debaixo da terra, e a alma? A alma dele? Uê!

<sup>348</sup> Onomatopeia que representa as asas dos pássaros batendo.

<sup>349</sup> Debilitada.

Antes aquilo tudo que está ali, daquilo eu sempre posso me livrar... Mas se a alma delevier, hein? Então? Verdade, verdade, eu prometi. Elepediu, eu prometi. Uê, então é assim? E cantarolou ao sol, parada, compondo o xale, de olhos baixos, fitando a sombra do próprio corpo.

Uê! Eu não! Foi-se caminho acima e, como se lhe não pesasse a perna, seguia apressada, falando: Para quê? Aquilo foge; a gente espanta, aquilo foge e a alma? Alma, não vê! Fica perto da gente gemendo, gemendo... Alma, sim, isso sim. Depois eu prometi: elepediu, eu jurei. Fico lá, vou pra lá... Ora! Ajustou o xale ao peito cruzando as pontas. Elehá de se levantar. A semente não fica no fundo da terra uma porção de tempo? Fica; morre? Não morre! O lagarto não dorme, não muda a pele, não acorda quando o sol vem? Então! Elehá de acordar. Por que não há de? Já não se levantou de uma feita? Então a morte é assim?

Que morte? Onde?! Uê! Isso não! Riu entre dentes. Promessa é promessa, quem jura, jura! Eu não! A outra não ficou maluca? Por quê? Porque fez uma promessa e esqueceu. Que é que faz agora? Corre o mundo pensando. Eu, não! Nunca fui disso, mesmo no tempo de moça nunca quebrei juramento. Riu de novo, levando a mão à boca como para conter alguma palavra indiscreta. Séria, de repente, parou e batendo no peito magro com a mão espalmada: Eu! Dizer uma coisa e fazer outra? Misericórdia! Não sou disso, não. Então como é? Agachou-se e bateu no chão: Está dormindo aqui? Dorme. Está deitado? Fica. Que é que tem? Deus Nosso Senhor é Pai. Levantou os olhos para o céu resplandecente: Ele está lá em cima... Pensa que não vê? Vê tudo! Escuta tudo. Ora! Que é que tem? Vamo-nos embora. É assim mesmo, então eu não sei? Uê! Como não?... Arrancou uma folha de árvore e pôs-se a mastigá-la. É assim mesmo. Vamo-nos embora. Seguiu.

O sol dava-lhe de chapa na cabeça nua, esguedelhada e, com os olhos de um desusado brilho, nem mais se preocupava com os urubus e, a delirar, seguia, ora sorrindo, ora franzindo o rosto, acusando na fisionomia as várias e múltiplas versatilidades do pensamento. Diante da casa deteve-se — os urubus andavam no terreiro com mesuras<sup>350</sup>, vagarosos, desajeitados! Ela investiu com eles, sapateando e todos voaram ganhando as árvores e o telhado. Riu às gargalhadas, dobando-se<sup>351</sup> com as mãos nas coxas:

— Galinha preta! Galinha preta! Vem cá dentro, galinha preta. Encancarou a

---

<sup>350</sup> Reverência.

<sup>351</sup> Torcendo-se.

porta e convidava os urubus: Entra, vem cá dentro, galinha preta! Franziu o nariz, atirou uma cusparada. Cruz! Que cheiro!

Sentou-se no batente da porta e derreou a cabeça sobre o peito. Um urubu pousou no terreiro; ela levantou os olhos e pôs-se a mirá-lo tranquilamente, sem cuidado, sem medo, puxando as farripasbrancas. A ave, parada, olhava-a receosa, mas avançou lentamente; outro baixou, outro e o *voú-voú* de asas não descontinuava.

Romana, alheia a tudo, esfiava o cabelo, mas um dos animais, num pulo, aproximou-se; ela então, arregalando os olhos, fitou-o. Ergueu-se lesta escancarando os braços entre os umbrais da porta, defendendo a entrada, a gritar desesperadamente:

— Sai! Sai! Sai! Que é, galinha preta? Sai! E atirava pontapés, sapateava frenética, voltando, de instante a instante, a cabeça para dentro, receosa de que algum houvesse penetrado. Sai! Sai! Cruz! Credo! Subitamente, num arrojo de audácia, avançou — as aves recuaram, algumas fugiram em pequenos voos, metendo-se nas moitas, outras treparam nos galhos baixos das laranjeiras que as balouçavam. Sai! Sai! Pôs-se a atirar pedras, espantando-as, mas tornou à porta, recuando, sempre de frente para os urubus. Ganhando a soleira, abriu os braços e ria; depois, cantarolando baixinho, pôs-se a dizer: Agora vamos ver! Vamos ver. Foi recuando devagarinho e, quando se viu *nasala*, gritou para as aves que vinham chegando: Chôoo! Galinha preta! E bateu com a porta violentamente.

Foram os urubus que denunciaram o drama sinistro da casa da colina. Já no povoado corriam murmurações e conjecturas sobre a ausência dos velhos: "Nem o cesteiro, nem nhá Romana" quando um campeiro, buscando um boi que *trasmalhara*<sup>352</sup>, chegou à vista da casinha, muito branca no pomar viçoso como uma flor entre folhas, e parou, boquiaberto, vendo-a fechada e coalhada de urubus que bailavam no telhado, no terreiro, e vojavam de ramo a ramo, e bicavam a soleira da porta como se batessem, querendo entrar.

— Uai! Fez ele, detendo-se à distância: Que mundo de bicho é esse em casa de nhá Romana!? Vagarosamente, por entre as ervas altas e duras, ainda

---

<sup>352</sup> Desgarrara-se.

molhadas de orvalho, foi-se aproximando e, ainda longe, sentiu o cheiro horrível: Eh! Eh! Uhum! A modo que tem coisa podre aí. E tem! Isso de urubu é carniça... Subiu mais, pé ante pé. Um dos urubus, descobrindo-o, voou, e todos, assustados abalaram com um forte vou-u-vou-u de asas. Não se distanciaram, entretanto, buscaram as árvores mais próximas e, pousados, como para se aquecerem ao sol, abriram largamente as asas negras.

O campeiro deu volta à casa, apertando, por vezes, o nariz incomodado com a exalação pútrida.

— Pra dizer que eles morreram aqui dentro...! Experimentou uma das janelas, empurrando-a, depois a porta; fechadas. Mas que tem coisa podre lá dentro, isso tem... Encostou a boca ao buraco da fechadura e pôs-se a chamar: Nhá Romana! Nhá Romana! Eh! Gente! Desanimado afastou-se, mas logo investiu com o cajado e pôs-se a bater, e o eco, ao longe, tatalava<sup>353</sup>. Passou aos fundos da casa, sempre a chamar: Tio Thomé! Nhá Romana! O de casa! Ficou impressionado, a olhar em tomo, num assombro mudo.

O silêncio era grande — nem uma folha bolia, nem um passarinho piava, apenas os urubus que chegavam, um a um, para o telhado, para o terreiro coberto de folhas secas que estalidavam sob os pés das aves vagarosas. O campeiro fez o sinal da cruz e desceu aterrado, voltando-se, de vez em vez, como desconfiado de que os abutres o seguiam; meteu-se pelo capinzal que cortava o caminho,

— Ninguém responde... A casa toda fechada... Pra dizer que eles saíram? Mas aquele cheiro de coisa podre... E os urubus? Parou em meio dos altos capins ondulantes: Quem sabe se não mataram eles? E a ideia de um crime fixou-se no espírito do campeiro. Não pode ser outra coisa. De doença não foi... Ah! Mas quem seria? Gente daqui não, isso não! Gente daqui, não!

Aflito, ansioso por levar a comunicação da sua descoberta, deitou a correr em direção ao povoado. Atravessou o pasto, onde os seus bois modorravam deitados na erva, ao sol, ou acolhidos à sombra fresca das árvores, perto da água, ruminando. Um touro, cabeça alta, toutiço<sup>354</sup> forte, berrava esticando o pescoço musculoso, outro respondia de longe. O campeiro avançou para o animal que lançava o estrondoso desafio e tocou-o para que não se encontrasse com o adversário, um marroá atrevido, de nome *Malhado*, que era o terror das manadas.

<sup>353</sup> Produzir um som seco e abafado ao chocar-se.

<sup>354</sup> Parte posterior da cabeça, nuca.

— Eh! *Cruzeiro*, sai! Ocê já quer pegar outra vez? Vai-te embora, olha o tombo. Sai! E atirou-lhe uma bordoadada aos chifres. O touro sacudiu a cabeça e fugiu, pasto acima; o outro, que surgira do mato, estacou ao longe, com o pêlo liso reluzindo ao sol, gordo e atarracado, olhando sobranceiramente. — Passa fora, *Malhado!* Mas a preocupação do crime fazia com que o campeiro esquecesse os animais.

Suando, extenuado, corria sempre, saltando valos com a agilidade de um potro, até que chegou ao povoado. Diante da venda de Firmino estava um carro de bois descarregando. O campeiro precipitou-se para o grupo de homens que trabalhavam e perguntou cansado: — Gente, que é que houve lá em cima? E estendeu o braço na direção da colina. Firmino, que estava à porta, em mangas de camisa, disse tranquilamente:

— Que afogeuamento! Que é que houve lá em cima...? Não houve nada.

— Nada?! Ali há coisa, seu Firmino. Ali há alguma coisa, por Nossa Senhora! Eu venho agora mesmo de lá. Os homens deixaram o serviço e cercaram-no. Petronilha apareceu à porta da venda com uma criança nos braços. Gente chegava curiosamente, e o campeiro disse: — Eu estava no campo quando um boi tocou pelo caminho e foi-se embora; botei-me atrásdelequando topei com um bando de urubus em cima da casa de nhá Romana. Está assim! E apinhou os dedos. E é um mau cheiro que ninguém aguenta. Os homens apertaram mais o círculo e mulheres, que lavavam no córrego, apareceram também.

— Você bateu, Benedito?

— Como não? Bati, chamei, que nada! É uma fedentina da gente ficar tonta. Uma das mulheres adiantou-se.

— É verdade, há muito tempo que nenhum deles aparece, nem nhá Romana, nem tio Thomé. Petronilha ajuntou descansadamente, sacudindo a criança que choramingava:

— Há mais de uma semana. Entreolharam-se todos e foi Firmino quem decidiu:

— Vamos ver, gente? Quem sabe se aconteceu alguma coisa?

No grupo disseram:

— Quem sabe se não mataram eles? Firmino lançou um olhar em torno, como se procurasse o que falara em crime e disse com desconfiança :



— Quem sabe mesmo! E convidou de novo: Vamos ver! Tomou um pau e o seu largo chapéu de palha e pôs-se à frente do grupo que foi engrossando pelo caminho.

Homens, mulheres, crianças subiram a trilha que levava à casinha branca, no recosto da colina. Avistando os urubus, pararam todos e o campeiro saltou na frente, apontando com o cajado:

— Olhem lá! Estão vendo? Está tudo cheio... No alto, um bando circulava. As crianças iam descobrindo e apontando outros nas árvores, por entre os matos, nos caminhos.

— É coisa podre... Disse Firmino convencido, e o campeiro, triunfante:

— Pois eu não disse? Eu estive lá perto. Vancê vai ver.

Antes do terreiro já os da turba<sup>355</sup> abanavam com as mãos diante do nariz, bufando.

— Isso ainda não é nada, lá perto é que é. Não se pode, disse Benedito. Os urubus abalaram à aproximação da gente:

— Lá vão eles pro céu! Disse uma criança, e todos, maquinalmente, levantaram os olhos.

No terreiro nem todos ousaram chegar à porta ficando à distância, apertando as ventas, soprando:

— Isso é coisa podre mesmo... Nossa Senhora! Até pode fazer mal! Disse uma das mulheres afastando-se. As mães receavam que os filhos se aproximassem, chamavam-nos, retinham-nos presos:

— Fica aqui! Você não tem nada que fazer lá. Os homens andavam em volta da casa, sondando. Por fim, Firmino, com um resto de esperança, bateu à porta:

— Nhá Romana! Depois de uma longa espera bateu e chamou de novo: Nhá Romana! Na casa era absoluto o silêncio. Ia bater pela terceira vez quando todos, num vozeirão de clamor, chamaram:—"Nhá Romana!" E longamente os ecos reboaram.

Desesperançado, Firmino voltou-se para os companheiros:

— Então, gente; vamos? O melhor é arrombar a porta.

— Pois sim; concordaram, e o mulato, sem esperar mais, meteu o ombro à porta, que foi dentro com estrondo.

---

<sup>355</sup> Multidão em desordem.

Um bafo pútrido fê-lo recuar enjoado. — Uuh! Mas avançou corajosamente: Vamos, gente! Entraram com eledois outros. Os de fora ouviam as suas exclamações: "Nossa Senhora!" "Ufa!" "Passa!" De repente, a um grito, um deles saiu a correr, apavorado e os dois outros acompanharam-no, tomados de pânico. Os de fora recuaram, alguns correram para o mato:

— Está lá no quarto... Lá no quarto, na cama... Eu vi...!

— Morto? Quem é? Perguntaram; mas o homem, sem fôlego, olhava esgazeado:

— Nossa Senhora! E que de moscas!

— Vamos ver, insistiu Firmino animando. Quem tem fósforos?

— É melhor abrir tudo, mesmo por causa do cheiro. Abriam todas as janelas.

À luz, a casa apareceu desarrumada: uma esteira na sala amontoada de trapos, cestos em cambulhada<sup>356</sup>, montes de pindoba, chapéus, cacos de garrafas, talheres, a manta de carne atirada a um canto, bolorenta. Um dos homens entrou intrepidamente no quarto e, tateando, deu com o ferrolho da janela; correu-o, abrindo-a. — Virgem Nossa Senhora! Epôs-se a dar com as mãos tocando as moscas que se levantaram assanhadas, zumbindo; e viu a face do morto, denegrada, inchada, com as narinas e a boca infiltradas de sanie.

— Está podre, gente! Bradou. Tio Thomé está aqui, está podre. E saiu logo, com ambas as mãos na boca, atordoado.

— E nhá Romana? Perguntaram. Onde é que ela está? Outros esquadrihavam a casa, canto por canto, e foi Firmino quem descobriu a rezadeira, na cozinha, deitada sobre a terra fria, muito encolhida, com o queixo nos joelhos, abraçada à imagem da Conceição. Espalhadas pelo chão reluziam moedas de prata.

— Nhá Romana! Nhá Romana! Acocorou-se. Justamente um dos homens abriu o postigo<sup>357</sup> da cozinha: um raio de sol entrou iluminando a velha que não se movia, gelada, com a imagem muito aconchegada ao peito. Mas estava viva, contraía os dedos, pestanejava, e seus olhos esmaecidos, estáticos, fitavam as moedas.

— Nhá Romana está viva! Ajuda aqui, gente. Levantaram-na: Firmino

<sup>356</sup> Agrupados em montes.

<sup>357</sup> Pequena janela embutida em portas, que permite espiar através delas.

segurando-a pelo tronco, outro sustendo-lhe as pernas. Quando passavam pela sala ela debateu-se, sem forças, e emitiu um gemido surdo:

— Que é? Que é? Agitava a cabeça e sacudia o braço que lhe pendia mole.

— A santa? Vancê quer a santa? Ela já vem.

Mas quando a repousou no terreiro, entre as pessoas que a lastimavam compadecidamente, muitas chorando, Firmino pôde perceber o que ela dizia sem, todavia, entender os seus gestos extravagantes: "Tá dormindo... Tá dormindo"; disse num sopro: bateu na terra lentas pancadas fracas e acenou com o dedo negativamente, juntando logo as mãos como se fosse rezar. Depois repousou a face na mão, fechou os olhos, apontou para a casa, abriu de novo os olhos repetindo com o dedo o gesto negativo: "Tá dormindo..." Raspou a terra, espetou-a com o dedo hirto, pôs-se a ansiar, a debater com as mãos, a boca aberta agitando-se, estirando os braços como se empurrasse alguma coisa imaginária, numa grande aflição. Houve um piedoso murmúrio: "Está acabando..." Ela, porém, tranquilamente, devagar, apontou a casa e repetiu num fio de voz: "Tá dormindo..." E, de olhos parados, ficou-se, a boca entrecerrada.

— O melhor é a gente levar ela daqui. Lidavam todos, sugerindo ideias:

— A gente faz uma maca, cobre de folhas...

— Qual! No colo mesmo.

— E a carrocinha? ... A carrocinha com um colchão...

— Levanta ela primeiro daí, gente... O campeiro era o mais azafamado<sup>358</sup>.

— E o morto? Perguntaram. O campeiro avançou:

— A gente carrega ele logo mais e enterra por aqui mesmo. É o melhor. E

Firmino disse:

— No eitozinho. Ninguém está para carregar muito um corpo assim.

— Nem se pode; disseram: é até capaz de se desmanchar no caminho.

— E nhá Romana?

— Vai comigo, disse Firmino. Vai lá pra casa.

— Se chegar lá em baixo... Suspirou uma das mulheres. Está tão fraquinha, nem pode respirar. E levantou a cabeça perguntando: Quem tem leite aí? Quem está criando?

— Margarida ...

---

<sup>358</sup> Apressado.

— Vem, vem cá, Margarida...

— Pra quê?

— Anda, é uma obra de caridade. Ela foi tão boa, coitada. Uma negra forte, retinta, com um pano à cabeça, à maneira de trunfa, adiantou-se desabotoando o corpinho. Dá um bocadinho à pobre, Margarida; dá um bocadinho.

A negra ajoelhou-se, tomou ao colo a cabeça da velha e, descerrando-lhe a boca, que parecia travada pelo trismo<sup>359</sup>, espremeu o peito negro, pojado. O leite esguichou e ficou muito branco entre as gengivas roxas. Ela fechou os olhos, estremeceu e, docemente a sua cabeça branca pendeu no colo da negra.

— A mode que ela expirou. Vê, gente! Disse a negra espantada. Acudiram todos, uns ao pulso, outros descerrando-lhe as pálpebras.

— O leite deu na fraqueza: morreu mesmo.

— Deus te dê o reino da glória! Murmuraram.

Os homens descobriram-se respeitosamente. A negra, limpando o bico do peito, recolheu-o e repousou a morta na terra morna do terreiro.

— Que coisa, minha Nossa Senhora! Dentro, na casa, tiniam ferros e dois homens saíram com enxadas para o terreiro.

— Vão cavando, duas juntas enquanto eu vou falar ao capitão, disse Firmino. Vão cavando, nada de corpo mole. Eu vou num pulo e volto já com alguma coisa pra vocês. Voltou-se e baixou os olhos sobre o cadáver da velha: Coitada de nhá Romana! Mulheres choravam, mas como ele descesse, muitos do grupo acompanharam-no.

— E seu vigário, Firmino?

— Vou ver...

Dois mulheres piedosas ficaram à sombra das laranjeiras acompanhando o cadáver de Romana, que haviam estendido sobre o banco do terreiro.

— De que teria sido? Quem sabe se não foi algum bicho que mordeu eles? Mas, Thomé, na cama, todo coberto... Não atinavam. Uma das mulheres lembrou as velas, a outra disse:

— Pra quê? Vela pra quê? Está um sol tão bonito. Quem me dera a certeza de ir pro céu como essa vai.

---

<sup>359</sup> Contração involuntária da mandíbula.

Secamente, a um tempo, as duas enxadas caíram na terra do eitozinho. Uma das mulheres, abanando as moscas que vojavam em torno do rosto da defunta, disse:

— Estão abrindo as covas... Subitamente um grito partiu:

— Ah! Mucura, danado! Ocê também veio ver, seu sem vergonha... Era o campeiro. Descobrimo, entre os matos altos, o boi que fugira à manada, correu brandindo o cajado: Toca! Toca, Mucura! E meteu-se pelos capins enxotando o boi que fugia.

Na verde paisagem, ao sol, era grande a alegria dos pássaros e, sobre o telhado da casa, nas árvores, voando alto, em círculo, os urubus pareciam vigiar a presa, negros e silenciosos. Longe, de espaço a espaço, surdamente, tristemente, um touro mugia e, através do campo, dolente, vibrou a primeira badalada do toque a finados. As duas mulheres levantaram-se em silêncio e, de pé, as mãos postas, fitaram o céu azul; os homens, suspendendo o serviço, firmaram-se às enxadas, tiraram os largos chapéus, e ficaram ouvindo religiosamente, de cabeça baixa, imóveis.

#### 4. APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional desenvolvido constitui-se da obra *Sertão* (1897), de Coelho Neto, reeditada conforme as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009). O trabalho propicia uma oportunidade para que o leitor entre em contato com a obra do autor e conheça um pouco do estilo desse escritor tão peculiar. A edição atualizada da obra *Sertão* busca fundamentalmente possibilitar uma maior divulgação da produção artística de Coelho Neto e dessa forma suscitar novos estudos sobre sua vasta produção literária.

A aplicação do produto ocorreu durante o estágio docente, realizado com a finalidade de cumprir um dos requisitos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humana, Sociais e da Natureza. O período do estágio e aplicação, em sala de aula, iniciou-se no dia 9 de novembro com término no dia 30 do mesmo mês, em uma turma do 1º ano do Ensino Médio e Técnico Integrado do Câmpus Campo Mourão da UTFPR, totalizando 30 (trinta) horas.

Para a experiência educacional, utilizou-se o conto "Praga" reeditado, como texto central, na inserção do produto elaborado, durante as aulas de Literatura.

As atividades iniciaram-se com a leitura do conto realizada pelos alunos, antes da primeira aula. O texto foi disponibilizado antecipadamente para que houvesse tempo hábil para uma leitura mais tranquila, já que se trata de uma extensa narrativa.

As primeiras aulas foram utilizadas para uma espécie de introdução ao produto educacional. Nessa ocasião, os alunos foram convidados a externarem suas primeiras impressões sobre o texto.

Ao serem solicitados a expressar suas opiniões, os alunos, em sua maioria, demonstraram certa dificuldade para compreender vários vocábulos utilizados pelo autor. Alguns relataram que necessitaram consultar dicionários para terem uma ideia mais clara da narrativa, outros não consultaram, no entanto sentiram que o sentido de algumas passagens ficou obscuro.

Essa sondagem sobre as primeiras impressões foi realizada aleatoriamente, para que os leitores pudessem fornecer ao professor-estagiário algumas "pistas" para os encaminhamentos do trabalho em sala.

Juntamente às impressões expostas pelos alunos, foram abordados aspectos sobre o estilo de Coelho Neto, características marcantes de linguagem no texto "Praga": as descrições cuidadosamente construídas em detalhes, a utilização de palavras incomuns, com significado específico, revelando a preocupação com a escolha do termo mais adequado para ilustrar os cenários e as personagens. Além disso, foram mencionados alguns dados biográficos e curiosidades sobre o autor.

Ao final da aula, os alunos responderam um questionário (Apêndice A), com perguntas sobre o conto, visando aferir a compreensão geral do texto e o grau de dificuldade do vocabulário. Uma vez que o texto netiano apresenta um vocabulário repleto de preciosismos, no estilo parnasiano, a ideia principal da aplicação do questionário foi detectar o impacto que um texto de Coelho Neto, com uma linguagem mais elaborada e um estilo característico do final do século XIX, causaria nos adolescentes de uma turma da atualidade.

A análise posterior dos questionários demonstrou que realmente houve um estranhamento da linguagem apresentada no conto. A partir disso, chegou-se à conclusão de que haveria a necessidade de elaborar um glossário para auxiliar a leitura dos alunos, que pareciam um tanto inseguros diante de vários vocábulos raros ou que, por vezes, não eram tão usuais na Língua Portuguesa.

Um outro fator que impediu uma exploração mais ampla do texto foi que, apesar do conto ter sido disponibilizado em tempo, vários alunos não haviam ainda realizado a leitura anteriormente à aula, o que dificultou a aferição da compreensão geral e influenciou os dados coletados por meio do questionário aplicado em sala.

Dessa forma, com o objetivo de sanar essa dificuldade inicial relativa à compreensão do vocabulário, realizou-se uma atividade de elaboração de um glossário, em grupos, nas aulas subsequentes. Nessa atividade, os grupos analisaram as palavras ditas mais "problemáticas" e procederam à pesquisa utilizando a Internet e dicionários atualizados de acordo com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Sequencialmente, realizou-se também outra atividade em que os alunos faziam perguntas aos demais grupos sobre o vocabulário, em uma forma de jogo, e avaliavam as repostas dos outros grupos, que pontuavam a cada acerto.

Ainda nesse momento, uma atividade para a organização sequencial da história foi proposta. O trabalho foi realizado em pares. Cada dupla recebeu alguns trechos do conto em tiras de papel. O objetivo nessa atividade foi descobrir se os

alunos conseguiam compreender o enredo, sendo desafiados a ordenar os acontecimentos da trama. Esse trabalho foi feito sem a visualização do texto original. O que se pôde notar, após essa atividade, foi que os alunos, mais familiarizados com o conto, demonstraram um melhor desempenho e entendimento do texto.

Uma contextualização dos temas abordados no conto, relacionando-os com a realidade atual dos alunos foi realizada, em forma de discussão aberta. Inicialmente os alunos foram solicitados a localizar no texto os temas principais tratados pelo autor: o terror, o medo, a culpa, a ambição, a vingança, entre outros. A partir daí, questionou-se se tais temas estão presentes no contexto atual. Após esse momento, os alunos foram estimulados a expor como esses temas se desenvolvem nos dias de hoje, considerando sua universalidade e por fazerem parte do rol das questões existenciais e dos conflitos inerentemente humanos.

Os alunos conseguiram transpor os temas tratados no texto para sua realidade presente, citando alguns exemplos, fazendo comparações com os comportamentos apresentados no conto. Em contrapartida, apesar da discussão ter sido aberta à participação de todos, apenas alguns alunos se dispuseram a expressar suas opiniões. Nesse sentido, a atividade não demonstrou ser tão produtiva quanto se esperava.

As aulas posteriores objetivaram a aplicação do conteúdo sobre os elementos da narrativa ao conto *Praga*. Esse conteúdo foi trabalhado paralelamente à aplicação do produto educacional.

Inicialmente, o gênero terror foi abordado e os participantes apontaram suas características, tecendo comparações com o texto lido. Com uma noção mais clara sobre o assunto, foi realizado um trabalho em trios para destacar os elementos da narrativa no conto.

Observou-se que após a retomada do conteúdo e as explicações mais detalhadas de cada elemento, os alunos sentiram-se mais seguros e incentivados a reconhecê-los no texto.

As aulas que sucederam foram realizadas em forma de oficinas. Em uma delas, os alunos tiveram que produzir um texto baseado no conto, a partir das leituras efetuadas. Esta atividade foi realizada em duplas e o objetivo foi redigir um texto atual da história apresentada no conto, preservando o enredo e as personagens.



Durante a fase de correção, constatou-se que houve alguns erros ortográficos e de coesão do texto, porém, na sua maioria, os alunos conseguiram recontar a história de forma satisfatória.

A outra oficina foi elaborada enfocando o gênero terror. Este trabalho consistiu da apresentação de trechos de dois filmes, para que, em duplas, fossem apontadas as características identificadas nas cenas assistidas. Foi ainda solicitado que escrevessem sobre as diferenças da linguagem literária e cinematográfica, estabelecendo comparações entre o conto "Praga" e os filmes.

Em um segundo momento, os alunos foram requisitados a relacionar o conto com as características do gênero terror, vistas nos filmes e comentadas em sala. Em duplas, os alunos retiraram do texto passagens que identificariam essas características, considerando a descrição das personagens, do espaço (ambientes) e o enredo. O trabalho foi recolhido ao final da Oficina para ser verificado e contou como nota parcial a ser somada à avaliação final do estágio.

#### 4.1. REFLEXÕES SOBRE O PRODUTO EDUCACIONAL

Findo o prazo de aplicação do produto educacional, após as análises das atividades, os alunos foram questionados sobre o que acharam sobre seu próprio desempenho no decorrer das atividades propostas. Ficou bastante evidente que a elaboração do glossário lhes auxiliou a terem um entendimento mais pleno do texto. O que perceberam logo na segunda leitura do conto, após efetuarem a atividade com as definições das palavras.

A partir daí, buscou-se aprimorar o produto educacional, no sentido de torná-lo mais acessível e interessante ao leitor. A experiência durante o estágio docente demonstrou que a inclusão de definições de alguns termos favoreceu a compreensão do texto assim como o tornou mais atrativo, na medida em que oferece uma ferramenta de apoio.

Desse modo, o produto ganhou notas de rodapé na versão definitiva. Os critérios para a escolha das palavras a serem definidas, descritos na seção anterior, foram aplicados visando ser apenas um suporte para a realização de uma leitura mais precisa em significado.

As atividades realizadas em grupo e em duplas auxiliaram na compreensão da narrativa, sanando as dificuldades verificadas na leitura prévia, realizada individualmente, no início do estágio.

Devido à carga horária do estágio de docência e sendo "Praga" um texto relativamente extenso para ser explorado no prazo estabelecido, não foi possível aplicar os demais contos na turma. No entanto, pode-se apresentar uma breve ideia das narrativas, no transcorrer das aulas.

Em razão disso, um fato que ficou bastante evidente foi o despertar do interesse e a curiosidade dos alunos pelos outros contos da obra *Sertão*, na expectativa do término da reedição, já que o trabalho de adequação ortográfica estava ainda em andamento. Tal interesse parece advir, principalmente, dos temas referentes ao sobrenatural e ao fantasmagórico abordados pelo autor, os quais tendem a exercer um certo fascínio no imaginário da maior parte das pessoas.

É oportuno ressaltar que, embora a aplicação do produto educacional tenha sido realizada no Ensino Médio, ele também é destinado aos alunos de Graduação, aos estudiosos de Literatura e demais leitores interessados na obra de Coelho Neto.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura do final do século XIX irrompe com os primeiros sinais de transição para uma concepção voltada para o novo, para o inédito, em detrimento ao que já não poderia ser mais considerado socialmente e estilisticamente pertinente ao momento histórico que se denotava, propiciando o surgimento de divergências entre os escritores engajados no novo movimento modernista e aqueles que permaneciam vinculados aos seus ideais artísticos.

Nessa seara de embates, Coelho Neto parece ter sido o representante máximo da antítese vanguardista e da estilística tida como "ultrapassada". A crítica modernista, quase sempre impiedosa em suas ponderações sobre a obra do autor, de certo modo, senão em grande parte, parece ter colaborado sobremaneira para obscurecer seu talento do transcurso da historiografia literária.

No entanto, as observações implacáveis sobre o estilo rebuscado da escrita de Coelho Neto e a alegada falta de conteúdo social apontada em sua obra, por seus antagonistas, não subtraem o caráter reconhecidamente criativo do literato, como bem ilustram as críticas positivas, expostas neste trabalho.

Essa vocação imaginativa do escritor, juntamente com a habilidade inquestionável em manusear a palavra atentamente escolhida na composição de seus textos, podem ser ratificadas na obra que aqui elegemos como objeto para a elaboração do produto educacional a ser apresentado ao final do Curso de Mestrado Profissional em Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, do Câmpus Londrina.

O produto educacional que integra este trabalho, originado da atualização ortográfica da obra *Sertão*, de Coelho Neto, consiste de um material que pretende subsidiar as aulas de literatura, oferecendo ao professor mais uma opção para se trabalhar textos clássicos com os alunos do Ensino Médio e da Graduação.

Tendo em vista também a possibilidade de publicação da obra reeditada, por meio digital e/ou impresso, procurou-se com isso divulgar a obra *Sertão* e seu autor, uma vez que se trata de uma das mais relevantes produções de Coelho Neto.

A distribuição do produto educacional às bibliotecas das universidades e colégios da região, a título de doação e o compartilhamento da obra via Internet que será realizado dentro dos trâmites legais, no que tange a lei dos direitos autorais; poderá contribuir para que tanto o público acadêmico e escolar, assim como os

leitores que terão contato com a versão eletrônica, usufruam de uma experiência estética surpreendente, no que se refere à maneira como o autor apresenta as peculiaridades do sertanejo, os atributos da natureza que são pano de fundo para os enredos criados ou que, em algumas circunstâncias, compõem elementos personificados nas narrativas do livro.

A versão final do produto educacional, além das devidas adequações ortográficas, ganhou notas de rodapé, após a sua aplicação em uma turma do Ensino Médio e Técnico, no decorrer do estágio de docência.

Nesse sentido, a fase experimental do produto, realizada por meio da aplicação do texto "Praga", um dos contos da coletânea, foi determinante para que fossem efetuados os ajustes necessários durante o processo de reedição, descrito no último capítulo.

As análises referentes aos resultados da aplicação, com base no questionário respondido pelos alunos e no acompanhamento das atividades desenvolvidas em sala de aula, no período de estágio, demonstraram que as notas de rodapé proporcionaram mais segurança ao leitor, constituindo-se em uma ferramenta eficiente para auxiliar na compreensão do texto.

Embora o trabalho de reedição e revisão do livro, realizado em conjunto com o orientador, tenha demandado várias horas de árduo trabalho, com pesquisas intensas sobre o vocabulário e dificuldades para encontrar a definição de algumas palavras raras, bastante específicas no sentido; foi ao mesmo tempo gratificante, à medida que viabiliza um produto educacional de significativo valor literário.

Espera-se que, com a iniciativa de revitalizar a obra *Sertão* e levar ao conhecimento do leitor, os atributos artísticos de Coelho Neto, este trabalho estimule a elaboração de novas pesquisas, considerando o rico acervo concebido pelo autor.

**REFERÊNCIAS:**

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5ª ed. São Paulo: Global, 2009.

BEZERRA, Eliezer. **Coelho Neto e a Onda Modernista**. São Paulo, Italo-Latino-Americana. Palma: 1982.

BIBLIOTECA BRASILIANA. Guita e José Midlin. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br>. Acesso em: mar. 2016.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**, 40.ª ed., S. Paulo, Cultrix, 2002.

CAMINHA, Adolfo. **Coelho Neto** in: Cartas Literárias. Rio de Janeiro, 1895, p.57/67.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

\_\_\_\_\_. **Iniciação à Literatura Brasileira**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

CASTRO, Hélder B. **Entre Árvores e Sangue: A Natureza Sublime do Sertão**, mar. 2016. Disponível em: <<https://sobreomedo.wordpress.com/2016/03/28/entre-arvores-e-sangue-a-natureza-sublime-do-sertao-helder-brinate-castro/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

\_\_\_\_\_, **A “Praga” sombria que habita o Sertão: aspectos do gótico na obra de Coelho Neto**, jun. 2015. Disponível em: <<https://sobreomedo.wordpress.com/2015/06/29/a-praga-sombria-que-habita-o-sertao-aspectos-goticos-na-obra-de-coelho-neto-helder-brinate-castro/>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

FARIA, Otávio de. Coelho Neto. In: GOMES, Eugênio; FARIA, Otávio de. Lima Barreto. Coelho Neto. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **A literatura no Brasil**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Ed.UFF, 1986.

\_\_\_\_\_. **Coelho Neto**: Romance. Sob a direção de Alceu Amoroso Lima, Roberto Alvim Corrêa e Jorge de Sena. Nossos Clássicos. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1963.

LIMA, Alceu A. **Quadro Sintético da Literatura Brasileira**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Livraria Agir Editora: 1959.

LOPES, Marcos Aparecido. **No purgatório da crítica**: Coelho Neto e o seu lugar na história da literatura brasileira, Dissertação de mestrado em Teoria Literária, IEL/UNICAMP, 1997.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário de literatura portuguesa e brasileira**. Globo: Porto Alegre, 1973.

MACHADO, Ubiratan. **Coelho Neto**: cadeira 2, ocupante 1, (fundador). Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: 2011.

MENON, Maurício Cesar. **Figurações do Gótico e de seus Desmembramentos na Literatura Brasileira de 1843 a 1932**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina: 2007.

\_\_\_\_\_. **Ruídos no silêncio**: a presença dos fantasmas na literatura brasileira, fev. 2011. Disponível em: <https://sobreomedo.wordpress.com/2011/02/07/ruidos-no-silencio-a-presenca-dos-fantasmas-na-literatura-brasileira-mauricio-cesar-menon/>. Acesso em: abr. 2016.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de Ficção**: de 1870 a 1920. 3ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília, INL, 1973.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. 2ª edição. São Luís. Edições SIOGE: 1977.

MURARI, Luciana. **Paisagens noturnas**: ficção, lenda e história nas narrativas sertanejas de Coelho Neto. Aletria, Belo Horizonte, v.25, n.1, p. 27-49, 2015.

NETO, Coelho. **A Conquista**. 2ª ed. Porto: Chardron, 1913. 1ª ed. 1899.

\_\_\_\_\_. Coelho. **Miragem**. 4ª ed. Porto: Chardron, 1926. 1ª ed. 1895.

\_\_\_\_\_. Coelho. **Rei Negro**. 2ª ed. Porto: Chardron, 1926.

\_\_\_\_\_. Coelho. **Sertão**. Porto: Lelo & Irmão; Lisboa: 1921.

\_\_\_\_\_. Coelho. **Treva**. 3ª ed. Porto: Chardron, 1924. 1ª ed. 1905.

NETO, Paulo Coelho; KUHN, Neuza do Nascimento. **Bibliografia de Coelho Neto**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1972.

PEREIRA, Leonardo A. M. **Barricadas na academia**: literatura e abolicionismo na produção do jovem Coelho Neto. Revista tempo, n.º 10, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

SILVA, Maurício. **Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa** - o que muda, o que não muda. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**



Nome:

Idade:

Curso:

Após a leitura do conto *Praga*, de Coelho Neto, responda sobre suas impressões:

1- Quanto ao vocabulário, o texto pode ser classificado como:

- compreensível
- razoavelmente compreensível
- dificilmente compreensível

2- As palavras "diferentes" encontradas no texto prejudicaram o entendimento da história:

- sim
- não  parcialmente

3- O conto apresenta elementos que remetem a uma história de:

- aventura  drama
- terror  romance

4- As descrições das personagens e dos ambientes apresentam-se:

- vagas, necessitam ser mais claras  confusas
- ricas em detalhes  objetivas, sem muitos detalhes

5 - Essas descrições parecem dar mais realidade ao texto?

- sim, ajudam na composição de cenários mais reais
- não, deixam o texto mais cansativo e confuso

6 - Os temas tratados no conto, um texto escrito no final do século XIX, podem ser considerados:

- desatualizados, não existem no tempo presente
- atuais, pois tratam de questões universais e presentes em todos os tempos
- irrealis, inventados pelo autor, sem sentido em nosso contexto.
- interessantes, são temas ligados ao sobrenatural e às mazelas humanas.